

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
FRANCISCO EMÍLIO DE MEDEIROS**

**AS DIMENSÕES LÚDICAS DA EXPERIÊNCIA DE INFÂNCIA:  
Entre os registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin  
Cascaes e a memória de infância de velhos moradores da Ilha de  
Santa Catarina e de velhos açorianos de “Além-Mar”**

**FLORIANÓPOLIS – SC  
2011**



**FRANCISCO EMÍLIO DE MEDEIROS**

**AS DIMENSÕES LÚDICAS DA EXPERIÊNCIA DE INFÂNCIA:  
Entre os registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin  
Cascaes e a memória de infância de velhos moradores da Ilha de  
Santa Catarina e de velhos açorianos de “Além-Mar”**

**Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do Grau de Doutor em Educação Física. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Márcia Silva. Co-orientador: Prof. Dr. Maurício Roberto da Silva.**

**FLORIANÓPOLIS – SC  
2011**

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da

Universidade Federal de Santa Catarina

M488d Medeiros, Francisco Emílio de

As dimensões lúdicas da experiência de infância: [tese] : entre os registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin Cascaes e a memória de infância de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de velhos açorianos de "Além-Mar" / Francisco Emílio de Medeiros ; orientadora, Ana Márcia Silva. - Florianópolis, SC, 2011. 290 p.: il., tabs., mapas

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina,  
Centro de Desportos. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

Inclui referências

1. Cascaes, Franklin, 1908-1983. 2. Educação física.  
3. Experiência de vida. 4. Memória. I. Silva, Ana Márcia.  
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. III.  
Título.

CDU 796

**FRANCISCO EMÍLIO DE MEDEIROS**

**AS DIMENSÕES LÚDICAS DA EXPERIÊNCIA DE INFÂNCIA:  
Entre os registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin  
Cascaes e a memória de infância de velhos moradores da Ilha de  
Santa Catarina e de velhos açorianos de “Além Mar”**

Esta tese foi aprovada por todos os membros da Banca Examinadora e aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, na Área de concentração Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação Física.

---

Prof. Dr. Fernando Diefenthaler  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação Física

**BANCA EXAMINADORA:**



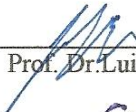
---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ana Márcia Silva (Orientadora)




---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Carmen Lúcia Soares

  
Prof. Dr. Luiz Felipe Falcão

  
Prof. Dr. Elenor Kunz

  
Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Mônica Fantin

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Iara Regina Damiani

Florianópolis, 29 de agosto de 2011.



Às crianças com as quais venho tendo o prazer de brincar e ensinar nas aulas de Educação Física nesse meu itinerário de Professor.

Aos velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e aos velhos açorianos de “Além- Mar” com os quais tive o privilégio e o prazer de “viajar” pelo tempo com a oportunidade de rememorar o passado e ao mesmo tempo pensar no futuro.

Às professoras e aos professores da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (SC) com os quais compartilhei e compartilho itinerários de dificuldades, lutas, conquistas, utopias e alegrias no exercício do magistério público.

E, especialmente, ao professor-artista-folclorista Franklin Joaquim Cascaes (in-memorial, 1908-1983) pelo legado deixado sobre a cultura açoriana na Ilha de Santa Catarina e, em particular, pelos os registros de brinquedos e brincadeiras.



*“Mas há algo que não pode ser esquecido: jamais são os adultos que executam a correção mais eficaz dos brinquedos – sejam eles pedagogos, fabricantes ou literatos -, mas as crianças mesmas, no próprio ato de brincar.”*

Walter Benjamin (1928)





## AGRADECIMENTOS

À Professora Ana Márcia Silva, que com sua postura serena e rigorosa acreditou sempre na possibilidade de tornar realidade essa pesquisa, desde o processo de minha entrada no curso, passando pelos momentos de estudos e debates nas disciplinas ministradas em 2007 e 2008, que deixaram as marcas de sua capacidade e habilidade teórico-didática em lidar e mediar os temas do conhecimento humano, passando ainda pelos momentos de orientação, com sua insistência paciente e objetiva, em que conseguimos transformar a ideia em projeto de pesquisa, juntando os temas Infância e Educação Física numa mediação com a obra de Franklin Cascaes e a memória de infância de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina, até chegarmos à pesquisa que hoje apresento.

Ao Professor Maurício Roberto da Silva por participar decisivamente na construção dessa pesquisa com sua ternura, suas ideias e seu conhecimento, desde a preparação do projeto de pesquisa para o exame de qualificação, à coordenação dos trabalhos da banca examinadora do referido exame; pelo incentivo para que eu realizasse o campo empírico de Açores de “Além-Mar”; por me credenciar junto ao Professor Manuel Sarmiento para que este fosse meu co-orientador no Estágio de Doutorando em Portugal; e, especialmente, por pensar junto comigo o desenho final da pesquisa após a “colheita” dos dados obtidos nos campos empíricos.

Ao Professor Manuel Sarmiento, co-orientador no exterior (Estágio “Sanduíche” – PDEE/CAPES/MEC), por me aproximar do debate internacional sobre infância e por indicar os contatos decisivos para a realização das entrevistas nas Ilhas de São Miguel e Terceira, no Arquipélago dos Açores (PT).

Às Professoras Mônica Fantin, Olga Rodrigues de Moraes von Simson, Sonia Campaner Miguel Ferrari e aos Professores Elenor Kunz e Giovanni De Lorenzi Pires, pelas contribuições teórico-metodológicas dos pareceres debatidos por ocasião do exame de qualificação e que muito ajudaram no desenvolvimento posterior da pesquisa.

Ao Professor Giovanni De Lorenzi Pires, em especial, pela compreensão e disponibilidade em relatar favoravelmente e defender a necessidade de um período de tempo de prorrogação do curso, em reunião do Colegiado do PPGEF, para a conclusão dessa pesquisa.

À professora Carmen Lúcia Soares, aos professores Luiz Felipe Falcão, Giovanni De Lorenzi Pires e Elenor Kunz, membros efetivos, por aceitarem o convite para comporem a Banca Examinadora e pelos

preciosos e pertinentes comentários emitidos na sessão pública de defesa da tese. E também às professoras Mônica Fantin e Iara Damiani, membros suplentes, por comparecerem e prestigiarem a referida sessão.

À CAPES, pela concessão da Bolsa “Sanduíche” que oportunizou a realização do Estágio de Doutorando no Exterior, junto ao Instituto de Estudos da Criança, na Universidade do Minho, em Braga, Portugal.

Aos professores Juarez Vieira Nascimento e Luiz Guilherme Antonacci Guglielmo, coordenadores do PPGEF no período do curso, por compreenderem e encaminharem as minhas solicitações e meus pedidos à coordenação do curso de doutorado.

Aos professores das disciplinas e aos colegas do curso de doutorado por compartilharem esse momento único de convivência e de privilégio que foi a realização de estudos de doutorado num país como o Brasil, ainda tão desigual de oportunidades quando se trata de oportunidade de estudos para todos.

Às pessoas mediadoras, que me conduziram às salas de visitas das casas dos dezenove velhos e velhas entrevistadas participantes dessa pesquisa.

À Divisão de Museologia do Museu Universitário, Prof. Osvaldo Rodrigues Cabral (UFSC), nos nomes de Cristina Castellano e Aline Carmes Krüger, por disponibilizarem, na forma de imagens digitais, o acervo, em escultura e desenhos, das brincadeiras e dos brinquedos registrados por Franklin Cascaes.

Ao graduando, Lucas Matos Mendonça, do curso em licenciatura em Educação Física da UFSC, pelo árduo trabalho de transcrição dos áudios de grande parte das entrevistas.

Às Diretoras do Núcleo de Educação Infantil Judite Fernandes de Lima, Luciane Castro e Dilma Maria Corrêa, por apoiarem minha iniciativa de estudos e concordarem em me liberar do trabalho para realizar o curso de doutorado com licença aperfeiçoamento, por serem incansáveis e não medirem esforços, fazendo tudo que estava ao seu alcance para atender minhas solicitações de liberação do trabalho.

À Prefeitura Municipal de Florianópolis, nas ocasiões em que deferiu favoravelmente meus vários processos de pedido de licença aperfeiçoamento (conforme direito previsto no artigo 117 da Lei Complementar CMF nº 063/2003 – Estatuto Único dos Servidores Públicos Municipais de Florianópolis) ao longo desses quatro anos e meio de realização do curso.

Aos amigos Cláudio Cherem de Abreu e Samuel Ramos da Silva pelo constante incentivo e apoio decisivo para a concretização de

oportunidades de viver experiências acadêmicas únicas surgidas durante o período do curso de doutorado.

À Maria Elisa pelo cuidadoso trabalho de revisão do texto da tese.

À Luani de Liz Souza pelo apoio fundamental na formatação digital do texto final da tese.

À Monique de Medeiros Fidélis pela elaboração do abstract.

Aos demais amigos e familiares e, também, aos amigos que fiz em Portugal, com os quais venho compartilhando essa difícil e prazerosa experiência de estudos de doutoramento.

E à Lara, minha mulher, minha rosa poética, parceira de todas as horas, meu porto seguro amoroso e que se tornou uma auxiliar de inestimável preciosidade em muitos momentos da pesquisa.

A todos, os meus sinceros agradecimentos!



## RESUMO

A experiência como algo que permite aos indivíduos apropriarem-se de sua própria vida parece estar à margem ou em declínio na contemporaneidade. É nesse contexto maior que se situa a presente pesquisa e com a seguinte “pergunta de partida”: *que dimensões lúdicas da experiência de infância podem ser evocadas na memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de Açores, tendo por referência os registros de brincadeiras e brinquedos contidos na obra de Franklin Cascaes (1908 – 1983)?* Foram traçados os seguintes objetivos: caracterizar as dimensões lúdicas da experiência de infância escavadas na memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e dos Açores (PT), a partir dos registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin Cascaes; e perceber se os sujeitos investigados conheciam ou compartilhavam da cultura lúdica registrada por Franklin Cascaes, bem como conhecer ainda outros brinquedos e outras brincadeiras presentes na memória dos velhos entrevistados além daqueles assinalados por esse estudioso da cultura açoriana da Ilha de Santa Catarina. Metodologicamente, foi delimitado um campo empírico para a memória lúdica de infância de velhos moradores da Ilha, tendo na história oral o suporte para o registro dessa memória. Os doze distritos administrativos da Ilha constituíram o lócus da pesquisa, ou seja, o lugar onde os velhos ilhéus passaram suas infâncias, num tempo e espaço entre 1930 e 1950. O número de entrevistados compreendeu uma amostra de natureza qualitativa, limitada pela recorrência das informações obtidas nas dezenove entrevistas realizadas. A obra de Franklin Cascaes foi consultada para buscar documentos, imagens e objetos relativos à cultura lúdica daquele tempo histórico da Ilha. Um campo empírico complementar foi realizado com quatro entrevistas com velhos moradores dos Açores (PT). As dimensões lúdicas da experiência de infância, escavadas na memória dos velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de Açores, foram caracterizadas por brinquedos e brincadeiras que imitavam o mundo adulto, mas com espaço para a imaginação das crianças; por uma infância circunscrita ao modo de vida típico da Ilha, entre 1930 e 1950; por um tempo de brincar na rua, em grupo e com possibilidade de interação com a natureza; por um local de infância com uma imensidão de espaço para brincar a “rédeas soltas”; por amplo reconhecimento por parte dos entrevistados, dos registros de brinquedos e brincadeiras feitos pelo artista-folclorista que eternizou, para as gerações futuras, a cultura infantil das gerações passadas; pela experiência dos entrevistados como artífices de seus próprios

brinquedos; e por uma crítica à política de cidade que fez Florianópolis trilhar os caminhos da modernização e urbanização sem salvaguardar espaços públicos, livres, extensos e abertos onde as futuras gerações de crianças possam brincar, transformando essas crianças em reféns de lugares fechados e mudando radicalmente a cultura da infância atual.

**Palavras-chave:** Infância. Experiência. Memória. Franklin Cascaes. Cultura lúdica.

## RESUMEN

La experiencia como algo que permite que los individuos se apoderen de su propia vida parece estar al margen o en decadencia en la contemporaneidad. Es en este contexto más amplio que esta investigación se encuentra y con la siguiente pregunta inicial: ¿cuáles dimensiones lúdicas de la experiencia de la infancia pueden ser evocadas en la memoria de los antiguos habitantes de la isla de Santa Catarina y Azores (PT), con los registros de juegos y juguetes contenidos en la obra de Franklin de Cascaes (1908 - 1983) como modelo de referencia? Se trazaron los siguientes objetivos: caracterizar las dimensiones lúdicas de la experiencia de la infancia investigadas en la memoria de los antiguos habitantes de la isla de Santa Catarina y Azores, a partir de los registros de juguetes y juegos de la obra de Franklin Cascaes; y percibir si los sujetos investigados conocían o compartían la cultura lúdica registrada por Franklin Cascaes, así como conocer aún otros juguetes y juegos presentes en la memoria de los mayores entrevistados además de aquellos indicados por ese estudioso de la cultura de Azores en la isla de Santa Catarina. Metodológicamente, se ha delimitado un campo empírico a la memoria lúdica de infancia de antiguos habitantes de la isla, con la historia oral como apoyo para el registro de esa memoria. Los doce distritos administrativos de la isla fueron el locus de la investigación, es decir, donde los isleños mayores pasaron sus infancias en un tiempo y en un espacio entre 1930 y 1950. El número de entrevistados incluyó una muestra de carácter cualitativo, limitada por la recurrencia de las informaciones obtenidas en las diecinueve entrevistas conducidas. La obra de Franklin Cascaes fue consultada para la búsqueda de documentos, imágenes y objetos relacionados con la cultura lúdica de aquel tiempo histórico de la isla. Se llevó a cabo un campo empírico complementario con cuatro entrevistas con antiguos habitantes de Azores (PT). Las dimensiones lúdicas de la experiencia de infancia, investigadas en la memoria de los habitantes mayores de la isla de Santa Catarina y Azores, fueron caracterizadas por juegos y juguetes que imitaban el mundo de los adultos, pero con espacio para la imaginación de los niños; por una infancia limitada por la forma de vivir típica de la isla entre 1930 y 1950: durante un tiempo de jugar en la calle, en grupos y con la posibilidad de interacción con la naturaleza; por un lugar de infancia con una inmensidad de espacio para jugar “a rienda suelta”; por el amplio reconocimiento, por parte de los entrevistados, de los registros de juegos y juguetes realizados por el artista y folclorista que inmortalizó, para las futuras generaciones, la

cultura de los niños de las generaciones pasadas: por la experiencia de los entrevistados como arquitectos de sus propios juguetes; y por una crítica a la política de ciudad que ha hecho Florianópolis andar por el camino de la modernización y la urbanización sin la salvaguardia de los espacios públicos, libres, amplios y abiertos, donde las futuras generaciones de niños puedan jugar, transformando estos niños en rehenes de lugares cerrados y cambiando radicalmente la cultura de la infancia actual.

**Palabras clave:** Infancia. Experiencia. Memoria. Franklin Cascaes. Cultura lúdica.



## ABSTRACT

The experience as something that allows individuals to hold their own life seems to be on the verge or in a declining condition in the contemporary society. It is in this bigger context that this research is placed and with the following "start question": *what playful dimensions of the childhood experience may be raised in the memory of the older dwellers of the island of Santa Catarina and the Azores, having as reference the records of games and toys that are in the work of Cascaes Franklin (1908 - 1983)?* The following objectives were drawn: to characterize the playful dimensions of the childhood experience taken from the memory of the old dwellers of the island of Santa Catarina and the Azores (PT), starting from the records of toys and games in the work of Franklin Cascaes, in an attempt to notice if the investigated subjects knew or if they shared the playful culture that was described by Franklin Cascaes as well as getting to know other toys and other games that still lived in the memory of the older people that were interviewed besides those indicated by this scholar of the Azorean culture in the island of Santa Catarina. Methodologically, an empirical set was delimited to the playful childhood memory in the old area residents of the island, having in the oral history the support to register this memory. The twelve administrative districts of the island were the locus of the research, that is, the place where the old islanders spent their childhoods, in a time and space frame between the 1930's and the 1950's. The number of interviewed was comprised as a qualitative nature sample, limited by the recurrence of the information obtained in all the nineteen interviews that were made. Franklin Cascaes' work was consulted as a source of documents, images and objects related to the playful culture of that historical time in the island. A complementary empirical field was executed with four interviews with old residents of the Azores (PT). The playful dimensions of the childhood experience, taking from the memory of old dwellers of the island of Santa Catarina and of the Azores, were characterized by toys and games that mimic the adult world, but with plenty of room for the child's imagination, by a childhood circumscribed in the typical life style of the island, between the 1930's and the 1950's; in a time were playing outside, in groups and having the possibility of interacting with nature was a common factor ; in a place in childhood with an immensity of space to play with "free rein". Having a large recognition on the part of the interviewed on the records of toys and games made by the folklorist-artist who immortalized for future generations children's culture of past

generations, and by noticing the experience of the interviewed as architects of their own toys. Also with some criticism towards the city of Florianópolis as it is walking towards modernization and urbanization without safeguarding public spaces, free, extensive and open spaces where future generations of children could play, making these children hostages of the indoor and radically changing the culture of childhood today.

**Keywords:** Childhood. Experience. Memory. Franklin Cascaes. Playful culture.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BR	Brasil
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CECCA	Centro de Estudos Cultura e Cidadania
CED	Centro de Educação
CDS	Centro de Desportos
DEF	Departamento de Educação Física
FNMA	Fundo Nacional do Meio Ambiente
FPCE/UP/PT	Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação/Universidade do Porto/ Portugal
FEF	Faculdade de Educação Física
FGV	Fundação Getúlio Vargas
HO	História Oral
IEC	Instituto de Estudos da Criança
IE/UMINHO/PT	Instituto de Educação/Universidade do Minho/Portugal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	Ministério da Educação
MEN	Departamento de Metodologia de Ensino
NEPEF	Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física
PDEE	Programa de Doutorado com Estágio no Exterior
PMF	Prefeitura Municipal de Florianópolis
PPGE	Programa de Pós-graduação em Educação
PPGEF	Programa de Pós-graduação em Educação Física
PPGH	Programa de Pós-graduação em História
PT	Portugal
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SC	Santa Catarina
SP	São Paulo
UDESC	Universidade de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

UNESCO

Organização das Nações Unidas para a Educação, a  
Ciência e a Cultura

UNIJUÍ

Universidade Regional de Ijuí

UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Crianças soltando pandorga .....	30
Figura 2 – Crianças brincando numa área gramada .....	33
Figura 3 – Registro da memória lúdica de três gerações .....	34
Figura 4 – Teatro de Natal no Morro da Caixa .....	39
Figura 5 - Carros de bois na Praia de Canasvieiras (1944) .....	44
Figura 6 – Localização geográfica da Ilha de Santa Catarina .....	53
Figura 7 – Mapa da Ilha de Santa Catarina .....	54
Figura 8 – Os emigrantes .....	59
Figura 9 - Carrinho de madeira de uma roda .....	79
Figura 10 – Brincadeira da moeda mergulhada na bacia de água .....	79
Figura 11 – Arquipélago dos Açores.....	87
Figura 12 – Barco de pescadores .....	95
Figura 13 – Crianças observando o “cerco” de rede .....	96
Figura 14 – O menino e o cavalo (década de 1940) .....	98
Figura 15 – Engenho de farinha de mandioca .....	111
Figura 16 – Vista da Lagoa da Conceição (1950) .....	128
Figura 17 – Casario tradicional em Santo Antônio de Lisboa .....	151
Figura 18 – A dança do boi de mamão .....	160
Figura 19 – Brincadeira do boi de mamão .....	164
Figura 20 – Cavalinho da folha de coqueiro .....	173
Figura 21 – Os jogos infantis de Pieter Bruegel (1560) .....	173
Figura 22 – Cavalinho de cana do reino .....	174
Figura 23 – Corrida do saco e corrida do ovo na colher .....	176
Figura 24 – Corrida dos pés amarrados .....	177
Figura 25 – Corrida da linha e da agulha .....	178
Figura 26 – Brincadeira de quebra o pote .....	179
Figura 27 – Brincadeira de corrida na praia .....	185
Figura 28 – Brincadeira de saltos na praia .....	185
Figura 29 – Brincadeira de corrente ou “rede-peixe” .....	189
Figura 30 – Brincadeira de roda o gato e o rato .....	192
Figura 31 – Brincadeira de bandeira salva .....	194
Figura 32 – Desenho explicativo da bandeira salva .....	195
Figura 33 – Rascunho de brinquedos e brincadeiras de Dona Das Graças .....	202
Figura 34 – Menino soltando pandorga .....	204
Figura 35 – Menino jogando pião .....	209

Figura 36 – Campo do Manejo – Área da baía sul no Centro (1940) .....	214
Figura 37 – Meninos brincando de bolinha de gude .....	216
Figura 38 – Brincadeira da malhação do Judas, 1960 .....	218
Figura 39 – Menino brincando de carretão .....	220
Figura 40 – Praia da Barra da Lagoa .....	224

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista dos entrevistados .....	67
Quadro 2 (ANEXO D) – Campo 1: campo exploratório – problema de pesquisa e entrevista exploratória (Unidades Temáticas – categorias) .....	267
Quadro 3 (ANEXO E) – Campo 2: campo Ilha de Santa Catarina – “Açores Aqui” (Unidades Temáticas - categorias) .....	269
Quadro 4 (ANEXO F) – Campo 3: campo “Açores Além-Mar” (Unidades Temáticas – categorias ) .....	285
Quadro 5 – Quadro síntese das unidades temáticas (categorias) de análise .....	89





## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	27
<b>Capítulo 1 - Numa “sacola de palha” o problema e os princípios teórico-metodológicos da pesquisa</b> .....	49
1.1. Da opção teórico-metodológica adotada .....	49
1.2. O lócus do campo empírico e os critérios de escolha dos entrevistados .....	50
1.3. Da preparação para o trabalho de campo com base na história oral .....	69
1.4. Dos elementos para a análise da “sacola de palha” cheia de dados das entrevistas.....	74
1.5. Campo empírico exploratório .....	77
1.6. Campo empírico na Ilha de Santa Catarina – “Açores Aqui”	84
1.7. Campo empírico em “Açores Além-Mar”.....	86
1.8. Quadro síntese das unidades temáticas (categorias) de análise .....	88
<b>Capítulo 2 –A dimensão lúdica da experiência de infância na memória de velhos</b> .....	91
2.1. A brincadeira com referência no mundo do adulto: “ <i>E brincava mesmo na areia da praia fazendo mesmo como se fosse pescador...</i> ” .....	91
2.2. A infância entre o brincar, a escola e o trabalho: “ <i>Brincava um bocadinho, mas quando vinha da escola já ia trabalhar...</i> ”	107
2.3. A ideia de infância como tempo feliz e próximo da natureza: “ <i>Nós brincava muito, brincava de trepar nas árvores, de balançar as canoas...</i> ”.....	124
2.4. A transmissão intergeracional dos brinquedos e das brincadeiras: “ <i>É, é..., eles ainda brincaram. Depois...[...]</i> Começou a mudar muito [...]” .....	136
2.5. O local de uma infância remota com imensidão de espaço para brincar: “ <i>Se dizia: eram criados de rédeas soltas!</i> ”.....	149
<b>Capítulo 3 – Brinquedos e brincadeiras na memória de infância de velhos a partir dos registros de Franklin Cascaes</b> .....	159
3.1. O reconhecimento dos registros de brinquedos e brincadeiras de Franklin Cascaes na rememoração de velhos moradores .....	159
3.2. A rememoração de outros brinquedos e outras brincadeiras do tempo de infância de velhos moradores .....	182

3.3. A experiência de construção dos brinquedos e das brincadeiras na memória de velhos e os registros iconográficos de Franklin Cascaes.....	204
3.4. Os lugares de infância na memória de velhos e os registros iconográficos de Franklin Cascaes.....	212
<b>Considerações finais</b> .....	229
<b>Referências</b> .....	247
<b>Anexos</b> .....	257
ANEXO A - O roteiro de entrevista .....	259
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	263
ANEXO C – Parecer do Prof. Dr. Manuel Sarmento IE/UMINHO/PT.....	265
ANEXO D - Campo 1: campo exploratório – problema de pesquisa e entrevista exploratória (Unidades Temáticas – categorias) .....	267
ANEXO E - Campo 2: campo Ilha de Santa Catarina – “Açores Aqui” (Unidades Temáticas - categorias) .....	269
ANEXO F - Campo 3: campo “Açores Além-Mar” (Unidades Temáticas – categorias) .....	285

## INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar *as dimensões lúdicas da experiência de infância que pode ser evocada na memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de velhos açorianos de “Além-Mar”, tendo por referência os registros de brinquedos e brincadeiras contidos na obra de Franklin Cascaes*, relaciona-se à curiosidade de conhecer um tempo e espaço dessa infância na Ilha, distante da época atual, em que a influência intensa e drástica do processo de modernização e urbanização tem implicado em grandes e rápidas transformações sócio-econômico-culturais e ambientais<sup>1</sup> em todo o território da Ilha e em seus habitantes.

Desse modo, penso que os velhos moradores ilhéus de hoje, crianças num tempo e espaço passado, testemunhas vivas desse processo rápido e drástico de mudanças e ainda moradores das mais diferentes localidades da Ilha, protagonizaram experiências lúdicas de infância dignas de serem ouvidas, conhecidas e re-apropriadas pelas atuais e futuras gerações de crianças.

O termo: “velhos”, usado nessa investigação, diz respeito àqueles sujeitos que são possuidores de um rico e inestimável universo de experiências acumuladas ao longo de suas vidas. Também são aqueles sujeitos tidos como guardiões da memória e bons guias para se fazer um retorno aos tempos de outrora e capazes de ajudar na tarefa de realizar outras interpretações do passado e do presente num só tempo. Portanto, uma concepção que se contrapõe às visões ideológicas contemporâneas que, ao se referirem aos velhos com termos como “idosos”, “terceira idade”, “melhor idade” e outros correlatos, na verdade, lançam mão de um falso respeito, algo parecido com o fenômeno da infantilização das crianças, pois temem a influência do poder da experiência dos velhos em relação ao passado no destino do presente. Gusmão (2003, p. 23)

---

<sup>1</sup> Pimenta (2005, p. 35-36), ao citar Florianópolis (capital do Estado de Santa Catarina cujo território ocupa toda a Ilha de Santa Catarina e uma pequena parte continental) como espaço público, enfatiza a ideia de que a cidade necessita ser pensada e vivida como um projeto social. A autora parte da seguinte constatação: “Nas suas fases de desenvolvimento, Florianópolis conheceu diferentes processos de apropriação do solo, nem sempre compatíveis com a generosidade de sua paisagem natural. A lógica econômica associada à timidez dos planos de ocupação do solo resultou numa cidade fragilizada, sem uma visão prospectiva que, apontando objetivos claros, pudesse reunir os diferentes setores sociais em torno de um projeto comum e integrado. Florianópolis precisa agir democraticamente, tendo em vista suas particularidades e a amplitude dos desafios colocados atualmente. Trata-se da tentativa audaciosa de combinação de dois procedimentos aparentemente inconciliáveis: crescimento econômico e preservação da paisagem natural e cultural.”

fortifica esta argumentação ao dizer que a sociedade moderna, tomada por uma por uma concepção de tempo presente e fugaz, nega “[...] a voz dos velhos e suas experiências e, se faz algoz da criança e de sua infância. Um porque já não é mais – adulto, capaz, produtivo – outro, porque ainda não é – adulto, capaz, produtivo [...]”. A questão é apresentada ainda pela pesquisadora nos seguintes termos:

[...] a criança é a realidade daquilo que ainda não é; o velho, como futuro, é uma ameaça. Ambos tornam-se, assim, cativos de algo que está fora deles, no ideal da sociedade e esta, para não perder seu horizonte, necessita colocá-los sob controle. A criança e o velho são, assim, destituídos de independência, de autonomia para gerenciar-se e determinar-se socialmente. Com isso, descobre-se que o problema desse *outro* – criança e velho – está em *nós* e na imagem que construímos de nós mesmos como padrão do que é *ser*, de modo pleno e completo (GUSMÃO, 2003, p. 27).

Portanto, com base nesses pressupostos, urge re-significar o uso do termo: velhos, na contemporaneidade. Na presente pesquisa, os velhos aparecem em destaque, como guardiões, testemunhas vivas de um tempo passado e, desse modo, são elevados à condição de guias no exercício de rememoração do passado.

Trata-se de seguir, aqui, as pistas deixadas por Benjamin (1994, p. 224), ao propor que articular “[...] historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.” Ou, como expõe Gagnebin (2008), comentadora da obra de Benjamin, trata-se da busca por

[...] uma nova apreensão conjunta do passado e do presente, uma intensificação do tempo que permite salvar do passado outra coisa que sua imagem habitual, aquela que a narração vigente da história – pessoal ou coletiva – sempre repete, aquilo que a memória domesticada sempre conta. Procura-se salvar do passado não uma imagem eterna, mas uma imagem mais verdadeira e frágil, uma imagem involuntária ou inconsciente, no sentido de um elemento soterrado pelo hábito,

esquecido e negligenciado, “recalcado” talvez, uma promessa que não foi cumprida, mas que o presente pode reconhecer e retomar (GAGNEBIN, 2008, p. 66).

Nesta investigação, via memória dos velhos e dos registros de brinquedos e brincadeiras contidos na obra de Franklin Cascaes, busquei, objetivamente, por estes “elementos soterrados” no passado, relativos às dimensões lúdicas da experiência de infância, visando reconhecê-las, re-interpretá-las e retomá-las no tempo presente.

A curiosidade e intenção de pesquisar esta temática também estão relacionadas às minhas<sup>2</sup> experiências lúdicas de infância e às experiências de intervenção pedagógica com crianças em aulas de Educação Física, as quais são aqui denominadas de situações fundadoras do problema de pesquisa.

### **Brincar com o vôo da pandorga<sup>3</sup>**

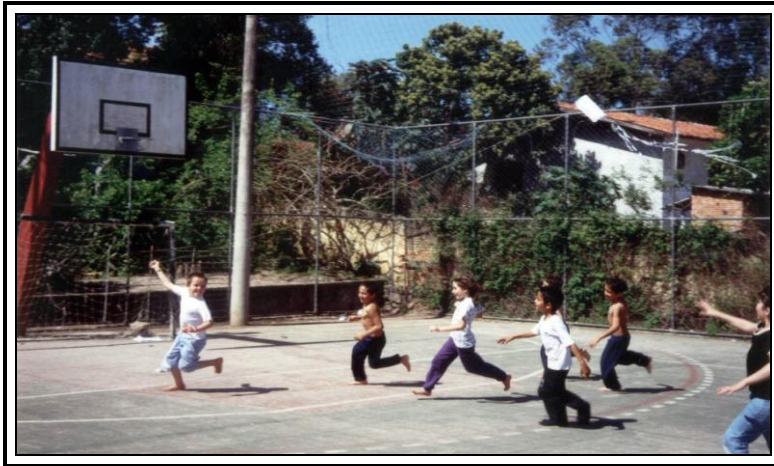
A cena fotografada, que aparece na Figura 1 a seguir, constitui uma primeira dessas situações fundadoras e um exemplo representativo das muitas experiências de intervenção e ressalta um dos lugares de origem deste meu interesse em torno do tema da dimensão lúdica da experiência de infância.

---

<sup>2</sup> Optei por utilizar a primeira pessoa do singular (eu) em todo o texto do trabalho porque são minhas experiências acadêmicas e profissionais que estão aqui relatadas, portanto, trata-se de algo bastante pessoal, e porque considero importante que o pesquisador se comprometa, defenda suas opiniões e justifique as escolhas por ele feitas durante a pesquisa. Nos trabalhos do campo das Ciências Humanas o que mais nos singulariza é a autoria.

<sup>3</sup> Também conhecida por pipa ou papagaio de papel.

Figura 1 – Crianças soltando pandorga.



Fonte: Acervo próprio (2000).

É importante destacar que, em muitas ocasiões, questionei as condições de espaço existentes para as aulas de Educação Física na escola, pois, em geral, estes espaços eram restritivos e limitadores de experiências lúdicas das e para as crianças. Desse modo, como alternativa, buscava brechas de fuga na própria localidade da escola, em lugares abertos, como praças, parques, praias, campos de futebol, em que as crianças pudessem brincar quase a ponto de se esquecerem da escola, porque distantes fisicamente desta, mas inteiros no que realizavam e assim, mais próximos de experiências mais autênticas<sup>4</sup>. E ao observar esta entrega ao jogo, aos conflitos, aos riscos, aos risos e às conversas, no final de cada aula, percebia a importância deste tipo de experiência para as crianças, como algo semelhante a um alimento quase que indispensável em suas jovens vidas. A imagem apresentada anteriormente retrata crianças brincando na quadra de uma escola onde

---

<sup>4</sup> Segundo Benjamin, “[...] a experiência autêntica ou no sentido estrito do termo, designada pela palavra *Erfahrung*, só ocorre quando há uma conjunção na memória de certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo.” (PALHARES, 2008, p. 78). Ainda em relação à de concepção de experiência, cabe destacar aqui a noção apresentada por Bondía (2002, p. 21), com base também nas formulações benjaminianas: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo está organizado para que nada nos aconteça. [...] Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.”

lecionei<sup>5</sup> com uma pandorga de papel, denominada caixeta. Muitas e diferentes interpretações podem ser abstraídas desta fotografia, entretanto, a minha interpretação, à época (ano letivo de 2000), emergiu do fato destas crianças terem vivido este momento sem que houvesse um adulto presente, configurando um raríssimo instante de ausência da tutela dos esquemas de controle próprios da organização escolar.

Quando as vi dando voltas em torno dos limites mais externos da quadra, rapidamente, procurei fotografar, pois notei que havia nestas crianças uma entrega total ao que realizavam. Corriam entusiasmadas, admiravam o vôo da pandorga pouco acima das suas cabeças e aquelas que seguiam o puxador da linha pareciam animá-lo, impulsioná-lo para o êxito do vôo da caixeta. Era um dia de calor e algumas crianças livraram-se das camisetas e dos calçados, demonstrando completa despreocupação. Enfim, percebi que se tratava de um instante de realização plena daquelas crianças que se divertiam com um brinquedo simples, porém universal e simbólico. Impulsionar aquele pequeno objeto de papel para o vôo parecia fazê-las voarem também, já que, ligadas à pandorga por uma tênue linha, entregues ao brinquedo, pareciam viver aquele instante de suas vidas como único e repleto de preciosa plenitude. Ora, o vôo da pandorga, puxada por um menino que atraía a corrida de outras crianças com expressões de prazer ao correrem, constitui indício de que o processo corrente na moderna sociedade industrial urbano-tecnológica apresenta traços de vulnerabilidade, de fuga em que é possível encontrar a dimensão lúdica da experiência de infância.

Cabe acrescentar um parêntese para associar esta ideia de felicidade das crianças à de memória lúdica de infância, materializada na criança com a ideia de despreocupação, de um tempo de plenitude característico deste período de sua vida, mas sem desconsiderar que a infância também sofre as interferências da cultura, apesar de, com seus jogos e brincadeiras, produzir igualmente história e cultura (PERROTTI, 1990).

Esta memória da felicidade da infância, da lembrança de momentos plenos, felizes, via experiência do mundo de movimentos, tem relação profunda com a plenitude da infância, com este momento da vida em que não existe passado nem preocupação com o futuro, porque

---

<sup>5</sup> Desde 1993, leciono Educação Física na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (SC). Nessa trajetória profissional de professor, tomei contato com quatro localidades da Ilha de Santa Catarina (Ponta das Canas, Santo Antônio de Lisboa, Barra da Lagoa e João Paulo) e tive a oportunidade de conhecer, observar e interagir com as características, histórias, pessoas e peculiaridades desses lugares.

a brincadeira e o jogo criam um espaço-tempo que sublima a entrega para o tempo do aqui e agora, como parece retratar a imagem anterior, em que há uma entrega e despreocupação visível das crianças envolvidas com o brincar.

### **Brincar de “se-movimentar”<sup>6</sup> em grupo**

A próxima cena fotografada e que aparece na Figura 2 retrata crianças brincando coletivamente com seus próprios movimentos numa área gramada, nas proximidades da escola referida na imagem anterior. Fazia parte do meu planejamento de Educação Física promover aulas em locais diferentes do espaço da quadra escolar, construída com base nos princípios do esporte de alto nível, além de sugerir aos alunos uma pré-determinação do que fazer neste espaço em função da sua arquitetura esportiva (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2003; KUNZ, 1989). Em contrapartida, no bairro da escola, havia várias opções de espaços alternativos para a realização das aulas, como duas áreas de praia e áreas gramadas que, normalmente, eram locais utilizados pelas crianças para brincar quando não estavam na escola.

---

<sup>6</sup> Kunz (1991) enfatiza que o “se-movimentar” do Homem, assim como o falar, o pensar e outras dimensões humanas constituem as muitas formas em que a indivisibilidade entre Homem e Mundo se mostra presente. “O Se-movimentar, entendido como diálogo entre Homem e Mundo, envolve o sujeito deste acontecimento, sempre na sua Intencionalidade. E é através desta intencionalidade que se constitui o Sentido/significado do Se-movimentar. Sentido/significado e Intencionalidade têm assim uma relação muito estreita na concepção dialógica do Movimento. O Movimento Humano é fundado na Intencionalidade. O Ser Humano pode de diferentes maneiras questionar o Mundo e suas relações com o mesmo, mas também pode responder a ele. O Movimento Humano é apenas uma destas possibilidades. Somente pela Intencionalidade do Se-movimentar é possível superar um Mundo confiável e conhecido e penetrar num mundo desconhecido.” (KUNZ, 1991, p. 174-175). O autor complementa dizendo “[...] que quando nós nos movimentamos somos sempre uma presença corporal no mundo o que quer dizer que no encontro com objetos e pessoas questionamos e somos questionados e respostas de ambos os lados são constituídas pela significação do encontro e que é representado nas atividades de movimentos realizadas.” (KUNZ, 2000, p. 04).



Figura 2 – Crianças brincando numa área gramada.



Fonte: Acervo próprio (2000).

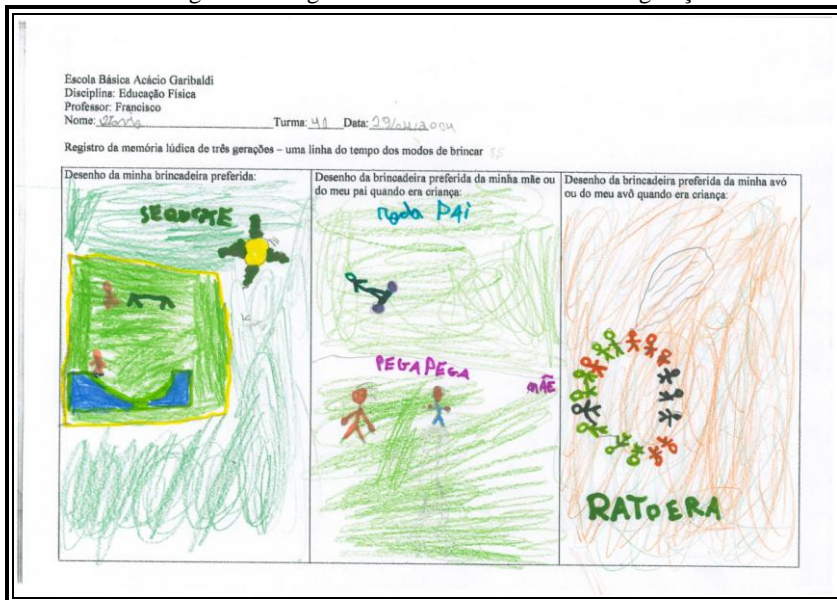
Certo dia, quando utilizava um destes locais, por um momento, fiquei numa atitude de observador e admirador da quantidade e diversidade de movimentos realizados pelas crianças que, ao chegarem ao local, se puseram a correr, fazer rondadas (estrelas), subir nas escoras inclinadas de uma cerca para, em seguida, pendurar-se e depois se deixar cair na grama. Enfim, talvez, porque brincar em movimento seja um traço forte da infância, ou por ser um dia de muito frio, movimentavam-se para se aquecer. Talvez, ainda, porque fosse prazeroso brincar coletivamente, ocupar aquele espaço com muitas crianças se movimentando ao mesmo tempo, ou quiçá, simplesmente por estarem fora da escola e mais próximos de suas realidades, uma vez que para muitos o lugar constituía uma referência de lembranças de momentos anteriores de brincadeiras ali vividas em outros dias de brincadeira.

### **Registro da memória de brincadeiras em três gerações**

Uma terceira situação fundadora, também vinculada ao meio escolar, diz respeito aos desenhos de brincadeiras em três gerações, realizados por crianças da Barra da Lagoa, distrito localizado na região mais leste da Ilha de Santa Catarina. Durante os anos letivos de 2002, 2003 e 2004, quando lecionava Educação Física na escola municipal da localidade, desafiei as crianças a fazerem um trabalho de registro da

memória dos seus brinquedos e de suas brincadeiras preferidas, bem como dos de seus pais ou mães e também dos de seus avôs ou avós. Consegui colher muitos desenhos e rememorar os brinquedos e as brincadeiras das duas gerações anteriores, durante as aulas de Educação Física, mas não fui além destas re-vivências. Posteriormente, avaliando as aulas, percebi que poderia ter avançado mais com as crianças, poderia, por exemplo, ter organizado uma intervenção que juntasse as três gerações, convidando alguns pais e avós, para um momento conjunto de rememoração de brinquedos e brincadeiras antigas na escola. O importante é destacar que esta também constituiu uma situação fundadora do problema de pesquisa em foco que se encontra retratada na Figura 3 que segue.

Figura 3 – Registro da memória lúdica de três gerações.



Fonte: Acervo próprio (2002)

### Brincar de correr para ver o chão correr junto dos pés

Um acontecimento inusitado, também vinculado à escola da Barra da Lagoa, diz respeito ao tombo de uma menina durante o trajeto de retorno do local de realização das aulas de Educação Física até a sala de aula. Embora sempre recomendasse às crianças que percorressem o

trajeto sem corridas, para evitar quedas, pois o terreno, apesar de ser coberto por um gramado com irregularidades de altos e baixos, ainda apresentava pequenas pedras espalhadas, algumas crianças desconsideravam meu alerta e quase sempre corriam no trajeto, para chegarem à sala antes que as outras, talvez para desafiar a autoridade do professor, que recomendara o contrário, ou para alcançar primeiro o bebedouro, ou até mesmo para brincar de pega-pega, alongando o tempo de brincadeira que a aula de Educação Física acabara de proporcionar, enfim, motivos não faltavam! Mas o fato é que, num certo dia, uma menina, ao correr, tombou e abriu-se ao choro. Em seguida, parte da turma mobilizou-se para ajudá-la a se levantar e tratar das leves escoriações nos joelhos e nas mãos. Já na sala de aula, perguntei à menina porque ela havia corrido, mesmo com minhas recomendações de cuidado e meus pedidos para que eles não corressem naquele trajeto. Ainda chorosa, ela respondeu, com um argumento surpreendente: - *“É que eu queria ver o chão correndo!”* Repeti a pergunta com certo estranhamento e a menina confirmou a resposta e ainda acrescentou que por diversas vezes já corra com o mesmo propósito e que sempre se divertia muito com o chão correndo logo abaixo de si.

### **Um fragmento do brincar no meu tempo de infância**

A quinta situação fundadora remonta à minha própria infância, e as lembranças, vez por outra, convergem para a brincadeira de bicicleta com mais dois amigos. Foram muitas as tardes a pedalar pelas ruas não pavimentadas do bairro em que morei durante toda minha infância, aliás, as mesmas ruas em que aprendi a andar de bicicleta, onde improvisava, com outras crianças, nosso campo para jogar bola, também o local preferido para brincar de taco, de bolinha de vidro, de esconde-esconde com barra na calada da noite. Resumindo, no meu tempo de infância a rua ainda era o local de brincar com outras crianças da vizinhança. Mas brincar de bicicleta era a brincadeira mais esperada do dia. Eu e meus amigos pedalávamos livremente, apostávamos corridas na rua sem saída que levava ao grande campo<sup>7</sup> de futebol do bairro e desafiávamos as

---

<sup>7</sup> Entre as décadas de 1940 e 1960, o Paula Ramos Esporte Clube viveu seus tempos de glória e conquistas no futebol da cidade e do estado, e seu apogeu ocorreu quando conquistou o campeonato catarinense de 1959. Em meados da década de 1960, o clube encerrou suas atividades de futebol e cedeu o uso da área do campo de treinamentos, localizado em grande área no bairro Trindade, para o Clube Atlético Independente, clube fundado em 1947 por moradores do bairro. Durante as décadas de 1960 e 1970, as partidas de futebol do Independente, aos domingos à tarde, reuniam grande número de moradores do bairro. Não há

características diferentes das nossas três bicicletas pelas ruelas e pelos muitos caminhos (trilhas) riscados por entre os terrenos baldios. Naquela época, era comum a existência desses caminhos que serviam de atalhos ligando vários pontos do bairro no deslocamento das pessoas. Brincávamos sem a preocupação com os automóveis, pois havia poucos e a circulação deles se restringia, praticamente, às ruas principais dos bairros e do centro da cidade. Com as bicicletas, podíamos percorrer toda a extensão e chegar até os limites do bairro. Era algo importante para nós realizar estes deslocamentos de bicicleta, pois fazíamos muitos amigos em vários pontos do bairro e assim podíamos brincar com diferentes brinquedos e brincadeiras, em locais variados e com grupos diversos. Enfim, experimentávamos, diariamente, uma sensação de liberdade equilibrando-nos sobre duas rodas. É possível aproximar e relacionar essa situação fundadora com uma passagem descrita por Benjamin (2000), ao lembrar a sua infância na cidade de Berlim, por volta de 1900. Nesta passagem, o autor descreve sua experiência de aprender a andar de bicicleta como uma aventura com riscos que culminaria numa alegria, num triunfo de uma conquista de novos territórios:

Isto se deu num daqueles ginásios de piso de asfalto, onde, durante a moda do ciclismo, essa arte, que hoje as crianças se ensinam umas às outras, era ensinada com tanta formalidade quanto a direção de automóveis. O ginásio ficava no campo, perto de Glienicke. Datava de uma época em que o esporte e o ar livre ainda não estavam dissociados. [...] Demorou algum tempo até que eu ingressasse no segundo grupo. Porém, um belo

---

como esquecer as gerações de pais e filhos do bairro que se sucediam, entre essas duas décadas, na prática do futebol, a honrar a camisa tricolor (com listras verticais vermelhas, pretas e brancas) do Independente. Lembro-me de inúmeras vezes ter sentado à beira do campo para apreciar as belas jogadas do Vavá, que durante muito tempo usou a camisa número 10 do Primeiro do Independente. Também não há como esquecer o Seu Nascimento que, naquelas tardes de domingo, enchia seu carrinho de mão, todo feito em madeira, com frutas, amendoim e doces para vender em volta do campo. Aliás, Seu Nascimento também era, reconhecidamente, um exímio artesão que construía barbelotes (um tipo de pandorga) que coloriam o céu do bairro na época de soltar pandorga. Tempos depois, a área foi retomada pelos proprietários do Clube Paula Ramos, que a transformaram em clube recreativo, mas apenas para uso de associados. Hoje, se vê reduzido e espremido numa pequena área, pois venderam a maior parte da grande área para a especulação imobiliária que ergueu aos céus quatro torres de edifícios de 12 andares com apartamentos para a classe média alta da cidade. E pensar que uma área que durante muitos anos foi local de lazer de várias gerações de nativos da Trindade teria este tipo de fim.

dia de verão permitiram que eu saísse. Fiquei atordado. O caminho era de cascalho; as pedrinhas rangiam; pela primeira vez, não havia proteção alguma contra o sol que me cegava. O piso era sombreado e cômodo e não possuía caminhos predeterminados. Aqui, no entanto, os perigos nos espreitavam a cada curva. Embora não tivesse nenhuma roda livre e o caminho fosse plano, a bicicleta parecia se mover por conta própria. Era como se eu jamais a tivesse montado. Uma vontade autônoma começou a se manifestar no guidom. Cada buraco na estrada ameaçava me tirar o equilíbrio. Havia muito tempo que eu desaprendera a cair, mas eis que agora a gravidade fazia valer sua força, à qual renunciara durante anos. Após uma pequena lombada, o caminho subitamente afundava; a elevação que me fez deslizar de seu topo se pulverizou diante do pneu numa nuvem de poeira e pedras; os galhos das árvores zuniram em meu rosto quando passei e, quando já perdera toda esperança de poder parar, de repente me acena o suave limiar da entrada. Com o coração palpitando, mas com todo o ímpeto que o declive acabara de me dar, emergi na sombra do ginásio, montado na bicicleta (BENJAMIN, 2000, p. 137 – 138).

Ao se referir à sua alegria de andar de bicicleta sem cair, Benjamin brinda seus leitores com uma narrativa repleta de intensidade e prazer contidos no perigo, no medo, no desafio e na satisfação que era andar sozinho de bicicleta sem cair. A bicicleta parece mesmo ter um encantamento para as crianças, por ser um brinquedo que apresenta ao seu usuário o desafio de fazê-lo funcionar apenas com o esforço de girar seguidamente os pedais, e ainda produz naquele que tem êxito e se livra do medo de cair, deixando de olhar para o chão e olhando para frente, a sensação de dominar o mecanismo do brinquedo e passar a explorar outras sensações próprias da brincadeira de bicicleta. A experiência de aprender a andar de bicicleta é realmente única e deixa lembranças que não caem no esquecimento. Existe até um ditado que diz: “quem aprende a andar de bicicleta não esquece mais!”

As situações fundadoras até aqui descritas tratam de vários exemplos que são característicos da bagagem de brincadeiras que muitas crianças experimentam ao longo de suas infâncias. Aliás, bagagem esta

repleta de experiências e que, em geral, é desconsiderada pelos professores. Muitos, inclusive, já se depararam e continuam a se defrontar com situações semelhantes, mas provavelmente, por desconhecimento do que elas representam nada fazem e deixam de se admirar com as possíveis revelações que poderiam advir de situações como as descritas nos eventos anteriores. Por exemplo, *o correr para ver o chão correndo logo abaixo de si* pode ser uma admirável expressão do invisível contido nos movimentos e nas brincadeiras das crianças, aquilo que elas realizam como sendo próprio e característico delas ou das culturas infantis.

### **Brincar com as crianças da Travessa das Crianças no Morro da Caixa**

A experiência com crianças no Morro da Caixa<sup>8</sup>, mediada por princípios do teatro popular<sup>9</sup>, constituiu outra situação fundadora que implicou na busca pela minha formação<sup>10</sup> profissional em Educação Física. Na primeira metade da década de 1980, em meio os movimentos sociais que lutavam pela abertura política, pela anistia política, por eleições livres e diretas no país, me engajei num projeto de intervenção social, uma experiência de educação popular na localidade do Morro da Caixa. Uma “favela” situada na parte continental de Florianópolis, numa área bem próxima às três pontes de ligação da Ilha de Santa Catarina e o Continente.

Neste contexto de prática de intervenção na realidade social, via educação popular, os princípios teórico-práticos da educação libertadora de Paulo Freire, bem como o ideário da teologia da libertação de Leonardo Boff influenciavam esta prática social. E neste tempo mergulhado no movimento popular a “necessidade da arte”<sup>11</sup> emergiu em meio a este engajamento social. Foram muitos os momentos de

---

<sup>8</sup> Para maiores informações sobre esta localidade da região central continental de Florianópolis consultar o livro *“O Morro da Caixa D’Água: o significado político-pedagógico dos movimentos de educação popular na periferia de Florianópolis, Santa Catarina”* (1991), de Telma Anita Piacentini.

<sup>9</sup> Nos anos 1970 e 1980, alguns trabalhos do dramaturgo Augusto Boal, dentre eles: *O teatro do oprimido e outras políticas poéticas; Exercício para ator e não ator como vontade de dizer algo através do teatro; Jogos para atores e não atores* eram fortes referências teórico-práticas para o teatro popular.

<sup>10</sup> Ver a Monografia de Especialização intitulada *“Educação Física: algumas falas de uma formação profissional e outras falas de uma realidade de professor”* (1993), de Francisco Emílio de Medeiros. O autor aborda a vinculação dessa situação fundadora com a busca pela formação profissional em Educação Física.

<sup>11</sup> “A necessidade da arte” (2007), um livro de Ernest Fischer.

teatro no Morro da Caixa, principalmente, por ocasião das festas de natal, festas juninas, da malhação do Judas, nas noites das bruxas, onde circulavam e aglomeravam-se em autos de representação personagens fictícios e reais entre risos e catarse coletiva encenando os fatos da vida e tradições dominantes na localidade.

Enfim, eram performances que envolviam muitos moradores do local, especialmente, as crianças. Além das aglomerações em torno do teatro ainda havia as brincadeiras com as crianças na rua, que quando ganhou pavimentação em lajotas em regime de “mutirão” dos moradores da rua, passou a chamar-se de Travessa das Crianças, pois eram muitas e costumavam transformá-la em espaço de brincadeira. Por muitas vezes, nos finais de semana, costumava me juntar às crianças para brincar de futebol, ou uma “pelada” como diziam as crianças, também para brincar de esconde-esconde ao cair da noite, enfim, pude neste tempo e espaço brincar muito na rua com as crianças.

Figura 4 - Teatro de Natal no Morro da Caixa.



Fonte: Acervo próprio (1982).

Estas situações fundadoras, em grande parte, estão relacionadas diretamente às minhas experiências acadêmicas e profissionais no campo da Educação Física, e retorno a elas, de forma abreviada, com o intuito de demonstrar que o problema de pesquisa em foco tem sua gênese e inclui-se no contínuo de tal trajetória e das minhas experiências acadêmico-profissionais.

## **Fragmentos de minha trajetória acadêmico-profissional**

Meu ingresso no curso de licenciatura em Educação Física ocorreu em 1986, na Universidade Estadual de Santa Catarina, e minha colação de grau se deu ao final de 1989, na Universidade Federal de Pernambuco. Esta possibilidade, de ter iniciado o curso numa universidade do sul do país e de concluí-lo noutra universidade da região nordeste, representou uma oportunidade de conhecer a Educação Física para além do paradigma hegemônico de ordem tecnicista-biologicista e passar a pensá-la também a partir dos pressupostos do movimento de crise e renovação da Educação Física, que emergiu no Brasil entre as décadas de 1970 e 1980 (BETTI, 1991; SOARES, 1992; BRACHT, 1997).

Na seqüência da trajetória acadêmica veio o curso de especialização em Educação Física escolar<sup>12</sup>, realizado entre 1992 e 1993, para o qual elaborei uma monografia que traz alguns traços marcantes de minha formação inicial e do começo da carreira como professor de Educação Física. Os professores protagonistas deste curso de especialização propunham-se a buscar, via pesquisa, os pressupostos teóricos e práticos extraídos do campo da Educação, Sociologia, Filosofia, Antropologia, entre outros, com o objetivo de repensar a Educação Física escolar que, na crítica deste coletivo, era assim caracterizada:

Existe um descontentamento e uma denúncia muito grande em relação à prática da Educação Física escolar que vem acontecendo atualmente no Brasil e que atende, basicamente, apenas aos interesses de uma minoria privilegiada, a do talento esportivo e não contribui na formação de pessoas com competência de autonomia e de crítica (KUNZ, 1992, p.2)<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> O curso de especialização intitulava-se “*Educação Física escolar: uma concepção educacional crítico-emancipatória e didática comunicativa*”, e em sua primeira edição, visava concretizar a aplicação dos primeiros estudos do recém criado Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física (NEPEF) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ver a Monografia de Especialização, “*Educação Física: algumas falas de uma formação profissional e outras falas de uma realidade de professor*” (1993), apresentada por Francisco Emilio de Medeiros.

<sup>13</sup> Ver o Projeto de Curso de Especialização, “*Educação Física escolar: Uma concepção educacional crítico-emancipatória e didática comunicativa*” (1992), formulado por Elenor Kunz.



No estudo monográfico procurei caracterizar alguns elementos de sustentação do perfil de professor que persegui nos tempos de graduação, com as seguintes características: *ser um professor com postura crítica e buscar uma atitude de pesquisa na ação docente*.

Os tempos de prática profissional que se sucederam à minha formação inicial revelaram que o perfil forjado de professor de Educação Física foi decisivo para o enfrentamento dos desafios colocados pela prática pedagógica na escola, a qual imprimiu novos contornos, propiciando novos entendimentos e acrescentando outros problemas a este perfil, porém, a marca desta relação como uma prática reflexiva perdura. As experiências profissionais iniciais lecionando Educação Física tomaram corpo na rede municipal de ensino de Florianópolis (SC),<sup>14</sup> onde passei a consolidar minha carreira de professor de Educação Física. Nesta rede de ensino, além de buscar aprofundar aqueles elementos do perfil docente perseguido na formação inicial, busquei re-significar e legitimar a Educação Física no espaço escolar, tanto diante das crianças/estudantes como perante os demais professores, interferindo sobre um imaginário social escolar que, grosso modo, poderia ser assim configurado: os docentes vêem a disciplina como um apêndice das demais e as crianças/estudantes concebem-na como o espaço e tempo de liberdade dos bancos e carteiras escolares para um “livre brincar”.

Também neste itinerário de consolidação da carreira docente e visando aprofundar uma daquelas duas dimensões do perfil profissional estabelecidas na monografia, a de *buscar uma atitude de pesquisa na ação docente*, ingressei, em 1996, no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (SP)<sup>15</sup>. A pesquisa apresenta um quadro contendo as concepções de corpo que perpassam uma amostra de livros de Educação Física publicados nas décadas de 1980 e 1990. O quadro é constituído por ideias centrais dos livros investigados que se caracterizam pela denúncia em torno da dicotomia corpo-mente e por ideias centrais que postulam o anúncio do Homem como um Ser corporal.

Ainda cabe destacar duas iniciativas de intervenção pedagógica simbólicas nesta trajetória acadêmico-profissional. Uma, materializada

---

<sup>14</sup> Ingressei na carreira do magistério público municipal de Florianópolis (SC) em fevereiro de 1994.

<sup>15</sup> Em março de 1999, defendi a dissertação de mestrado, intitulada “*Concepções de corpo em livros de Educação Física: Uma leitura em obras de autores brasileiros publicadas nos anos 80 e 90*”, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvana Venâncio.

numa parceria com o professor Carlos Luiz Cardoso, na forma de um projeto de extensão vinculado ao NEPEF/UFSC. Esse projeto, denominado “Ginástica no Ginásio” e realizado nos anos de 2001 e 2002, envolveu meninos e meninas de 3ª série de uma escola básica da rede municipal de ensino de Florianópolis (SC)<sup>16</sup>, em vivências de ginástica num espaço apropriado e com alguns equipamentos destinados à ginástica artística. Basicamente, tinha como objetivo criar situações de aula em que meninos e meninas, juntos, pudessem experimentar suas capacidades criativas e comunicativas de movimento, explorando e ampliando suas bagagens de movimento. As crianças eram desafiadas em seus potenciais imaginativos e criativos de tal modo que se esbaldavam em corridas ao trampolim e daí em vôos ao grande colchão. Igualmente se deliciavam em sucessivos pulos na cama elástica e aqueles mais ousados, em saltos mortais. Deste esbanjamento de movimentos das crianças decorria, como salienta Kunz (1989), em sua perspectiva do movimento humano como um “*se-movimentar*”, certa despreocupação com a cópia irrefletida de padrões pré-determinados de movimentos, ao contrário, percebia-se nas crianças mais ousadas, a demonstração de certa imitação da intenção do movimento que desejavam realizar.

A outra iniciativa, denominada de “*Futebol de seis ‘quadrados’ nas aulas de educação física – Ou, da possibilidade de se jogar o esporte da escola*”, consistiu numa experiência de intervenção pedagógica pautada na abordagem crítico-emancipatória enunciada por Kunz (1994),<sup>17</sup> que postula a “transformação didático-pedagógica do esporte”. Esta intervenção também foi realizada em duas escolas em que lecionei na rede municipal de ensino de Florianópolis (SC), já mencionadas, revelando que o futebol de seis quadrados pode ser uma estratégia pedagógica importante para a re-invenção do esporte, diferente das práticas que se orientam pela cópia irrefletida do mesmo. A invenção do futebol de seis “quadrados”<sup>18</sup> somente foi possível graças

---

<sup>16</sup> A mesma escola já mencionada nas duas primeiras situações fundadoras do problema de pesquisa.

<sup>17</sup> KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: UNIJUÍ, 1994.

<sup>18</sup> Essa experiência foi tornada pública nos seguintes eventos e periódico: na sessão de pôster do 2º Congresso Sul Brasileiro de Ciências do Esporte, ocorrido na cidade de Criciúma (SC), em 2004; também na sessão de pôster, do III Seminário de Análise do Fenômeno Esportivo – I Simpósio de Educação Física Escolar, realizado em Chapecó (SC), em junho de 2005; e, em março de 2007, foi publicada na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, no volume 28, número 2.

a uma intervenção pedagógica que buscava promover processos de mudanças no ensino de Educação Física, com conseqüências significativas e importantes para que estas aulas se tornassem, cada vez mais, lugar e tempo de experiências e realizações humanas de sucesso e agradáveis para todos.

### **Questão investigativa**

Das passagens das situações fundadoras do problema de pesquisa, anteriormente descritas, e também dos fragmentos de minha trajetória acadêmico-profissional, emergiu meu interesse e minha curiosidade em pesquisar a dimensão lúdica da experiência de infância, num determinado contexto histórico da Ilha de Santa Catarina, entre 1930 e 1950, portanto, bem anterior ao da minha trajetória acadêmico-profissional e do meu tempo de infância.

Este interesse volta-se para uma época em que o processo de modernização e urbanização ainda não provocava, na Ilha, conseqüências e transformações tão drásticas como as que ocorrem na atualidade, suscitando em mim as seguintes indagações: que dimensão lúdica da experiência de infância ocorria nessa época? Quais as características mais marcantes desta experiência? Será que as crianças também tinham que buscar brechas de fuga para suas experiências lúdicas no contexto de tempo e espaço da época? Enfim, trata-se da possibilidade de poder voltar para um passado não tão distante e tentar apreender e interpretar, a partir da memória das crianças do passado, velhos ilhéus de hoje, a dimensão lúdica da experiência de infância.

Neste sentido, a questão investigativa está esboçada nos seguintes termos: **quais as dimensões lúdicas da experiência de infância que podem ser evocadas na memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de velhos açorianos de “Além-Mar”, tendo por referência os brinquedos e as brincadeiras registrados por Franklin Cascaes?**

Ainda na fase de projeto e exploração do campo empírico da pesquisa, foi possível adiantar, provisoriamente, algumas considerações e também questionamentos (hipóteses). A primeira delas é a seguinte: será que num tempo e modo de vida na Ilha, anterior ao processo de aceleração de urbanização da cidade, que se intensificou a partir dos anos 1950, seria possível pensar numa memória lúdica de infância ligada a um tipo de infância que está muito mais relacionada à natureza

---

e aos seus elementos? Daí decorre outra questão: será que havia também relação do mundo da infância com o mundo do trabalho dos adultos? Pois é sabido que as crianças, naquela época, estavam muito próximas desse mundo dos adultos, já que ele se dava no entorno das casas. A imagem da criança junto à roda do segundo carro de boi, na Figura 5 que segue, ilustra como era comum esta realidade em épocas passadas da Ilha.

Figura 5 – Carros de boi na Praia de Canasvieiras.



Fonte: Acervo de fotos antigas da Ilha – UFSC (1944).

Outra hipótese aventada foi a de que os depoimentos de infância dos velhos poderiam ser ricos no sentido de que, naqueles tempos, havia mais possibilidades de fazer a experiência lúdica do que hoje, em função da acentuação de um modo de vida impregnado com os signos da modernização e urbanização. Por exemplo, não querendo dizer que brincar de pipa seja muito melhor do que jogar vídeo game, as crianças de tempos passados faziam pipas, subiam nas árvores, corriam livremente pelas ruas, jogavam bolinha de gude, brincavam de pega-pega, de esconde-esconde, de dia e de noite, diferentemente das crianças de hoje, que se restringem aos espaços de suas casas e de seus apartamentos e se limitam a brincar apenas com vídeo game e outros jogos eletrônicos. A diversidade de experiências é muito mais limitada

para as gerações de hoje do que era outrora, para as gerações passadas. Também é evidente que esta atividade com jogos eletrônicos, por exemplo, possibilita que a criança de hoje jogue com outras ao mesmo tempo, estabelecendo uma interação virtual com meninos e meninas de vários lugares do mundo. Esta é uma entre tantas possibilidades de experiência que não existiam nos tempos anteriores e que têm o seu valor, mas quase todas elas implicam numa eliminação de certas capacidades humanas, inclusive as motoras, pois utilizam um único sentido, que é quase sempre o da visão, e raramente a audição ou o tato, desprezando uma série de possibilidades perceptivas e de interação com outras crianças e com o meio natural.

Não há, nesta pesquisa, pretensões de defesa de um saudosismo, no sentido de uma volta ao passado, de modo a sobrevalorizá-lo em relação ao tempo presente, ao contrário, trata-se da possibilidade de uma tomada de consciência do processo que está em curso, no sentido de perceber o que se está perdendo em termos da dimensão lúdica da experiência de infância e de como retomar e re-significar este legado para o tempo presente como memória. Como menciona Bosi (2003, p.23-24), em relação ao tempo vivo da memória: “Existe, dentro da história cronológica, outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo. Aparece com clareza nas biografias; tal como nas paisagens, há marcos no espaço onde os valores se adensam.”

## **Objetivos**

Visando buscar respostas à questão investigativa estabeleci os seguintes objetivos:

1º) caracterizar as dimensões lúdicas da experiência de infância escavadas na memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e dos Açores, a partir dos registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin Cascaes;

2º) perceber se os sujeitos investigados conheciam ou compartilhavam da cultura lúdica registrada por Franklin Cascaes, bem como conhecer ainda outros brinquedos e outras brincadeiras presentes na memória dos velhos entrevistados além daqueles assinalados por esse estudioso da cultura açoriana da Ilha de Santa Catarina.

## **Relevância**

A importância da investigação pode ser atribuída à centralidade da experiência na formação do sujeito, em especial, nos processos

formativos voltados às crianças, que venham a se pautar, igualmente, em elementos da dimensão lúdica da experiência de infância extraídos da memória de velhos moradores ilhéus. A sua originalidade está em pensar a infância à luz das inter-relações possíveis de se fazer entre as dimensões (teórico-prática) da memória, da experiência e da cultura lúdica. E, concomitantemente, o fato de poder dar voz a este tipo de morador da Ilha de Santa Catarina, os velhos moradores, e também aos velhos açorianos de “Além-Mar”<sup>19</sup>, traduz-se num reconhecimento social da velhice, tão discriminada na sociedade contemporânea, pois os velhos constituem testemunhas vivas de um tempo que pode ser revivido e re-elaborado neste exercício de rememoração de certa época do passado da Ilha. Neste sentido, a experiência das crianças precisa ser investigada como algo relevante nas suas vidas e um caminho possível para isto está na memória da dimensão lúdica da experiência de infância desses velhos, como possibilidade de reencontro com esta experiência.

Os resultados de tais rememorações, os achados da pesquisa, podem reverter em contribuições no sentido de ajudar a repensar as políticas públicas voltadas aos processos formativos com crianças, ao revelar, principalmente, elementos lúdicos marcantes nas vidas das crianças de ontem, e que hoje são desconhecidos ou ignorados porque, talvez, se perderam na passagem entre as gerações do passado e as do presente, estando, portanto, enterrados nas covas do esquecimento.

A dimensão da sociedade capitalista contemporânea para restringir cada vez mais a vida das pessoas a um individualismo crescente, de vivências e não de experiências, reportou-me a um momento mais anterior do passado recente e me fez tentar captar esta experiência de uma forma mais autêntica, de uma forma que tocava mais as pessoas. Desse modo, pensei em trazer para o presente a centralidade da experiência na formação do sujeito, particularmente nos processos formativos voltados para as crianças.

Considero importante ainda dizer que tratei de pensar como é que a dimensão lúdica da experiência de infância se constituía naquele tempo histórico (entre 1930 e 1950), não deixando o tempo histórico ser

---

<sup>19</sup> Açorianos de “Além-Mar”, ou Açores “Além-Mar”, bem como açorianos “Daqui”, ou Açores “Aqui” são expressões utilizadas no texto para fazer referência à ligação sócio-histórico-cultural entre a Ilha de Santa Catarina e as Ilhas do Arquipélago dos Açores (PT) por conta do processo de colonização com o expressivo fluxo migratório de casais açorianos e madeirenses, coordenado pela Coroa Portuguesa, em meados do século XVIII. E, também, para diferenciar os velhos moradores dos dois campos empíricos da pesquisa. Segundo Holanda Ferreira (1988), “Além-Mar” significa além do mar, ou referência às terras situadas além do mar. Ainda quer dizer uma região do outro lado do mar, ou região de um país situado do outro lado do mar, ou aonde se chega após uma travessia.

o eixo de análise da pesquisa, mas sim a experiência da infância naquele período da Ilha de Santa Catarina. E isto pode trazer implicações em pensar numa possibilidade de contribuição para as práticas de intervenção pedagógica dos professores de Educação Física, dos educadores em geral e das políticas públicas, que também poderiam pautar estas práticas na ideia de trazer para os processos de formação das crianças a dimensão lúdica da experiência de infância como uma dimensão balizadora destes processos. Entretanto, como bem lembra Kramer (2008), trata-se de conceber estes processos formativos como uma prática da experiência. Experiência, aqui, no sentido de a criança poder levar algo para toda a vida, para além do instante único vivido do brinquedo e da brincadeira, tendo em vista que se trata

[...] de uma prática que produz uma “reflexão sentida” de um coração informado sobre aspectos essenciais da vida, prática compartilhada [...] daquilo que a gente pensa, sente e vive; provoca morte, os afetos e suas dificuldades, os medos, sabores e dissabores; que permite conhecer questões relativas ao mundo social e às tantas e tão diversas lutas por justiça ou o combate à injustiça; que resgata valores desprezados hoje, como generosidade e solidariedade (KRAMER, 2008, p. 101).

As situações fundadoras, apresentadas anteriormente, constituem argumentos e exemplos de experiências e se situam nesta perspectiva de experiência colocada por Kramer, como parte integrante do legado de referências da infância que se leva pela vida afora.

Por último, julgo conveniente destacar que a relevância da pesquisa está no fato de ser possível combinar uma re-leitura da obra de Franklin Cascaes com os relatos orais de velhos moradores ilhéus, da Ilha de Santa Catarina (BR) e do Arquipélago dos Açores (PT), com vistas à rememoração dos brinquedos e das brincadeiras infantis praticados nestes lugares, numa época passada, bem como constatar as permanências desta cultura lúdica infantil no tempo presente.

A pesquisa foi estruturada em três capítulos. No capítulo 1, *Numa Sacola de Palha o Problema e os Princípios Teórico-Metodológicos da Pesquisa*, exponho os aspectos do itinerário de realização da pesquisa, desde a opção teórico-metodológica adotada até o recorte e a materialização do campo empírico-teórico.

No capítulo 2, *A Dimensão Lúdica da Experiência de Infância na Memória de Velhos Moradores*, apresento reflexões que buscam dar respostas à questão investigativa norteadora, enunciada anteriormente. Para tanto, agrupei as principais unidades temáticas (categorias) de análise que emergiram dos campos empíricos às categorias de análise teóricas dando nome, forma e conteúdo aos cinco subcapítulos que seguem.

No capítulo 3, *Brinquedos e Brincadeiras na Memória de Infância de Velhos a partir dos registros de Franklin Cascaes*, apresento a memória de infância dos entrevistados, disparada a partir de fotografias dos registros de Franklin Cascaes, de imagens fotográficas de lugares da Ilha de tempos passados e de brinquedos antigos. Num primeiro momento, assinalo o reconhecimento, pelos entrevistados, dos registros de brinquedos e brincadeiras realizados por Franklin Cascaes. No momento seguinte, apresento uma rememoração de outros brinquedos e de outras brincadeiras do tempo de infância dos velhos moradores, não contemplados na obra de Cascaes. Um terceiro momento trata do processo de construção dos brinquedos e das brincadeiras. E um último subcapítulo apresenta fragmentos da memória dos entrevistados em relação aos locais de suas infâncias na Ilha de Santa Catarina.

Por fim, nas *Considerações Finais*, o momento final desta pesquisa, retorno às questões investigativas e aos objetivos daí derivados, visando, de forma provisória, apresentar respostas e anunciar caminhos, “resultados” e achados encontrados durante todo o processo teórico-metodológico da investigação.



## CAPÍTULO 1

### NUMA “SACOLA DE PALHA” O PROBLEMA E OS PRINCÍPIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, exponho os aspectos do itinerário de realização da pesquisa, desde a opção teórico-metodológica adotada até o recorte e a materialização do campo empírico-teórico.

#### 1.1. Da opção teórico-metodológica adotada

Para alcançar os objetivos estabelecidos, optei pela busca de conhecimentos em fontes e autores capazes de ajudar a construir uma maneira própria de argumentar sobre o tema de pesquisa. Também adotei um campo empírico capaz de proporcionar uma realidade palpável às argumentações, levando em conta que o “[...] significado dos dados empíricos depende do referencial teórico, mas estes dados agregam impacto pertinente, sobretudo no sentido de facilitarem a aproximação prática.” (DEMO, 1994, p. 37). Neste sentido, o campo empírico foi delimitado e orientado para entrevistas com velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e com velhos açorianos de “Além-Mar”, com vistas a disparar a memória das dimensões lúdicas da experiência de suas infâncias.

Minayo (2004a, p. 10) compreende as metodologias de pesquisa qualitativa como aquelas que conseguem integrar a questão do significado e da intencionalidade como temas próprios “[...] aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.” No entendimento deste autor, este tipo de abordagem de pesquisa ocupa-se de dimensões muito específicas da realidade. Quer dizer, “[...] a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados, das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.” (MINAYO, 2004b, p. 22).

A pesquisa qualitativa requer uma atitude de abertura, de flexibilidade, de capacidade de observação e de interação do pesquisador com os sujeitos envolvidos no processo da investigação. Ela também possibilita que os instrumentos sejam corrigidos durante o trabalho de campo, com vistas aos fins da pesquisa. Entretanto, o trabalho de campo requer planejamento prévio e a sua improvisação pode comprometer os resultados da pesquisa, explica Minayo (2004a).

Por sua vez, Goldenberg (2004, p. 14) assinala que os dados qualitativos buscam adentrar de modo profundo nos aspectos subjetivos da temática de investigação e desse modo, contrapõem-se à incapacidade dos questionários padronizados e métodos estatísticos de abarcarem fenômenos sociais complexos e singulares. Para a autora, no enfoque qualitativo a quantidade dá lugar a uma intensidade profunda, visando à compreensão subjetiva do fenômeno pesquisado.

Neste sentido, entendo que o tema de pesquisa em foco, *A dimensão lúdica da experiência de infância na memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de velhos açorianos de “Além-Mar”, com referência nos registros de brinquedos e brincadeiras contidos na obra de Franklin Cascaes*, se adéqua aos pressupostos da abordagem qualitativa de pesquisa, considerando que os sentidos e significados presentes nas experiências da cultura lúdica extrapolam e não se ajustam aos pressupostos metodológicos meramente numéricos dos procedimentos estatísticos.

## **1.2. O lócus do campo empírico e os critérios de escolha dos entrevistados**

A Ilha de Santa Catarina constituiu o lócus privilegiado da pesquisa e aqueles velhos moradores ilhéus que passaram suas infâncias em bairros centrais e em comunidades do interior da Ilha, carregadores de marcas e testemunhas vivas de uma época passada, constituíram os sujeitos potenciais deste campo empírico. Mas como é que foi para encontrá-los? E como é que foi para se determinar quem e quantos seriam os entrevistados?

Estas questões fundamentais foram pensadas e resolvidas a partir de Deslandes (2004), que entende que a amostragem, na pesquisa qualitativa, não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade. De outro modo, enfatiza que uma pergunta importante a se fazer neste momento é a seguinte: “[...] quais indivíduos sociais têm uma vinculação mais significativa para o problema a ser investigado? A amostragem boa é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões.” (DESLANDES, 2004, p. 43).

As questões apontadas também foram pensadas e solucionadas a partir de Minayo (2004a), quando ela ressalta que uma boa amostra de sujeitos é aquela que tem a capacidade de dar respostas plausíveis ao objetivo da pesquisa. Para tanto, a autora propõe os seguintes critérios básicos:

(a) definir claramente o grupo social mais relevante para as entrevistas e para a observação; (b) não se esgotar enquanto não delinear o quadro empírico da pesquisa; (c) embora desenhada inicialmente como possibilidade, prever um processo de inclusão progressiva encaminhada pelas descobertas do campo e seu confronto com a teoria; (d) prever uma triangulação. Isto é, em lugar de se restringir a apenas uma fonte de dados, multiplicar as tentativas de abordagem. Como conseqüência, a abordagem qualitativa: (a) privilegia os sujeitos sociais que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer; (b) considera-os em número suficiente para permitir uma certa reincidência das informações, porém não despreza informações ímpares cujo *potencial* explicativo tem que ser levado em conta; (c) entende que na sua homogeneidade fundamental relativa aos atributos, o conjunto de informantes possa ser diversificado para possibilitar a apreensão de semelhanças e diferenças; (d) esforça-se para que a escolha do *locus* e do grupo de observação e informação contenham o conjunto das experiências e expressões que se pretende objetivar com a pesquisa (MINAYO, 2004a, p. 102).

Além da observação desses cuidados, esta etapa da investigação também foi pautada nas considerações de Alberti (1990, p. 85), que sugere que, ao se estabelecer uma lista de entrevistados, a escolha deve incidir “[...] sobre algumas figuras de atuação destacada em relação ao tema, julgadas mais representativas e cujos depoimentos pareçam essenciais para a realização das demais entrevistas.” Tal aspecto é corroborado por Haguette (2003, p. 96), quando este argumenta que a “[...] escolha dos entrevistados não pode ser aleatória, ou seja, não pode obedecer aos parâmetros da amostragem probabilística.” Pois no entender deste autor, embora a listagem do universo dos sujeitos possíveis para o desenvolvimento da pesquisa seja importante, o critério de intencionalidade na confecção da listagem dos sujeitos também é imprescindível, tendo em vista que sempre há aqueles sujeitos que oferecem contribuições mais pertinentes ao tema. Associada a este cuidado, foi incluída a ideia de Meksenas (2002), para quem é

conveniente começar entrevistando os sujeitos da lista que são mais acessíveis ao pesquisador, porque estes, em geral, acabarão por se consolidar como agentes facilitadores na mediação com outros sujeitos selecionados.

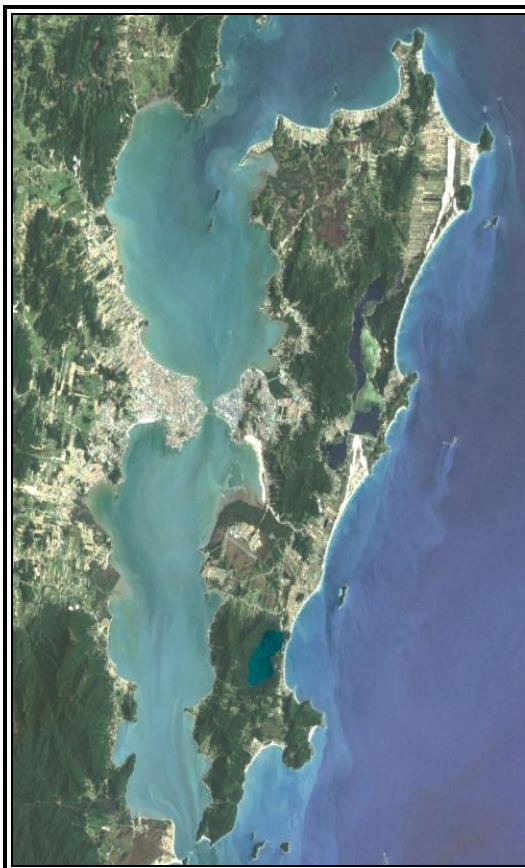
Neste sentido, como o lócus da pesquisa foi a Ilha de Santa Catarina, um primeiro ponto considerado em relação à escolha dos entrevistados foi o de selecionar apenas moradores que tivessem vivido suas infâncias em um dos doze distritos administrativos do município de Florianópolis<sup>20</sup>. Combinei a este primeiro aspecto as regiões geográficas

---

<sup>20</sup> Breve caracterização dos doze distritos municipais: (1) **CANASVIEIRAS**: apesar da origem remota, sua oficialização como freguesia ocorreu a partir da Lei Provincial nº 008 de 15/04/1835. Sua área é 29,30 Km<sup>2</sup>, sendo que dele fazem parte: a sede de Canasvieiras e as praias de Canasvieiras, Daniela, Jurerê Internacional, Forte e as localidades de Vargem Pequena, Ponta Grossa e Lamim. (2) **CACHOEIRA DO BOM JESUS**: foi criado pela Lei Municipal n.º 394 de 19/02/1916. Sua área é 30,37 Km<sup>2</sup>, fazem parte desse Distrito as seguintes localidades: Cachoeira do Bom Jesus, Vargem do Bom Jesus, Vargem Grande, Ponta das Canas e Lagoinha. (3) **INGLESES DO RIO VERMELHO**: originou-se a partir de um Decreto de 11/08/1831. Sua área é 20,47 Km<sup>2</sup>, fazem parte dele: as praias de Ingleses, Brava e Santinho e as localidades de Capivari e Aranhas. (4) **SÃO JOÃO DO RIO VERMELHO**: originou-se a partir da Resolução Régia de 11/08/1831. Sua área é 31,68 Km<sup>2</sup>, fazem parte dele as seguintes localidades: Moçambique, Parque Florestal e a própria sede do Distrital de que é a São João do Rio Vermelho. (5) **RATONES**: foi criado pela Lei nº 620 de 21/06/1934, desmembrando-se do Distrito de Santo Antônio de Lisboa. Sua área é 33,12 Km<sup>2</sup>, a sua sede é a própria localidade de Ratonés. (6) **SANTO ANTÔNIO DE LISBOA**: originou-se a partir da Provisão Régia de 26/10/1751. Sua área é 22,45 Km<sup>2</sup>, fazem parte as localidades: Cacupé, Sambaquí, Barra do Sambaquí e Santo Antônio de Lisboa. (7) **SEDE (CENTRO)**: Florianópolis como Distrito Sede foi regulamentado pela Lei Complementar nº 001/97 de 29/09/1997. Sua área total é 74,54 Km<sup>2</sup>, composta em duas áreas: na parte continental com 12,1 Km<sup>2</sup> e a parte insular com 62,44 Km<sup>2</sup>. Fazem parte as localidades na área continental: Balneário, Canto, Estreito, Capoeiras, Coloninha, Bom Abrigo, Abraão, Monte Cristo, Promorar, Sapé, Vila São João e outras; na área insular: Monte Verde, Saco Grande I e II, Itacorubi, Trindade, Santa Mônica, Córrego Grande, Pantanal, Saco dos Limões, Costeira do Pirajubaé, José Mendes, Prainha e Centro. (8) **LAGOA DA CONCEIÇÃO**: teve origem a partir da Provisão Régia de 07/06/1750. Sua área é 55,28 Km<sup>2</sup>, sendo que dele fazem atualmente parte as localidades: Costa da Lagoa, Praia e Parque da Galheta, Praia da Joaquina, Lagoa da Conceição, Canto da Lagoa, Retiro da Lagoa, Praia Mole e Porto da Lagoa. (9) **RIBEIRÃO DA ILHA**: foi criado a partir de um Alvará Régio, datado de 11/07/1809. Sua área é 51,54 km<sup>2</sup>, fazem parte as seguintes localidades: Alto Ribeirão, Barro Vermelho, Caiacangaçu, Caeira da Barra do Sul, Carianos, Costeira do Ribeirão, Freguesia do Ribeirão, Praia dos Naufragados, Tapera e Sertão do Peri. (10) **PÂNTANO DO SUL**: originou-se a partir da Lei nº 1042/66 de 12/08/1966 e instalado em 10/12/1967. Sua área é 47,68 Km<sup>2</sup>, sendo que dele fazem parte as seguintes localidades: Praia da Solidão, Praia do Saquinho, Praia do Pântano do Sul, Lagoinha do Leste, Praia do Matadeiro, Praia da Armação, Lagoa do Peri e Costa de Dentro. (11) **CAMPECHE**: foi criado recentemente pela Lei nº 4805/95 de 21/12/1995. Sua área é 35,32 Km<sup>2</sup>, desmembrou-se do Distrito da Lagoa da Conceição. Fazem parte do Campeche as seguintes localidades: Morro das Pedras, Praia do Campeche, Campeche e Rio Tavares. (12) **BARRA DA LAGOA**: criado a partir da recente Lei nº 4806/95 de 21/12/1995. Sua área é 4,75 Km<sup>2</sup>, desmembrado do Distrito da Lagoa da Conceição, mais precisamente, a localidade da Barra da Lagoa e Fortaleza. (Fonte: <http://www.pmf.sc.gov.br>).

da Ilha<sup>21</sup> (Norte, Leste, Sul e Oeste – esta última composta pelo centro histórico da cidade e pelos bairros da bacia do Itacorubi), que aparecem nas Figuras 6 e 7, a seguir, e nas quais os entrevistados passaram suas infâncias.

Figura 6 – Fotografia de satélite da Ilha de Santa Catarina



Fonte:

[www.spg.sc.gov.br/Cartografia%20e%20Geografia/Imagens/florianópolis.jpg](http://www.spg.sc.gov.br/Cartografia%20e%20Geografia/Imagens/florianópolis.jpg)  
(2011)

---

<sup>21</sup> As Figuras 6 e 7 trazem uma fotografia de satélite e o mapa da Ilha de Santa Catarina e fornecem uma boa ideia das regiões geográficas da Ilha.



entrevistas; posteriormente, houve a realização de mais quatro entrevistas, durante o período de Estágio de Doutorado no Exterior, em Portugal, fato que me permitiu estabelecer e concretizar o campo empírico Açores “Além-Mar”.

Antes de seguir expondo os demais critérios usados na seleção dos entrevistados, cabe criar aqui um espaço para uma breve caracterização da Ilha de Santa Catarina, apresentando alguns dados pertinentes aos aspectos geográficos e históricos do seu processo de modernização e urbanização, antecedido pelo de colonização.

A Ilha compõe a maior parte da área territorial do município de Florianópolis, capital do Estado Santa Catarina. Em termos geográficos, encontra-se localizada entre os paralelos 27°10' e 27°50' de latitude sul, e entre os meridianos 48°25' e 48°35' de longitude oeste. Apresenta uma forma alongada na direção Norte-Sul, com comprimento total de 53 km e largura máxima de 18 km e com uma grande linha de costa no Oceano Atlântico, sendo que as baías norte e sul a separam do continente. Possui ainda uma área total de aproximadamente 436,5 km<sup>2</sup>. Seu relevo é marcado pela combinação de paisagens naturais compostas por maciços e morros com vertentes escarpadas, planícies costeiras com terraços mais elevados e mais rebaixados, e também com várzeas, feixes de arcos de praias, lagoas, dunas, costões, baixios e manguezais (SCHEIBE, 2002).

Para este autor, a atual caracterização geomorfológica da Ilha de Santa Catarina

[...] resulta da interligação de um grande número de morros que correspondem aos topos de blocos mais elevados, separados do continente e entre si por fossas tectônicas hoje preenchidas, parcial ou totalmente, por sedimentação quaternária. Antes desta sedimentação, e em épocas de nível mais elevado do mar, sua configuração não era de uma ilha, mas sim, de muitas ilhas [...] (SCHEIBE, 2002, p. 47).

Conforme o geógrafo, a história geológica da Ilha de Santa Catarina apresenta claras evidências de que a “[...] sua formação encontra-se ainda em andamento, o que implica também em permanente transformação, em importantes modificações geológicas, geomorfológicas e ambientais.” (SCHEIBE, 2002, p. 48).

Várzea (1985), por volta de 1900, publicou uma descrição de vários lugares da Ilha de Santa Catarina, e assim também se referiu à sua localização geográfica:

Quem sai do Rio de Janeiro e desce a costa para o sul encontra [...] um imenso bloco de argila e granito, situado ao longo do continente e em pequena proximidade, com dez léguas de comprimento, por uma ou três de largura, conforme as reentrâncias e cabos. É a Ilha de Santa Catarina, chamada outrora dos Patos (VÁRZEA, 1985, p. 5).

Ora, naquela época, pouco antes e ainda depois dos anos 1900, a cidade do Rio de Janeiro era a capital da recém proclamada República do Brasil e devido à distância, a ligação com o sul do país era realizada por navios. E como muitos moradores afortunados que costumavam, à época, realizar os estudos na capital federal, também Várzea, nem tão afortunado assim, pôde estudar e trabalhar no Rio de Janeiro. Nestas viagens que realizava, era possível admirar a Ilha a partir do mar, aliás, como faz hoje quem chega ou sai de avião pelos céus da Ilha.

Em relação ao processo de ocupação humana da Ilha, Santos (2002) sustenta que, desde seus primeiros habitantes, dentre eles os indígenas tupi-guaranis que eram hábeis em técnicas agrícolas, caça, coleta, olaria, em confecção de cestos e fiação de algodão, além de exímios conhecedores do relevo, da flora e fauna local, a Ilha exerceu um encantamento que emanava da beleza e da singularidade de seu ambiente natural. Aliás, Macowieký<sup>22</sup> (2010) também comenta que, antes dos exploradores europeus chegarem à Ilha de Santa Catarina, no começo do século XVI, os indígenas tupi-guaranis já ocupavam o litoral catarinense. Fato histórico, igualmente compartilhado por Lavina (1999),<sup>23</sup> ao assinalar que os Cario, também denominados de Kairos, Carrioces e Carijós ocuparam a faixa litorânea do território catarinense,

---

<sup>22</sup> O estudo de Sandra Macowieký, cujo título é: “*Ilha de Santa Catarina, séculos XVIII e XIX – Artistas viajantes e o estranhamento da paisagem*” (2010), apresenta a produção iconográfica de artistas estrangeiros em viagens-expedições artísticas e científicas que percorriam o território brasileiro, realizadas entre os séculos XVIII e XIX. Neste trabalho, a pesquisadora traz 21 figuras (imagens em pinturas e desenhos) destes artistas viajantes e muitas das quais retratam um percurso de paisagens da Ilha de Santa Catarina desde o período colonial até fins do século XIX. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/artistas/viajantes\\_sm.htm](http://www.dezenovevinte.net/artistas/viajantes_sm.htm).

<sup>23</sup> Para obter mais detalhes sobre os Cario ver o estudo “*Índigenas em Santa Catarina: História de Povos Invisíveis*” (1999), de Rodrigo Lavina.



desde São Francisco do Sul até o Norte do Rio Grande do Sul, inclusive a Ilha de Santa Catarina. Segundo o autor, os Carijós, por se situarem exatamente nesta posição geográfica, foram o primeiro grupo indígena a fazer contato com o europeu, a partir de 1503. “Esse contato torna-se mais frequente devido às expedições de apresamento de escravos levadas a cabo pelos vicentistas, no final do século XVI a meados do século XVII e aos padres jesuítas, que com eles conviveram durante os séculos XVI e XVII.” (LAVINA, 1999, p. 75). Entretanto, a chegada dos europeus colonizadores, “os novos habitantes”, caracterizou-se por subjugar os indígenas tupi-guaranis e por estabelecer um processo de apropriação e dominação do ambiente natural da Ilha.

A historiografia mais corrente sobre o assunto assinala que Portugal tomou posse deste lugar, como de todo o Brasil, com o objetivo de consolidar uma posição estratégica, pois havia ameaças constantes de invasão pelos espanhóis, que colonizaram grande parte da América do Sul e viviam em conflito em torno das definições dos limites da posse das terras desta região. Portanto, tomo a liberdade de dizer que a Coroa Portuguesa determinou os destinos da Ilha por muito tempo, exercendo decisiva influência social, econômica e cultural (CECCA, 1996).

Neste processo histórico de colonização da Ilha e do litoral de Santa Catarina, pelos portugueses, considero importante destacar o que Piazza (1992) vai denominar de “a epopéia açorico-madeirense”. Segundo o autor, entre 1748 e 1756, deu-se o grande fluxo migratório de casais de colonos vindos das nove Ilhas do Arquipélago dos Açores e da Ilha da Madeira, atendendo ao apelo da Coroa Portuguesa, que via a imperiosidade de criar núcleos sólidos de povoação para fazer frente às disputas com os espanhóis pelos territórios nessa região. Para Piazza (1992), os mais de seis mil açorianos e pouco mais de uma centena de madeirenses que se aventuraram na travessia do Atlântico Sul para povoar a Ilha de Santa Catarina e outras localidades do litoral sul brasileiro trouxeram e deixaram um legado que transcendeu épocas, chegando ao tempo presente.

O próprio Cascaes (1989b), ao abordar o tema da colonização da Ilha, diz que a iniciativa mais séria de povoamento partiu do rei D. João de Portugal, que pensou nos habitantes dos Açores para realizar tal intento. Segundo Cascaes, a Coroa Portuguesa julgava que os açorianos<sup>24</sup>, por estarem acostumados a viver ilhados, se adaptariam mais facilmente. São palavras do autor:

---

<sup>24</sup> Sobre a emigração açoriana na Ilha de Santa Catarina e no litoral sul brasileiro, ver o estudo “*Povoadores da fronteira: os casais açorianos rumo ao Sul do Brasil*” (2000), de Maria

O rei então fez o convite aos casais: o homem até quarenta anos, e ela até trinta anos, fora os filhos que também vinham juntos. A eles então forneceram enxada, machado, foice, farinha, uma égua, uma vaca, as sementes, para aquela família poder iniciar a vida aqui nesta ilha. Portanto, como eu conheci aqui, e como eu conheci lá, nos Açores, o lavrador também era pescador. Eles trabalhavam um pouco na terra e um pouco no mar (CASCAES, 1989b, p. 33).

Segundo Flores (2000), a Ilha de Santa Catarina tornou-se prioridade de colonização da Coroa Portuguesa para consolidar a posse e ocupação da região fronteira mais ao sul do Brasil. De acordo com a autora: “Localizada à beira da costa, entre o Rio de Janeiro e a embocadura do Prata, era de relevância estratégica. Ela representava, simultaneamente, uma atalaia do domínio português e um estímulo para a concorrência dos estrangeiros.” (FLORES, 2000, p. 38). No entanto, a pesquisadora argumenta que não constituiu tarefa simples povoar a Ilha, pois o interesse do fluxo migratório de Portugal para o Brasil em vigor na época era para as regiões mais prósperas da colônia, especialmente onde havia a exploração nas minas de ouro. A Figura 8, a seguir, retrata uma cena comum do fluxo migratório dos açorianos, no cais do Porto de Ponta Delgada, na Ilha de São Miguel.

---

Bernadete Ramos Flores. Ver ainda o sub-capítulo, “*Pequena história dos açorianos em Santa Catarina*”, na tese de doutorado, “*O Atlântico Açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade*” (2003), de Eugênio Pascele Lacerda.

Figura 8 – Os emigrantes.



Fonte: Pintura a óleo de Domingos Rabelo (1926).  
Acervo do Museu Carlos Machado (Ponta Delgada, Açores – PT).

Para Flores (2000), a saída encontrada por Portugal foi buscar, nas Ilhas do Atlântico, no Arquipélago dos Açores e na Ilha da Madeira, famílias de colonos capazes de implantar uma colonização de base estável e duradoura nas terras distantes ao sul do Brasil. Argumenta ainda a autora que naquele período histórico estas Ilhas passavam por problemas graves de inchaço populacional, além de crises cíclicas de falta de alimentos, enfim, problemas que motivavam os ilhéus a saírem destes locais em busca de novas alternativas para uma vida melhor.

O legado deixado pelos colonizadores açorianos no litoral catarinense perdura até os dias de hoje, com marcas na arquitetura, nos costumes e nas tradições religiosas e festivas. Flores (1998), ao abordar “a invenção da açorianidade”, destaca os festejos alusivos ao bicentenário da colonização açoriana, ocorrido em Florianópolis, em 1948, como um marco que re-inaugura uma espécie de re-afirmação da importância dos colonos açorianos na história da Ilha e litoral de Santa

Catarina. Porém, Flores (1998) chama também a atenção para o fato desta memória do passado dos ascendentes açorianos não estar tão presente assim nos seus atuais descendentes, como desejavam os protagonistas dos festejos do segundo centenário da colonização açoriana. Sua posição respalda-se em dados colhidos nas inúmeras entrevistas que realizou com velhos moradores pelo interior da Ilha de Santa Catarina para sua pesquisa de doutoramento<sup>25</sup>, onde por meio dos quais percebeu que nem todos os entrevistados que se identificavam “[...] como descendentes de açorianos, ou portadores de uma cultura açoriana, guardam na memória suas origens e nem se reconhecem como tal.” (FLORES, 1998, p. 120). Ainda segundo a autora, até a ocasião dos festejos do bicentenário da colonização açoriana, a ideia que se tinha era a de que tal processo de colonização

[...] havia entrado para as páginas das ‘Memórias’, de forma esporádica e dimensionada de duas maneiras: como um capítulo na diversidade dos acontecimentos político-administrativos da Capitania (de Santa Catarina) e outras questões; e como um acontecimento descrito em seus meandros burocráticos, dentro do universo do povoamento, situado num ponto remoto do passado (FLORES, 1998, p. 123).

No entanto, para a historiadora o contexto do Congresso e seus desdobramentos vão implicar

[...] na configuração da rememoração do povoamento açoriano, aponta para mudanças históricas que clamavam pela criação de um novo homem-habitante do litoral catarinense. Uma concepção que possibilitasse essa região definir-se como portadora da história de Santa Catarina, papel que vinha perdendo para outros núcleos de povoamento do Estado. Enquanto Blumenau, Joinville, Brusque, cidades colonizadas por alemães, vinham apresentando saltos quantitativos em sua economia, desde o final do século XIX, a

---

<sup>25</sup> Entre 1988 e 1990, Maria Bernadete Ramos Flores efetivou seu campo empírico com a realização de entrevistas para sua tese de doutorado “*Teatros da vida, cenários da história – A farra do boi e outras festas na Ilha de Santa Catarina – Leitura e Interpretação.*” (1991).

região litorânea vinha sentindo os impasses do desenvolvimento (FLORES, 1998, p. 124).

Enfim, o estudo de Flores (1998) destaca esta disputa política por uma hegemonia da identidade cultural catarinense em torno da afirmação de germanidade e açorianidade, na Santa Catarina do fim da primeira metade do século XX, como o lugar da gênese de uma “açorianidade inventada”. Flores (1998) não contesta as pesquisas históricas daí derivadas que passam a enaltecer a açorianidade, mas procura destacar a dimensão política desta questão cultural. São palavras da autora:

Foi num momento de luta pela hegemonia cultural em Santa Catarina, que o tema ‘açoriano’ ganhou importância para os intelectuais, e lugares de memória como os arquivos foram abertos e remexidos. Os pólos deste conflito giraram em torno da oposição brasilidade x germanidade do Estado de Santa Catarina, numa disputa pelo poder hegemônico no Sul do País. Uma hegemonia que não dependia apenas da força e do progresso econômicos, mas principalmente da sua identidade cultural (FLORES, 1998, p. 133-134).

Mortari e Cardoso (1999, p. 85) também fazem referência ao Primeiro Congresso de História Catarinense para ressaltarem o nascimento do “[...] açorianismo em 1948. Este evento inaugurou uma grande mobilização institucional, pública e privada para reabilitação dos açorianos.” Também Pereira Oliveira (1999, p. 17) comenta as comemorações do bicentenário de colonização açoriana no Primeiro Congresso de História Catarinense como “[...] um esforço para dar um sentido positivo à colonização açoriana, buscando uma nova maneira de ver as populações pesqueiras do litoral.”

Souza (2002, p. 42), ao situar Franklin Cascaes em relação ao Primeiro Congresso de História Catarinense e à questão da “invenção da açorianidade”, diz que o artista e floclorista não foi convidado pelos organizadores do Congresso para expor seus primeiros registros, já conhecidos na cidade, sobre a cultura açoriana na Ilha de Santa Catarina, pois “[...] sua obra não era vista pelos historiadores locais como um trabalho de pesquisa científico.” Entretanto, para o autor, Franklin Cascaes sofreu influência da repercussão e desdobramentos do Congresso que sinalizava para uma afirmação do legado deixado pela

cultura de origem açoriana, motivando-o a seguir adiante. Este estudioso assim se manifesta:

Franklin Cascaes não procurava apenas positivar a colonização açoriana do litoral catarinense, buscava também evidenciar algo que, para ele, era claro: *a pureza primitiva das comunidades*, que eram as testemunhas das tradições. Para o artista-folclorista era essencial lidar com o homem simples, pois era neste ambiente pré-moderno que se gestava a singularidade da cultura das comunidades pesqueiras da Ilha de Santa Catarina (SOUZA, 2002, p. 46).

Segundo Pereira Oliveira (1999, p. 18), em 1946, pouco antes da época da realização do Congresso de História Catarinense, Franklin Cascaes já havia iniciado suas pesquisas sobre a cultura açoriana nas localidades interioranas da Ilha de Santa Catarina.

Em relação ao processo de desenvolvimento e modernização de Florianópolis, Pereira (1974), em estudo que aborda este desde o período de colonização até inícios de 1960, descreve o período que vai de 1900 a 1950 com as seguintes características: de 1901 a 1925, a cidade<sup>26</sup> passou por uma fase de modernização expressa em profundas transformações, tais como: a implantação do serviço público de abastecimento de água em 1906; a construção da usina hidroelétrica que substituiu o sistema de iluminação pública a gás, em 1910; a instalação do liceu de artes e ofício; a criação do ginásio catarinense, em 1906; a fundação da maternidade Carlos Correia, em 1920, entre outras. No entendimento do autor, estas três primeiras décadas constituem um período marcado pela implantação de obras e serviços urbanos modernos para Florianópolis, com destaque para a construção da Ponte Hercílio Luz ligando a Ilha ao Continente.

De outro modo, Araújo (1989), pautando-se numa perspectiva crítica dos fatos históricos, ressalta que, nestas três primeiras décadas do século XX, as reformas urbanas tinham por objetivo o reajustamento social, com novas formas de controle e de segregação social que foram implantadas, especialmente, nos extratos mais pobres da população da área mais central de Florianópolis. Este fato originou o primeiro impulso para a ocupação de áreas do Morro da Cruz para habitação popular.

---

<sup>26</sup> Cidade, aqui, compreende o centro histórico da Ilha de Santa Catarina (a região central mais a oeste, no limite das baías norte e sul da fotografia de satélite e do mapa das Figuras 6 e 7).

O estudo de Pereira (1974) assinala uma estagnação no processo de desenvolvimento da cidade, já entre 1928 e 1950, caracterizada pela interrupção da marcha dos empreendimentos típicos do período anterior, pelo declínio das atividades portuárias, pela insuficiência dos serviços públicos de água e luz, que não atendiam mais à demanda crescente da população urbana e, especialmente, por se situar fora do ciclo industrial que tomava impulso em outras cidades do estado e do país. Em consequência disto, Florianópolis tornou-se frágil economicamente “[...] e amparada apenas na administração pública ou no comércio de abastecimento local, a cidade sempre se via envolvida num círculo vicioso de pobreza e numa total dependência externa.” (PEREIRA, 1974, p. 59).

Estas breves informações históricas se justificam pelo fato dos entrevistados terem vivido suas infâncias, aproximadamente, entre estas duas épocas, logo após as duas primeiras décadas do século XX e uma década antes de 1960, ou seja, entre 1930 e 1950, portanto, carregam em suas memórias as características sócio-econômicas, culturais e ambientais determinantes deste espaço e tempo histórico.

Da metade do século XX em diante, o crescimento urbano foi impulsionado por políticas sociais, econômicas e urbanas que apostavam na criação de uma metrópole catarinense, concentrando na Capital (Florianópolis) empresas e serviços públicos que deveriam estar distribuídos por todo o território catarinense (CECCA, 1996). A Ilha passou a sofrer impactos ambientais provocados pela ocupação desordenada de seu espaço natural. Mas foi a partir dos anos 1980, com a nascente indústria do turismo, associada à da construção civil, que o processo de urbanização se ampliou, com uma especulação imobiliária voraz e a crescente construção de imóveis que se estendeu do centro para os bairros mais próximos e também para as praias da Ilha, especialmente da região norte (CECCA, 1996). No entanto, paralelamente a este processo não se estabeleceu uma infra-estrutura viária e de saneamento, verificando-se uma impotência ou omissão por parte da administração pública e de órgãos de fiscalização que culminou, inclusive, na ocupação de dunas, áreas de marinha nas praias, manguezais e encostas dos morros próximos ao centro da cidade (CECCA, 1996). Este tipo de ocupação, corrente nas últimas décadas, marcou a urbanização como um processo causador de comprometimentos definitivos nos ambientes naturais da Ilha.

Discorrendo sobre este processo de modernização e urbanização, com modificações sociais, ambientais e culturais visíveis, Ferreira (2005) sugere que os novos projetos de edificações na Ilha de Santa

Catarina considerem não somente a manutenção da paisagem, mas também uma integração desta ao contexto de vida das comunidades tradicionais, demarcando a importância de uma convergência de interesses entre a natureza, a história local e o projeto urbano sustentável para a Ilha.

Estas considerações sobre alguns aspectos sócio-históricos e políticos da Ilha conduzem à ideia de que o processo de modernização e urbanização, muito complexo e tensional, provocou alterações no modo de vida e na identidade das pessoas aqui nascidas, especialmente daquelas herdeiras das tradições e dos costumes de gerações dos tempos passados, que são os descendentes dos luso-azorianos. Aliás, Lago (1996), ao pesquisar os modos de vida e a identidade de localidades tradicionais da Ilha, assinala que o viver tradicional transformou-se ou desapareceu como uma das conseqüências deste processo de modernização e urbanização crescente que tomou toda a Ilha.

De volta aos critérios estabelecidos para a escolha dos entrevistados, (o primeiro critério, apresentado algumas páginas atrás, estabelecia que o número aproximado de entrevistados deveria oscilar entre o mínimo de cinco e o máximo de doze sujeitos), um segundo critério adotado, fundamental para a seleção dos depoentes, foi o de considerar um daqueles velhos moradores mais conhecidos em cada região geográfica ou distrito municipal e que são tidos pelas pessoas desses lugares como guardiões da memória do local como o contador de causos e histórias, enfim, um narrador reconhecido.

Um terceiro critério, na verdade, um desdobramento do anterior, foi o da escolha de mediadores que me auxiliaram na montagem da lista e da seleção dos entrevistados potenciais. Fizeram parte dos mediadores os seguintes grupos: (a) uma rede de relacionamentos, de pessoas a mim ligadas que puderam indicar nomes de velhos moradores da Ilha que se aproximavam do perfil de entrevistados potenciais para compor o campo empírico; (b) pesquisadores do Núcleo de Pesquisas, da Casa da Memória, da Fundação Franklin Cascaes, da Prefeitura Municipal de Florianópolis, que realizam e valorizam projetos de história oral e de memória de bairros e que também puderam contribuir com a indicação de nomes para integrar a lista de entrevistados potenciais; (c) pesquisadores do Museu Universitário<sup>27</sup> da Universidade Federal de

---

<sup>27</sup> Mantém importante acervo de Arqueologia Pré-Colonial e Histórica e de Etnologia Indígena. Além disso, o Museu é guardião da coleção "Profª Elizabeth Pavan Cascaes", preservando o significativo acervo do artista Franklin Joaquim Cascaes, constituído de mais de 2.700 peças – entre desenhos, manuscritos e esculturas que retratam o cotidiano, a religiosidade, lendas, mitos, folguedos folclóricos e tradições dos primeiros colonizadores da Ilha de Santa Catarina.



Santa Catarina, especialmente aqueles envolvidos com projetos e estudos sobre cultura, tradições e folclore da Ilha de Santa Catarina, que souberam sugerir nomes de velhos moradores ilhéus para a lista; (d) pessoas responsáveis por instituições e entidades existentes nas regiões geográficas e nos distritos municipais, como igrejas, escolas, postos de saúde, associações culturais, grupos folclóricos, associações de moradores, clubes recreativos e esportivos e outras entidades do gênero, que foram consultados para fornecer pistas que conduzissem aos sujeitos da pesquisa.

Um aspecto importante desse terceiro critério foi o de que os mediadores, também moradores e conhecedores das regiões geográficas e dos distritos municipais da Ilha, ajudaram a promover minha aproximação com os entrevistados, contribuindo, assim, para criar a necessária relação de confiança entre entrevistado e entrevistador.

Um quarto critério implicou em considerar os sujeitos potenciais para as entrevistas a partir dos aspectos de etnia, gênero e classe social. A etnia considerou os grupos povoadores da Ilha, ou seja, os indígenas, inexistentes na atualidade, os luso-açorianos e os negros. Com relação ao gênero, quando escolhi os entrevistados, levei em conta que deveria ter um mesmo número homens e mulheres na composição da amostra. E quanto à classe social, a amostra contemplou pessoas entrevistadas tanto das camadas populares quanto da elite da Ilha de Santa Catarina.

Assim, num primeiro momento, com base nos critérios estabelecidos, me foi possível antecipar uma lista preliminar de possíveis sujeitos a serem entrevistados, porém, pautada apenas no primeiro item estabelecido para o terceiro critério, ou seja, com a ajuda de mediadores ligados à rede de relacionamentos do pesquisador, os quais indicaram nomes de velhos moradores da Ilha. Num momento posterior, elaborei a lista definitiva, aprimorando a listagem preliminar com a incorporação dos demais critérios estabelecidos para a composição da amostra de entrevistados.

Com isso, juntando os três campos empíricos (campo empírico exploratório, campo empírico Ilha de Santa Catarina – Açores “Aqui” e campo empírico Açores “Além-Mar”), realizei 19 entrevistas, envolvendo 29 participantes, sendo 14 homens e 15 mulheres. Deste universo, a maioria pertencia às classes populares e apenas dois (Seu Manuel e Dona Das Graças) entrevistados pertenciam aos extratos da elite da cidade. Infelizmente, não me foi possível entrevistar nenhuma pessoa velha da etnia negra, embora tenha chegado à fase de contato, com mediadores indicando perspectivas de sujeitos potenciais para a entrevista.

O processo de entrevistas com os velhos moradores da Ilha de Santa Catarina foi caracterizado por vários contatos com os mediadores, alguns deles ligados à minha rede de relacionamentos e outros ligados às instituições afetas à temática da memória da cidade, sendo que também por minha própria iniciativa cheguei a alguns entrevistados sem a necessidade de mediação prévia. Foram muitas idas e vindas, telefonemas, troca de contatos via internet (e-mail) e conversas presenciais com estes mediadores antes de chegar ao momento de cada entrevista. E o resultado de todo este esforço foi compensado, pois em todos os primeiros encontros já foi possível realizar a entrevista, graças ao trabalho de preparação antecipada dos entrevistados pelos mediadores que, nos contatos prévios mantidos comigo, puderam obter as informações e os esclarecimentos relativos aos objetivos da investigação, bem como exemplos dos conteúdos das questões sobre as quais os entrevistados teriam que discorrer. Enfim, posso dizer que, de modo geral, houve uma boa receptividade e grande interesse dos entrevistados e mediadores em colaborar e contribuir com esta fase de coleta de dados da pesquisa. Prova disto foi o fato de algumas das entrevistas ultrapassarem o tempo ideal estabelecido para sua realização, que era de 45 a 60 minutos.

Já o processo de entrevistas com os velhos açorianos de “Além-Mar” ocorreu numa atmosfera de familiaridade, pois estar em Açores para entrevistar velhos moradores de lá constituiu, para mim, uma oportunidade única de conhecer o lugar de origem dos açorianos “daqui”. De familiar, à primeira vista, com a Ilha de Santa Catarina, é a semelhança do tipo de espaço geográfico: ilha, morros, lagoas e mar em volta, aliás, é inevitável estranhar e admirar as ilhas dos Açores rodeadas pela imensidão de mar azul sem fim do Oceano Atlântico. E só este aspecto já possibilita captar um pouco a forte identidade que esse povo tem com o mar, fato que ajuda a explicar a fixação daquele contingente de emigrantes açorianos que, entre 1748, chegou para povoar a costa catarinense. Outro aspecto familiar que contribuiu para a realização das quatro entrevistas com os velhos açorianos de “Além-Mar” foi a maneira receptiva e colaborativa com que se dispuseram a narrar suas experiências lúdicas de infância nas terras açorianas.

Apresento, na sequência, o Quadro 1, que contém os dados de cada entrevistado nos dois campos.

**Quadro 1 – Lista dos entrevistados**

<b>NOME</b>	<b>IDADE (anos)</b>	<b>LOCALIDADE DISTRITO</b>	<b>DATA DA ENTREVISTA</b>	<b>CAMPO EMPÍRICO</b>
Seu Manuel	80	Centro (Rua Major Costa)	25/09/2008	Exploratório (Ilha de SC)
Seu Bento	75	Cacupé	04/07/2009	Ilha de SC
Seu Valdemar	81	Centro (Morro do 25)	03/08/2009	Ilha de SC
Dona Lucimar	87	Ponta das Canas	06/08/2009	Ilha de SC
Dona Maroca e as filhas Sebastiana e Luisinha	78 50 e 45	Centro (Prainha)	01/09/2009	Ilha de SC
Seu Virgilino e a mulher Dona Bela	71 70	Barra da Lagoa	07/09/2009	Ilha de SC
Seu Joaquim e a filha Linaura	85 50	Campeche	07/09/2009	Ilha de SC
Dona Das Graças e a sobrinha-neta Pacinha	70	Centro (Campo do Manejo)	10/09/2009	Ilha de SC
Seu Noquinha, o filho Seu Lico, nora Dona Efigênia e o sobrinho-neto Tião	94 65, 60 45	Campeche	26/09/2009	Ilha de SC
Seu Zequinha	72	Ribeirão da Ilha	10/10/2009	Ilha de SC
Dona Cota	76	Pântano do Sul	16/10/2009	Ilha de SC
Seu Antônio e a mulher Dona Dinoca	71 70	Pântano do Sul	16/10/2009	Ilha de SC

<b>NOME</b>	<b>IDADE (anos)</b>	<b>LOCALIDADE DISTRITO</b>	<b>DATA DA ENTREVISTA</b>	<b>CAMPO EMPÍRICO</b>
Seu José e mulher Dona Lindalva	74 70	Lagoa da Conceição e Centro (Rita Maria)	22/10/2009	Ilha de SC
Seu Amaro e filha Dona Isabel	90 60	Ratones	26/10/2009	Ilha de SC
Seu Genésio e a mulher Dona Carlota	80 70	Vargem Grande	26/10/2009	Ilha de SC
Seu Valdir	73	Ribeira Grande (Ilha de São Miguel)	09/12/2009	Açores - PT
Seu Deni	85	Vila Franca do Campo (Ilha de São Miguel)	10/12/2009	Açores - PT
Dona Inácia	77	Ponta Delgada (Ilha de São Miguel)	12/12/2009	Açores - PT
Dona Idalina	78	Angra do Heroísmo (Ilha Terceira)	14/12/2009	Açores - PT

Para encerrar este item, creio ser importante dizer ainda que os nomes utilizados aqui são fictícios para preservar a verdadeira identidade e sigilo dos entrevistados, os quais, ainda autorizaram o uso de seus depoimentos para os objetivos da presente investigação. Também é possível acrescentar que a maioria dos entrevistados do campo empírico “Açores Aqui” pertence às classes populares e possui baixo nível de escolaridade, tendo apenas um a dois anos de instrução primária. Entretanto, três dos depoentes, dois (Seu Manuel e Dona Das Graças) pertencentes à elite da cidade e um (Seu Bento) das classes populares, alcançaram níveis de escolaridade mais elevados. Este último formou-se gráfico pela antiga Escola Industrial. Os outros dois tiveram longa atuação profissional como professores, um (Seu Manuel) como professor universitário e outra (Dona Das Graças) como professora da antiga escola primária. Os demais tiveram suas trajetórias marcadas pelo modo de vida típico das localidades interioranas da Ilha de Santa

Catarina, ora no trabalho da pesca, ora nas tarefas das roças, ora no trabalho dos engenhos de farinha e ora na criação de animais. Muitos dos entrevistados conheceram Frankiln Cascaes, inclusive, dois (Seu Manuel e Seu Bento) foram seus alunos na Escola Industrial, onde Franklin Cascaes foi professor lecionando durante muito tempo desenho e escultura. Outros entrevistados (Seu Virgolino, Dona Lucimar, Seu Antônio e Dona Dinoca, Seu Noquinha e Seu Joaquim, por exemplo) lembraram-se do pesquisador em suas passagens pelas localidades interioranas colhendo histórias e registrando a vida simples destes lugares. Houve também quem (Seu Valdemar e Dona Maroca) se lembrasse das armações de presépio de Natal embaixo da Figueira da Praça XV de Novembro que Cascaes costumava realizar.

### **1.3. Da preparação para o trabalho de campo com base na história oral**

Para realizar esta etapa da pesquisa, parti da seguinte premissa de ordem metodológica: os “[...] dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos.” (GOLDENBERG, 2004, p. 53). Derivou daí a opção pela história oral como elemento aglutinador, como fonte, como um procedimento metodológico capaz de levar a bom termo os objetivos por mim estabelecidos para a pesquisa, pois a história oral se caracteriza por dar voz às pessoas, por meio de relatos gravados que depois são revertidos em textos transcritos. A história oral é concebida como a arte de ouvir e de tornar conhecidas as pessoas ouvidas. O pesquisador que usa a história oral sabe ouvir não apenas o que é falado pelo entrevistado, mas também o contexto em que se dá a entrevista. Assim, a história oral mostrou-se a técnica metodológica de coleta de dados mais indicada para captar a dimensão lúdica da experiência de infância na memória de velhos moradores ilhéus.

É preciso atentar ainda para o fato de que a história oral, no campo de trabalho estabelecido, ajuda o pesquisador a desenvolver e ativar sua sensibilidade e capacidade para narrar o que observou. Portelli (1997), em seus estudos sobre história oral, destaca o respeito à subjetividade, à individualidade de cada sujeito. Para o autor, quem está falando também está interpretando. Ele continua, dizendo que a fala é uma interpretação e que qualquer discurso proferido sobre um conteúdo é uma interpretação do mesmo, pois entende que o discurso é interpretação e todo entrevistado, quando discursiva, interpreta, sendo que este discurso é representativo. E esta dimensão da história oral pareceu-

me estar muito presente no campo empírico exploratório, no campo empírico dos velhos moradores da Ilha de Santa Catarina, bem como no campo empírico realizado com velhos açorianos de “Além-Mar”.

Para realizar as entrevistas, segui orientações como, por exemplo, as prescritas por Alberti (2004, p. 77), o qual destaca que o “[...] trabalho com a história oral consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea.” Acrescenta ainda este autor que a narrativa constitui a base da história oral, pois aquilo que foi vivido pelo entrevistado, para ser transmitido a alguém, necessita ser narrado. Ao falar de suas experiências, o depoente elabora os acontecimentos passados, atribuindo determinado significado.

Sobre a relação entre história oral e memória penso ser importante dizer que a memória não representa um reservatório de informações passivas, ao contrário, a memória

[...] está empenhada e integrada com o presente – com atitudes, perspectivas e compreensões que mudam continuamente – trabalhando e retrabalhando os dados da experiência em novas reformulações, opiniões e, talvez, até novas criações. O que é capturado pela HO é raramente um estudo exaustivo de todos os dados relevantes, mas, ao contrário, um segmento da experiência humana – no contexto de um passado lembrado, de um presente dinâmico e de um futuro desconhecido e aberto (MOSS apud HAGUETTE, 2003, p. 93 – 94).

E foi por meio da entrevista semi-estruturada que concretizei o trabalho de campo junto aos velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e junto aos velhos açorianos de “Além-Mar”, partindo da compreensão da entrevista “[...] como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado.” (HAGUETTE, 2003, p. 86).

Ainda no que se refere ao uso da entrevista, segui igualmente a orientação de Bogdan e Biklen (1994), quando estes autores enfatizam que a entrevista também possibilita ao pesquisador perceber como o entrevistado interpreta o que narra:

Não existem regras que se possam aplicar constantemente a todas as situações de entrevista, embora possam ser feitas algumas afirmações gerais. O que se revela mais importante é a necessidade de ouvir cuidadosamente. Oiça o que as pessoas dizem. Encare cada palavra como se ela fosse potencialmente desvendar o mistério que é o modo de cada sujeito olhar para o mundo. Se a princípio não conseguir compreender o que o sujeito está a tentar dizer, peça-lhe uma clarificação. Faça perguntas, não conseguir compreender, encare o defeito como seu. Assuma que o problema não reside na falta de sentido do que o sujeito está a dizer, mas que reside em si. O processo de entrevista requer flexibilidade. Experimente diferentes técnicas, incluindo piadas e desafios ligeiros. Pode ter de pedir aos entrevistados para elaborarem histórias e, por vezes, partilhar com eles as suas experiências (BODGAN e BIKLEN, 1994, p. 137).

Complementando suas considerações, os mesmos autores frisam que a boa entrevista exige paciência e que os “[...] entrevistadores têm de ser detectives, reunindo partes de conversas, histórias pessoais e experiências, numa tentativa de compreender a perspectiva pessoal do sujeito.” (BODGAN e BIKLEN, 1994, p. 139).

Além de seguir as recomendações citadas, busquei lograr êxito nas entrevistas incorporando algumas qualidades necessárias ao pesquisador, entre elas: estar tomado de interesse e respeito pelos entrevistados; ter flexibilidade e criatividade para adentrar em aspectos não pensados sobre a temática da pesquisa; demonstrar compreensão e simpatia pelos entrevistados; ter sensibilidade para saber o momento de encerrar a entrevista; e, especialmente, demonstrar disposição para ouvir atentamente o entrevistado (GOLDENBERG, 2004).

Segui, especialmente, as proposições de Bosi (2003), que alerta para o fato de o pesquisador ter de conceber o depoimento como um trabalho do velho, capaz de revelar um valioso testemunho do passado. Neste sentido, a autora faz algumas sugestões com vistas a uma boa entrevista: anteriormente à entrevista, convém proceder a uma pré-entrevista, ou estudo exploratório, para buscar elementos que ajudem na elaboração do roteiro de entrevista; nesta preparação prévia do roteiro, o pesquisador deve considerar aspectos em sua formulação que estimulem

o entrevistado a responder; se a entrevista ocorrer na casa do depoente, será melhor, pois na sua atmosfera familiar ele se sentirá mais à vontade para a situação de entrevista; convém sair com ele, caminhar ao seu lado pelos lugares em que os episódios lembrados ocorreram, pelas ruas e pelo bairro cuja transformação testemunhou e talvez encontrar outros idosos do lugar e compartilhar lembranças do tempo das suas infâncias; buscar vínculos de amizade com o entrevistado, pois isso contribui para a qualidade da entrevista. Enfim, para a autora, se a entrevista for cercada destes cuidados, o pesquisador e o entrevistado (ouvinte e narrador, para a autora) poderão vir a “[...] participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes.” (BOSI, 2003, p. 61).

Além destas orientações preparatórias para o campo empírico, também procurei seguir outras recomendações de Bosi (2003) para integrar as entrevistas. A autora fala, por exemplo, da importância de utilizar um diário de campo para registrar dúvidas e dificuldades; alerta os pesquisadores para levar em consideração a distância temporal entre o fato narrado e o acontecido; e aconselha-os a perceberem que o silêncio, as hesitações e as paradas na narrativa dos idosos não correspondem a vazios, mas a um trabalho da memória. São palavras da autora: “A narrativa é sempre uma escavação original do indivíduo, em tensão constante contra o tempo organizado pelo sistema. Esse tempo original e interior é a maior riqueza de que dispomos.” (BOSI, 2003, p. 66).

Em relação à elaboração do roteiro de entrevista, cuidei para que o roteiro não se tornasse uma “camisa de força” que viesse a amordaçar o livre depoimento do entrevistado (ALBERTI, 1990). Como bem lembra Portelli (1997), a entrevista deve ser concedida como lugar de igualdade. Neste sentido, as indicações de Haguette (2003) foram decisivas no que diz respeito aos requisitos que devem ser considerados quando da elaboração de um roteiro de entrevistas, quais sejam: conhecimento da temática em foco; listagem dos pontos do tema para orientar a conversa com o entrevistado; habilidade do entrevistador para saber aproveitar as pistas deixadas pelo depoente; utilização das questões típicas de entrevista (por que, como, onde, quem, descreva, fale mais sobre isto, qual sua opinião, etc.) de modo conveniente e oportuno; e, especialmente, duração máxima de duas horas seguidas de entrevista, uma vez que depois disto o cansaço de ambos pode vir a trabalhar contra os objetivos da investigação.



O roteiro<sup>28</sup> foi então por mim confeccionado com base nestas considerações e complementado de acordo com os seguintes aspectos: foi composto de poucas questões de modo a apreender o ponto de vista dos atores sociais previstos nos objetivos da pesquisa; foi elaborado com questões facilitadoras de abertura, de ampliação e de aprofundamento da comunicação; foi concebido como um guia e não como um obstáculo, portanto, não podendo prever todas as situações e condições do trabalho de campo, mas sendo flexível à realidade do momento do campo empírico (MINAYO, 2004a).

Outro detalhe não menos importante a destacar, também pensado anteriormente à efetivação do campo empírico e considerado no momento da sua concretização, diz respeito aos procedimentos técnicos e aos cuidados que devem ser tomados em relação ao diálogo entre o pesquisador e cada entrevistado, quando do processo de realização e gravação das entrevistas. Portanto, desde a entrevista exploratória até a última entrevista, procurei, logo no início ou ao final de cada gravação, esclarecer os depoentes sobre os objetivos da pesquisa, bem como solicitar sua autorização verbal, pois nem sempre foi possível colher a assinatura do termo de livre consentimento.

Uma *sacola de palha*, utensílio típico dos velhos moradores para transportar vários objetos em seu cotidiano, foi por mim adquirida para acondicionar e transportar todo o material utilizado no ato de cada entrevista realizada, assim discriminado: roteiro para a entrevista; termo de livre consentimento; caderno para o diário no campo; aparelho digital para gravação da entrevista; máquina fotográfica para realizar registros em fotografia e pequenos vídeos; fotografias que mostravam os brinquedos e as brincadeiras registrados por Franklin Cascaes; brinquedos tradicionais artesanais como: *pião, bilboquê, bolinhas de vidro, boneca de pano, trapezista ou mané bobo, ioiô, pandorga, peteca e cinco marias*.

Ressalto que foi decisivo o uso da imagem, de fontes iconográficas, de fotografias que tinham relação com os entrevistados, bem como dos brinquedos antigos com o propósito de animar o processo de entrevista, pois a imagem, o som, o brinquedo, de fato, constituíram dispositivos capazes de fazer disparar a memória, como bem enaltecem Bodgan e Biklen (1994, p. 137): “As fotografias e os objectos ligados a recordações podem servir de estímulo para a conversa.” E o uso de materiais fotográficos acionou os relatos orais dos entrevistados e confirmou o que diz Simson (1998): a associação entre imagem e

---

<sup>28</sup> Ver roteiro de entrevista anexo A.

memória permite que relatos do passado recuperem dados para a pesquisa que não são registrados de outro modo.

#### **1.4. Dos elementos para a análise da *sacola de palha cheia de dados das entrevistas***

A análise dos dados requer o domínio dos conceitos privilegiados na pesquisa. E o que dá sustentação à análise dos dados é a maneira como se articula teoria e metodologia, bem como a qualidade da análise sobre os dados coletados. Por conseguinte, na análise dos dados, busquei um diálogo com a teoria, mais precisamente, entre alguns aspectos teóricos da infância, da ideia de experiência, de memória e de cultura lúdica (categorias *a priori*) e aqueles elementos narrativos mais recorrentes da dimensão lúdica da experiência de infância, escavados na memória dos entrevistados (categorias empíricas), capaz de indicar elementos para possíveis respostas à questão norteadora da investigação: **quais dimensões lúdicas da experiência de infância podem ser evocadas na memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de velhos açorianos de “Além-Mar”, tendo por referência os brinquedos e as brincadeiras registrados por Franklin Cascaes?**

Nesse sentido, alguns cuidados foram tomados nessa fase da investigação. Assim, diante da minha familiaridade com o tema, procurei evitar uma atitude de endeusamento pelo fetichismo dos dados levantados nas entrevistas, para não pensar que eles “falam por si”, o que Minayo (2004a) denomina de “ilusão da transparência”. Também busquei aproximar os procedimentos metodológicos da fidedignidade dos dados levantados no campo empírico, de modo que o primeiro estivesse a serviço do segundo. Por último, tomei o cuidado de perseguir uma relação profícua entre os conceitos da base teórica da pesquisa e os dados extraídos do campo empírico.

Com referência a estes cuidados, a análise dos dados empíricos procurou alcançar os seguintes fins: ultrapassar a incerteza, caracterizada pela atitude de busca sobre os dados coletados; enriquecer a leitura relacionada à confirmação de hipóteses iniciais ou ao levantamento de outras; e promover descobertas ligadas à ampliação da compreensão das significações presentes nos conteúdos dos dados, tanto os manifestos quanto aqueles que não eram tão aparentes (Minayo, 2004a).

Efetivamente, a análise dos dados foi orientada pelos seguintes elementos metodológicos: no modelo misto de categorias de análise de

Laville & Dione (1999) e numa combinação que utilizou aspectos da análise temática (modalidade de análise de conteúdo) e da análise hermenêutica-dialética, ambas tratadas por Minayo (2008).

O modelo misto de categorias de análise de Laville & Dione (1999) consiste, primeiramente, em elencar as categorias *a priori* formuladas a partir do conhecimento teórico do pesquisador, ou seja, o

[...] pesquisador agrupa inicialmente o melhor possível as diversas unidades de conteúdo nas categorias previamente fixadas, com o risco de deixar algumas à parte. Depois, se sucedem as revisões críticas tomando muitas vezes como ponto de partida os elementos não classificados na primeira vez, que podem acarretar a criação de novas categorias ou, então, a ampliação ou a subdivisão de categorias existentes e a definição de novos critérios de pertinência. Tais modificações forçam a rever a classificação do conjunto dos elementos. A operação é, pois, reiniciada, à vezes em várias retomadas, até que o todo se cristalice em torno de rubricas claramente definidas, deixando a cada elemento uma colocação que lhe convém e uma grade em que as regras e inclusão desses elementos em cada uma das categorias sejam bem explicitadas (LAVILLE & DIONE, 1999, p. 222).

Em relação à análise temática, Minayo (2008, p. 316) diz que “[...] uma análise temática consiste em descobrir os *núcleos de sentido* que compõem uma comunicação, cuja *presença* ou *freqüência* signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado.” Em termos operacionais, a análise temática se realiza em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Na pré-análise, o pesquisador retoma a questão investigativa e os objetivos para dirigir o primeiro “[...] contato direto e intenso com o material do campo, deixando-se impregnar pelo seu conteúdo.” (MINAYO, 2008, p. 316). Em seguida, realiza uma “constituição do corpus”, expressão usada pela autora e que serve ao investigador para verificar se o material extraído do campo empírico contempla os seguintes critérios qualitativos: exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. O último passo da pré-análise, que a

autora denomina de “formulação e reformulação de hipóteses e objetivos”, consiste na retomada exploratória do material proveniente do campo, fazendo emergir sua riqueza e com vistas a confirmar as indagações iniciais do problema de pesquisa ou até reformulá-las. Enfim, a fase de pré-análise, primeira etapa da análise temática, culmina com a determinação da

[...] *unidade de registro* (palavra chave ou frase), da *unidade de contexto* (a delimitação do contexto de compreensão da unidade de registro), *os recortes*, a forma de *categorização*, a modalidade de *codificação* e os *conceitos teóricos* mais gerais (tratados no início ou levantados nesta etapa, por causa de ampliação do quadro de hipóteses ou pressupostos) que orientarão a análise (MINAYO, 2008, p. 317).

A fase de exploração do material, segunda etapa da análise temática, consiste numa “[...] operação classificatória que visa a alcançar o núcleo de compreensão do texto. Para isso, o investigador busca encontrar *categorias* que são expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado (Minayo, 2008, p. 317)”. A categorização é realizada com base em um trabalho exaustivo do pesquisador, que busca reduzir o texto em palavras e frases de significado.

Cabe aqui esclarecer que o tratamento dos resultados obtidos e a sua interpretação ou terceira etapa da análise temática foi desconsiderada no conjunto dos elementos metodológicos para o tratamento dos dados empíricos da pesquisa em foco, pois remetem ao tratamento das categorias com base em operações estatísticas, portanto, escapa ao enfoque qualitativo ora privilegiado. Assim, optei pela adoção apenas das duas primeiras etapas da análise temática (pré-análise e exploração do material), numa combinação com a análise hermenêutica-dialética, como elementos metodológicos capazes de efetivar a análise dos dados extraídos do campo empírico.

Minayo (2004a, p. 218) concebe a análise hermenêutica-dialética como um “caminho de pensamento”, portanto, indicada para tratar os dados empíricos decorrentes da comunicação. Ainda em relação ao assunto, a autora argumenta que a reflexão hermenêutica é capaz de se introduzir “[...] no tempo presente, na cultura de um grupo determinado para buscar o sentido que vem do passado ou de uma visão de mundo

própria, envolvendo num único movimento o ser que compreende e aquilo que é compreendido.” (Minayo, 2004a, p. 221). Então, propõe algumas balizas para o tratamento dos dados a partir da hermenêutica: (a) o pesquisador tem que ter claro o contexto de seus entrevistados ou dos documentos a serem analisados, pois o discurso implica num saber compartilhado; (b) o pesquisador, como intérprete, deve ter seriedade, racionalidade e responsabilidade diante do texto da entrevista ou de outros documentos; (c) o pesquisador só entende o conteúdo significativo de um texto de entrevista ou documento quando tiver condições de trazer à tona as razões de elaboração do autor do texto; (d) assim como o pesquisador busca compreender o texto, ele também julga e toma partido em relação a ele; (e) toda interpretação com êxito é acompanhada da ideia de que o entrevistado poderia compartilhá-la se penetrasse no mundo do pesquisador. Enfim, a hermenêutica busca a compreensão do texto (no presente caso, os textos das entrevistas e documentos que foram analisados) nele mesmo.

Mas onde entra a dialética na análise hermenêutica-dialética? Minayo (2004a, p. 227) tenta responder à questão ao dizer que, enquanto a hermenêutica se caracteriza por buscar atingir no seu tempo, via compreensão, “[...] o sentido do texto, a crítica dialética se dirige contra seu tempo. Ela enfatiza a diferença, o contraste, o dissenso e a ruptura de sentido. A hermenêutica destaca a mediação, o acordo e a unidade de sentido.” Nestes termos, a autora assinala que a junção da hermenêutica com a dialética conduz o pesquisador na busca da compreensão do texto como consequência de uma interação entre o processo social e o de conhecimento, os dois resultantes de várias determinações históricas, porém com significados próprios. E conclui, afirmando que o texto em análise constitui uma representação social de “[...] uma realidade que se mostra e se esconde na comunicação, onde o autor e o intérprete são parte de um mesmo contexto ético-político e onde o acordo subsiste ao mesmo tempo em que as tensões e perturbações sociais.” (MINAYO, 2004a, p. 228).

### **1.5. Campo empírico exploratório**

O campo exploratório foi composto pela busca e tomada de conhecimento da obra de Franklin Cascaes, seguida da materialização da entrevista exploratória.

A exploração dos elementos da obra do artista-floclorista, em particular, os registros de brinquedos e brincadeiras, tanto na forma de escultura quanto na forma de desenhos, que apresentavam relação direta

com a temática da pesquisa, disponíveis para consulta no Museu Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina, assim como outros materiais da memória dos bairros e localidades interioranas da Ilha, especialmente fotografias antigas, disponíveis na Casa da Memória da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, constituiu um primeiro momento importante que permitiu maior familiaridade com a riqueza destes materiais.

Concomitantemente, também recorri aos estudos referenciados no legado deixado por Cascaes, como livros e outras produções científicas. Por exemplo, na obra de Fantin (2000), intitulada “*No mundo da brincadeira – jogo, brinquedo e cultura na educação infantil*”, me foi possível conhecer como a relação entre lúdico e cultura, que perpassa os registros de brincadeiras infantis feitos por Franklin Cascaes, encontra-se impregnada de um propósito e de uma perspectiva de transcendência temporal, pois, segundo a autora, “[...] temos a possibilidade de encontrar construções de significados que são dotadas de passado e presente, de memória, de esquecimento, de sensibilidade, de experiência, de sistemas imaginários fantásticos que certamente ainda povoam nossas mentes e corações.” (FANTIN, 2000, p. 147).

Curiosa sobre a importância da brincadeira em relação à cultura, na educação de crianças, a autora realizou uma pesquisa com um grupo de crianças cujas idades variavam entre cinco e seis anos, num Núcleo de Educação Infantil da Prefeitura de Florianópolis (SC), em que as brincadeiras infantis registradas por Franklin Cascaes foram apresentadas às crianças e também aos seus pais e professores, com o objetivo de constatar qual o nível de re-conhecimento destas brincadeiras.

Uma das contribuições deste estudo foi a de destacar a presença do par dialético, o particular e o universal, na obra do pesquisador. Assim sendo, Fantin (2000, p. 148) diz que “[...] as brincadeiras tão singulares do patrimônio lúdico cultural da Ilha que foram registradas por Franklin Cascaes conduzem, inevitavelmente, para sua dimensão universal.” Para a autora, esta relação entre singular e universal também aparece na obra de Walter Benjamin, quando “[...] busca reconciliar o universal e o particular. É como se num fragmento, numa obra, num objeto, num indivíduo, numa insignificância se encontrasse o ‘todo’ – recuperando o universal no singular -, o particular múltiplo.” (FANTIN, 2000, p. 149).

Meu contato com o Museu Universitário Osvaldo Rodrigues Cabral, pertencente à UFSC, teve como objetivo a consulta ao catálogo das esculturas e dos desenhos do legado de Franklin Cascaes, com o

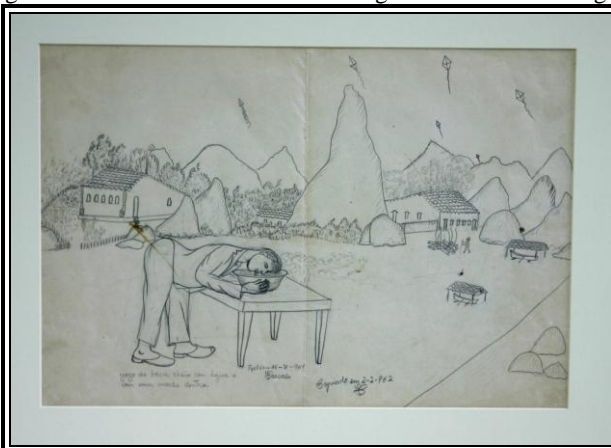
posterior acesso ao arquivo digital, na forma de fotografias, das esculturas e dos desenhos mais pertinentes à temática da investigação. A Figura 9 e a Figura 10 apresentadas na sequência são uma pequena amostra do conjunto de imagens que foram disponibilizadas e utilizadas, nas entrevistas, como imagens de brincadeiras e brinquedos tradicionais de tempos e lugares passados que ajudaram a disparar a memória dos velhos entrevistados com o intuito de buscar uma aproximação do local (tempo e espaço) de uma infância remota na Ilha de Santa Catarina.

Figura 9 – Carrinho de madeira de uma roda.



Fonte: Coleção “Prof.<sup>ª</sup> Elizabeth Pavan Cascaes” do Museu Universitário da UFSC (s/d).

Figura 10 – Brincadeira da moeda mergulhada na bacia de água.



Fonte: Coleção “Prof.<sup>ª</sup> Elizabeth Pavan Cascaes” do Museu Universitário da UFSC (s/d).

Na ocasião em que houve o contato, o Museu estava promovendo um seminário: “*Conversando sobre Franklin Cascaes*”, comemorativo ao centenário de seu nascimento (1908 – 2008). O evento constituiu, para mim, uma oportunidade de tomar conhecimento do legado de Franklin Cascaes a partir da exposição de vários pesquisadores convidados. Dentre eles, destaco Annamaria Beck, que ressaltou a vida e obra do pesquisador como uma rica experiência de quem deixou um legado da cultura tradicional da Ilha de Santa Catarina a fim de impedir o seu esquecimento pelas futuras gerações de ilhéus. Segundo essa pesquisadora, “Cascaes é, na verdade, um organizador da nossa cultura popular. Alguém que além de buscar a preservação da memória popular, percebe a importância política deste fato, as profundas vinculações entre cultura e poder.” (BECK apud CASCAES, 1989b, p. 14).

Também Vanilde Rohling Ghizoni e Aline Carmes Krüger falaram sobre as condições atuais para a preservação da Coleção “Prof.<sup>a</sup> Elizabeth Pavan Cascaes”, denominação atribuída ao acervo do artista Franklin Cascaes, que é composto de esculturas em argila crua, desenhos a bico de pena e grafite e manuscritos. A historiadora Aline assinalou que a característica principal da obra de Cascaes é sua ligação profunda com as fontes populares, pois Cascaes primava em buscar, nas localidades interioranas da Ilha, os elementos por ele considerados marcantes da tradição local, visando organizar o tempo e o espaço da memória oral e visual dessa tradição. A mesma autora ainda enfatizou que Cascaes

[...] tentou expressar da melhor forma possível o que viu, viveu e sentiu enquanto trabalhava. Percebeu as transformações que colocavam em ameaça o cotidiano e o conhecimento popular dos habitantes da Ilha, já em risco de esquecimento pelas futuras gerações. As representações das imagens folclóricas construídas por Cascaes são hoje, na sua maioria, cotidianos ausentes na nossa história local: as festas populares e religiosas, as atividades produtivas, os jogos e brincadeiras infantis, a literatura oral (KRÜGER, 2008, p.7).

Por sua vez, Vanilde, como conservadora e restauradora de obra de arte, observou que nas esculturas de Cascaes, utilizava-se apenas argila crua misturada com gesso, portanto, uma técnica diferente daquela empregada por outros ceramistas. A restauradora frisou que daí decorre a fragilidade na preservação com vistas à longevidade do acervo



de esculturas, o que exige cuidados permanentes por parte do Museu em sua reserva técnica.

Gelci José Coelho, o Peninha, que conviveu com o artista por mais de dez anos, descreveu Cascaes como uma pessoa determinada e que dedicou a maior parte de sua vida ao registro da cultura popular da Ilha de Santa Catarina, especialmente do legado deixado pela forte presença da colonização luso-açoriana. Conforme Peninha, Cascaes costumava repetir que toda a tradição da vida de trabalho nas roças de mandioca e nos engenhos, a pesca e a salga dos peixes, as festas religiosas, as brincadeiras, as lendas, entre outras, estavam ameaçadas pelo avanço do progresso e só lhe restava registrar tudo antes que desaparecesse. Peninha via Cascaes como um visionário, pois ao transcender seus registros para desenhos e esculturas entendia que este legado cultural chegaria muito além de seu tempo, ao conhecimento das futuras gerações.

Outra estudiosa que destacou a experiência de Cascaes como narrador foi Kellyn Batistela<sup>29</sup>. Para a pesquisadora, a motivação do trabalho de Cascaes vinha de sua saudade do passado, do seu tempo de infância e juventude a ouvir narrativas junto das rodas dos jornaleiros<sup>30</sup> que trabalhavam no engenho de sua família, nas terras de Itaguaçu. Com efeito, “desta relação de pertencimento com a comunidade, ou seja, apoiando a sua memória na memória dos outros, advém a autoridade a partir da qual legitima seu trabalho escrito e plástico, sustentando que viveu tudo que narrou.” (BATISTELA, 2008, p. 8). A autora completa suas considerações, dizendo:

Quando Franklin Cascaes decide iniciar seu trabalho, o objetivo explícito fora o de manter viva uma tradição que inevitavelmente ruía ao compasso do progresso. Sua iniciativa foi a de registrar da forma mais ampla possível todas as manifestações culturais da Ilha de Santa Catarina. Para isso, viajava constantemente pelas freguesias pesqueiras, conversando com pessoas, escutando suas histórias, escrevendo provisoriamente, para depois apresentá-las de modo, segundo ele, mais

---

<sup>29</sup> Ver sua dissertação de mestrado, “*Franklin Cascaes: Alegorias da modernidade na Florianópolis de 1960 e 1970*”, apresentada no Programa de Pós-graduação em Literatura da UFSC, 2007.

<sup>30</sup> Jornaleiros era o termo utilizado naquela época para se referir às pessoas que eram contratadas por jornada de trabalho.

elaborado, através de narrativas, desenhos ou esculturas (BATISTELA, 2008, p. 9).

Finalmente, José Rafael Mamigonian falou sobre o processo de produção do documentário<sup>31</sup> “*Franklin Cascaes*”, alusivo às comemorações do centenário de nascimento do artista. O depoimento do autor foi marcado pela surpresa vivida quando tomou contato com o material produzido por Cascaes, pois não tinha ideia da quantidade e qualidade dos registros do artista sobre as manifestações culturais da Ilha de Santa Catarina. Mamigonian adiantou que, no documentário, Cascaes aparece narrando sua própria história, fazendo comentários sobre sua obra, sendo que a narrativa é intercalada com depoimentos de pesquisadores que focam a importância do seu legado.

Pereira Oliveira (1999), ainda a respeito deste legado deixado pelo artista-folclorista Franklin Cascaes, destaca sua capacidade de registrar nos desenhos, nas esculturas e na literatura o legado da cultura açoriana na Ilha de Santa Catarina. No final dos anos 1950, Cascaes chegou a publicar inúmeras das histórias colhidas no interior da Ilha em um jornal da cidade, na forma de crônicas<sup>32</sup>.

Para o historiador Pereira Oliveira (1999, p. 19), na obra de Cascaes é notória a valorização de um modo de vida típico do interior da Ilha que ele percebia estar ameaçado pela chegada inevitável do modo de vida acelerado da cidade. Para o autor, Cascaes buscou marcar, nos seus registros dos traços da cultura açoriana, ainda presentes nas localidades interioranas (pesqueiras) da Ilha de Santa Catarina, “[...] os mecanismos através dos quais a comunidade modelava a conduta dos indivíduos e como eles aprendiam a administrar a própria conduta tendo por base os costumes, ou seja, a autoridade da cultura tradicional.” O mesmo autor ainda complementa suas observações dizendo:

A relação com a natureza, as atividades manuais e as crenças coletivas eram aspectos importantes no trabalho de constituição dos indivíduos nas comunidades pesqueiras (interioranas) da Ilha de Santa Catarina, elementos que tendem a desaparecer nas sociedades urbano-industriais.

---

<sup>31</sup> Ver informações mais detalhadas para acesso ao documentário *Franklin Cascaes* nas Referências dessa pesquisa.

<sup>32</sup> Ver o livro, “*Crônicas de Cascaes*” (2008), publicado pela Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes em comemoração ao centenário de nascimento de Franklin Cascaes, que reúne artigos publicados pelo artista-folclorista na coluna “Folclore Catarinense” do extinto jornal “A Gazeta”, de Florianópolis, entre 1956 e 1959.

[...] Cascaes empenhou-se para preservar lugares em desaparecimento, não apenas lugares conhecidos, mas a própria experiência do lugar, ameaçada pela aceleração. A obra de Cascaes constitui-se em um combate pela preservação de temporalidades e práticas diversas da dinâmica urbano-industrial (PEREIRA OLIVEIRA, 1999, p. 19-20).

Esse contato com a obra de Franklin Cascaes proporcionou-me um impulso encorajador para a realização da entrevista exploratória com um entrevistado qualificado (Seu Manuel) no tema da investigação, pois eu já havia elaborado o roteiro de entrevista, dependendo da efetivação da entrevista exploratória para testar esse instrumento e obter uma amostra de dados empíricos com vistas a compor o texto do meu projeto de tese que foi apresentado na ocasião do exame de qualificação.

Foi a partir da minha rede de relacionamento que ocorreu a busca e o contato com tal interlocutor, figura reconhecida por seu notório conhecimento e pelas ações em prol da preservação da memória e divulgação da herança da cultura luso-açoriana na Ilha. Fiz o convite para a entrevista via endereço eletrônico e o interlocutor respondeu afirmativamente, apresentando, na resposta, sua disponibilidade com relação aos dias da semana, horário e local para a realização da entrevista, que poderia ser no Centro da Cidade, na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina ou nas instalações do Ecomuseu, que fica no Ribeirão da Ilha. A entrevista aconteceu numa sala do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, localizado no piso térreo do Palácio Cruz e Souza, e transcorreu num tempo aproximado de 50 minutos. O entrevistado demonstrou entusiasmo e confirmou seu conhecimento profundo sobre o assunto tratado. Prova disso é que, ao final, indicou nomes para compor a lista dos demais entrevistados e propôs que eu realizasse uma consulta nos Boletins da Comissão Catarinense de Folclore, os quais estão disponíveis na biblioteca do próprio Instituto, pois poderia encontrar inúmeros registros e artigos referentes a brincadeiras e brinquedos tradicionais da Ilha de Santa Catarina.

Dessa fase exploratória emergiu um conjunto de unidades temáticas (categorias) *a priori* e empíricas. As unidades temáticas (categorias) *a priori*, extraídas do problema de pesquisa, foram assim denominadas: *memória, experiência, infância-velhice, cultura lúdica, a obra de Franklin Cascaes e tradição-modernidade*. Quanto às unidades

temáticas (categorias) empíricas, extraídas da entrevista exploratória, receberam as seguintes denominações: *imagem e memória; descrição do modo de brincar; diferentes concepções de infância; folguedo infantil como indutor de valores morais de comportamentos; descrição do local de infância; processo de construção dos brinquedos; diferenciação dos brinquedos e das brincadeiras para meninos e meninas; cantigas de roda; relação entre as brincadeiras e o exercício físico; influência de jornais e revistas e a época das competições esportivas; conjunto de brinquedos e brincadeiras institucionalizadas na comunidade; boi de mamão – brincadeira de criança nas férias escolares de verão*. Todas essas unidades temáticas estão elencadas no **Quadro 2** anexo B.

### **1.6. Campo empírico na Ilha de Santa Catarina – “Açores Aqui”**

O campo empírico “Açores Aqui” ocorreu entre março e outubro de 2009, no período seguinte à finalização da fase exploratória da investigação, que culminou com o exame de qualificação do meu projeto de pesquisa, ocorrido em dezembro do mesmo ano. A banca examinadora acrescentou várias sugestões na perspectiva de encaminhar as fases seguintes e conduzir a bom termo os propósitos da investigação.

Uma providência que tomei foi a de iniciar os contatos com os mediadores, para a realização das primeiras entrevistas. Concomitante a isso, também retornei ao Museu Universitário e a Casa da Memória para obter material fotográfico. Na primeira instituição, para ter acesso às imagens digitalizadas dos desenhos das brincadeiras registradas por Cascaes, pois já havia conseguido as imagens relativas aos brinquedos na forma de escultura. E na segunda instituição, para ter acesso ao banco de fotografias antigas de Florianópolis. Com esse material, a *sacola de palha* ficaria completa e pronta para me auxiliar na grande recolha de dados que foi o campo empírico “Açores Aqui”.

Entretanto, somente ao obter o retorno do contato com alguns mediadores (via rede de relacionamento do pesquisador e através das indicações dos pesquisadores do Museu Universitário, da Casa da Memória e das sugestões do entrevistado qualificado) é que me foi possível dar início ao processo de realização das 14 entrevistas no Campo Empírico Ilha de SC, com base nos critérios de escolha dos sujeitos e elementos metodológicos estabelecidos.

Não foi tarefa fácil chegar a cada um dos 14 entrevistados, na verdade, esse número chegou a pouco mais de duas dezenas de pessoas, pois algumas entrevistas terminavam por envolver outras pessoas ligadas ao entrevistado, geralmente o cônjuge, um filho, uma filha ou

nora. Este fato, algumas vezes, implicava num enriquecimento da entrevista, porque ajudava na fluidez da narrativa do entrevistado principal. Mas outras vezes implicava num falar ao mesmo tempo destas pessoas, o que gerou trechos inaudíveis, inviabilizando sua transcrição.

Também foi decisiva para a efetivação das entrevistas a disponibilidade e a prontidão dos vários mediadores, tanto daqueles ligados à minha rede de relacionamento como dos institucionais, pois conseguiram traduzir em realidade o preceito metodológico segundo o qual a entrevista deve ser concebida como lugar de igualdade (PORTELLI, 1997). Aliás, foi esta a impressão que tive da grande maioria das entrevistas do campo empírico “Açores Aqui”, ou seja, a predominância de certa familiaridade entre minha pessoa e os entrevistados, ao ponto de, ao final do tempo combinado para a entrevista, ainda se estender uma conversa de cunho mais informal, em que assuntos diversos foram tratados.

O período de colheita dos dados deste campo empírico acabou se estendendo de março a outubro de 2009. Tal demora se deu porque, nos contatos que estabeleci com os mediadores, às vezes, havia um retorno imediato, sendo possível, assim, agendar logo em seguida a data para realizar a entrevista; no entanto, outras vezes, o retorno dos mediadores era demorado, ocorrendo muito tempo depois, e o tempo para o agendamento da data da entrevista, mais longo ainda. Mas estes obstáculos não se consolidavam em entraves quando comparados à riqueza e à grata oportunidade de se efetivar os encontros com os velhos entrevistados nas quatro regiões e em quase todos os distritos municipais da Ilha de Santa Catarina. Foi algo único e marcante, tanto para mim, que pude experimentar a novidade de realizar um trabalho desta natureza científica, quanto para os entrevistados, que puderam experimentar a narração de suas infâncias via trabalho de memória (BOSI, 2003). Na verdade, constituiu um privilégio para mim o fato de que, nestas inúmeras narrativas, pude retornar a lugares, pessoas, fatos históricos, festas típicas, a um modo de vida, a um modo de brincar de um tempo passado da Ilha, com tanta riqueza de detalhes, pelos caminhos destas memórias disparadas.

Paralelo às idas e vindas ao campo em busca dos depoimentos também ocorreu o trabalho de transcrição das entrevistas. Num primeiro momento, este trabalho foi realizado apenas por mim, pois consistia numa retomada de cada entrevista visando detectar aspectos mais recorrentes nas narrativas dos velhos.

Mas em virtude dos preparativos do meu Estágio “Sanduíche” de Doutorando no Exterior, que ocorreu entre novembro de 2009 e

fevereiro de 2010, o qual, inclusive, culminou com a realização do campo empírico “Açores Além-Mar”, o trabalho de transcrição das 14 entrevistas do campo empírico “Açores Aqui” pode ser concluído somente tempos depois, com a realização da pré-análise deste conjunto de depoimentos que gerou o **Quadro 3** anexo C, com as unidades empíricas (categorias) de análise.

### 1.7. Campo empírico em “Açores Além-Mar”

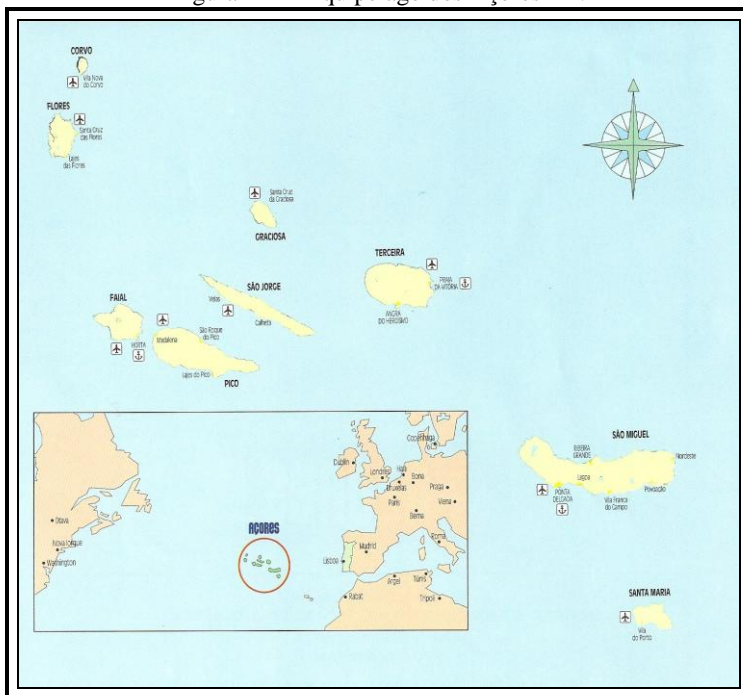
O trabalho de campo no Arquipélago dos Açores (PT), nas Ilhas de São Miguel e Terceira, ocorreu com a materialização da possibilidade de realizar meu Estágio “Sanduíche” de Doutorando no Exterior, sob a orientação do Prof. Dr. Manuel Sarmento, no Instituto de Estudos da Criança (IEC)<sup>33</sup>, da Universidade do Minho (UMINHO), em Braga, Portugal.

A realização deste pequeno campo, mesmo após ter ocorrido o grande campo na Ilha de Santa Catarina (campo empírico “Açores Aqui”), teve por propósito conhecer o rol de brinquedos e brincadeiras da cultura lúdica praticada nas ilhas açorianas de “Além-Mar”, entre 1930 e 1950. Tal interesse foi justificado pelo fato dos açorianos terem exercido uma forte influência no processo de povoamento e colonização da Ilha de Santa Catarina, com ressonância sobre as gerações atuais de seus descendentes, conforme assinala, por exemplo, a obra de Franklin Cascaes. Havia também o interesse em buscar estabelecer características de universalidade e de particularidade da dimensão lúdica da experiência de infância nestes dois lugares, a Ilha de Santa Catarina e o Arquipélago dos Açores.

---

<sup>33</sup> No início de 2010 ocorreu uma reestruturação administrativa na UMINHO e o IEC foi integrado à estrutura do atual IE (Instituto de Educação).

Figura 11 – Arquipélago dos Açores-PT.



Fonte: Azores' Regional Tourist Authorities  
(<http://www.drtacores.pt/>).

Graças ao incentivo do Prof. Dr. Manuel Sarmento, um admirador da cultura do Arquipélago dos Açores, e aos contatos fornecidos por ele, que mediou uma conversa com o Prof. Dr. Fernando Diogo, da Universidade dos Açores, e também pelas referências e indicações dadas pelas professoras portuguesas Ana Cristina Veiga e Isabel Durano (que lecionaram em Açores), é que foi possível a efetivação das quatro entrevistas no campo empírico de “Açores Além-Mar”, nas Ilhas de São Miguel e Terceira. A Figura 11, anteriormente apresentada, dá uma ideia da localização geográfica do Arquipélago dos Açores. Embora o Arquipélago seja composto por nove ilhas, naquele momento, somente pude conhecer essas duas ilhas, em função dos contatos conseguidos e pela facilidade de acesso.

As entrevistas aconteceram na primeira quinzena de dezembro de 2009, quando eu e meu auxiliar pudemos viajar de Braga para Ponta Delgada, na Ilha de São Miguel. Conhecer Açores foi a concretização de

um desejo antigo, tendo em vista que, muitas vezes, ouvi relatos de outros ilhéus daqui que viajaram ao Arquipélago e voltaram maravilhados com a beleza do lugar e com os traços de semelhança cultural entre o Arquipélago dos Açores e a Ilha de Santa Catarina.

Das muitas impressões que registrei nesta experiência de conhecer o Arquipélago, dou destaque para a arquitetura colonial, muito preservada nas várias freguesias de São Miguel e Terceira. Também me chamou a atenção o falar português açoriano, num sotaque que lembra o falar rápido de algumas localidades interioranas da Ilha de Santa Catarina, embora o falar rápido de lá tenha um som “afrancesado”, com uma sonoridade de “u” cantado no final das palavras. Julgo interessante ressaltar ainda o fato de se tratar de um povo que vive ilhado há inúmeras gerações, no meio do Oceano Atlântico Norte (cerca de 1430 km da costa de Portugal), mas que também é marcado pelos vários fluxos imigratórios ao longo de sua história, em função de terem que encontrar alternativas para a superpopulação alcançada num momento e para a escassez econômica em outro. Porém, o sentimento de apego à terra açoriana é tal que muitos chegam a viver uma vida trabalhando em terras longínquas das Ilhas, em muito “Além-Mar”, mas não perdem o vínculo com a terra no meio do oceano e desse modo, na velhice, retornam e reencontram a infância. Foi o caso de dois dos quatro açorianos entrevistados: um chefe de cozinha (Seu Valdi), que trabalhou por mais de 30 anos num hotel da rede Sheraton, em Toronto, no Canadá, e um engenheiro de estradas (Seu Deni), que passou toda sua vida produtiva em Portugal continental, em outros países da Europa e outras nações da África a fazer estradas.

O trabalho de transcrição das quatro entrevistas do campo empírico “Açores Além-Mar” também implicou na confecção de um quadro com unidades empíricas (categorias) de análise, que é o **Quadro 4** anexo D.

### **1.8. Quadro síntese das unidades temáticas (categorias) de análise**

Com o objetivo de realizar um processo dialético entre “perguntas” e “respostas” (construção do problema) que emergiram durante a investigação, o **Quadro 5** apresentado a seguir sintetiza as principais categorias ou unidades temáticas que serviram de base para a estruturação ou o desenho dos capítulos seguintes da tese.



**Quadro 5 – Quadro síntese das unidades temáticas (categorias) de análise (Parte 1)**

UNIDADES TEMÁTICAS (CATEGORIAS) DE ANÁLISE									
Campo 1: campo exploratório	Problema de pesquisa	Cultura lúdica	Experiência	Infância a - velhice	Memória	A obra Franklin Cascaes	Diferenciação dos brinquedos e brincadeiras para meninos e meninas; Folguedo infantil como indutor de valores morais e comportamentos	Descrição do local da infância; Diferentes concepções de criança;	Tradição e Modernidade
	Entrevista exploratória	A relação entre as brincadeir as e o exercício físico; Influência de jornais e revistas e a época das competição es esportivas ; Conjunto de brinquedo s e brincadeir as institution alizadas na comunida de	O processo de construção dos brinquedos	Boi de mamão; brincad eira de criança nas férias escolar es de verão	Descrição do modo de brincar; Cantigas de roda	Imagem e memória			

**Quadro 5 – Quadro síntese das unidades temáticas (categorias) de análise (Parte 2)**

<b>UNIDADES TEMÁTICAS (CATEGORIAS) DE ANÁLISE</b>										
<p>Campo 2: campo ilha de Santa Catarina – “Açores Aqui”</p>	<p>Confeção de brinquedos e brincadeira s que imitavam o mundo adulto</p>	<p>Confeção própria dos elementos do meio natural</p>	<p>Brincadeiras das épocas do ano</p>	<p>Transmissão inter-geracional dos brinquedos e brincadeiras tradicionais</p>	<p>Descrição de brincadeiras tradicionais populares</p>	<p>Reconhecimento o (geral e parcial) dos registos de brinquedos e brincadeiras feitos por Franklin Cascaes</p>	<p>Brincadeiras para meninas e brincadeiras para meninos</p>	<p>Brincar de “redes soltas” junto à natureza</p>	<p>Infância com tempo para estudar, trabalhar e brincar</p>	<p>Vida comunitária (tradição) versus vida individualizada (mudanças rápidas da modernidade)</p>
<p>Campo 3: campo “Açores Além-Mar”</p>	<p>Brincar imitam do mundo adulto ; Brincar com referência no mundo adulto</p>	<p>Confeção própria dos brinquedos com elementos do meio natural</p>	<p>Brincadeiras de épocas do ano</p>	<p>Transmissão inter-geracional das brincadeiras e brinquedos</p>	<p>Descrição de brincadeiras tradicionais populares</p>	<p>Reconhecimento de alguns registos feitos por Franklin Cascaes</p>	<p>Brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas</p>	<p>Infância como um tempo feliz e próximo da natureza; Brincar e inventar. Espaço para brincar</p>	<p>Infância com tempo de estudar, trabalhar e brincar</p>	<p>A vida antigament e era rural, ritualizada e artesanal; Açorianos: corajosos e festivos</p>

## CAPÍTULO 2

### A DIMENSÃO LÚDICA DA EXPERIÊNCIA DE INFÂNCIA NA MEMÓRIA DE VELHOS

*Brincava todo mundo junto na rua.  
Era tudo misturado na rua, vizinho e tudo.  
(Seu Bento)*

As reflexões desenvolvidas neste capítulo buscam dar respostas à questão investigativa norteadora enunciada no capítulo 1. Para tanto, as principais unidades temáticas (categorias de análise) que emergiram dos campos empíricos foram agrupadas às categorias de análise teóricas dando nome, forma e conteúdo aos subcapítulos que seguem.

#### **2.1. A brincadeira com referência no mundo do adulto: “E brincava mesmo na areia da praia fazendo mesmo como se fosse pescador...”**

*E brincava mesmo na areia da praia  
fazendo mesmo como se fosse pescador...  
(Seu Virgolino)*

Uma possibilidade de pensar a brincadeira<sup>34</sup> com referência no mundo do adulto está colocada nos estudos de Benjamin (2002) que, ao refletir sobre brinquedos e jogos, assinala que, assim como o mundo da infância está repleto das marcas do mundo adulto com o qual as crianças se relacionam, o mesmo acontece com seus jogos e suas brincadeiras. De acordo com este autor, o brinquedo,

[...] mesmo quando não imita os instrumentos dos adultos, é confronto, e, na verdade, não tanto da criança com os adultos, mas destes com a criança. Pois quem senão o adulto fornece primeiramente à criança os seus brinquedos? E embora reste a ela

---

<sup>34</sup> Brincadeira e brinquedo são concebidos aqui conforme a conceituação apresentada por Kishimoto (2002, p. 26-27): “O brinquedo contém sempre referência ao tempo de infância do adulto com representações veiculadas pela memória e imaginação. O vocábulo ‘brinquedo’ não pode ser reduzido à pluralidade de sentidos do jogo, pois conota criança e tem uma dimensão material, cultural e técnica. Como objeto, é sempre suporte de brincadeira. É o estimulante material para fazer fluir o imaginário infantil, tendo relação estreita com o nível de seu desenvolvimento. E a *brincadeira*? É ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica. Pode-se dizer que é lúdico em ação. Desta forma, *brinquedo e brincadeira relacionam-se diretamente com a criança e não se confundem com o jogo.*”

uma certa liberdade em aceitar ou recusar as coisas, não poucos dos mais antigos brinquedos (bola, arco, roda de penas, pipa) terão sido de certa forma impostos à criança como objetos de culto, aos quais só mais tarde, e certamente graças à força da imaginação infantil, transformaram-se em brinquedos (BENJAMIN, 2002, p. 96).

Ora, esta reflexão de Benjamin traz à tona muitos elementos, dentre os quais a tríplice relação entre brinquedo, criança e adulto, ao enfatizar que são os adultos os primeiros a apresentar os brinquedos às crianças. Tal fato demonstra que as crianças fazem parte de um determinado contexto sócio-cultural e por viverem em relação e em confronto com este mesmo contexto são capazes de produzir cultura frente aos brinquedos por força e expressão da sua imaginação. Fica evidente, em Benjamin (2002), que o brinquedo que é colocado à criança pelo adulto só adquire conotação de brinquedo quando ela interage com sua força imaginativa, que é despertada ou desenvolvida pela tensão que trava com o brinquedo. Esta ideia é complementada por Almeida (2006, p. 544) que, ao estudar o brinquedo e a cultura lúdica do brincar, fundamentado em Benjamin, ressalta que a natureza de múltiplas faces do brinquedo “[...] imprime-lhe um caráter mais que material: a simbologia deste instrumento de brincar atravessa a fronteira do físico em direção ao espiritual e faz dele um instrumento que promove interação, diálogo [...]”, além de possibilidades lúdicas e de sociabilidade.

A ideia do filósofo, da tríplice relação entre o brinquedo, a criança e o adulto, está presente nos depoimentos dos velhos moradores, tanto da Ilha de Santa Catarina quanto de Açores, com narrativas bem contundentes, como a que segue:

[...] naquela época com aquele **carrinho de quatro rodas**, descia do morro né, nós ia tirar lenha, botava ela em cima e depois descia o morro (Seu Bento – Cacupé - em 04/07/2009 – grifo nosso<sup>35</sup>).

O mundo do adulto, no presente caso, o mundo do tempo de infância dos velhos entrevistados, era um mundo muito próximo do

---

<sup>35</sup> Grifo nosso ou grifos nossos são colocados para destacar expressões significativas das narrativas dos entrevistados.

mundo das crianças, pois a vida acontecia no entorno das moradias. A maioria das famílias, naquele período, produzia sua subsistência nas roças e nos engenhos de farinha e açúcar, ou no mar, com a pesca, e as crianças, desde cedo já participavam, de alguma forma, destas atividades de subsistência. Assim sendo, o carrinho de quatro rodas, uma imitação do carro de bois ou da carroça de cavalos, ambos empregados nos afazeres dos adultos, constituía uma brincadeira com referência no mundo do adulto. Ele também compunha o mundo das crianças para trabalhar, no exemplo aqui, para a tarefa de “tirar lenha”, mas apesar de ligado a esta dimensão do mundo adulto, ou seja, de que as crianças tinham que participar das atividades de subsistência do grupo familiar, havia também o interesse, por parte delas, em brincar com o carrinho de quatro rodas na diversão que era a de correr morro abaixo. Seu Bento contou que era muito comum, na sua época de criança, participar das atividades de subsistência da família, que tinham lugar no entorno da moradia. Subir o morro com seus irmãos, puxando o carrinho de quatro rodas à busca de lenha para a casa, era uma tarefa rotineira e nela encontravam espaço para brincar, especialmente quando desciam o morro correndo, com o carrinho cheio de lenha.

Müller e Redin (2007, p. 20) corroboram esta interpretação ao dizer que as crianças não apenas “[...] recordam ou imitam o mundo dos adultos, mas dele se aproximam criativamente dando-lhe outro sentido.” E outra narrativa de Seu Bento constitui exemplo disto:

E botava a canoinha de um lado e esperava no outro lado da praia. Outros faziam barquinho. Nessa época a gente brincava, de maré cheia, tinha vento [...] **Sim, nós imitava, brincava, né? Pegava a madeirinha, botava uma vela, fazia parecido, né?** As vezes levava uma surra porque pegava um pedaço de lençol pra fazer a vela, né? (Seu Bento – Cacupé - em 04/07/2009 - grifo nosso).

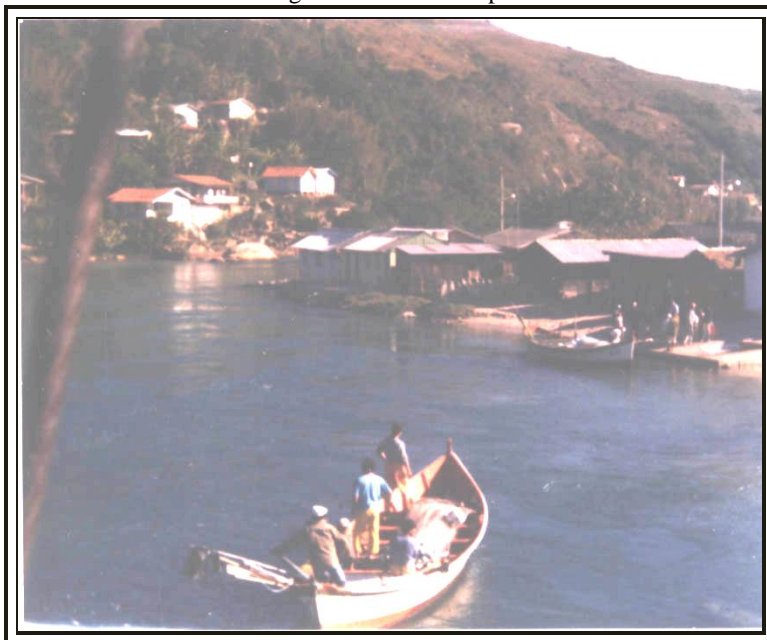
O fato de as crianças do tempo de Seu Bento construírem um brinquedo que imitava o mundo do adulto demonstra esta capacidade criativa e imaginativa da criança. É interessante notar ainda que as crianças sentem uma espécie de atração pelo mundo do adulto, entretanto, não se trata de uma cópia em miniatura simplesmente e sim de um mundo re-criado para os seus interesses de brincadeira. Em relação a este aspecto, Amado (2007, p. 88), estudioso português dos

brinquedos populares, argumenta que estes, de modo geral, “[...] traduzem uma espécie de miniaturização do mundo dos adultos produzida pelas próprias crianças, mas com grande margem de liberdade, imaginação e criatividade.” A narrativa a seguir, de Seu Virgilino, é bem ilustrativa da ideia trazida pelo pesquisador lusitano e também mostra a tríplice relação, apontada por Benjamin, entre brinquedo, criança e adulto:

Barco... eu tinha... eu tinha barco assim, barquinho pequeno assim feito canoa [...] e **brincava mesmo na areia da praia fazendo mesmo como se fosse pescador** (risos) (Seu Virgilino – Barra da Lagoa - em 07/09/2009 – grifo nosso).

“- *Sou um homem do mar!*” Assim se referiu a si mesmo, várias vezes, Seu Virgilino, durante a entrevista. Na imagem que segue, da Figura 12, ele aparece conduzindo o leme de sua embarcação, chegando após mais um dia de pesca no mar. É interessante destacar que o pai de Seu Virgilino era um dos vários narradores aos quais Cascaes recorria, com certa frequência, para ouvir histórias da localidade da Barra da Lagoa e região a fim de realizar seu trabalho de registro da cultura açoriana na Ilha de Santa Catarina.

Figura 12 – Barco de pescadores.



Fonte – Acervo particular de Seu Virgilino (s/d).

O depoimento de Seu Virgilino traz à lembrança um episódio ocorrido em uma aula de Educação Física que ministrei, há tempos, para um grupo de crianças numa praia ao norte da Ilha de Santa Catarina. Numa grande área de areia da praia, um grupo de 20 crianças, aproximadamente, começou a brincar de “rede peixe”, denominação local para uma variante da tradicional brincadeira de pega-pega. Neste tipo de pega-pega, um pegador corre atrás de todos os participantes e quem for pego se junta a ele e então passam a ficar de mãos dadas, formando uma espécie de rede para tentar pegar os demais, cercando-os. Passado um determinado tempo de evolução e entrega de todos à brincadeira, uma criança chamou a atenção das demais, dizendo que olhassem para o mar, pois alguns pescadores locais realizavam um “cerco” de rede a um cardume de tainhas. Estas duas cenas, a das crianças brincando de “rede-peixe” e dos pescadores realizando o “cerco” ao cardume, constituem exemplos de que muitas brincadeiras de infância têm uma referência no mundo adulto. A Figura 13, apresentada na sequência, traz uma foto das crianças observando o “cerco” de rede.

Figura 13 – Crianças observando o “cerco” de rede.



Fonte - Acervo próprio (2001).

Outro fato interessante, ainda referente a esta mesma aula, é que a cena descrita ocorreu num contexto de educação escolarizada, de uma aula de Educação Física em que uma brincadeira tradicional, no caso descrito, um tipo de pega-pega, apareceu como conteúdo deste componente curricular. Embora, na ocasião, este conteúdo tenha sido contemplado no meu planejamento anual de Educação Física, a possibilidade de uma compreensão teórico-didática mais aprofundada em relação aos jogos e brinquedos populares tradicionais ainda não fazia parte deste planejamento. Na verdade, apenas após a chamada da menina para olhar os pescadores é que surgiu meu interesse em refletir mais sobre a especificidade da Educação Física escolar, sobre as relações de distanciamento e proximidade entre os conteúdos da educação escolarizada e o contexto sócio-histórico-cultural em que as escolas se encontram inseridas.

Entretanto, tempos depois, numa outra escola, me foi possível fazer experiências didáticas com enfoque na rememoração da cultura lúdica de gerações anteriores, conforme exposto no capítulo introdutório deste texto, como terceira situação fundadora da temática da pesquisa. Da experiência destes jogos tradicionais nas aulas de Educação Física e da tarefa investigativa feita pelos alunos juntos aos seus pais e avós



resultaram desenhos, realizados pelos estudantes e apresentados à turma, sobre as suas brincadeiras preferidas e as de seus pais e avós, conforme mostro na terceira situação fundadora, registro da memória lúdica de três gerações, retratado na Figura 3 da Introdução.

Há ainda outros depoimentos ilustrativos da brincadeira com referência no mundo do adulto que são dignos de interpretação e que forneceram uma ideia da cultura lúdica de infância no período entre 1930 e 1950 na Ilha de Santa Catarina e nos Açores. Apresento, aqui, alguns destes depoimentos:

E também **cavalinho daquela cana da índia mais grossa**, aí a gente..., fazia uma espécie de uma cabeça assim mais grossa botava e **saía vadiando por aí**. [...] mas aqui nós é da vara da cana do reino, conhece? E aqui na frente a gente botava umas orelhas assim prá trás e agente botava uma rediazinha [...] (Seu Valdemar – Centro, no Morro do 25 - em 03/08/2009 – grifos nossos).

Aí de primeiro quando tinha gente aqui, aí gente brincava com isso! **Arrumava um laço quando o boi passava, era com um velho pedaço de pau, que era o galho do boi**, eles laçavam (Seu Joaquim – Campeche - em 07/09/2009 - grifo nosso).

Ah, **fazia o carrinho de boi, com a rodinha**, [...] o cabeçalho e botava a canga, então o catuto, o boizinho de catuto botava assim no..., como é? Na canga! E a gente puxava o carrinho aqui, eu acho que tem algum lugar que tem esse carrinho aqui [...] (Seu Joaquim – Campeche - em 07/09/2009 - grifo nosso).

Ah, o brinquedo, não..., **o brinquedo era um pedaço de corda, um fazia a vez do boi e o outro fazia a vez botava numa corda e lá ia**. [...] as vez botava de um lugar pra outro, né? (Seu Noquinha – Campeche - em 26/09/2009 - grifo nosso).

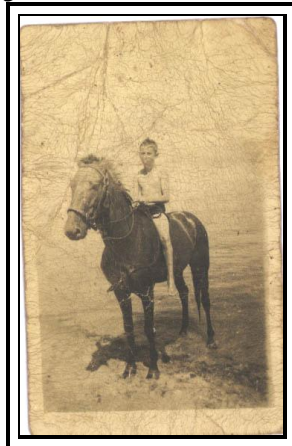
Nestes relatos, fica evidenciado que o cavalo e o boi eram dois animais de referência na lida diária na época (entre 1930 e 1950) de infância do conjunto de entrevistados, sendo usados tanto para o trabalho como para o transporte das pessoas que queriam se locomover

entre as várias localidades e o centro histórico-administrativo da Ilha de Santa Catarina ou então para “*ir à cidade*”, como se referem ainda hoje os velhos ilhéus. Também nesta época da infância dos entrevistados era muito comum ocorrer, em várias localidades da Ilha, a brincadeira do boi do campo e a corrida ou carreira de cavalos, como os moradores costumavam denominar esta última.

A presença e importância do boi e do cavalo no modo de vida das pessoas que viveram nos tempos anteriores à crescente urbanização das localidades interioranas estabelecem uma relação com o interesse das crianças dessa época em re-criarem esta faceta do mundo adulto no universo da cultura lúdica de infância. Como observam Müller e Redin (2007, p.20), as crianças “[...] estão ligadas ao mundo muito mais do que pensamos, captam sua essência, sentem-se atraídas pelas atividades adultas, sem deixar de criar um mundo simbólico que alimenta seu imaginário.”

Dessa forma, quando o entrevistado diz, na passagem apresentada anteriormente: “*saí vadiando por aí*”, ele transmite uma ideia de liberdade e imaginação das crianças, a de poderem reverenciar, via brinquedo, as proezas dos cavaleiros e seus cavalos, que eram referências cotidianas em seu mundo real, no contexto cultural de existência da sua localidade. Inclusive, muitas das crianças que viveram suas infâncias nas localidades mais interioranas da Ilha podiam cavalgar em pêlo, acompanhando cavaleiros adultos nas atividades ligadas à subsistência ou simplesmente montando para brincar, como parece sugerir a foto da Figura 14.

Figura 14 – O menino e o cavalo.



Fonte – Acervo próprio (1940).

Neste sentido, Brougère (2008), ao discorrer sobre o papel do brinquedo na vida da criança, destaca que a infância se traduz num

[...] momento de apropriação de imagens e de representações diversas que transitam por diferentes canais. As suas fontes são muitas. O brinquedo é, com suas especificidades, uma dessas fontes. Se ele traz para a criança um suporte de ação, de manipulação, de conduta lúdica, traz-lhe, também, formas e imagens, símbolos para serem manipulados (BROUGÈRE, 2008, p. 40-41).

A apropriação da cultura pela criança, por intermédio do brinquedo, está presente em outros depoimentos dos entrevistados e ilustra bem esta ideia de Brougère segundo a qual o brinquedo fornece elementos de ação, de comportamento lúdico, bem como símbolos do universo cultural em que as crianças estão inseridas. É o caso dos depoimentos a seguir, que trazem a figura da renda de bilro, um trabalho típico das mulheres de diferentes localidades da Ilha de Santa Catarina, tradição esta que era e, por vezes, ainda hoje é repassada às novas gerações de mulheres<sup>36</sup>:

De tardinha eu fazia renda, comecei a fazer renda de bilro com seis anos. A minha mãe não queria que eu fizesse porque ela era professora das rendeiras. Ela não queria que eu fizesse porque eu era muito pequena, mas eu queria. **Aí nós aprendemo a fazer renda, eu e a Pequeninha... era [...] tirava a linha, a linha da bananeira, né? com ela seca e botava os pauzinhos ali. Ali nós aprendemo. Depois nós queria fazer renda mesmo [...]** (Dona Lucimar – Ponta das Canas - em 06/08/2009 - grifo nosso).

---

<sup>36</sup> Sobre esse repassar da tradição da renda de bilro às novas gerações de mulheres, Dona Lindalva, que participa de um projeto da Fundação Municipal de Cultura Franklin Cascaes destinado a promover os ensinamentos da renda de bilro às novas gerações, para não cair no esquecimento, diz que, infelizmente, essas novas gerações descendentes de nativos da Ilha não demonstram interesse em aprender essa tradição. Admirada, ressalta que as pessoas que aparecem no projeto são os novos moradores da Ilha, que vieram de fora e por acharem a renda de bilro uma bela expressão da cultura local se interessam por aprendê-la melhor, em sua técnica e história.

Brincava de tudo na praia, eu mais a minha irmã e mais duas, **fazia renda na praia, fazia ali na praia, mas era aquelas almofadinhas de areia** e faziam pra poder, as vez nós fazia nós memo [...] **eu ensinei oito meninas a fazer renda, porque não sabiam fazer**, eu ensinei pra elas. Ah, eu fiz muita renda, oh! Rendarada, coisa mais linda! (Dona Cota – Pântano do Sul - 16/10/2009 – grifos nossos).

Há, nestes depoimentos, outro elemento importante da cultura lúdica inserida no contexto da época de infância dos entrevistados, entre 1930 e 1950. Trata-se do material utilizado pelas crianças nas brincadeiras daquele tempo. Em geral, elas se apropriavam de restos do meio natural, disponíveis em abundância, dando significado lúdico a estes elementos. Assim, em algumas localidades, a folha de bananeira e os gravetos se transformavam em linha e bilro, respectivamente, para as crianças brincarem de fazer renda de bilro. Já em outras freguesias pesqueiras da Ilha, povoados construídos junto às praias, as crianças faziam um monte de areia e esculpiam uma almofada para brincarem igualmente de renda de bilro. Isso significa que uma mesma brincadeira podia realizar-se em distintas localidades da Ilha, mudando apenas o material necessário para efetivá-la.

Benjamin (2002) traz a ideia da criança como uma especialista em brincar com as sobras e os restos do mundo adulto ao dizer que elas se sentem

[...] irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. Neles, estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma relação nova e incoerente. Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande (BENJAMIN, 2002, p. 104).

Tal dimensão criadora, colocada por Benjamin, também estava presente na vida das crianças do tempo de infância dos ilhéus

entrevistados. Elas tinham a capacidade de criar seus brinquedos espelhando-se nas atividades do adulto, mas segundo seus interesses lúdicos. A memória de infância destes entrevistados remete à outra observação pertinente de Brougère (2008), segundo a qual o

[...] brinquedo parece afastado da reprodução do mundo real constantemente evocado por ele. É um universo espelhado que, longe de reproduzir, produz, por modificação, transformações imaginárias. A criança não se encontra diante de uma reprodução fiel do mundo real, mas sim de uma imagem cultural que lhe é particularmente destinada. Antes mesmo da manipulação lúdica, descobrimos objetos culturais e sociais portadores de significações. Portanto, manipular brinquedos remete, entre outras coisas, a manipular significações culturais originadas numa determinada sociedade (BROUGÈRE, 2008, p. 43).

Para o autor citado o brinquedo constitui um universo espelhado do mundo adulto transformado imaginariamente pela criança. Assim, é possível pensar que a brincadeira com referência no mundo adulto não implica numa imitação fiel deste mundo, pela criança, embora apareça, segundo o autor, como um “universo espelhado” do mundo real, e o que é mais interessante, o mundo real, no mundo da criança, sofre “transformações imaginárias”.

Conceber o mundo adulto como um universo espelhado no mundo da criança significa inferir que as crianças constituem-se como sujeitos ativos diante da realidade cultural que as cerca, ao mesmo tempo em que sofrem determinações do mundo real. Na expressão da Dona Lucimar: “[...] tirava a linha, a linha da bananeira, né? Com ela seca e botava os pauzinhos ali. Ali nós aprendemo. Depois nós queria fazer renda mesmo [...]”, há a evidência deste universo espelhado do mundo real no mundo da criança onde a brincadeira aparece referenciada numa atividade do mundo adulto, porém a criança realiza mudanças significativas nesta atividade para atender aos seus interesses lúdicos.

Desse modo, dizer que o mundo real passa por transformações imaginárias no mundo da criança implica conceber que, de fato, a criança constituiu-se num sujeito ativo em interação constante consigo, com os outros e com o mundo em seu entorno. Por exemplo,

transformar imaginariamente um monte de areia numa almofada de fazer renda de bilro, como expressa Dona Cota: “[...] *fazia renda na praia, fazia ali na praia, mas era aquelas almofadinhas de areia [...]*”, denota a capacidade imagética da criança para criar e atribuir significações às suas realizações, mesmo quando espelhadas no mundo adulto. E é esta capacidade de imaginação da criança que dá ao brinquedo vida, ação, enfim, dá materialidade e significação à atividade de brincar na infância. O depoimento a seguir ilustra esta constatação:

Os meninos brincavam com os tais carrinhos na rua, agora nós meninas íamos pru quintal brincar, o quintal era grande, ahn... as vezes até trazíamos um bocadinho de terra, cultivávamos ali, não dava nada (risos), **mas era como se fôssemos à terra cavar e a gente semeava ali coisinhas, plantávamos ervinhas** [...] nós brincávamos muito! (Dona Inácia – Ponta Delgada - em 12/12/2009 – grifo nosso).

A referência ao mundo adulto no universo da cultura lúdica de infância também pode ser analisada na perspectiva de Vigotski (2008) que, ao pesquisar sobre o papel do brinquedo no desenvolvimento infantil, salienta que na infância a criança

[...] envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo. A imaginação é um processo psicológico novo para a criança; representa uma forma especificamente humana de atividade consciente, não está presente na consciência de crianças muito pequenas [...]. Como todas as funções da consciência, ela surge originalmente da ação (VIGOTSKI, 2008, p. 109).

Ora, a fala da Dona Inácia, “*mas era como se fôssemos à terra cavar e a gente semeava ali coisinhas, plantávamos ervinhas*”, está carregada desta dimensão da capacidade imaginativa das crianças, pois talvez estivesse aí manifesto o desejo de acompanhar os adultos no trabalho da lavoura e quando isto não ocorria, em contrapartida, recriavam esta atividade no quintal de casa. Nesta perspectiva, Vigotski (2008, p. 123 -124) se manifesta, dizendo que, em certo sentido, “[...] no

brinquedo a criança é livre para determinar suas próprias ações. No entanto, em outro sentido, é uma liberdade ilusória, pois suas ações são, de fato, subordinadas aos significados dos objetos, e a criança age de acordo com eles.”

Tanto em Benjamin quanto em Müller e Redin, Amado, Brougère e Vigotski, a capacidade imaginativa infantil em relação ao brinquedo é concebida como uma possibilidade de livre ação da criança sobre o mesmo, com perspectiva de chegar à sua re-criação, porém esta livre ação também está sujeita às influências dos sentidos culturais do brinquedo originários das determinações da sociedade. Perrotti (1990) esclarece que a criança produz cultura e história a partir de seus brinquedos, de seus jogos e de suas brincadeiras. Segundo o autor, a criança não constitui um ser passivo diante da cultura, ela “[...] cria cultura, ainda que seu trabalho não seja reconhecido pelos adultos, uma vez que, [...] na sociedade capitalista somente os que produzem e reproduzem o sistema econômico são passíveis de reconhecimento, de identificação.” (PERROTTI, 1990, p. 23).

A esta altura já é possível inferir algumas considerações pertinentes à brincadeira com referência no mundo adulto: uma, que diz respeito à re-criação ou à transformação imaginária do brinquedo, realizada pela criança, em relação ao mundo real adulto do qual o brinquedo se origina e que lhe impõe determinações contínuas; outra, que se relaciona à brincadeira como uma preparação para a vida adulta; e ainda outra, relacionada à ideia de cultura lúdica contida na brincadeira com referência no mundo adulto.

A re-criação ou transformação imaginária do brinquedo, realizada pela criança, destaca-se no campo empírico investigado como uma dimensão determinante na brincadeira com referência no mundo adulto. A capacidade imaginativa e criativa aparece na rememoração da infância dos velhos ilhéus entrevistados como uma expressão marcante em seus brinquedos e em suas brincadeiras, conforme atesta a fala que segue:

**Tempo de criança é que a gente brincava aí na... não tinha nada, né? Naquele tempo não existia nada, né? [...] É, eu... a gente brincava com uma canoa, uma canoinha de pau, né? Aqui na, na, aqui na praia... [...] De cercar, de cercar assim, a roda, o arame que era o..., o arame que era onde botava os peixe, os peixe que era tudo de pedra, né? O dinheiro era tudo folha**

**de capinzeiro.** [...] É, com folha de capinzeiro é que nós brincava (Seu Antônio – Pântano do Sul - em 16/10/2009 - grifos nossos).

Em seu depoimento, Seu Antônio, morador do Pântano do Sul, uma localidade tipicamente pesqueira que fica ao sul da Ilha de Santa Catarina, testemunha que teve a vida marcada pela atividade da pesca desde criança. As marcas desta atividade estão registradas, principalmente, em sua pele queimada pela longa exposição ao sal e ao sol, porém nos dedos de suas mãos é que estão os sinais mais contundentes de sua história com o mar e a pesca. O envolvimento de Seu Antônio nesta prática laboral, ao longo dos tempos, implicou numa perda considerável da flexibilidade e movimentação dos seus dedos que, aos poucos, foram se atrofiando e enrijecendo.

Seu Antônio lembra que no seu tempo de criança se brincava com o que se tinha ao redor: “[...] *naquele tempo não existia nada, né?*” Ora, diante da fartura de brinquedos à disposição das crianças na época atual, algo inexistente em épocas remotas, e também do fato de que não é possível esquecer que as determinações do presente interferem na narrativa da memória de infância do entrevistado, para o velho pescador parece pertinente ressaltar e valorizar as alternativas das crianças de seu tempo de infância, que tinham na imaginação uma saída para efetivar seus brinquedos e suas brincadeiras: “*a gente brincava com uma canoa, uma canoinha de pau, né? Aqui na, na, aqui na praia [...]*”. Além da canoinha feita de pau, dos peixes de pedras e do dinheiro de folhas de capim, tudo no entorno das crianças de seu tempo estava sujeito à intervenção e ao poder da imaginação infantil, como frisa Benjamin (2002, p. 93): “A criança quer puxar alguma coisa e torna-se cavalo, quer brincar com areia e torna-se padeiro, quer esconder-se e torna-se bandido ou guarda.”

Este poder da imaginação infantil parece estar se perdendo nas gerações atuais de crianças, pois elas estão muito mais sujeitas à influência ideológica dos padrões culturais estabelecidos pelo consumo de brinquedos produzidos pela indústria cultural do que as crianças de gerações passadas. Oliveira (1986, p. 57) resalta este aspecto ao argumentar que os “[...] brinquedos são elementos da cultura material que cristalizam valores.” O autor ainda sustenta a ideia de que as gerações atuais de crianças são concebidas pela indústria cultural como consumidores de brinquedos, além de se buscar transformá-las em “[...] sujeitos passivos da ação.” (OLIVEIRA, 1986, p. 91).



A vinculação da brincadeira com uma preparação para a vida adulta ou a brincadeira espelhada no mundo adulto foi outra perspectiva colocada para o brinqueado com referência no mundo adulto. Dona Idalina (de Açores “Além Mar”) traz na sua narrativa esta ideia de que a infância é tempo de ser criança, mas também é tempo de aprender o que os adultos fazem: “[...] pois é tal coisa como sempre foi: é ser criança, mas adulto, a... aprender o que os adultos faziam e não brincar com coisas que se deviam brincar.” Nesta frase, fica visível que a infância, no contexto de época da depoente, constituía um tempo de ser criança, portanto, de brincar, mas também era um tempo de aprendizagem de coisas da vida adulta. A anciã assim se expressa:

[...] E há agulhas de fazer malhas, as duas agulhas, eu também fiz muita malha... **pois é tal coisa como sempre foi: é ser criança, mas adulto, a... aprender o que os adultos faziam e não brincar com coisas que se deviam brincar.** [...] depois começamos a crescer, era ajudar a [...] o milho, **amarrar o milho, era ajudar a catar o milho pra [...] no varal pendurar o milho pra secar prá durante o ano e começamos a trabalhar nesses trabalhos da terra**, mas em casa, nunca fomos, nunca fomos pra terra, não, nunca fomos pra terra, era [...] (Dona Idalina – Angra do Heroísmo – em 14/12/2009 - grifos nossos).

Por sua vez, Seu Manuel apresentou uma narrativa diferente em relação à brincadeira. Nascido e criado em Florianópolis (SC), no centro histórico da Ilha, traz consigo as marcas de um tempo de infância vivido no meio urbano e, por conta disto e da posição sócio-econômica de sua família, pôde acessar um alto nível de instrução e formação profissional, chegando a ser professor de instituição de ensino superior e tendo outras ocupações em cargos da administração pública da cidade. Este senhor vinculou à brincadeira de seu tempo de infância uma dimensão preparatória à vida adulta, como que indutora de valores morais e de comportamentos, ao dizer que

[...] **todo folguedo infantil, que toda história infantil, todas as narrativas tinham o objetivo de induzir comportamentos**, tudo tinha objetivo de criar comportamentos, então era uma ação essencialmente pedagógica, tudo era pedagógico,

vamos ensinar o jovem a ser obediente, a ser disciplinado, a ser respeitador, então, a saber a idade certa de namorar, a saber a idade certa de como se vestir, de como se comportar em sociedade, todos os folguedos que eu pelo menos consegui conhecer ou conviver tinham essa pedagogia, todos que é a pedagogia da educação, aquisição de comportamentos (Seu Manuel – Centro, Rua Major Costa - 25/09/2008 – grifo nosso).

Em sua narrativa, Seu Manuel evidencia o brinquedo e a brincadeira como um ato pedagógico realizado com a finalidade de gerar comportamentos desejados. Neste caso, o brinquedo e a brincadeira tinham a função específica de educar as crianças para serem futuros adultos, portanto, o brincar, aqui, aparece nitidamente como um meio para atingir fins educativos. Quer dizer, esta concepção parece sublimar outra dimensão característica do brincar para a criança, muito mais relacionada à ideia de que o brinquedo está para a criança “[...] como momento de experiência e que no processo de constituição subjetiva pode se apresentar como testemunho precioso de um momento lógico de estruturação do sujeito-criança.” (ROURE, 2010, p. 7).

Por fim, a ideia de cultura lúdica contida na brincadeira com referência no mundo adulto pode ser caracterizada, num só tempo, como lugar de imaginação e de elaboração de brinquedos. Seu Deni reafirma estas duas dimensões do brincar quando enaltece o ambiente da carpintaria de seu pai como um lugar especial e marcante para as suas experiências na infância:

**[...] O meu pai tinha uma [...], uma carpintaria, serralheria e eu vivi nessa, nesse ambiente e foi assim que... tinha lá um espírito vivo e gostava de brincar. Quer dizer, eu trabalhei, eu fiz jogos eu fiz brincadeiras que nunca mais vi! Só no museu. [...]** uma coisa que existe... que existe só no museu e que nunca mais apareceu. [...] Carro de Lemos (Seu Deni – Vila Franca do Campo - em 10/12/2009 - grifo nosso).

Além disto, a expressão - “[...] *tinha lá um espírito vivo e gostava de brincar. Quer dizer, eu trabalhei, eu fiz jogos eu fiz brincadeiras que nunca mais vi! Só no museu. [...]*” – contém esta ideia do ambiente e de

peças que criam um “espírito vivo” capaz de propiciar o aparecimento de dimensões humanas, como a imaginação, indispensáveis ao processo criativo.

## **2.2. A infância entre o brincar, a escola e o trabalho: “Brincava um bocadinho, mas quando vinha da escola já ia trabalhar...”**

*Brincava um bocadinho,  
mas quando vinha da escola já ia trabalhar,  
ia tirar lenha, ia capinar mandioca,  
plantar melancia, tratar de boi [...]  
(Seu Noquinho)*

Outra dimensão recorrente na memória da experiência lúdica de infância dos entrevistados está relacionada com certa organização temporal, determinada de acordo com as atividades de estudo na e para a escola, com o trabalho doméstico e com a brincadeira. Na narrativa que invoca a memória não há como separar o depoente da sua história existencial, impregnada de valores, princípios e desígnios de toda ordem, presentes e dominantes no estágio atual da sociedade contemporânea, mesmo quando se está a escavar sua memória do passado distante.

Como discorre Pereira (2006, p. 81), a “[...] narração faz convergir a história passada e a história presente: ela se torna consciência do presente que não se orienta por uma concepção de tempo progressivo, mas intensivo.” E até porque entre os anos 1930 e 1950, nas localidades interioranas da Ilha de Santa Catarina, os moradores conviviam num modo de vida em muito regulado pelos ciclos<sup>37</sup> da natureza e das tradições.

Cascaes (1989b) realizou muitos registros sobre a vida, nesta época, na Ilha. Ele conta que havia uma vida de cidade, circunscrita ao centro histórico da Ilha e aos seus arredores, com as atividades administrativas e de serviços características de capital do Estado. Desta vida faziam parte: o palácio do governo, as repartições públicas, a praça

---

<sup>37</sup> Sobre esses ciclos da natureza e das tradições, ver o artigo de Maria Bernadete R Flores, “Entre a casa e a rua... memória feminina das festas açorianas no sul do Brasil”, publicado no periódico *Cadernos Pagu*, nº. 4, 1995. Ver também o livro de Mara Lago, “*Modos de Vida e Identidade: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina*” (1996). Ver ainda a tese de doutorado de Eugenio P. Lacerda, “*O Atlântico Açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade*” (2003), especialmente, o capítulo 3 que aborda “O modo de vida ilhéu: história e etnografia”.

quinze, a catedral, o mercado público, aglutinando os negócios da pesca e da produção agrícola vindos de várias freguesias interioranas da Ilha e de localidades do continente, as escolas públicas e religiosas de ensino, os hotéis, hospitais e outras atividades de comércio e serviços pelas ruas principais do centro histórico onde as pessoas já viviam num ritmo de primeiros passos da pressa urbana. Esta era a vida de cidade na qual Cascaes também estava inserido como professor de desenho na antiga Escola Industrial.

Entretanto, afastada do centro histórico da Ilha, havia outra vida, com característica mais rural e pesqueira, organizada a partir de freguesias espalhadas pelas várias regiões da Ilha que ainda se mantinham isoladas e com difícil acesso em virtude das precárias condições das estradas de terra e da escassa disponibilidade de transporte. As pessoas viviam num ciclo orientado pelo trabalho na lavoura, na fabricação da farinha de mandioca nos engenhos, na criação de animais, na pesca, atividades estas que se intercalavam com os festejos do divino, as festas juninas, as novenas de natal, os ternos de reis e outras tradições cíclicas. Contemporâneo desta época, Cascaes aproveitou para realizar registros artísticos variados deste modo de vida típico do interior da Ilha, por entender que este ainda mantinha a identidade açoriana, apesar de ameaçado de ser desmontado em função do avanço do processo de urbanização que não tardaria a chegar a todas as regiões da Ilha.

Em seus estudos, Flores (1995) também descreve como eram a Ilha e o modo de produção da vida de seus habitantes nesse período. Ela conta que, nos anos antecedentes e subseqüentes à virada do século XIX para o XX, a cidade passou a viver uma fase de declínio da atividade portuária, que havia sido protagonista do progresso em tempos anteriores. Assim, a capital do Estado de Santa Catarina, durante a primeira metade do século XX, viveu uma época de empobrecimento, destacadamente depois dos anos 1920. Além da atividade do porto, em declínio, também ocorreu uma retração nas atividades decorrentes dos serviços e no comércio de produtos agrícolas e artesanais de origem local. A autora caracteriza esta época dizendo que ao quadro de estagnação econômica se juntavam políticas de exclusão social praticadas pela elite dirigente da cidade e a conseqüência de tal estagnação eram as escassas opções de trabalho, restando aos habitantes da cidade (centro histórico) a alternativa de ir atrás de biscates, atuando como vendedores ambulantes, carregadores ou exercendo qualquer outra atividade que lhes proporcionasse algum ganho para sobreviver. A pesquisadora conta:

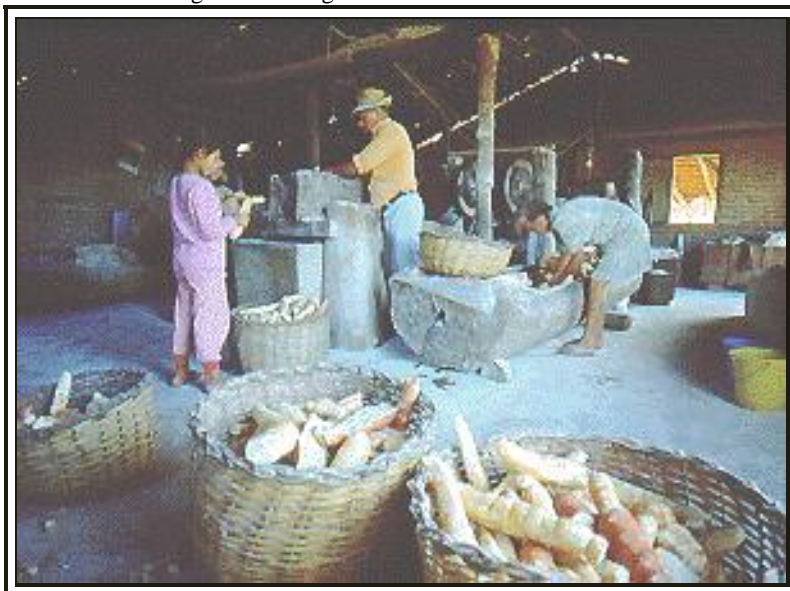
O interior da Ilha que, tradicionalmente, abastecia a cidade e exportava, em grande escala, a farinha de mandioca, ressentia-se com o declínio das atividades econômicas. A população vivia, agora, de uma agricultura de subsistência, tendo a pesca artesanal, como atividade subsidiária. Alguns engenhos de farinha permaneciam em atividade ao longo da Ilha e, nesta época, o porto do Rio Grande, no Rio Grande do Sul, começou a ser um pólo de atração. Muitos pescadores passaram a transitar por vários portos do país, ficando a mulher com o maior ônus da sobrevivência cotidiana da família. [...] Os homens que ficaram dedicaram-se à pesca da tainha e outros peixes, vendidos no mercado da cidade pelos 'pombeiros'. No mercado da cidade também eram vendidos os pequenos excedentes: farinha, café, aguardente, laranja, mandioca, milho. As mulheres [...] dedicaram-se a produção artesanal da renda; na época da farinha, trabalhavam no engenho dos outros; na época do café, na apanha do café, ganhando por produtividade; na época da tainha, na escala e salga do peixe; no trabalho da horta e criação de pequenos animais domésticos, além de lavar, remendar, cozinhar, cuidar dos doentes... Traziam para a cidade – em longas caminhadas e, geralmente, em grupos – além da renda que tinha uma boa procura, ovos, óleo de mamona, sabão, tecidos de tear (as mulheres velhas faziam tecidos de tear, atividade remanescente do século anterior), mantas de tear, esteiras (FLORES, 1995, p. 129-130).

Esta caracterização de Flores (1995) sobre o interior da Ilha ilustra bem o modo de vida típico dos moradores interioranos na época de infância dos entrevistados. Era uma época marcada pela agricultura de subsistência, com várias culturas agrícolas cíclicas, e pela pesca artesanal, também regrada de acordo com as estações do ano. A passagem a seguir é expressiva da ideia de tempo na infância regido pelo ciclo da natureza, do trabalho e das tradições comuns no interior da Ilha:

**Ah! Trabalhar! Voltava da escola e ajudava os pais.** Meu pai trabalhava na pesca, tinha bastante coisa de pesca, mas nós tinha gado, a vaca de leite e tinha como diz o ditado a roça, ia de manhã cedo lá marcava um pedaço e dizia: hoje é prá você trabalhar! Tinha que estar pronto, no outro dia ele ia conferir (risos). Ele era danado, não tinha essa malandragem de hoje em dia, 17, 18 anos de tá na rua de noite. **Os filhos saíam de noite com os pais, como eu tô falando iam prá um biju, um engenho de farinha que era mais, era coisa muito nativa,** tinha muita coisa, aqui na Fortaleza ou no campo o pai dela [da esposa] tinha também. **Ali se juntava pessoal de toda a idade** (Seu Virgilino – Barra da Lagoa - em 07/09/2009 - grifos nossos).

Aquele era um tempo em que existia, entre outros elementos, a convivência entre as diferentes gerações, quando “*se juntava pessoal de toda a idade*”, nas noites frias de inverno, a produzir artesanalmente a farinha de mandioca e seus derivados, como o “biju”, no interior dos engenhos de farinha. Com efeito, a “[...] farinha de mandioca foi o produto agrícola de todos os tempos. Desde os começos da colonização, já constituía o principal produto de exportação, tendo perdurado os engenhos em atividade, até meados do século XX.” (FLORES, 1995, p. 132). Na época da farinhada, se ouviam muitas narrativas de histórias dos antepassados, este era o tempo propício para o convívio entre gerações, um modo de vida em que o trabalho e o não trabalho também conviviam. A Figura 15 a seguir mostra como era o trabalho num engenho de farinha de mandioca.

Figura 15 – Engenho de farinha de mandioca.



Fonte – Acervo próprio (2000).

Discorrendo sobre a época da farinhada, Cascaes (1989b) lembra que havia hora para começar, mas não para acabar o trabalho. Ele conta que costumava ser uma atividade que envolvia muita gente do local do engenho: os homens, as mulheres e as crianças. Acontecia no início do inverno, quando a mandioca já podia ser colhida nas plantações que se espalhavam pelos pés dos morros e nas terras de várzea da Ilha. O autor ressalta que, em certa época, chegaram a funcionar perto de 300 engenhos de farinha na Ilha, e que alguns destes engenhos também produziam açúcar e cachaça<sup>38</sup>. Ele assim se pronuncia sobre o assunto:

[...] Desde criança eu trabalhei em engenho de farinha, raspava mandioca na cevadeira. Nessa função dava muitos acidentes. Tem até um versinho assim: “menino que estás cevando / toma

<sup>38</sup> O filme documentário “*Seo Chico, Um Retrato*” (1998) trata da produção artesanal da cachaça no engenho de tração animal de Seu Chico, nos altos do Sertão do Peri, localidade situada no sul da Ilha de Santa Catarina. O documentário foi elaborado de modo a preservar a cadência natural do tempo no engenho, respeitando o modo de falar de Seu Chico e a lógica singular do seu pensamento.

cuidado com a roda / que nós estamos no inverno / e não é tempo de poda.” No caso, a poda seria o dedo, a roda rala o dedo com osso e tudo. [...] Para agüentar até quinze horas seguidas de trabalho eles inventavam distração, cantavam durante todo o tempo em que forneavam, em que raspavam mandioca. Eles cantavam muito e até inventavam versos uns para os outros, negócio de namoro, essas coisas. [...] De modo que eles também jogavam “capote” para adiantar mais a raspação. É assim, eu raspo uma raiz de mandioca, mas só a metade e passo a outra metade para a outra pessoa raspar, para ver quem é mais ligeiro. E se ele não for bom raspador amontoa, fica um monte de capote do lado do pé. E cantava-se: “Maria, traz a faca / e vai chamar o migote / que está fazendo muito frio / e está na hora do capote.” Era para desafiar. E mais: “quando o engenho de farinha / está coberto de poeira / é sinal de que neste ano / foge muita moça solteira.” Cantavam assim (CASCAES, 1989b, p. 63-64).

O modo de vida do ilhéu de antigamente, tal como descrito por Cascaes e Flores, pode ser caracterizado por se aproximar de uma concepção de tempo intensivo e inteiro, no qual as histórias humanas e suas subjetividades são os constituintes dos sentidos do tempo. Para García (2007), esta concepção de tempo é histórica em duplo sentido:

[...] em primeiro lugar, menciona o tempo como construção social para mostrar, seguindo Norbert Elias, que a humanidade forjou seu mundo, seu tempo e seu espaço, e que o fez a partir de um longo processo de acumulação de saberes. Neste sentido, o tempo é uma invenção. Em segundo lugar, refere-se imediatamente não ao tempo como construção social quanto para a construção social do tempo, isto é, para os metadiscursos e formas de organização que as sociedades e grupos humanos tenham construído com ordem para as formas de relação entre o passado, o presente e o futuro (GARCÍA, 2007, p. 9)<sup>39</sup>.

---

<sup>39</sup> Original do texto de García (2007, p. 9) traduzido pelo autor: “[...] em primer lugar, alude al tiempo como construcción social para mostrar, siguiendo a Norbert Elias, que la humanidad há



Considerando o tempo como uma construção social que demarca a vida na sociedade, então, o tempo na e da infância também sofre as influências e determinações desta invenção humana. As crianças igualmente tomam conhecimento e incorporam esta noção de tempo à medida que se socializam, mas por experimentarem este processo de socialização durante a infância estão sujeitas e suscetíveis à experiência do tempo intensivo e inteiro. Portanto, há a possibilidade da criança experimentar dimensões do mundo do trabalho e do mundo da brincadeira de modo simultâneo, como assinala o próximo depoimento:

É, a gente ia buscar a lenha no morro, botava um fueiro de cada lado para a lenha não cair e nós subia em cima e despencava, né? **Nós ia no mato tirar lenha e tinha um morro lá dentro do mato**, cheio de mato, né? Nós ia lá em cima, **sentava dentro daquele negócio, carriola, e vinha direto, né? [...]. É..., aquela cachopa de coqueiro**, né. (Seu Bento – Cacupé - em 04/07/2009 - grifos nossos).

A noção de tempo, na criança, se constrói socialmente na relação com o mundo em seu entorno, à medida que ela passa a se integrar nas atividades, rotinas e nos horários deste mundo à sua volta. Entretanto, a criança também experimenta tempos de fuga ou de intensidade, como mostra o depoimento anterior, em que é possível observar que o tempo do trabalho doméstico se mistura com o tempo de brincar, ou seja, são simultâneos e carregados de intensidade e significação.

Cabe aqui citar Kohan (2007, p. 86) que, compartilhando da ideia da importância em se ampliar os “horizontes da temporalidade”, recorre à herança clássica dos gregos. Na antiguidade clássica, os gregos se referiam mais comumente ao tempo como cronos, palavra “[...] que designa a continuidade de um tempo sucessivo. [...]. O tempo é, nessa concepção, a soma do passado, do presente e do futuro [...]”. De acordo com o autor, embora esta noção de tempo tenha se tornado mais conhecida e usual, havia ainda entre os gregos a noção de tempo como kairós e aión. Kairós, significando o tempo como momento crítico,

---

forjado su mundo, su tiempo y su espacio, y que lo há hecho a partir de um largo proceso de acumulación de saberes. Em este sentido, el tiempo és una invención. Em segundo lugar, atañe ya no al tiempo como construcción social cuanto a la construcción social del tiempo, esto es, a los metadiscursos y formas de organización que las sociedades y grupos humanos han edificado com arreglo a las formas de relación entre el pasado, el presente y el futuro.”

oportunidade, e aión, com significado próximo de kairós, mas designando uma temporalidade intensiva, um tempo como duração, nem quantificável e nem sucessivo. Com referência em Heráclito, o autor diz que este pensador grego associa a noção de tempo aión a uma criança que brinca. Conclui, então, que o tempo não é apenas uma cronologia, havendo uma temporalidade que se parece com o que uma criança realiza.

O tempo como uma invenção humana denota as mãos da humanidade na ideia e representação do que é o tempo, ou seja, um atributo engenhoso da inteligência humana para as necessidades decorrentes do processo civilizatório (García, 2007). A autora discorre sobre as múltiplas dimensões do tempo recorrendo a vários estudos já realizados e para as análises que transcorrem na presente pesquisa considero pertinente destacar a referência que ela faz à bi-dimensionalidade do tempo com a ideia batizada pelos gregos como cronos e kairós:

Para os gregos, Cronos representava o tempo linear, aquele que nos consome e nos conduz em direção à morte, um deus gigante que devora seus próprios filhos. Cronos está na origem do nome desse instrumento para medir o tempo, o cronômetro, e de toda a temporalidade sucessiva que se pode contabilizar. [...] Se trata do tempo quantitativo. Kairós, por sua parte, é simbolizado como uma divindade muito pequena, uma espécie de duende com a cabeça calva e com uma mecha de cabelo densa na frente; simboliza o momento da felicidade, da mudança, da inovação ativa, da oportunidade. [...] O tempo cronológico parece impor-se a nós desde o exterior; o kairológico vive em nossa intimidade. Permanecemos, assim, separados entre dois tipos de experiências temporais (GARCÍA, 2007, p. 62 – 63)<sup>40</sup>.

---

<sup>40</sup> Original do texto de García (2007, p. 62-63) traduzido pelo autor: “Para los griegos, Cronos representaba el tiempo lineal, aquel que nos consume y nos conduce hacia la muerte, un dios gigante que devora a sus propios hijos. Cronos está en el origen del nombre de ese instrumento para medir el tiempo, el cronómetro, y de toda temporalidad sucesiva que pueda contabilizarse. [...] Se trata del tiempo cuantitativo. Kairós, por su parte, es simbolizado como una deidad muy pequeña, una especie de duende con la cabeza calva y con un mechón de pelo denso en la frente; simboliza el momento de la felicidad, del cambio, de la innovación activa, de la oportunidad. [...] El tiempo cronológico parece imponérsenos desde el exterior; el kairológico

A autora em questão enfatiza que, para a humanidade, hoje, não se trata de dois tempos, mas de duas possibilidades de experimentar a sucessão do tempo, de viver e de ser. Garcia (2007) caracteriza o tempo cronos como um tempo objetivo, quantitativo, de seqüência de instantes em que predominam o antes, o agora e o depois, um tempo dos ritmos biológicos e físicos, marcado pelo calendário e o relógio, enfim, metaforicamente, trata-se de um tempo das máquinas, típico da modernidade.

Por sua vez, o tempo kairós é caracterizado como um tempo subjetivo, qualitativo, de simultaneidade de tempos, marcado pela experiência da duração em que passado, presente e futuro coexistem, um tempo dos ritmos sociais, históricos e narrativos, em suma, um tempo mais cíclico, da possibilidade do retorno e da rememoração da vida. Em relação a este aspecto, a mesma autora destaca Marcel Proust que, em sua conhecida novela “*Em busca do tempo perdido*”, expõe o poder da rememoração do instante que é capaz de fazer emergir uma possibilidade da realidade perdida nos escombros do passado. Uma realidade do tempo que parece esquecida e extraviada, mas que pode ser recuperada pela memória, pela evocação do passado no presente, como no depoimento transcrito na seqüência, em que o entrevistado escava as lembranças de uma brincadeira em meio a uma atividade produtiva à época da farinha:

Tinha a raspada da mandioca e aqui por perto tinha três engenhos, inclusive ali no Monte Verde tinha um de açúcar e de mandioca... Então os donos dos engenhos... **eles faziam uma brincadeira chamada capote**. O capote era o seguinte: ela raspava a metade da mandioca jogava prá mim e eu raspava a outra metade da mandioca e jogava prá outro, então aquele que ficasse com o monte maior durante tanto tempo era o capote, era gozado como aquela história da cadeira, entende? Que tem seis cadeiras prá sete pessoas, então com isso criava-se velocidade e num instante se raspava a mandioca... (Seu Valdemar – Centro, no Morro do 25 - em 03/08/2009 - grifo nosso).

---

vive en nuestra intimidad. Permanecemos, así, escindidos entre dos tipos de experiencias temporales.”

A narrativa de Seu Valdemar sobre a farinhada é convergente com a realizada por Cascaes e ambos dão destaque à brincadeira do “capote” corroborando, assim, a ideia de que a época da farinhada constituía um tempo de características kairós, pois estava circunscrito a uma totalidade em que as vidas das pessoas estavam mergulhadas num dado contexto sócio-econômico-cultural de dimensões laborais, lúdicas e de convivência entre as gerações, inseridas num mesmo tempo e lugar de múltiplas e diferentes relações e interações.

Ainda recorrendo a Flores (1995), a autora traz uma dimensão da temporalidade própria das localidades interioranas da Ilha de Santa Catarina, muito em voga na época de infância dos narradores colaboradores desta investigação. Naquele período, entre 1930 e 1950, estas localidades, ainda distantes e isoladas do centro histórico da Ilha, longe da cidade, como costumavam dizer os ilhéus interioranos, viviam arraigadas em seus ciclos produtivos e de tradições festivas religiosas e profanas. Como diz a autora, predominava um processo de

[...] renovação cíclica do tempo. O calendário do trabalho que predomina numa economia rural parece voltado ao tempo cíclico do eterno recomeço ou ritmo dialético do trabalho e das festas. É então o cronos da natureza que marca o tempo do trabalho, confunde-se com o cronos cultural que marca o tempo das festas. Numa região, como a que estamos tratando, de pequenos agricultores e pescadores, com uma organização mínima de comércio e administração, as tarefas cotidianas (que podem variar desde lavrar a terra, até construir e remendar as redes) estão condicionadas às rotações do tempo, proporcionando as diferentes situações de trabalho e suas relações com os ritmos naturais. [...] O relógio da natureza indica o que fazer no trabalho; e surge a época rubra do café [...] a época branca da farinha, mas também do jogo-do-capote e da algazarra noturna em torno do monte de mandioca; a época gelada da tainha e os serões barulhentos na cozinha no preparo e salga do peixe; a época doce do tempo do açúcar e a azáfama do engenho (FLORES, 1995, p. 119 - 120).

Enfim, era um tempo concebido por Flores (1995) como um “cotidiano por inteiro”, que abarca o lúdico, o trabalho e o sagrado. Nas suas palavras, o “[...] lúdico se mistura ao religioso e também ao trabalho, e todas essas dimensões são marcadas pela sazonalidade, que pode ser pelas estações do ano e/ou pela liturgia do ano.” (FLORES, 1995, p. 120). Desse modo, o tempo do trabalho e o tempo do não trabalho não eram rigidamente separados, além do fato característico das atividades produtivas, com frequência, serem permeadas por cantorias, jogos e brincadeiras, como o “jogo do capote”, por exemplo, que integrava o ritual produtivo da farinha de mandioca. Com efeito, a “[...] produção da subsistência, as diversões, a comunicação, os ritos religiosos, o namoro, as trocas de experiências, estão imbricadas na jornada, dada pelo que é necessário fazer, necessidade proveniente do tempo regular das safras e das épocas.” (FLORES, 1995, p. 120). A autora defende a ideia de que nesta dimensão de inteireza vivida no dia-a-dia dos moradores ilhéus é que se estabeleciam a sociabilidade, as amizades, os conflitos e as relações de poder. Nesta dimensão de temporalidade da vida é que estava inserido o tempo de infância dos velhos entrevistados, como demonstra o depoimento a seguir:

Isso é. **O meu pai ele trabalhava também na roça e também quando eu era pequeno ajudava ele as vez na roça, né?** Então esse, esse carrinho que vai com boi aí, a gente tratava de carretão! Carretão, então o meu pai ia na frente puxando os bois, chamando os bois, né? Pru boi caminhar e a gente ia embarcado dentro do carrinho assim, como tá esse aqui, não sei se tá embarcado? (Seu Zequinha – Ribeirão da Ilha - 10/10/2009 - grifo nosso).

Seu Zequinha, que ainda hoje mantém uma vida que guarda traços típicos de seus antepassados “colonos-anfíbios”, como Cascaes (1989b) se referia aos interioranos que se ocupavam da lavoura e da pesca, explica que o seu tempo de infância estava colado e em interação com o mundo do trabalho de seu pai. Naquela época, este mundo do trabalho, que geralmente se situava nos limites visíveis do entorno das moradias, era predominantemente agrícola ou pesqueiro em algumas freguesias do interior da Ilha e apenas agrícola ou pesqueiro em outras. Se por um lado esta aproximação interativa do tempo de infância com as atividades do mundo adulto assinala a presença da dimensão de inteireza

e totalidade, características do tempo kairós, por outro aponta uma cisão temporal entre as atividades típicas do modo de produção da vida desta época, com predomínio de valor para as atividades laborais e colocando num plano subalterno o tempo de brincar das crianças.

Nos depoimentos dos entrevistados é recorrente uma cisão temporal entre tempo para a escola, tempo para o trabalho e tempo para brincar, além de parecer pender para uma importância maior do mundo do trabalho no tempo de infância dos velhos entrevistados. Esta ideia recorrente da cisão temporal, nos depoimentos em que os tempos de escola e do trabalho são citados como uma obrigação para as crianças e o tempo de brincar diminuído, restrito a “um bocadinho” ou até mesmo inexistente para algumas crianças, naquele tempo de infância dos entrevistados, em parte, tinha sua razão de ser justificada nas condições da realidade e das necessidades sócio-econômicas de algumas destas famílias, embora Flores e Cascaes tenham registrado uma prevalência de um tempo vivido com dimensões de inteireza, antigamente, nas localidades interioranas da Ilha. Em parte, também, talvez esta fragmentação temporal seja uma ideia levada do presente dos entrevistados para o passado, quando do ato da rememoração do tempo de infância dos velhos, durante o momento das entrevistas, pois as impregnações do presente não desaparecem quando se retorna ao passado.

Nos depoimentos colhidos é possível compreender um pouco mais esta noção de tempo da época. Assim como Seu Zequinha, Seu Noquinha também rememora o tempo de infância fazendo emergir esta ideia de cisão temporal. Nativo nascido e criado nas terras de areia do Campeche, Seu Noquinha ainda reside numa casa centenária, que é do tempo do seu avô e da sua avó, tipicamente açoriana, portanto, que guarda muito das características das habitações antigas. Há ainda no entorno da casa um grande quintal com bananeiras, um pequeno cafezal e árvores frondosas, como o guarapuvú e o abacateiro. Conjugado com a casa está o engenho de farinha, o que facilitava o trabalho nos dias e nas noites frias da época da farinhada. O velho ilhéu assim se manifestou:

Ah, tinha, tinha! **Trabalhava depois ia brincar um pouco, né?** Eu falo a verdade, eu nunca brinquei com essas coisa! [...] **Brincava um bocadinho, mas quando vinha da escola já ia trabalhar,** ia tirar lenha, ia capinar mandioca, plantar melancia, tratar de boi [...] Não, eu to dizendo, mas eu nunca brinquei com isso! [...]

Não, não, mas eu chegava em casa eu não brincava mesmo. [...] É! Buscar lenha, capinar mandioca, plantar melancia, plantar milho..., é, nunca brinquei com essas coisa! (Seu Noquinha – Campeche - em 26/09/2009 - grifos nossos).

A narrativa de Seu Noquinha também expõe a cisão temporal entre o tempo para a escola, o tempo para o trabalho e o tempo para brincar, além de frisar a existência de certa hierarquia: depois da obrigação de ir à escola, tinha que se dedicar ao trabalho familiar<sup>41</sup> da lavoura e só depois de concluídas estas obrigações é que podia brincar um pouquinho. Naquela época, as crianças<sup>42</sup> participavam do cotidiano das famílias e desde cedo eram iniciadas nas atividades de subsistência do grupo, seja ajudando nas tarefas de manutenção da casa, seja no trabalho da lavoura, na criação dos animais ou em outros trabalhos domésticos.

Para compreender esta cisão, é conveniente voltar à ideia de tempo cronos e kairós, desta vez, com a ajuda de Pereira (2006) que, em sua reflexão sobre o lugar do tempo, com base nas ideias de Benjamin, argumenta que o tempo do progresso pode ser caracterizado por uma seqüência cronológica que nivela, é “[...] o tempo da vivência, noção demasiadamente positiva e abstrata, lisa, e por que não dizer, a-histórica. Em contrapartida, o tempo da rememoração é o tempo do agora, ou dos agoras, em que o recalcado é trazido à tona, reivindicando o seu lugar.”

---

<sup>41</sup> Ver mais sobre o trabalho familiar na Ilha de Santa Catarina no estudo de Annamaria Beck, *“Lavradores e pescadores: um estudo sobre o trabalho familiar e trabalho acessório”*, (1979). Ver também a dissertação de mestrado de Mara Coelho de Souza Lago, *“Memória de uma comunidade que se transforma: de localidade agrícola-pesqueira a balneário”*, (1983). Neste estudo, a autora coloca que os habitantes da localidade pesquisada abandonaram o modo de vida pautado na pesca e agricultura coagidos por duas vertentes da expansão capitalista no contexto sócio-econômico da cidade: a pesca industrial e o avanço da urbanização. Como consequência, muitos destes habitantes se desfizeram de suas terras e passaram a viver como assalariados, em condições precárias de emprego e moradia. Ver ainda o livro de Nazareno José de Campos, *“Terras comunais e pequena produção açoriana na ilha de Santa Catarina”*, (1991). Nele, o autor destaca que a formação sócio-territorial da Ilha e litoral catarinense tem origem no processo de colonização que teve início no século XVIII e estava baseado na pequena produção mercantil vinculada aos interesses de Portugal. Esta produção mercantil açoriana na Ilha se caracterizava também pelo uso comum das terras pelos colonos, costume que perdurou por muito tempo. Entretanto, com o avanço das relações capitalistas de produção ocorreu uma apropriação privada destas áreas de uso comum. Segundo o autor, ainda há, nos dias atuais, resquícios desta expressão cultural do uso de terras e bens comunais, seja através da utilização de caminhos e beira de estrada com gado, seja através da retirada de lenha e frutos em terrenos baldios, entre outras expressões.

<sup>42</sup> Ver também o livro *“São João do Rio Vermelho: memória dos Açores em Santa Catarina”*, (1989), de João Lupi e Suzana Lupi.

(PEREIRA, 2006, p. 105). Quer dizer, para o autor, são concepções antagônicas de tempo: o do progresso, que implica numa noção mecânica de tempo representada no cronos, diferente do tempo da rememoração, representado no kairós, que é orgânico e preenche das lembranças do passado que, nele, podem ser trazidas ao presente.

O tempo da rememoração, que traz a possibilidade da restauração do passado no presente, é um tempo percebido como caro e rico nas entrelinhas dos depoimentos dos velhos guardiões da memória e testemunhas de um tempo passado (entre 1930 e 1950) da Ilha de Santa Catarina e dos Açores. Nas narrativas destes velhos é possível encontrar fatos, histórias, projetos, planos e sonhos que foram silenciados ou abandonados, esquecidos ou “recalcados”, como prefere dizer Benjamin. Talvez isto venha ocorrendo pela força e velocidade poderosas do tempo do progresso, que atua sobre todos e impõe um modo de vida típico da modernidade, que diminui as possibilidades da experiência.

A experiência pode ser concebida como espaço do tempo ou tempo do espaço, um “[...] lugar em que se alojam todos os outros tempos: o futuro, o presente e o passado. Na experiência, a eternidade se realiza no instante, no momento mesmo em que essa cintila para o indivíduo, por intermédio da rememoração.” (PEREIRA, 2006, p. 61). Em narrativas como a que segue, de Dona Lucimar, é possível notar esta ideia do tempo da rememoração, em que o tempo de brincar, embora condicionado ao tempo do trabalho, aparece como um tempo da infância, reconhecido e regrado pela autoridade da geração adulta.

De fato, Dona Lucimar, com seus 87 anos de idade, rememora com lucidez seu tempo de infância na região norte da Ilha, com esta característica de um tempo que incluía todos os tempos. Ela contou que no seu tempo de criança eram poucas as famílias que viviam nesta região e que tinham, no dia-a-dia, muitas atividades ligadas à pesca e à plantação de roças. A anciã lembrou que seu tempo de brincadeiras, na infância, fazia parte deste contexto de atividades de subsistência comum às famílias da época:

Não! Eu, com seis anos comecei a fazer renda. [...] Sabe qual era a nossa primeira brincadeira? Boneco. Era boneco de pano. **Nós não tivemos tempo de brincar muito!** [...] **Só de tardinha minha mãe dizia: - agora larga a renda e vão brincar!** [...] Tinham que trabalhar em casa! [...] Ah! Ajudavam os pais na roça! [...] Pescavam e as



meninas ficavam ajudando... (Dona Lucimar –  
Ponta das Canas - em 06/08/2009 - grifo nosso)

Há, aqui, uma cisão entre o trabalho e o brincar que também se configura como de gênero, ou seja, o testemunho de Dona Lucimar evidencia, também naquela época, uma diferenciação entre meninos e meninas em relação às atividades laborais e à cultura lúdica. Silva (2002, p. 27), em seu estudo sobre a vida cotidiana do trabalho e da cultura lúdica das “meninas-mulheres” no meio rural da cana de açúcar da Zona da Mata, em Pernambuco, faz alusão a este aspecto ao enfatizar que estas meninas estavam submetidas a um “[...] duplo movimento opressivo de classe e gênero.” Para o autor, o tempo dos meninos e das meninas em relação às dimensões do trabalho e da brincadeira apresentava, de fato, uma distinção: de um lado, os meninos, tendo mais oportunidades para realizar jogos e brincadeiras, como o futebol, e andar livremente pela mata, mas somente após a realização da tarefa extenuante no trabalho da cana de açúcar; e de outro lado, as meninas, com o sentimento de indignação por não terem as mesmas oportunidades lúdicas dos meninos e resignadas diante do fato de terem que limitar suas brincadeiras às bonecas, quando sobrava tempo das obrigações e responsabilidades do trabalho doméstico.

A cisão temporal referida no início deste item mostra-se como uma realidade que também apresenta uma simultaneidade temporal no tempo de infância escavado nas memórias dos velhos entrevistados, entretanto, como aparece na narrativa de Dona Lucimar, esta cisão ocorre concomitantemente, dentro de uma dimensão de tempo vivido caracterizado por inteireza e intensidade comum naquelas localidades da Ilha, como defenderam anteriormente Flores e Cascaes, e que possivelmente está em convergência com a concepção de tempo kairós apresentada antes por García, Kohan, Pereira e agora por Agamben e Perrotti.

O primeiro autor, Agamben (2005), também compartilha da crítica à concepção ocidental do tempo como algo homogêneo, linear, quantificado, mecânico, do tempo como sucessão contínua e interminável de instantes determinados, pontuais. Em posição contrária a esta dimensão da temporalidade, ele expõe uma concepção do tempo caracterizada por uma

[...] experiência liberadora de um tempo que não é algo de objetivo e subtraído ao nosso controle, mas brota da ação e da decisão do homem. O seu

modelo é o *cairós*, a coincidência brusca e improvisa na qual a decisão colhe a ocasião e realiza no átimo a própria vida. O tempo infinito e quantificado é assim repentinamente delimitado e presentificado: o *cairós* concentra em si os vários tempos [...] e, nele, o sábio é senhor de si e imperturbável como um deus na eternidade (AGAMBEN, 2005, p. 123 -124).

Esta ideia do tempo *kairós* de reunir “em si os vários tempos” pode, então, neste caso, sinalizar para a possibilidade de integralidade dos tempos de escola, de trabalho e de brincar como dimensões de um mesmo tempo porque constituídos na ação e naquela dinâmica social.

Por sua vez, Perrotti (1990), ao pensar sobre a criança como produtora de cultura, assinala que a fragmentação dominante do tempo em que as fases da vida dos homens, isto é, infância, maturidade e velhice, são concebidas fechadas em si, resultou, historicamente, de uma concepção do tempo que despreza as suas dimensões de totalidade, unidade e simultaneidade. Sendo assim,

[...] é criado um descompasso temporal que impossibilita qualquer integração da experiência total vivida pelas pessoas, já que a realidade temporal do sistema (externa) impõe-se à realidade temporal humana (interna), sem a menor consideração pelas características desta. [...] À racionalidade interessa somente o tempo de produção, o tempo destacável, fragmentado, mercantilizável/mercantilizado. A racionalidade capitalista despreza completamente o tempo dos homens. Tempo total, integral, simultâneo, passado-presente-futuro fundidos em instantes de plenitude. [...] Ora, o tempo do lúdico não pode ser jamais o da produção capitalista. Daí o lúdico identificar-se com a criança, já que ela não está apta para o sistema de produção em virtude de o espírito da racionalidade não ter conseguido ainda domá-la (PERROTTI, 1990, p. 20).

A ideia de Agamben, do tempo *kairós* de juntar os vários tempos num só, se aproxima daquela que traz Perrotti quando se refere ao tempo como algo total, unitário e simultâneo, portanto, também converge para a perspectiva de tempo vivido caracterizado por inteireza e intensidade

comum naquelas localidades da Ilha, como defenderam anteriormente Flores e Cascaes. Um tempo sujeito às escalas de valores e costumes do contexto e modos de vida predominantes no período de infância dos velhos ilhéus entrevistados. Os depoimentos que seguem apontam para isto, ao fixarem o dia de domingo como dia destinado para brincar, mas somente após cumprirem as obrigações, as tarefas domésticas ligadas à subsistência da família, pois o trabalho aparece como uma atividade em primeiro plano também para as crianças daquela época:

É, é... então, a gente era assim oh: se quisesse brincar os domingo já os pai da gente já tinham programado: - **oh, domingo se vocês quer brincar já vai deixando a comida do cavalo pronta, comida pra vaca. Porque o dia todo, todo dia da semana tinha serviço, né?** Meu camarada, todo dia, era o dia todo (Seu José – Lagoa da Conceição – 22/10/2009 - grifo nosso).

E se não depois também tinha a nossa tarefa, né? Que eu tinha tarefa de... Meu Deus! Eu desde os meus doze anos quando fui prá lá e aí minha madrinha tinha mais filhos e aí era **eu que cozinava, eu que lavava a roupa, eu fazia toda a minha lida da casa e ainda tinha tarefa de fazer renda**, porque ela me ensinou a fazer renda, né? E tinha aquela tarefa ali de fazer a renda, enquanto eu não terminasse aquela quantidade que ela marcou ali, a gente não saía dali, tanto eu quanto as minhas irmãs de criação, né? Era assim: **nós tínhamos aquela tarefa! E eu não tinha muito tempo assim... de estudar, eu não tive tempo de estudar, e também prá me divertir também não tive muito tempo, porque a gente tinha muito, trabalhava muito!** (Dona Lindalva – Centro, na Rita Maria - em 22/10/2009 - grifos nossos).

Seu José e Dona Lindalva são casados há mais de 50 anos e desde seus tempos de infância testemunham as transformações ocorridas nesta que é uma das mais antigas freguesias da Ilha, a Lagoa da Conceição.

Por último, é possível inferir ainda que a infância passada entre o tempo de estudo na escola, o trabalho doméstico e a hora para brincar, situada assim por grande parte dos velhos ilhéus de “Açores Aqui” e de “Açores Além-Mar”, de certo modo, assinala a ideia de uma infância

circunscrita num tempo cíclico e vinculada ao modo de vida típico daquela época, entre 1930 e 1950, quando as crianças brincavam inseridas num tempo tomado pelas dimensões de intensidade e simultaneidade.

**2.3 A ideia de infância como tempo feliz e próximo da natureza:  
“Nós brincava muito, brincava de trepar nas árvores, de balançar as canoas...”**

*Nós brincava muito,  
brincava de trepar nas árvores,  
de balançar as canoas...*  
(Seu Bento)

O conteúdo do depoimento contido na epígrafe deste item parece indicar a concepção de infância manifestada pela maioria dos velhos moradores entrevistados, uma infância de um tempo feliz e muito ligada ao espaço natural onde eles moravam e onde produziam sua subsistência, um ambiente em que as pessoas pareciam estar mais integradas e em harmonia entre si e com a natureza.

Mas por que razão grande parte desses velhos narradores manifestou uma ideia de infância caracterizada como um tempo feliz e próximo da natureza?

Uma resposta possível a esta questão diz respeito ao fato das localidades interioranas da Ilha de Santa Catarina, entre 1930 e 1950, permanecerem ainda distantes do centro histórico e político-administrativo da Ilha. Este distanciamento promovia certo isolamento e um modo próprio de vida dessas freguesias. Cascaes (1989b) aproveitou esta situação de distanciamento e isolamento para realizar registros de um modo de vida que estava condenado ao desmonte e ao esquecimento pelas ações dos interesses de modernização e urbanização que começavam a ser projetados e executados na região central da cidade pela elite política dirigente da época. Aliás, neste sentido, Cascaes foi visionário ao denunciar que o “[...] novo projeto político desqualificaria toda a tradição oral local anterior às intervenções modernas, evidenciando, por meio delas, novas realidades culturais imediatas, construídas segundo novas matrizes de sociabilidade, externas às comunidades pesqueiras.” (SOUZA, 2002, p. 94). Cascaes (1989b) costumava dizer que seu interesse em percorrer estas localidades interioranas se devia ao fato de querer registrar o que ainda restava da

cultura popular de origem açoriana, pois anunciava que seu desaparecimento, num tempo futuro, não tardaria a ocorrer.

Nos primeiros tempos de seu trabalho de coleta e registros, o estudioso costumava fazer suas incursões, muitas vezes sozinho, de canoa, às várias localidades do interior da Ilha, pois como filho de pescador, criado em meio às pescarias, estava acostumado ao mar e facilmente navegava da praia de Itaguaçu, pela baía sul, até a praia da Tapera, e dali até a freguesia do Ribeirão. Ele mesmo conta:

Outras vezes eu alugava uma carroça e me levava até onde eu queria, a um engenho, a uma casa de canoa onde eu ficava dois ou três dias. Eu conversava com as pessoas, ficava escutando muito e escrevia tudo em muitas folhas [...] Eu não encontrei na Ilha pessoas que tivessem cultura vasta, mas sim pessoas muito simples que contavam essas histórias. Elas contavam pedacinhos, coisas truncadas. Eu anotava no caderno: fulano contou assim, assim, assim e depois vinha para casa, e aqui em cima dessa mesa eu fazia a montagem (CASCAES, 1989b, p. 23).

Cascaes (1989b) narra que levava para suas viagens ao interior da Ilha uma pasta de couro contendo pacotes de folhas, lápis, borracha, e que enchia estas folhas, ora escrevendo as histórias que ouvia das pessoas, ora esboçando desenhos sobre o que elas falavam. Eram muitas histórias de bruxa, de lobisomem ou de boitatá. Ele achava estas histórias fabulosas e admirava-se do modo de contar das pessoas, que as interpretavam como se estivessem assustadas. Aqui cabe ressaltar a força da tradição oral ainda dominante nestas localidades do interior da Ilha com as quais Cascaes pôde ter contato e que foi por ele registrada.

Conta ainda o autor que dedicou muito tempo de sua vida a escrever, anotar, desenhar e a fazer esculturas que, de algum modo, registrassem a cultura açoriana remanescente e reconstruída na Ilha pelos várias gerações de descendentes de açorianos. A partir de 1960 ele passou a realizar suas incursões ao interior da Ilha com um carro, uma Kombi adquirida com as economias feitas por sua esposa, Dona Elizabeth Pavan Cascaes, auxiliar efetiva em suas pesquisas. Todo o custo deste empreendimento investigativo saía de seu próprio bolso.

Cascaes (1989b) faz questão de frisar que em 1946, época em que diz ter iniciado efetivamente suas pesquisas, com coleta e registro da

cultura popular da ilha, já havia um movimento de desmonte da cidade de Nossa Senhora do Desterro<sup>43</sup>, como sempre preferiu denominar Florianópolis. “Começaram a derrubar diversos prédios antigos em toda a cidade. E depois construíram essas favelas de rico, os prédios de apartamentos. Mas, a cidade era muito bonitinha, muito bonita. E eu fui encontrar nas ilhas dos Açores parece que a cópia desta, só que as de lá ainda se conservam.” (CASCAES, 1989b, p. 26). Por ocasião do meu Estágio de Doutorado, realizado em Portugal, foi possível conhecer e confirmar, nas Ilhas de São Miguel e Terceira, no Arquipélago dos Açores, a preservação da arquitetura do casario colonial que o artista-folclorista havia constatado tempos atrás, quando da sua visita aos Açores. Destaque para a cidade de Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, que inclusive foi tombada como patrimônio histórico da humanidade pela UNESCO.

Na contramão deste processo de modernização, Franklin Cascaes tratava de continuar suas pesquisas de recolhimento e registro daquilo que ainda havia de cultura popular da Ilha. Procurava divulgar seu trabalho, ora com artigos em jornais da cidade, ora com exposições de seus desenhos e suas esculturas. Dentre suas atividades nesta direção, merecem destaque as montagens de presépios, que realizava por ocasião da época de Natal, na Catedral Metropolitana e na Praça XV de Novembro.

Antes de Cascaes, Várzea<sup>44</sup> (1985) já havia realizado um registro descritivo da Ilha de Santa Catarina. Alguns estudiosos entendem que

---

<sup>43</sup> “Este nome foi dado por Francisco Monteiro Dias Velho, quando tentou colonizar a ilha em 1674, por af. [...] Foi esse que foi trocado, no governo de Hercílio Luz, para o de... [Cascaes se recusava a escrever o nome atual da cidade, Florianópolis, uma homenagem feita a Floriano Peixoto] um homem que mandou matar quase trezentas pessoas somente aqui. Quase trezentos chefes de família, aqui nessa terra pequena, que naquele ano de 1893, era uma pequena vila. Eles foram assassinados friamente, sem passar por julgamento nenhum, até hoje não se sabe quantos foram mortos. Na minha casa sofremos a derrota de três chefes de família. E foi trocado esse nome. Como podia ser? Trocar o nome daquela pessoa que se sacrificou para salvar a vida de uma criança, pelo de uma pessoa que, ao contrário, mandou matar? Não concordo (CASCAES, 1989b, p. 30)”.

<sup>44</sup> Virgílio Várzea (1863 – 1941), natural de Canasvieiras, localidade ao norte da Ilha. Cedo, aos 13 anos, Várzea ingressou na Escola Naval na cidade do Rio de Janeiro, de onde conhece o mundo. Exerceu várias funções no serviço público, tanto na província de Santa Catarina quanto na cidade do Rio de Janeiro, antiga capital federal. Publicou inúmeras obras literárias que têm o mar como inspiração, dentre elas, “*Santa Catarina – A Ilha*”, em 1900. Nesta obra, realiza uma descrição da Ilha de Santa Catarina, abordando aspectos históricos, geográficos e paisagísticos de todos os arrabaldes, freguesias, arraiais e praias, bem como a origem e as características de seus habitantes, e também as peculiaridades da produção econômica, especialmente a pesca e a agricultura, além de descrever algumas tradições e festas ligadas a estas atividades.

seu trabalho não foi tão profundo, sistemático e crítico como aquele realizado por Cascaes em relação à cultura popular de origem açoriana, mas seu registro ajuda a imaginar a vida, as pessoas e a natureza nestas localidades, possibilitando uma aproximação das imagens contidas nas narrativas dos velhos entrevistados. Isto fica evidente quando o escritor ilhéu alude à freguesia da Lagoa da Conceição:

A população da Lagoa, que monta a 3.450 almas, é das mais laboriosas que conhecemos: cultiva, além das plantas já mencionadas, o café, a uva, o algodão; fabrica aguardente, açúcar, melado; exporta para a capital alhos, cebolas, amendoim, gengibre, etc. Outrora cultivava em grande o linho, sobretudo o linho galego e donzelo, que era aí mesmo tecido em teares rudimentares e primitivos. [...] E é neles que se fazem os tecidos comuns de algodão, branco ou a cores, utilizados para toalhas, guardanapos, colchas, etc., e os chamados *riscados* que são vendidos em “cortes”, e de que se vestem os roceiros em geral (VÁRZEA, 1985, p. 96–97).

O próprio Franklin Cascaes, em narrativa sobre a educação e a hospitalidade nas localidades interioranas da Ilha em tempos passados, dizia que era sempre muito bem recebido nos lugares por onde andava e aos quais chegava:

Se recolhiam as pessoas, quando chegava a noite, nos engenhos, nas casas das canoas. Se recebia todo mundo que aparecia por lá. Comida? Sempre se dava um jeito. Nos domingos os parentes se visitavam, iam nas casas dos outros, um quilômetro, dois quilômetros, a pé, para fazer a visita ou porque estava doente, ou porque houve casamento, ou porque alguém morreu. Se nascia, também. Estavam sempre se comunicando. As pessoas, ao meu ver, eram mais amigas. Olha, eu moro aqui há tanto tempo e os vizinhos não se falam. Dias atrás morreu um vizinho ali e eu não sabia. Eu vivo trancado aqui, escrevendo, desenhando só essas coisas (CASCAES, 1989b, p.99).

O escritor dizia que naqueles tempos havia muitas árvores entre as casas, não existindo praticamente qualquer tipo de cerca, tudo era aberto. As crianças tinham uma imensidão de área de pastos para correr e brincar. Elas também se esbaldavam em carreiras e brincadeiras pelas praias.

A fotografia panorâmica apresentada a seguir, na Figura 16, da região da Lagoa da Conceição vista do alto Morro da Lagoa, fornece uma ideia da vastidão de espaço “livre” predominante à época, 1950. Além disto, os elementos descritivos e narrativos de Várzea e Cascaes aparecem reafirmados nessa imagem.

Figura 16 – Vista da Lagoa da Conceição.



Fonte: Acervo de Fotos Antigas da Ilha – UFSC (1950).

Os elementos descritivos e narrativos de Várzea e Cascaes também aparecem reafirmados nos depoimentos dos velhos entrevistados, nos quais se identifica a recorrência da ideia de uma infância feliz, porque vivida junto à natureza e mais integrado com ela:

**Quando era tempo de laranja**, eu ia lá prá cima com uma amiga, a Luzia da Maroca. Morava no



fim da Ladeira Grande. Então nós apanhava laranja. Escalava os gomos e botava sal. Salgava. E nós espremia laranja e nós botava..., tinha aquelas cachopa de bananeira... Aí nós comia laranja, espremia e botava lá dentro. Depois nós ia brincar. Eu e a minha irmã e a minha amiga, sabe? **...Então tinha os cafezeiros e tinha um monte de frutas. Então tinha um córrego grande e tinha uma grotta. Então tinha uma água tão clara, tão clara e que corria toda a vida. Então tinha um pouco de pedra, pedras grandes parecidas com costão. Então, ali nós brincava muito!** Depois nós brincava de pegar uma a outra. ...Quando era bobagem, né? De esconder, né? Mas quando era de pegar a gente subia de [...] A nossa casa era debaixo de um cafezeiro, bem na beira da estrada. **Então ali eu ficava de baixo do cafezeiro e elas nunca me pegavam. Porque de um cafezeiro eu passava para outro** (Dona Lucimar – Ponta das Canas - em 06/08/2009 - grifos nossos).

Da mesma maneira, o depoimento de Dona Lucimar expõe esta proximidade de uma infância colada à natureza, aliás, um fato recorrente narrativas da maioria dos entrevistados. Esta ideia de infância também faz lembrar o ideário de educação de Jean-Jacques Rousseau<sup>45</sup>, proposto especialmente em sua obra “Emílio ou Da Educação”.

Com relação a este livro, Cerizara (1990, p. 19) diz que o “[...] discurso de Rousseau no *Emílio*, quer como crítica à sociedade da época quer como oposição à educação de seu tempo, constitui uma apologia da educação enquanto meio para ajudar o homem a viver em sociedade, conciliando o homem natural e o homem social.” Neste sentido, importa, aqui, extrair alguns aspectos do pensamento de Rousseau em relação à infância, assim como de autores mais contemporâneos, que

---

<sup>45</sup> Ver o livro “*Rousseau: a educação na infância*”, de Ana Beatriz Cerizara (1990). A autora, neste estudo, realiza uma análise dos dois primeiros capítulos do “*Emílio ou Da Educação*” de Rousseau, abordando, prioritariamente, o “Livro Primeiro”, a idade da necessidade, e o “Livro Segundo”, a idade da natureza, por se deterem mais ao período da infância, do nascimento até os 12 anos de idade. O livro de Rousseau possui mais três capítulos seguindo e tratando as diferentes fases da vida de Emílio até a idade de 25 anos. Na análise que empreende, Cerizara prioriza os seguintes aspectos: a especificidade da infância, as características da criança, o projeto pedagógico e o projeto político, a relação professor-aluno, a educação e a autonomia, a liberdade, a natureza, o homem natural e o homem social. Ver também o livro “*Emílio ou Da Educação*”, de Jean-Jacques Rousseau, publicado originalmente em 1762.

também ajudam na compreensão da *ideia de infância como um tempo feliz e próximo da natureza*, unidade temática recorrente nos depoimentos dos velhos entrevistados.

Na sua análise de “Emílio ou Da Educação”, Cerizara (1990) dá destaque para os elementos tratados quando Rousseau aborda a *idade da natureza*, pois este capítulo do *Emílio* traz a importância da infância na vida do homem contemplando a ideia de liberdade, felicidade e educação natural, portanto, mais próxima da possibilidade de estabelecer relações com a unidade temática em destaque.

Segundo Cerizara (1990), Rousseau recomenda que *Emílio* respire o ar puro do campo e desfrute de espaço livre para correr, podendo até cair ao fazê-lo, mas experimentando a sensação de liberdade que compensaria os riscos e perigos enfrentados. Compensaria também aprender a se levantar mais cedo, salvo em situações que impliquem danos maiores à vida de *Emílio*, sempre observado pelo preceptor, que tem como função afastar obstáculos e proporcionar as condições favoráveis ao seu desenvolvimento e aprendizagem.

Ora, então, “*brincar junto ao cafezeiro*”, como aparece na narrativa anterior, assim como “*brincava de trepar nas árvores*”, frase contida na epígrafe do presente item, são expressões que denotam que a liberdade de brincar junto da natureza era um elemento importante para a formação humana na época de infância dos velhos entrevistados. Tal como no *Emílio*, fazia parte do dia-a-dia daquelas crianças o contato direto e próximo com a natureza, portanto, perto do *homem em estado de natureza*<sup>46</sup>, embora não estivessem na sociedade ideal que Rousseau tinha construído imaginariamente para *Emílio* e tampouco houvesse a figura de um preceptor<sup>47</sup> para acompanhá-las. Era neste ambiente que podiam usufruir em abundância a companhia, a proteção e os desafios oferecidos pelas árvores, pelos “cafezeiros”, por exemplo; que podiam brincar em liberdade e com a possibilidade de interação com a natureza, constituindo outras experiências ao longo de seu desenvolvimento, de acordo com a narrativa a seguir:

**Nós brincava de baixo de um cafezeiro**, tinha uma chácara, a minha mãe, nós varria aquilo tudo, tudo, tudo e nós ia pra ali, fazer renda e brincar

---

<sup>46</sup> O *estado de natureza*, em Rousseau, significa um estado que preserva toda a bondade inata do homem (BOTO, 2010, p. 209).

<sup>47</sup> O *preceptor*, no tratado de Rousseau, constitui a figura responsável pela educação do *Emílio*, neste caso, o próprio Rousseau, que concebeu essa figura como aquele que governa a educação e o desenvolvimento da criança por ele inventada, o *Emílio*. (BOTO, 2010, p. 221).

com essas coisa assim. É, não se tinha, nem se tinha uma esteira sentava tudo no chão. Agora hoje não, hoje se tem mesa, tem tudo, né? [...] Tá tudo mudado! Aquele tempo passei muita farta, muita miséria, então eu aqui não quero me casar não... (Dona Cota – Pântano do Sul - em 16/10/2009 - grifo nosso).

Dona Cota testemunha esta cumplicidade existente com a natureza. Na frase, “*Nós brincava de baixo de um cafezeiro*”, ela deixa evidente esta integração com os elementos da natureza à sua volta, ou melhor, pode-se dizer que ela e seus parceiros de brincadeira, debaixo do “cafezeiro”, experimentavam um sentimento de pertença à natureza. Desse modo, é possível inferir que as crianças, na infância rememorada pelos velhos ilhéus, se aproximam também do homem natural de Rousseau, este concebido como

[...] o homem primitivo, encontrado num estágio anterior à sociedade e ao plano histórico da humanidade, **bem como o homem natural que vive comunitariamente entre seus semelhantes já num estágio avançado de civilidade**. A bondade, a sensibilidade e o caráter reto desse espécime fazem dele um homem autêntico por apresentar todas suas potencialidades como indivíduo e todo o seu engenho como ser no mundo, real e concreto (PAIVA, 2007, p.327 – grifo nosso).

Paiva (2007, p. 326 – 327) resume o pensamento de Rousseau com os seguintes aspectos de originalidade e diferença: “o homem é a suprema obra de arte da Natureza e a bondade é a dádiva natural que permite a sua realização.” Tal concepção implica, para Rousseau, que a formação do homem consiste na vocação de primeira ordem, colocada pela natureza.

Embora reconhecendo as muitas críticas dirigidas ao pensamento pedagógico de Rousseau no sentido, por exemplo, de que ele postula uma atitude espontaneísta e de imobilismo em relação à educação das crianças, fica evidente que seu pensamento é profícuo nesta reflexão acerca da infância e de seu encontro com a natureza. Referindo-se a Rousseau, Paiva (2007, p. 332) diz que a “[...] sua perspectiva não é a do regresso a um estado primitivo e tosco que limita o homem às ações

do instinto. [...] Mas, no fundo, ele sabe que o processo deve ser conduzido por um exercício essencialmente racional e intelectual [...].” Para o autor citado, embora o mundo contemporâneo seja mais complexo do que o da época de Rousseau, o *Emílio* continua sendo uma fonte para reflexões e ações pedagógicas, pois sua perspectiva permanece contemporânea e valiosa em sentidos para repensar os processos de formação do homem, à proporção que o processo educacional contribui para a construção dos sentidos da própria existência humana.

Igualmente Andery et al. (2006, p. 336), quando abordam a história do conhecimento ao longo das várias épocas da humanidade e enfocam as alterações na sociedade, ocorridas na efervescente França do século XVIII, destacam a influente participação de Rousseau ao empreender uma crítica à noção de progresso colada ao conhecimento científico de então. Esses autores entendem que Rousseau constrói seu pensamento voltando-se para uma análise do homem em seu “estado de natureza” para demonstrar que, neste estágio, o homem desconhece as nuances morais entre bem e mal, não possui vícios e tampouco virtudes da vida social, pois ao encontrar-se vinculado à natureza age em prol de seus interesses como espécie. Este pensamento implica numa noção de natureza humana que supõe existirem características comuns a todos os homens, que podem ser promotoras de princípios de igualdade e justiça na vida em sociedade.

Por sua vez, Boto (2010, p. 207) argumenta que, através do *Emílio*, Rousseau buscava traços e pistas perdidas do “homem em estado de natureza” e ao realizar isto, construiu períodos de aprendizado para o *Emílio*. Portanto, a autora considera que, mais do que abordar a educação, o *Emílio* representa um tratado sobre a infância, ou seja, ela entende que “[...] Rousseau procura, no *Emílio*, compreender a própria acepção de criança.” (BOTO, 2010, p. 209). A autora destaca ainda que, com Rousseau, a infância foi prolongada para além dos sete anos, pois nesta idade a criança já domina a fala e pode se relacionar com o mundo adulto. De fato, com Rousseau, a infância de *Emílio* chega aos doze anos, ou seja, abarca uma primeira idade, que vai do nascimento aos dois anos, e a idade da natureza, que segue daí até os doze anos. O texto a seguir sintetiza estas reflexões:

A repercussão que *Emílio* teve em seu tempo, bem como as apropriações posteriores das ideias pedagógicas de Rousseau, contribuíram sobremaneira para modificar os modos de se

perceber e de se lidar com a figura infantil. A infância, como etapa do desenvolvimento humano, seria expandida – em parte, por efeito da recepção das ideias rousseauianas (BOTO, 2010, p. 214).

Finalizando, para autora citada, Rousseau interfere no conceito de infância em sua época e ao fazê-lo, o recria. Neste sentido, ela argumenta que, ao escrever *Emílio*, uma criança imaginária, Rousseau reconhece a condição da criança, investigando-a minuciosamente e, por consequência, compreendendo-a próxima de sua essência de “ser” criança. E ao proceder assim, continua Boto, trata a criança como foco principal e o homem em estado de natureza como foco essencial de suas investigações teóricas. Por conseguinte, segundo ela, a criança é “[...] o diagrama que, aos poucos, constituirá as feições do adulto: do sujeito racional, mas principalmente do sujeito ético – capaz de, nessa condição, aprimorar a face humana.” (BOTO, 2010, p. 224).

Em contrapartida, Sarmiento e Pinto (1997), ao refletirem sobre as crianças e a infância, vão além de uma concepção de infância em relação com a natureza e se aproximam da ideia de infância como construção social quando assinalam que, nos tempos atuais, as novas configurações que promovem transformações constantes na vida em sociedade têm implicado em mudanças significativas nas condições de vida das crianças e, por consequência, na concepção de infância. Também ressaltam que ser criança pode apresentar variações entre “[...] sociedades, culturas e comunidades, pode variar no interior da fátia de uma mesma família e varia de acordo com a estratificação social. Do mesmo modo, varia com a duração histórica e com a definição institucional da infância dominante em cada época.” (SARMENTO e PINTO, 1997, p. 17).

Neste sentido, Pinto (1997), ao desenvolver a ideia de infância como construção social, na perspectiva da apresentação das novas abordagens emergentes sobre os mundos sociais da infância na contemporaneidade, destaca as contribuições de Prout e James, que propõem pensar a infância com base nos seguintes aspectos: conceber a infância como uma construção social, portanto, distante da ideia de entendê-la como algo universal e natural, fato que implica na pluralidade da infância; entender a infância como uma variável social associada às variáveis sociais como classe social e gênero, por exemplo, na análise do contexto social; considerar as culturas e relações sociais das crianças em suas particularidades e descoladas dos interesses do

mundo adulto; levar em conta que as crianças são seres ativos frente ao seu próprio mundo e sujeitos diante das estruturas e processos da sociedade.

Sarmiento (2005) também comunga da perspectiva trazida por Pinto e enfatiza a ideia de se conceber as crianças como atores sociais ativos e como produtoras de culturas, bem como o entendimento de infância como uma categoria social do tipo geracional. O autor salienta ainda que as “[...] culturas infantis constituem, com efeito, o mais importante aspecto na diferenciação da infância.” (SARMENTO, 2005, p.25).

As culturas da infância constituem as representações que as crianças realizam do mundo em seu entorno. Elas se originam na interação entre pares, de criança para criança, em momentos de brincadeiras e em interação com a cultura produzida pelos adultos. Müller (2006) traz um exemplo marcante de culturas produzidas pelas crianças: trata-se da pesquisa realizada por Florestan Fernandes nas ruas do bairro Bom Retiro, na cidade de São Paulo, nos anos 1940. O pesquisador tinha como objetivo investigar o folclore infantil, no entanto, foi tomado de curiosidade pela maneira como as crianças se organizavam, então,

[...] procedeu a uma observação densa e criteriosa que apontou para outras questões relacionadas às trocinhas, o que superava a intenção inicial e provocava a análise de outros temas, como: as relações estabelecidas entre as crianças, os processos de socialização, as brincadeiras, os papéis determinados para e pelas as crianças. [...] O conceito de cultura infantil pode então ser entendido sinteticamente como “constituída por elementos aceitos da cultura do adulto e por elementos elaborados pelos próprios imaturos” (MÜLLER, 2006, p. 566).

Esta referência de Müller ao pioneirismo de Florestan Fernandes em relação às culturas infantis está próxima das narrativas dos velhos ilhéus sobre os brinquedos e brincadeira de suas infâncias. Os depoimentos de Seu Bento e Dona Maroca ilustram bem esta conceituação de cultura infantil:

[...] **Não, brincava todo mundo junto na rua.**  
[...] era tudo misturado na rua, vizinho e tudo. Nós

jogava bola também, né? Nós ganhava uma bolinha de borracha e fazia dois times, sabe? (Seu Bento – Cacupé - em 04/07/2009 – grifo nosso). Na véspera, sexta-feira, a gente já combinava. Amanhã a gente vai fazer comidinha? Vamos! Aí cada um... [...] Na rua, meu pai já tinha uma chapa de três bocas, ele sempre guardava, né? **Então a gente mesmo fazia, já deixava pronto, quatro tijolos assim, botava a chapa e a gente fazia comidinha.** Aí cada um, uma dava a carne seca, a outra a lingüicinha, outra o arroz e etc [...] Mas aí minha mãe, o seguinte: na véspera, ela já deixava tudo de molho, carne, lingüicinha, feijão. No outro dia nós ia brincar! Panela de barro, desse tamanho. Fazia uma feijoada tão boa como hoje. Era..., cada um trazia alguma coisa de casa. Depois na outra semana... (Dona Maroca – Centro, na Prainha - em 01/09/2009 – grifos nosso).

Nas duas frases: “*brincava todo mundo junto na rua*” e “*a gente mesmo fazia, já deixava pronto, quatro tijolos assim, botava a chapa e a gente fazia comidinha*”, há elementos significativos do conceito de cultura infantil de Florestan Fernandes, sendo possível perceber, nestas narrativas, tanto aspectos da cultura do mundo adulto quanto do mundo próprio das crianças.

Ainda com relação à concepção da infância como construção social, Kramer (2008) é categórica quando se refere ao desafio atual, de ruptura com uma concepção de criança como um ser “*in-fans*”, como um ser que não fala, e sustenta sua posição nas seguintes premissas:

As crianças são sujeitos sociais e históricos, marcados por contradições das sociedades em que vivem. A criança não é filhote do homem, ser em maturação biológica; ela não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em que deixar de ser criança). Defendo uma concepção de criança que reconhece o que é específico da infância – seu poder de imaginação, fantasia, criação – e entende as crianças como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem. Esse modo de ver as crianças pode ensinar

não só a entendê-las, mas também a ver o mundo a partir do ponto de vista da infância, pode nos ajudar a aprender com elas (KRAMER, 2008, p. 91).

A autora citada também menciona uma perspectiva muito peculiar da infância e da cultura infantil referenciada em fragmentos de ideias de Benjamin. Segundo ela, nestes fragmentos é possível a voz da criança “[...] totalmente inserida na história, parte da cultura e produtora de cultura. Benjamin recupera o mundo da cultura dos pais, mas ao mesmo tempo recupera a maneira de ver da criança, a sua sensibilidade, seus hábitos, desejos, afetos e valores [...].” (KRAMER, 2009, p. 169 - 170). Com base nesta visão peculiar, Kramer sugere ver a criança a partir dos seguintes eixos: como criadora de cultura, dimensão que se viabiliza pelo brincar; como colecionadora, dimensão que torna a criança capaz de realizar arranjos próprios diante de sua relação com os objetos e com o mundo à sua volta; como ser crítico capaz de ter pontos de vista próprios; e como sujeito social, pois a criança tem pertencimento a uma classe social, uma etnia, grupo social.

Em resumo, a ideia de infância como tempo feliz e próximo da natureza encerra uma dimensão de infância vivida pelos velhos ilhéus. Nas narrativas do tempo passado de criança destes velhos, a infância era um tempo de brincar na rua, de brincar em grupo, de casinha e de fazer comidinha, de organizar dois times e brincar de bola, de brincar embaixo do cafezal, enfim, de brincar com possibilidade de interação com a natureza porque constituíam parte integrante dela e porque viveram este tempo de infância numa época em que o modo de vida na Ilha (a pesca, a agricultura e as tradições) também se orientava pelos ciclos da natureza, regidos pelas mudanças das estações do ano.

#### **2.4. A transmissão intergeracional dos brinquedos e das brincadeiras: “É, é..., eles ainda brincaram. Depois...[...] Começou a mudar muito [...]”**

*É, é..., eles ainda brincaram. Depois... [...] Sim, claro! Começou a mudar muito, até as músicas... (Seu Valdemar)*

A transmissão intergeracional dos brinquedos e das brincadeiras aponta para as possibilidades de inter-relação entre velhice e infância via memória do brincar. Nesta perspectiva, ao realizar um estudo em que



aborda a convivência e a co-educação entre gerações, isto é, de avós nascidos num tempo passado que co-habitam o tempo presente com seus netos, Oliveira (1999, p. 27) enaltece a ideia de que esta “[...] diferença confere aos mais velhos a condição de portadores do passado no presente e, graças ao burilar da memória, oferecem oralmente a seus netos uma cultura banhada na história vivida.”

Também Meira (2003, p. 85) acredita nesta possibilidade da memória por meio de “[...] novas vias narrativas que operem a aproximação da criança a seus pares e à cultura. É através de sua transmissão que o brincar pode manter seu lugar de enlace metafórico entre a criança e seu mundo.” Por isso, alerta que tal transmissão deve estar orientada para além da pedagogização do brincar, perspectiva esta que toma o brincar com fins de aprendizagem de conhecimentos outros que não o brincar em si mesmo, este sim, fundamental para o ser criança e dimensão característica da infância.

Ao abordar as idades da vida, Ariès (1981, p. 39-40) diz que elas “[...] não correspondiam apenas a etapas biológicas, mas às funções sociais; sabemos que havia homens da lei muito jovens, mas, consoante a imagem popular, o estudo era uma ocupação dos velhos.” E dentre tantas outras ocupações e funções sociais inerentes aos velhos está o “trabalho de memória”, uma função social típica da velhice.

Discorrendo sobre o assunto, Bosi (1994, p. 47) explica que a memória constitui um reservatório das experiências acumuladas ao longo da vida e que, em geral,

[...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de valor (BOSI, 1994, p. 55).

A autora assinala que as pessoas mais velhas têm uma história de vida bem sedimentada, pois elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas. Para esta autora, a memória presente de um velho pode ser pintada num quadro

mais nítido se comparada à memória de um jovem ou de um adulto, pois estes ainda se encontram tomados pelas exigências e pelos interesses do tempo presente, que os absorve intensamente para o mundo produtivo. No entendimento da mesma autora, o velho, aquela pessoa que já viveu grande parte do tempo de sua vida, ao recordar coisas e fatos do passado, “[...] não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida.” (BOSI, 1994, p. 60).

A velhice mostra, então, uma de suas mais importantes funções: a de lembrar, rememorar. Os velhos passam a constituir a memória do grupo familiar, da comunidade a que pertencem, enfim, da sociedade, porque, diferente das pessoas jovens, ativas e entregues à vida presente, se voltam com mais frequência ao seu passado com a atividade da memória. Desse modo, continua Bosi (1994), os velhos são testemunhas vivas de tradições, de histórias, de um modo de vida que já existiu, em outras palavras, eles constituem a ponte da cultura entre o presente e o passado. Eles são herdeiros das gerações anteriores e importantes referências do passado para as gerações do presente. Neste sentido, a autora complementa:

Quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-o para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância (BOSI, 1994, p.82).

Em suas reflexões, a autora alerta para a possibilidade de uma riqueza social do mundo obtida pela memória dos velhos, tendo em vista que o mundo do passado pode vir ao conhecimento de quem não o viveu e até influir nas possibilidades de construção da época atual. Bosi (1994) reafirma que o testemunho de um velho constitui uma experiência em profundidade, marcada por sentimentos de nostalgia e alegria, mas também de indignação com a perda de paisagens tidas como referências e de saudade dos entes queridos. Finalmente, ela levanta a seguinte indagação:

[...] onde estão as brincadeiras, os jogos, os cantos e danças de outrora? Nas lembranças de velhos aparecem e nos surpreendem pela sua riqueza. O velho, de um lado, busca a confirmação do que se passou com seus coetâneos, em testemunhos escritos ou orais, investiga, pesquisa, confronta esse tesouro de que é guardião. De outro lado, recupera o tempo que correu e aquelas coisas de que, quando as perdemos, nos fazem sentir diminuir e morrer (BOSI, 1994, p. 82).

Se o adulto não se interessa e não tem tempo para retornar à sua infância, os velhos se entregam em plenitude aos seus tempos de criança, revelando detalhes valiosos de uma época passada. Esta possibilidade de relembrar o tempo de infância constitui uma oportunidade, por exemplo, de rever frustrações, ideais daquele tempo, de projetá-los no momento presente e constatar sua influência.

Esta função social de rememoração, típica dos velhos, está diretamente ligada à transmissão intergeracional, incluída aí também a transmissão da experiência da cultura lúdica. Neste sentido, provocar o trabalho de memória nos velhos constitui condição necessária para a transmissão intergeracional, especialmente em contextos em que os velhos são colocados à margem dos processos societários contemporâneos.

Um entrevistado, ao ser indagado se ainda costumava brincar na sua fase adulta, com brincadeiras e brinquedos de seu tempo de infância, e se havia, de alguma forma, repassado essa cultura lúdica aos seus filhos, respondeu:

**Não, já era diferente. Eu já comprava brinquedinhos para eles todos. Porque os pais daquele tempo não compravam brinquedo para filho não.** [...] Não. Eles faziam carros de rolamento, coisas assim. [...] Ah, tinha! Tinha um filho que sabia fazer bem pandorga. [...] Já era pipa mesmo. Mas não se interessavam muito por isso. [...] Desconhecem. Hoje eles têm brinquedo à vontade, de graça (risos). **Naquele tempo a gente não ganhava não. E a gente dava valor para os nossos brinquedos. Aquele carretão que eu fiz, meio a facão, eu dava um valor danado. Feito de qualquer jeito,** meu Deus do céu! A gente dava um valor danado. [...] O que a

gente fazia tinha muito valor! (Seu Bento – Cacupé - em 04/07/2009 - grifos nossos).

O depoimento de Seu Bento assinala a diferença e a mudança na transmissão intergeracional da cultura lúdica ao destacar que a geração imediatamente descendente da sua ainda podia brincar com muitos elementos da cultura lúdica da sua geração, com brinquedos e brincadeiras caracterizadas, principalmente, pelo fato das crianças produzirem estes elementos lúdicos. Em outras palavras, tanto a geração do Seu Bento quanto a geração dos seus filhos ainda foram capazes de confeccionar os próprios brinquedos. Ao mesmo tempo, Seu Bento destaca que já era possível, para a sua geração, adquirir “*brinquedinhos*” para dar aos filhos, algo praticamente inexistente para os ascendentes desta geração de velhos ilhéus.

Além de seu vínculo com a função social de rememoração dos velhos, esta questão da transmissão intergeracional também pode ser vista à luz da compreensão da infância como uma categoria social do tipo geracional. Tal ideia vem sendo discutida por alguns pesquisadores da Sociologia da Infância<sup>48</sup>, um campo de conhecimento emergente dentro da Sociologia.

Para Sarmiento (2005, p. 363), a infância é “[...] concebida como uma categoria social do tipo geracional por meio da qual se revelam as potencialidades e os constrangimentos da estrutura social.” Mas o que

---

<sup>48</sup> Nas palavras de Sarmiento (2005), esse novo campo “[...] propõe-se a constituir a infância como objecto sociológico, resgatando-a das perspectivas biologistas, que a reduzem a um estado intermédio de maturação e desenvolvimento humano, e psicologizantes, que tendem a interpretar as crianças como indivíduos que se desenvolvem independentemente da construção social das suas condições de existência e das representações e imagens historicamente construídas sobre e para eles. Porém, mais do que isso, a sociologia da infância propõe-se a interrogar a sociedade de um ponto de vista que toma as crianças como objecto de investigação sociológica por direito próprio, fazer crescer o conhecimento, não apenas sobre infância, mas sobre o conjunto da sociedade globalmente considerada.” (SARMIENTO, 2005, p. 363). Ver também o texto específico do autor sobre essa temática: “*Sociologia da infância: correntes e confluências*”. In: SARMIENTO, M. & GOUVEA, M. C. S. de. (Orgs.) “*Estudos da infância: educação e práticas sociais*”. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. Ver também: ALMEIDA, A. N. de. *Para uma sociologia da infância: jogo de olhares, pistas para a investigação*. Lisboa: ICS, 2009; bem como GAITÁN, L.. “*Sociología da la infancia: nuevas perspectivas*. Madrid: Editorial Síntesis”, 2006. Ver ainda o tema de destaque: “*Sociologia da Infância novos enfoques*”, publicado em *Cadernos de Pesquisa*, n°. 112, março de 2001 e o Dossiê: “*Sociologia da infância: pesquisas com crianças*”, publicado em *Educação & Sociedade*, v. 26, n°. 91, 2005. E, mais recentemente, o artigo, “*A sociologia da infância no Brasil: uma área em construção*”, de Anete Abramowicz e Fabiana de Oliveira, publicado na revista *Educação*, Santa Maria, v. 35, n°. 1, jan./abr. 2010.

significa isto? O autor recorre a Karl Mannheim para dizer que o conceito de “geração” tem tradição na obra deste sociólogo húngaro que o entende como um fenómeno de dimensão cultural, sendo que uma

[...] geração consiste num grupo de pessoas nascidas na mesma época, que viveu os mesmos acontecimentos sociais durante a sua formação e crescimento e que partilha a mesma experiência histórica, sendo esta significativa para o mesmo grupo, originando uma consciência comum, que permanece ao longo do respectivo curso da vida (SARMENTO, 2005, p. 364).

Trata-se, no entendimento de Sarmiento (2005), de uma elaboração conceitual carregada de uma identidade e marca histórica. O autor leva em conta também a dimensão histórica do conceito de geração, mas sem ignorar as outras dimensões que lhe são inerentes.

Importa considerar, para o presente estudo, que a análise sobre as relações intra e intergeracionais permite conhecer, no interior do conceito de geração, aquilo que separa, mas também aquilo que une pessoas tanto de uma mesma faixa etária quanto de idades diferentes. Os afastamentos e as aproximações podem ocorrer no plano estrutural ou no simbólico, nas relações dinâmicas que as crianças e adultos estabelecem entre si, a partir da cultura material ou da imaterial.

O depoimento de Dona Maroca aponta para estas relações dinâmicas entre as gerações. Ao ter sua memória disparada enquanto manuseava as fotografias de brinquedos registrados por Cascaes e também pelos brinquedos antigos, mostrados durante a entrevista, ela assim se expressou:

**Meu pai, quando era vivo, ele deixava a gente assim, ele ensinava muita coisa, perna de pau!** Eu nunca fui... meu pai fazia aquelas pernas de pau bem grandona, ele fazia, né? [...] Fazia, fazia! [...] Meu, avô, meu pai também era carpinteiro. Ele fazia carrinho de mão, fazia muita coisa, perna de pau. Mas eu nunca... quando eu ia, eu caía. **Meus sobrinhos não, eles iam naquela perna de pau lá em cima** e davam com a perna na cara da gente e a gente ia longe. Foi um tempo legal, né? Brincava com saúde. [...] É, o pião, mas eu não brincava! [...] Ah, sim! Isso aí assim... até os meus netos brincaram muito! [...] Muito, muito, muito!

Ele ainda envernizava, é! Envernizava e jogava, rodava e pegava na mão! [...] O cavalinho, meu pai fazia... meu pai fazia, só que ele fazia com duas tabuas, né? [...] A gente ficava ali debaixo e brincava. (Dona Maroca – Centro, na Prainha - em 01/09/2009 – grifos nossos).

Dona Maroca enalteceu, em sua fala, a aproximação existente entre sua geração e a de seu pai, com cuidados relativos à transmissão da cultura lúdica ao confeccionar e ensinar a fazer brinquedos, como a perna de pau, o carrinho de mão e o cavalinho.

Minha decisão de trazer o tema geração para este estudo deve-se ao fato de que tal tema pode ajudar na compreensão do debate das questões da infância em função das mudanças em curso na sociedade contemporânea. Assim, uma breve retomada do conceito de geração, com base em referenciais clássicos da sociologia, como vem ocorrendo dentro da Sociologia da Infância, auxilia a melhor compreender o processo sócio-histórico de constituição das gerações e da relação entre diferentes gerações, especialmente em aspectos mais difíceis de serem apreendidos, como é o caso do processo constitutivo das diferenças entre os brinquedos e as brincadeiras realizados entre grupos geracionais.

No que diz respeito a este aspecto, Qvortrup (2010), pesquisador norueguês, tem realizado esforços no sentido de apresentar compreensões da infância como uma categoria geracional<sup>49</sup>. Ele parte da constatação segundo a qual, nos últimos 20 anos, os estudos focados na infância aumentaram de forma significativa, fato que tem consolidado o surgimento de um campo específico denominado Sociologia da Infância. Estes estudos concebem as crianças como agentes sociais e produtoras de culturas, assim como auxiliam a pensar a infância como categoria melhor compreendida nas relações que estabelece com a estrutura social, porém, mantendo certa “autonomia conceitual”, o que, por consequência, permite dar visibilidade própria à infância, ao corpo e à voz das crianças.

Cabe ressaltar aqui que este campo da Sociologia da Infância concebe a infância como um segmento na estrutura social, portanto diferindo das abordagens que tratam a infância a partir da ideia de socialização ou de desenvolvimento infantil.

---

<sup>49</sup> Para Qvortrup (2010), constituem categorias geracionais: infância, juventude, adulto, meia-idade, velhice.

Qvortrup (2010, p. 634) parte do pressuposto de que, tanto no senso comum quanto em termos de produção acadêmica, “[...] a infância é comumente caracterizada como um *período*. O período que temos em mente é relativo ao indivíduo e pode ter várias durações; de qualquer forma deve ser o período de tempo que demarca o começo e o fim da infância individual de uma pessoa.” O pesquisador argumenta que esta noção periódica tem prevalecido nos estudos da criança, nos campos da psicologia, pediatria e da pedagogia. Estes campos postularam abordagens antecipatórias que se ocupam com a transição da criança, da fase de infância à fase adulta, num plano meramente individual.

Para o autor citado, a perspectiva estrutural, diferentemente, propõe uma ruptura com a noção de infância pensada em termos de desenvolvimento da criança em prol do desenvolvimento da infância, pois, em termos estruturais, a infância não apresenta limite de período de tempo definido como um início e um final. Ele entende que a infância deve ser concebida “[...] como uma categoria permanente em qualquer estrutura geracional.” (QVORTRUP, 2010, p. 635).

Seu Valdemar, ao narrar sobre o fato das brincadeiras e dos brinquedos de seu tempo terem alcançado o tempo de infância dos filhos, mostra esta dimensão de permanência da infância perpassando as gerações:

**É, é..., eles ainda brincaram. Depois...** [...] Sim, claro! Começou a mudar muito, até as músicas... (Seu Valdemar – Centro, no Morro do 25 - em 03/08/2009 - grifo nosso).

Mas também neste depoimento a dimensão de permanência parece estar ameaçada ou sofrendo interferências, pois na frase, “*Começou a mudar muito, até as músicas...*”, há uma evidente constatação de que mudanças já estavam se fazendo sentir na cultura lúdica da geração dos filhos de Seu Valdemar.

Dona Lucimar, ao observar as fotografias das esculturas de brinquedos antigos da Ilha, registradas por Cascaes, deteve-se na fotografia do menino com o carrão. Ela comentou que seus filhos costumavam brincar e deixou transparecer seu orgulho ao dizer que eles próprios foram os construtores deste brinquedo:

Isso aqui é um carrinho. [...] **Os rapazes faziam esses carrinhos!** [...] Os meus rapazes! [...] **É!** [...] Os carrinhos? Faziam! [...] **Tinha [...], não é que**

**nem agora que pai e mãe é capaz de se despir para comprar um presente caro pros filhos, antes, tinha nada!** (Dona Lucimar – Ponta das Canas - em 06/08/2009 - grifos nossos)

A narradora também apontou aspectos de mudanças da cultura lúdica entre as gerações. Nas frases grifadas, este aspecto é visível e o tom de indignação de Dona Lucimar pareceu questionar a atitude dos pais e mães da atualidade que, influenciados pelos apelos do mercado ao consumo, neste caso, pela infinidade de ofertas da indústria cultural dos brinquedos, se submetem aos desejos dos filhos.

De volta ao pensamento de Qvortrup, é importante ainda esclarecer o que significa sua noção de infância como categoria permanente que implica em compreender a infância como categoria geracional. O autor sustenta-se na ideia de que a infância constitui parte integrante da sociedade, pois segundo ele, “[...] não é possível imaginar existirmos sem a infância, assim como a idade adulta e velhice devem existir enquanto categorias geracionais.” (QVORTRUP, 2010, p. 638). Neste sentido, assim como as categorias estruturais: classe social, gênero, entre outras, têm a dimensão de permanência, a categoria geracional também e todas elas estão sujeitas às mudanças que se dão nos parâmetros sociais, econômicos, políticos, culturais, ideológicos e discursivos dominantes na sociedade.

O próprio Qvortrup pergunta-se: - qual a importância em pensar a infância enquanto uma categoria estrutural? Sua resposta se encaminha na direção da busca pela superação das perspectivas de estudos que focam a infância apenas como um período na vida das crianças. Ao contrário, a perspectiva de infância como uma categoria estrutural, na qual a infância está separada da criança como indivíduo, propõe entrar no mundo das crianças e conhecer as condições e circunstâncias estruturais em que elas vivem. Sobre este aspecto, o autor argumenta o seguinte: “No entanto, da mesma maneira, sabemos bem que muitos parâmetros, talvez os que mais influenciam a vida das crianças, são definidos sem sequer levar em consideração as crianças e a infância.” (QVORTRUP, 2010, p. 639).

Assim, para compreender a infância como uma categoria geracional é fundamental considerar os parâmetros sociais, econômicos, políticos, tecnológicos, culturais, ideológicos e discursivos. Tais parâmetros interferem nas condições de vida das crianças, de modo que estabelecem, inclusive, um contexto explicativo de desenvolvimento da infância. Foi este contexto explicativo que a presente pesquisa buscou,



tendo a narrativa dos velhos como guia para melhor conhecer a infância do passado na Ilha de Santa Catarina.

No depoimento de Seu Zequinha também há uma constatação de mudanças na cultura lúdica de sua geração em relação à de seus descendentes:

**Brincaram, brincaram, é... as vez as meninas, as minhas netinha aí ganham alguma boneca, mas é... é uma semana, duas e no mais acabou, elas guardam, já não agüentam mais, não é mais igual o pessoal de antigamente, né? [...]** Hurum. [...] É, hoje em dia que rede, quem tem rede como os meus filhos que tem rede aí, é tudo amontoado, assim é ensacada, é dentro de uma canoa... [...] antigamente, quando eu pescava também, a minha rede era assim: quando eu parava de pescar era tudo guardadinha assim, amarrava na linha do rancho, quando chegava de noite tinha a rede tudo, tudo penduradinha ali, arremendada, lavadinha, tudo [...] **É, eu falo pra eles, pros meus netos, as vez eu falo pra minha neta, falo prú meus filhos, né? Que antigamente era assim, era isso, era aquilo, e eles dizem: - ah, pai, isso agora não existe mais não! Não existe, mas existia, né? E era uma brincadeira gostosa que a gente gostava de brincar, né? Hoje em dia ninguém brinca mais, né? Hoje em dia tá todo mundo diferente** (Seu Zequinha – Ribeirão da Ilha - 10/10/2009 - grifos nossos).

A narrativa de Seu Zequinha é paradigmática no sentido de mostrar sua percepção sobre as mudanças ocorridas entre a cultura lúdica das gerações passadas e a das gerações atuais. Suas palavras denotam um estado simultâneo de resistência e conformação com as transformações ocorridas na cultura lúdica. Ainda que Seu Zequinha não tenha manifestado o fato das gerações de seus descendentes, filhos e netos, estarem mais suscetíveis aos imperativos dos parâmetros sociais, econômicos, políticos, tecnológicos, culturais, ideológicos e discursivos da atualidade, sua narrativa aponta sinais da sua resistência quando parece criticar o modo consumista como suas netas brincam de bonecas.

A mudança percebida por Seu Zequinha pode ser explicada quando Qvortrup (2010) exemplifica sua concepção de infância como

uma categoria geracional a partir das alterações que os desenvolvimentos demográficos provocam nas relações intergeracionais, com significativos impactos sobre as crianças. Este autor diz que os fatores que influenciam as mudanças demográficas são todos aqueles que, sob certas circunstâncias, irão interferir no desenvolvimento da infância, por exemplo: “[...] crescimento econômico, industrialização, urbanização, aumento na qualidade da saúde, secularização, individualização, educação, privatização da família, e outros.” (QVORTRUP, 2010, p. 641). E aponta como consequência certa acentuação de uma atitude mais sentimentalista em relação à infância, ou seja, tem havido uma tendência à proteção das crianças, tanto no âmbito familiar quanto no âmbito social.

As narrativas de Dona Dinoca e Seu Antônio apresentam traços contundentes da rápida transição do universo da cultura lúdica do tempo daquela geração e do tempo da geração dos seus filhos em relação à geração dos seus netos, que ainda brincam com brinquedos e brincadeiras de antigamente, mas são muito mais atraídos pelo mundo dos brinquedos tecnológicos, hoje disseminados pela indústria cultural, a preços acessíveis, entre as camadas populares. Os dois anciãos fizeram o seguinte comentário:

[Dona Dinoca:] Quando eu tive meus filhos, meus meninos, que eu acho que eles brincavam sabe de que era? Daqueles botes como ali assim oh, aquelas lanchinha, as canoinha, né? Brincava com essas coisas. **Agora hoje tudo é play um, play dois e brincadeira e caixas e caixas de tudo que eles nem querem mais, nem ligam mais, só querem... e cada vez vem mais é computador e vem mais coisa que eles nem querem mais nada!** [...] [Seu Antônio:] Brincou! [Dona Dinoca:] [...] Ah brincavam! Brincavam! Não! [Seu Antônio:] [...] Ah... bem diferente! [...] Ah é, se conta pra eles hoje e der prá brincar eles nem... Quantas canoinhas eles já tiveram pra brincar ai na água e nunca... [Dona Dinoca:] [...] Não! Dos netos não! Dos filhos ainda era quando eram pequenos também, depois... [...] [Seu Antônio:] Ah, mas também, né? Brincadeira é prá criança, depois que ficam grande claro, já querem é estudar, é... [Dona Dinoca:] [...] É esconde-esconde. [Seu Antônio:] [...] Brincam! Oh, esse aí oh! Esse aí é... os meus netos brincam muito de

pega-pega, esconde- esconde... [...] [Dona Dinoca:] Mas eles gostam de brincar de pandorga, eles gostam, as crianças e hoje eles gostam, de vez em quando no verão, tem algum pai de fora aí com as pandorgas, tão soltando... [...] É, é, é, as pandorgas sim, a pandorga hoje ainda tá... entrou no modernismo de hoje (Dona Dinoca e Seu Antônio – Pântano do Sul - em 16/10/2009 - grifo nosso).

Com relação à influência deste parâmetro tecnológico nas gerações atuais, Qvortrup (2010), ainda procurando exemplificar a importância de compreender a infância como uma categoria geracional, destaca o avanço e a propagação vertiginosa da tecnologia computacional, nos últimos 20 anos, em escala planetária. Para tanto, recorre ao estudo da antropóloga Margaret Mead (*O conflito de gerações* - 1969), que observou relações diferentes entre gerações e constatou três culturas distintas: uma denominada de pós-figurativa, em que as crianças aprendem primeiramente com os velhos; outra nomeada de co-figurativa, em que as crianças e os adultos aprendem com seus semelhantes; e outra chamada de pré-figurativa, em que os adultos também aprendem com seus filhos. A partir daí, Qvortrup realiza a seguinte conjectura:

[...] tudo indica que as crianças terão vantagens comparativas significativas sobre os mais velhos na sociedade, e principalmente a geração mais velha pode ficar em desvantagem no domínio dessa nova tecnologia. Ao mesmo tempo, a geração mais velha está tornando-se cada vez mais numerosa, e dessa forma vem adquirindo, em princípio, cada vez mais poder político. É difícil dizer no que esse desenvolvimento vai resultar tanto no nível social quanto familiar. A verdade é que o estudo das inter-relações entre gerações enquanto categorias estruturais será indispensável para que possamos prever e possivelmente melhorar o *futuro da infância*. Para que possamos lidar com o futuro da infância precisamos pensar de maneira criativa sobre a futura configuração dos parâmetros já bem conhecidos, e em particular as mudanças nos valores desses parâmetros. Mais uma vez, isso é

completamente diferente de prever o futuro não menos importante da criança (QVORTRUP, 2010, p. 642).

Os velhos ilhéus, tanto os da Ilha de Santa Catarina quanto os dos Açores, quando perguntados se lembravam de momentos de transmissão de brinquedos e brincadeiras, da própria confecção aos modos de brincar, tanto em relação às gerações passadas, ascendentes, de seus pais e avós, quanto em relação às gerações descendentes, de seus filhos e netos, expuseram ideias comuns que podem ser assim resumidas: até a sua geração, havia uma tradição maior de transmissão da cultura lúdica popular, chegando à geração dos filhos com menos intensidade. Já a geração dos filhos sofreu as primeiras influências de uma emergente indústria cultural dos brinquedos e esta, por sua vez, passou a atuar de forma praticamente hegemônica na geração dos netos e dos demais descendentes. Portanto, essa última geração praticamente desconhece ou está sendo deserdada de uma cultura lúdica de brinquedos e brincadeiras populares comuns às gerações passadas.

Nesta direção, Meira (2003, p. 84) apresenta um questionamento muito próprio aos tempos atuais: “cabe nos perguntarmos acerca dessa nova posição da criança, que encontra-se enlaçada ao tecido social contemporâneo, onde a tecnologia é hegemônica e prevalece no brincar.”

Os estudos de Bosi e Qvortrup ajudam a pensar sobre esse desafio. Com Bosi, a partir da contribuição dos velhos como guardiões da riqueza do passado, há uma possibilidade de reencontro da criança contemporânea com uma cultura lúdica viva na memória destes velhos, em particular, nas rememorações realizadas pelos velhos ilhéus. Com Qvortrup, a partir de seu otimismo sobre um futuro em que prevê as crianças em vantagem de conhecimento tecnológico em relação aos velhos, mas em contrapartida também prevê que os velhos, no futuro, serão mais numerosos, portanto, detentores de mais poder político.

Talvez seja possível considerar estes aspectos nos processos formativos voltados para as crianças, de modo a promover encontros construtivos, entre velhos e crianças, que tenham a cultura lúdica de outrora como pauta de troca de experiências entre infância e velhice.

## 2.5. O local de uma infância remota com imensidão de espaço para brincar: “Se dizia: eram criados de rédeas soltas!”

*Se dizia: eram criados de rédeas soltas!*  
(Seu Bento)

Nas narrativas do tempo de infância dos velhos ilhéus, guardiões de uma memória remota de cultura lúdica da Ilha de Santa Catarina, há inúmeras descrições relativas ao fato comum de as crianças daquela época poderem brincar a “rédeas soltas” pelas ruas das freguesias em que viviam e pelos grandes quintais das suas casas, pois ainda havia, por todo o território da Ilha de Santa Catarina, especialmente nas localidades interioranas, uma relação mais harmoniosa do ser humano com a natureza.

Estas localidades viviam em torno de atividades artesanais produtivas que geravam a própria subsistência e situavam-se distantes do centro histórico, administrativo e político da cidade, com o qual mantinham apenas contatos esporádicos. O modo de vida era diferente dos tempos apressados da vida contemporânea, em que a relação entre o ser humano e a natureza tem sido pautada por princípios predatórios e lucrativos, pela busca do desenvolvimento<sup>50</sup> a qualquer custo, implicando, como esclarece Pimenta (2005), em mudanças rápidas e desordenadas na ocupação do território da Ilha. Tais mudanças são caracterizadas por um vertiginoso processo de urbanização, em que o direito de propriedade relativo ao espaço tem prevalecido sobre o direito social e público, com múltiplas conseqüências para a paisagem natural, a economia e a cultura e até mesmo a população<sup>51</sup> da Ilha que, ao longo

---

<sup>50</sup>A configuração de cidade resultante do tipo de combinação que ocorre no presente, entre desenvolvimento econômico e preservação da paisagem natural e cultural, tem implicações para a cultura lúdica das gerações de crianças de hoje e do futuro.

<sup>51</sup>Dados sobre a evolução da população de Florianópolis entre 1872 e 2000 são apresentados por Margareth de C. A. Pimenta no estudo, “*Florianópolis como espaço do público*” (2005, p. 38), do qual cabe destacar os seguintes dados pertinentes à época de infância dos entrevistados, entre 1930 e 1950: nos idos de **1890**, a população total era de 30.689 habitantes, sendo 16.506 de população urbana e 14.178 de população rural; em **1919**, a população total era de 41.338 habitantes, sendo 22.874 de população urbana e 18.464 de população rural; já em **1949**, a população total era de 67.630 habitantes, sendo 51.115 de população urbana e 16.515 de população rural; em **2000**, a população total chegou a 339.063 habitantes, sendo 329.007 de população urbana e 10.056 de população considerada rural. Ainda segundo o Censo IBGE do ano de **2010**, a população total já atingiu os 421.203 habitantes, sendo 405.243 de população urbana e 15.960 de população rural ([www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1)). Acesso em 17 abr. 2011.

dos tempos vem adquirindo características cada vez mais urbanas. Os depoimentos dos velhos narradores dão testemunho destas mudanças:

Ah era! **Naquele tempo era uma casa longe da outra**, assim como essa casa aqui do meu pai, a outra era lá embaixo! Longe, longe..., **hoje isso aí tá cheio, se você da uma volta aí o povo é coisa medonha**, encheu tudo, encheu tudo, de tanto povo, muita gente! (Seu Noquinha – Campeche - em 26/09/2009 - grifos nossos).

Entretanto, outrora, naquele espaço e tempo das infâncias dos velhos ilhéus, entre 1930 e 1950, havia um mundo de coisas para inventar brinquedos e brincadeiras, havia espaço aberto em meio à natureza, com segurança para explorar no ato de brincar, como sugere o depoimento de Seu Bento:

[...] **Se dizia: eram criados de rédeas soltas!** [...] Sim, o que não se tinha, se inventava. Sabe aquelas tampas de garrafa? A gente pegava as tampas, jogava prá cima e quem desvirava, ganhava. Tampinha de cerveja se catava nas vendas. Era quem mais podia juntar... [...] Todo mundo inventava. E tinha a brincadeira do boi, né? Se fazia com um pau segurando na frente. Botava... corria para um lado e para o outro... [...] (Seu Bento – Cacupé - em 04/07/2009 - grifo nosso).

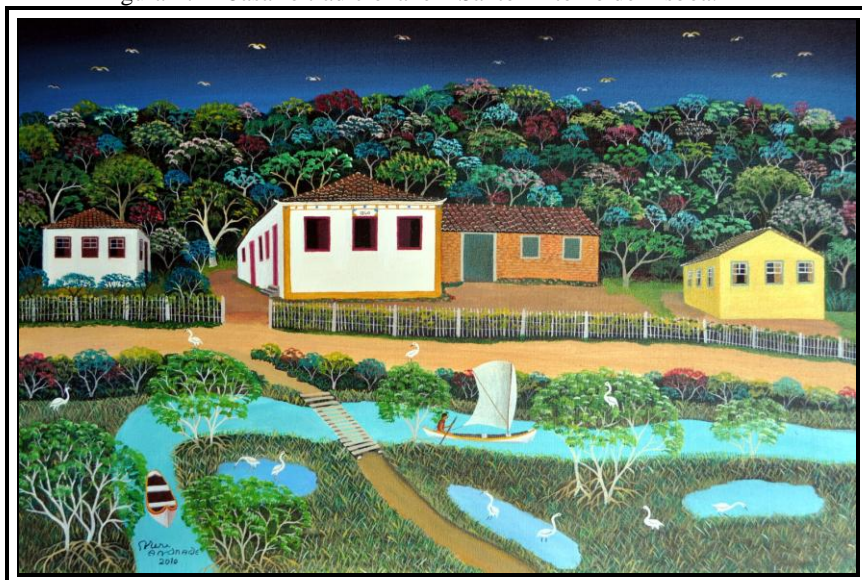
“*Eram criados de rédeas soltas!*” Que significados podem ser atribuídos a esta frase, no contexto da presente investigação? Um primeiro sentido pode estar relacionado ao fato de haver, no período de infância dos velhos, muitos espaços disponíveis nas várias localidades onde residiam, ou seja, nas freguesias e no entorno cultivado das moradias, as crianças podiam brincar à vontade, com uma imensidão de espaço à disposição, fato este confirmado na narrativa de Dona Maroca ao dizer que havia muito lugar para as crianças brincarem soltas:

[...] As brincadeiras? [...] Não, **de frente a minha casa, tinha um pasto, um campo grande, dava-se o nome de pasto, um campo bem grandão. E nesse pasto a gente brincava muito.** Eu brincava muito, nós, né? Meus colegas, que eram cinco

meninas, os dois meus sobrinhos [...] uma base de umas dez crianças. Então nós brincava muito de pegar, bate barra... Tinha também de pular de corda, de uma corda, de duas cordas. (Dona Maroca – Centro, na Prainha - em 01/09/2009 - grifo nosso).

Na Figura 17 a seguir, o quadro do artista plástico Neri Andrade, que representa uma paisagem de habitações de raiz luso-açoriana, também retrata esta possível imensidão de espaço no entorno das habitações, proporcionando muitas e variadas condições para as brincadeiras das crianças, bem como denota, da parte dos moradores ilhéus de outrora, uma convivência mais harmoniosa com a natureza.

Figura 17 – Casario tradicional em Santo Antônio de Lisboa.



Fonte: Pintura a óleo de Neri Andrade - Acervo do artista plástico.

Dona Lucimar também confirma o fato de haver bastante espaço no entorno das casas, em meio às árvores frutíferas, para realizar as brincadeiras:

[...] Era... [...] Tinha! Cafezeiro... [...] **Cafezeiro! Aquilo tudo era cafezeiro, tinha muito cafezeiro.** Cafezeiro, pé de noz, tinha muito

guarapuvú. Tinha laranja lima, a laranja doce! Tinha muito! Bastante, caía... [...] Era! (Dona Lucimar – Ponta das Canas - em 06/08/2009 – grifo nosso).

Este primeiro sentido, associado à expressão “*Eram criados de rédeas soltas!*”, propiciou uma experiência de infância repleta de brinquedos e brincadeiras em que a natureza tornava-se elemento constitutivo da cultura lúdica, ora oferecendo uma riqueza de materiais para a construção de brinquedos, ora simplesmente oferecendo-se às crianças na forma de sombra para o sol, um pasto grande pelo qual as crianças podiam correr e rolar, uma extensão de areia de praia para também correr e cair sem se machucar. Esta abundância de paisagens naturais à disposição das crianças era um fator determinante na infância a “*rédeas soltas*” dos velhos entrevistados, que contrasta com o cotidiano da infância atual.

Outro significado, relacionado ao anterior, diz respeito à ideia de liberdade que parece existir na frase. Criar as crianças a “*rédeas soltas*” pode traduzir um sentido segundo o qual as crianças cresciam e se desenvolviam junto das outras crianças do grupo familiar e de grupos vizinhos, em contato direto com a natureza, com os animais domésticos, portanto, colocadas diante de situações em que necessitavam realizar escolhas, tomar decisões, muitas vezes sozinhas ou então no interior das dinâmicas de convivência dos grupos que integravam. As crianças também tinham que superar desafios e problemas de diversas ordens. Enfim, esta ideia de liberdade, colocada pela imensidão de espaço para brincar, parece implicar numa aprendizagem da cultura lúdica que tinha lugar no interior destes grupos de crianças, como destacou Dona Maroca: “[...] *uma base de umas dez crianças. Então nós brincava muito de pegar, bate barra... Tinha também de pular de corda, de uma corda, de duas cordas.*”

Cabe ainda destacar que uma paisagem abundante dos elementos da natureza implicava num espaço indutor de movimento e, no caso do período de infância em foco, num espaço propício para brincadeiras a “*rédeas soltas*”.

Outro sentido possível de se estabelecer para a frase anterior está relacionado ao fato das crianças viverem em freguesias onde prevaleciam interações sociais caracterizadas pelos cuidados recíprocos, um modo de vida marcado por princípios de coletividade e solidariedade, típico destas comunidades interioranas da Ilha e ainda



forte à época de infância dos moradores entrevistados, como atesta a narrativa que segue:

Sim! Eu fui criado ali, lá no morro e tinha cinco famílias, ou seis, e **tinha aquela criação, nós era como irmão**, a gente brincava junto, entendeu? A gente brincava junto, a gente ia nesse morro aí, correr cascudo, brincá de cavalo... [...] É de cascudo! [...] É! Como se fosse uma prancha [...] Cascudo é... cascuda do côco... Que cai aquela casca... (Seu Virgilino – Barra da Lagoa - em 07/09/2009 - grifo nosso).

Este sentido, de uma criação da infância em irmandade, conduz a um tempo em que as crianças podiam brincar juntas na vizinhança das moradias e nos arredores da freguesia. Tal condição permitia muitas trocas entre crianças maiores e menores, facilitando uma experiência única com as paisagens locais, naturais e construídas, como testemunha a narrativa anterior.

Não foi diferente também a infância dos filhos de Dona Maria das Graças, moradora, desde criança, no centro urbano do distrito sede da Ilha de Santa Catarina, próximo ao antigo Campo do Manejo. Até a geração de seus filhos, ainda se mantiveram fortes as características de uma infância com uma imensidão de espaço para brincar nas imediações da Rua Esteves Júnior, conforme sua fala aqui transcrita:

[...] É, é... então era assim: quando a gente chegava no Natal, nós combinava entre si, a Ana Rita que era a esposa do Jaime Linhares, né? E o Carneiro que morava do lado também, e a minha casa era a mais distante que a minha dava pro mato, tudo mato, **então tudo era mato e na frente daquele prédio redondo também era mato e naquela esquina ali tinha um muro que era de uma casa que foi demolida e ali eles faziam um campinho pra jogar futebol, e o pessoal passava e ficava debruçado ali no muro vendo eles jogarem futebol, eles brincavam muito ali, muito! Era deserto aquilo ali, né?** [...] É, é... [...] Eu conhecia muito a Praia de Fora que a gente chamava essa praia do meio aqui, né? Praia do Müller aqui, meu Deus isso era um deserto, a gente tinha até medo de vim aqui. [...]

Era tudo lá... eu quase nem vinha pra esse lado, mas depois, o meu marido então se ele tivesse vivo hoje, ele não sabia mais onde ele estava, porque Florianópolis mudou muito! Ele morreu em 72 [1972], não tinha a Beiramar. [...] Mas os meus filhos brincavam muito ali, de futebol de tudo, sabe? (Dona Das Graças – Centro, próximo ao antigo Campo do Manejo - em 10/09/2009 - grifo nosso).

Em outra narrativa de Seu Zequinha, nativo do distrito do Ribeirão da Ilha, também aparece o primeiro sentido associado à expressão “*Eram criados de rédeas soltas!*”, aquele em que o espaço em abundância de paisagem natural preservada era comum em muitas localidades interioranas. Entretanto, o narrador demonstra seu estranhamento com o avanço rápido da ocupação deste espaço que outrora parecia nem servir para habitação. Admirado com o curso rápido de ocupação das terras de sua localidade, Seu Zequinha se aproxima das preocupações de Pimenta (2005), que vê nas mudanças rápidas e desordenadas, quando da ocupação do território da Ilha, nos últimos tempos, a chegada inevitável do processo de urbanização com práticas de esquecimento do velho e deslumbre pelo novo. No lugar do engenho de farinha vieram as casas boas e, muitas delas, apenas para veranejar, segundo Seu Zequinha:

Ah, não tinha nada... Aqui onde eu moro só tinha uma casinha que era do meu tio, esse terreno era do meu tio e o que era o terreno que era nosso mesmo, do meu pai, era logo aqui na frente, uns 100 metros aí, **então só tinha essa casa e aqui no vizinho só tinha um engenho, ali também, mais... não tinha mais nada! Só que hoje em dia tá tudo mudado, né?** [...] Quem conheceu aquilo lá embaixo! [...] Ô barbaridade! [...] Aquela parte de baixo tinha aquela malha de mato ali, **ali era tudo pedreira que eu nunca pensei um dia na minha vida ver casa ali! Hoje é tudo cheio de casa e casa boa, né? E casas boas!** (Seu Zequinha – Ribeirão da Ilha - em 10/10/2009 - grifos nossos).

O contraste que a narração estabelece entre o passado e o presente pode ser uma possibilidade de escavar algumas tramas políticas

do passado da elite dirigente da cidade, em fins dos anos 1950<sup>52</sup> as quais culminariam, tempos depois, no avanço rápido e especulativo da urbanização de praticamente toda a Ilha de Santa Catarina. Escavar este elemento da narrativa, com vistas a compreender as razões pelas quais se configurou e continua a se delinear uma mudança tão drástica na paisagem e no espaço da Ilha, permite escavar elos importantes entre passado e presente, podendo subsidiar as possíveis repercussões e implicações para as transformações e permanências que se deram e estão em processo na cultura lúdica da infância na Ilha de Santa Catarina.

Lohn (2007) auxilia na compreensão destas tramas que tiveram lugar nos meios políticos influentes da Ilha de Santa Catarina, nos fins da década de 1950, e que adentraram pelas décadas seguintes. O historiador indica que as decisões que tinham lugar nos grupos políticos da cidade acabavam por culminar em projetos concretos que definiam o futuro da Ilha. Dentre as decisões mais significativas está a de tornar o turismo a referência principal para as políticas de desenvolvimento da cidade. De acordo com este autor,

conferir ao turismo a primazia sobre o desenvolvimento da cidade significava permitir

---

<sup>52</sup> Reinaldo L. Lohn (2007) pensa a Florianópolis da década de 1950 a partir do debate sobre cidade e modernização no ciclo do Brasil desenvolvimentista. O historiador foca seu estudo num grupo muito específico da população da cidade, neste período, isto é, a imprensa local (jornal e rádio), a classe política dirigente, os intelectuais e empresários, que se dirigia para integrantes da camada média urbana da cidade. Seu interesse volta-se para saber da influência e simpatia assimilada por estes segmentos da população em relação ao ideário desenvolvimentista nacional, protagonizado pelo Governo Juscelino Kubitschek, caracterizado na ideia de carrear um salto de desenvolvimento para o país (avançar 50 anos em 5 anos de governo). Seu intento foi o de analisar se as representações do ideário desenvolvimentista, assimiladas por aquele grupo específico de moradores, influíram nos debates e nas práticas subsequentes relativas ao processo de modernização e urbanização de Florianópolis. Segundo Lohn (2007), datam desta época, a década de 1950, por exemplo: a eleição do turismo como principal alavanca para o desenvolvimento econômico da cidade, que era estampado em anúncios publicitários dos jornais locais do período que destacava o potencial turístico dos encantos naturais da Ilha de Santa Catarina; **a elaboração do primeiro Plano Diretor (1955)**, o qual projetava mudar a cidade pacata, com forte herança da arquitetura colonial e ainda sujeita a um modelo sócio-econômico arcaico, para um futuro com características de cidade industrial, com a projeção de um porto que escoaria a produção decorrente das indústrias que se instalariam nas regiões vizinhas à Ilha. Continua dizendo que é neste período que emerge a verticalização do centro da cidade com a construção dos primeiros prédios. “Florianópolis, assim como outras cidades brasileiras nas décadas de 1950 e 1960, tornou-se palco de formulações que diziam respeito ao que pode ser analisado como uma segunda leva de reformas urbanas, as quais decorriam de processos diversos daqueles que compuseram as intervenções que haviam reordenado cidades importantes no começo do século XX, com resultados não menos significativos.” (LOHN, 2007, p. 306).

que os grupos políticos e empresariais mais influentes tivessem ganhos econômicos, com a valorização de imóveis, os quais em muitos casos foram conquistados em áreas de antigos campos comunais. Diversas regiões passaram por um lento processo de apropriação privada, que se acelerou justamente no momento em que o turismo tornou-se a principal bandeira de líderes partidários e empresários. Foi esse o caso de Aderbal Ramos da Silva, que anunciava, já durante a década de 1950, investimentos imobiliários no Norte da Ilha de Santa Catarina. Os terrenos junto às praias sofriam intensa valorização, enquanto seus ocupantes mais antigos perdiam o direito de utilizá-los para suas atividades agropecuárias. Portanto, as intervenções públicas e as projeções de futuro tinham o nítido sentido de favorecer interesses privados bem localizados. [...] Os antigos engenhos de farinha de mandioca, as pequenas lavouras e a criação de gado deixaram de existir, em favor de luxuosas residências à beira da praia, cujo acesso é restrito a uma população de alto poder aquisitivo (LOHN, 2007, p. 316).

Ora, esta perspectiva de desenvolvimento em torno do turismo, pensada e edificada ao longo dos últimos 60 anos, foi indutora de grandes e irreversíveis mudanças na paisagem, nos bairros e nas localidades interioranas da Ilha de Santa Catarina, com conseqüências diversas para o modo de vida do lugar, particularmente, com uma ocupação rápida dos espaços e um crescimento populacional acelerado.

O estudo de Lohn (2007) confirma que havia, nas localidades interioranas da Ilha, muito espaço, portanto, tal como os velhos moradores narraram, uma ideia de infância criada a rédeas soltas. Essa imensidão de espaço também era constituída de terras comunais, utilizadas pelos moradores para a agricultura de subsistência e a criação de gado. Porém, a elite dirigente, formada de políticos e empresários da cidade, tinha interesses mais voltados para a chamada modernização urbana para além do centro histórico da cidade. Por conseqüência, a expansão dos negócios imobiliários da terra e o fomento do turismo provocaram mudanças ao longo do tempo, que comprometeram o patrimônio humano e cultural da identidade e do legado luso-açoriano que marcou a vida na Ilha até então. E neste legado está incluída a

cultura lúdica de tempos idos, praticada pelos moradores narradores da presente investigação.

Para Lohn (2007), este período da expansão urbana, via loteamentos, estaria em consonância com a expansão horizontal das cidades brasileiras ao longo do século XX. No caso de Florianópolis, datam da década de 1940 os registros de loteamentos junto à Prefeitura, os quais ampliavam a área urbana em direção às áreas rurais da Ilha até alcançar os locais mais distantes e chegar às praias, foco prioritário dos investimentos imobiliários voltados ao turismo. Resumindo, a

[...] antiga Florianópolis, das freguesias coloniais, deveria ser esquecida em nome da nova cidade, marco do futuro, com a vitória dos segmentos ligados à exploração imobiliária, em desfavor de grupos sociais que sofreram restrições em seu direito à cidade, em especial as camadas populares, habitantes dos morros próximos ao centro, das periferias da área continental e das localidades espalhadas pelo interior do município, alijadas material e simbolicamente dos projetos em curso, sem receber os serviços públicos oferecidos aos balneários (LOHN, 2007, p. 317).

Para completar, Lohn (2007) entende que tal processo de transformação de Florianópolis, desencadeado no fim dos anos 1950 e nas décadas subsequentes, buscou colocar a cidade num alinhamento com os parâmetros exigidos pela tendência crescente de modernização e urbanização, conseqüência de uma lógica de desenvolvimento para o país e reflexo de um modelo que se pretende global, suplantando os traços antigos que caracterizavam a cidade. Seu Valdemar demonstrou, ao ser entrevistado, admiração e também indignação pela mudança rápida do local de sua infância, o Morro do 25, e também de toda Ilha de Santa Catarina:

[...] **É, claro! Se por caso eu caísse desmaiado muitos anos e acordasse eu desmaiaria de novo com o progresso que houve ali. Ali não tinha luz elétrica naquela época e nós pegávamos água lá embaixo.** E de onde a gente pegava água até o mar era mais ou menos uns 50 metros só. Onde eu passo hoje de ônibus ali, eu pescava cocoroca, eu sempre gostei muito de canço, né? Eu digo pru meu filho: - olhe aqui era onde eu

pescava... hoje tá aterrado, só tem prédio! [...] **A Ilha está completamente modificada! Sem dúvida nenhuma, pru tempo da televisão, pru tempo do computador.** (Seu Valdemar – Centro, no Morro do 25 - em 03/08/2009 – grifos nossos).

Aliás, Cascaes (1989b) já alertava para este destino da cidade e foi incansável na produção de uma obra em que procurou denunciar o seu desmonte, ao mesmo tempo em que buscou registrar o que ainda havia vivo da cultura de origem açoriana na Ilha de Santa Catarina. É ele quem diz:

Quando eu comecei a trabalhar com a cultura açoriana, 1946, já estavam começando a desmontar a nossa cidade de Nossa Senhora do Desterro. Começaram a derrubar diversos prédios antigos em toda a cidade. E depois construíram essas favelas de rico, os prédios de apartamentos. Mas, a cidade era muito bonitinha, muito bonita (CASCAES, 1989b, p. 26).

Com relação ao desmonte da cidade, ao longo dos últimos tempos, há dois aspectos pertinentes ao tema da investigação: a perda gradativa da identidade local, com implicação no desaparecimento e esquecimento de brinquedos e brincadeiras tradicionais, e a crescente diminuição de espaços públicos por todo o território da Ilha, os chamados terrenos baldios, que costumavam ser utilizados pelas crianças para as suas brincadeiras.

O local de uma infância remota com imensidão de espaço para brincar constituiu um elemento característico do tempo de infância dos velhos ilhéus de “Açores Aqui”. Poder usufruir de grandes áreas abertas para brincar pode ser um alerta para o tempo presente e futuro: em que espaços brincam as crianças do presente nas várias localidades da Ilha? E que espaços serão preservados, na Ilha, para as futuras gerações de crianças poderem brincar? Estas questões reivindicam reflexões urgentes no tempo presente, pois a marcha sem freio da urbanização da Ilha parece ter como objetivo apenas os lucros advindos dos interesses dos poderosos setores, organizados em torno da especulação imobiliária.

### CAPÍTULO 3

## BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA MEMÓRIA DE INFÂNCIA DE VELHOS

*E as lembranças da infância são sempre  
as que mais tarde se apagam.*  
(José Jorge Letria)

Neste capítulo, apresento a memória de infância dos entrevistados, disparada a partir de fotografias dos registros de Cascaes, de imagens fotográficas de lugares da Ilha de tempos passados e de brinquedos antigos. Num primeiro momento, assinalo o reconhecimento, pelos entrevistados, dos registros de brinquedos e brincadeiras realizados por Franklin Cascaes. No momento seguinte, realizo uma rememoração de outros brinquedos e de outras brincadeiras do tempo de infância dos velhos moradores, não contemplados na obra de Cascaes. Num terceiro momento, trato do processo de construção dos brinquedos e das brincadeiras. E, por fim, no quarto momento, busco disparar a memória dos entrevistados em relação aos locais de suas infâncias na Ilha.

### **3.1. O reconhecimento dos registros de brinquedos e brincadeiras de Franklin Cascaes na rememoração de velhos moradores**

*Cada um montava o seu cavalinho e saía correndo.*  
(Seu Bento)

Na década de 1940, quando Franklin Cascaes começou a registrar, em estatuetas de argila crua, a cultura lúdica de origem luso-açoriana da Ilha de Santa Catarina, ele já imaginava a possibilidade de prolongar até o tempo atual e futuro o encantamento de um modo de brincar do passado que pudesse ser revivido “[...] no olhar que olha e vê, reconhece e relembra, se diverte e se aproxima pelas brincadeiras de uma infância passada, mas tão presente no cotidiano de nossas crianças e de nossas mentes.” (PIACENTINI, 2010, p. 11). Para a autora, Cascaes, ao registrar a cultura lúdica de uma geração, transpondo épocas, tinha a intenção de encantar as novas gerações de crianças.

Exemplo disto é o fato de ainda ocorrerem, hoje em dia, em ocasiões de festas e eventos culturais realizados em algumas localidades

históricas do interior da Ilha ou em projetos pedagógicos de escolas<sup>53</sup> infantis da cidade, apresentações do boi de mamão que cativam crianças e adultos com o seu ritual lúdico e dramático característico.

Cascaes, sensível à dimensão de encantamento desta brincadeira e fiel ao seu propósito de registrar os elementos de uma cultura fadada ao esquecimento, também eternizou esta manifestação da cultura lúdica local em suas estatuetas de argila, como se vê na Figura 18 a seguir.

Figura 18 – A dança do boi de mamão.



Fonte: Coleção “Prof. Elizabeth Pavan Cascaes” - Museu da UFSC (s/d).

Seu Manuel, velho nativo ilhéu criado na região do centro histórico da cidade, nas proximidades da antiga Escola Industrial, onde estudou e foi aluno do professor Cascaes, conta que a época de brincar de boi de mamão ocorria entre os festejos natalinos e de carnaval, coincidindo com o tempo das férias escolares de verão. Segundo este senhor,

<sup>53</sup> Ver a pesquisa desenvolvida por Dione Raizer junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da UFSC, materializada na dissertação de mestrado intitulada: “Boi de mamão: uma brincadeira de rua no chão da educação infantil: diálogos com a cultura popular”, (2008).



[...] **o boi de mamão era uma brincadeira de criança**, no máximo, no máximo jovens, não tinha adulto, hoje o boi de mamão é de gente adulta, mas no meu tempo de idade de uns 10, 12 anos não tinha boi de mamão de adulto, só lá quando eu cheguei pelos meus 18, 20 anos começou aparecer boi de mamão de adulto, mas era só de criança o boi de mamão [...] (Seu Manuel – Centro, na Rua Major Costa - em 25/09/2008 – grifo nosso).

Ao frisar que o boi de mamão era uma brincadeira de criança no seu tempo de infância, Seu Manuel faz emergir a ideia segundo a qual as crianças de sua época eram produtoras de cultura. A recordação deste fato traduz-se num elemento importante, pois como lembra Perrotti (1990, p. 22), as crianças são capazes de criar “[...] uma cultura própria, viva, transmitida de boca em boca [...]”, e mesmo quando se orientam na cultura dos grupos adultos, elas ainda conseguem reelaborar esta cultura segundo seus interesses lúdicos. A brincadeira do boi de mamão pode ser vista, aqui, como um rastro deixado na escavação da memória dos velhos ilhéus a indicar sua re-inserção no mundo de brincadeiras das crianças do presente e do futuro, como uma possibilidade delas exercitarem suas condições de atores sociais e de produtoras de cultura.

Nas vozes de Dona Lucimar e de Seu Joaquim, surgem lembranças de trechos dos cantos que fazem parte do ritual de apresentação desta brincadeira que sempre encantou e continua a encantar gerações de crianças:

Mas era um cantar bonito! [...] [Cantarola:] **Vem cá, vem cá, meu boi. Nosso boi morreu, o que será de mim, manda buscar outro, ó maninho, lá no Piauí.** [risos] [...] (Dona Lucimar – Ponta das Canas - em 06/08/2009 – grifo nosso).

Aí depois... [Cantarola:] Ô mestre sala, pode se retirar e chama o vaqueiro ô maninha e vai brincar... Aí o vaqueiro chegava, né? Aí ele chegava, o vaqueiro e ia chamar... [Cantarola:] **Vem prá cá meu boizinho ê, ê boi, vem prá cá pru salão ê boi, o meu boi de mamão ê...** (Seu Joaquim – Campeche - em 07/09/2009 – grifo nosso).

Além de Cascaes, outros artistas e escritores<sup>54</sup> ilhéus também buscaram eternizar esta manifestação da cultura lúdica típica do litoral catarinense, o boi de mamão. Assim, Othon Gama d’Eça, no conto “Os brejos dos Ratores” (1946), traz uma narrativa da brincadeira do boi de mamão, que é apresentada na sequência:

E quem pensaria! O boi se aproxima. Segue-o o povo. Ninguém ficou em casa, nos panos, nem mesmo doente: a brincadeira é mais forte do que tudo e está misturada no sangue: - **É o nosso divertimento... Já foi dos nossos pais... Não há outro.** – E quem vai de cavalinho? – O Estevão. Brinca que vale a pena. É de Massiambu. Em frente à minha casa, como em dia de festa, o povo se aglomera embevecido, os olhos sôfregos, num silêncio de igreja. As mulheres de saias domingueiras, algumas com o filho no colo ou pela mão; os homens de chapéu, camisas limpas, tamancos e pés lavados. Os cantadores chamam o boi, que se precipita, espantado, abrindo rastros, atacando até os que se debruçam na cerca, do lado de fora. – **Eia, bicho louco!... Credo! Quem é? - O Maninho, filho da Cinoca. – O Maninho, já de boi? Parece que foi ontem que o vi nascer! Louvado!** Em seguida o Mateus, pingando de tiras vermelhas e azuis, o chapéu de bico, a varinha na mão. Depois... o boi adoeceu; está caído, os grandes olhos de carvão muito abertos, o focinho na terra, imóvel e rijo na sua armação de bambu verde. O coro lastima a morte do bicho. O vaqueiro nada arranjou: - Alevanta meu boi, arretira meu boi. Mas o boi continua sobre as pernas, mais duro que samburá de cipó, as guampas rijas, os olhos de carvão imóveis e tristes. Mateus apela para o doutor, que se aproxima com as suas artes numa caixa de pau, a

---

<sup>54</sup> Nereu do Vale Pereira é um desses obstinados ilhéus que se dedica a registrar as marcas da cultura luso-açoriana na Ilha de Santa Catarina. Também foi aluno de Franklin Cascaes na antiga Escola Industrial de Florianópolis. Recentemente, publicou o livro “*O boi de mamão: folgado folclórico da Ilha de Santa Catarina – introdução ao seu estudo*” (2010). Há também a pesquisa de doutoramento de Reonaldo Manoel Gonçalves, intitulada: “*Educação Popular e Boi-de-Mamão: Diálogos Brincantes*”, apresentada no Programa de Pós-graduação em Educação da UFSC (2006).

rabona roçando os quadris, os óculos de arame sobre o nariz de zarcão. E benze o boi, com as “palhas e as maravalhas e as penas de urubu”. O boi oscila e range; levanta-se, ressuscitando. E volta a dançar, até que o cavalinho, que também executou os seus compassos, ondeou a sua capa de setineta azul e bateu, fegoso e ancho, o seu penacho de paina, obedecendo os cantadores, laça o Malhado e o arrasta para o recesso das folhagens caladas e escuras. Há um espaço de silêncio, uma vaga agitação de impaciência, um pesado momento de expectativa e de temor, como se o mistério, de repente, tivesse de surgir da terra mole e fino. Nas moitas retinem os grilos. Do fundo, os cantadores seduzem agora a Bernúncia... (d'EÇA, 2003, p. 52-53 – grifos nossos).

No texto de d'Eça (2003), constata-se que a brincadeira do boi de mamão perpassava as gerações. Além disso, percebe-se, na descrição deste autor, a popularidade desta manifestação e a importância dada a ela no universo cultural de épocas anteriores na Ilha de Santa Catarina. Pode-se dizer, mesmo, que d'Eça (2003) como que dá fala ao quadro pintado pela artista plástica Valda Costa, que aparece na Figura 19 a seguir:

Figura 19 – Brincadeira do boi de mamão.



Fonte: Pintura a óleo de Valda Costa – Acervo do Museu de Arte de SC (1979).

Entretanto, um casal de velhos entrevistados na Lagoa da Conceição, Seu José e Dona Lindalva, rememoraram fragmentos de outra brincadeira conhecida por boi de campo ou farra do boi<sup>55</sup>, que costumava ser praticada no ciclo de festas da Ilha de Santa Catarina, neste caso, durante os festejos da Páscoa (quaresma e semana santa). Eles narraram que as crianças de sua época reproduziam<sup>56</sup> esta prática dos adultos em suas brincadeiras:

<sup>55</sup> Maria Bernadete Ramos Flores, no livro “*A farra do boi: palavras, sentidos, ficções*” (1998), traz uma análise historiográfica da farra do boi no contexto de outras manifestações culturais tradicionais da Ilha de Santa Catarina, como o *terno de reis*, o *boi de mamão*, o *pão por Deus*, dentre outras e em meio à polêmica da farra do boi promovida pela mídia local e nacional, iniciada em meados dos anos 1980, em verdade um movimento “antifarrista”, quando Florianópolis já experimentava as novas dimensões e características sócio-econômico-político-cultural de uma cidade moderna, marcada, principalmente, pela concretização crescente de sua urbanização.

<sup>56</sup> O conceito de reprodução interpretativa no brincar ao faz de conta das crianças, em Willian A. Corsaro (2002, p.113), é concebido nos seguintes termos: “O processo é reprodutivo na medida em que as crianças não se limitam individualmente a interiorizar a cultura adulta que lhe é externa. Pelo contrário, as crianças tornam-se numa parte da cultura adulta, [...] [e] contribuem para a sua reprodução através das negociações com os adultos e da produção criativa de séries de cultura de pares com outras crianças.”

As crianças... a gente também brincava muito, **quase tudo a volta aqui brincava, era boi do campo** [...] Boi do campo, pegava um pedaço de pau e botava aqui assim e vinha outros guris laçava, vinha outro com cavalo, mas cavalo com... [...] Ah! Brincava... [...] É, a farra do boi... Ah a farra do boi a gente brincava muito! [...] Com cavalinho de pau, né? Com cavalinho de taquara, cavalinho de taquara, o laço era uma cordinha. [...] Aquele cansava a gente passava pro outro. [...] Trocava. (Seu José – Lagoa da Conceição - em 22/10/2009 - grifo nosso).

Os elementos trazidos por esta narrativa são importantes, pois em várias ocasiões do período imediatamente anterior e posterior à Semana Santa<sup>57</sup>, testemunhei fragmentos de reminiscência da prática da farra do boi durante as aulas de Educação Física, ministradas nas escolas municipais de duas localidades na Ilha de Santa Catarina. Tanto em Ponta das Canas como na Barra da Lagoa, as crianças já chegavam ao espaço da quadra brincando de boi do campo. Na maioria das vezes em que tal fato ocorreu, procurei não interferir na brincadeira, pois tinha a impressão que elas estavam ainda tomadas pela experiência da farra do boi recente que ocorrera na localidade e por isso vinham brincando pelos corredores da escola antes de alcançarem a quadra. Nestas situações, procurei assumir uma atitude de observação do brincar das crianças, de seus movimentos, suas representações, suas falas, e assim pude notar que, quando o menino que corria atrás dos demais com um pequeno pedaço de pau às mãos, como se fosse o chifre do boi, cansava, havia uma troca e outro menino assumia o papel do boi, semelhante à troca de papéis que ocorria na narrativa de Seu José.

O depoimento de outro casal, entrevistado na localidade conhecida por Vargem Grande, na região norte da Ilha, também traz a rememoração desta brincadeira de boi:

[...] Brincava, brincava, **naquela época a gente brincava de, de boi, né? Laçar a turma, um cara pegava um galho, fazia um galho botava assim, nós saía de cavalo e laçava...** [risos] pegava pelo pescoço de um laçava e puxava, né? [risos] à noite a gente brincava também, né?

---

<sup>57</sup> Semana Santa corresponde às comemorações da morte e ressurreição de Jesus Cristo na Igreja Católica.

Brincava de tatu! (Seu Genésio – Vargem Grande - em 26/10/2009 - grifo nosso).

Seu Valdemar lembrou que, além das brincadeiras de pega-pega, esconde-esconde e carretão, havia uma brincadeira que era muito comum no seu tempo de criança:

Ah! Sim, mas carretão menos. **Nós brincava muito aqui era de boi. Um era o boi, com chifre e partia para cima da turma, entende?** (Seu Valdemar – Centro, no Morro do 25 - em 03/08/2009 - grifo nosso).

De igual forma, Dona Bela e Seu Virgilino relembrou a brincadeira do boi como uma das brincadeiras que integrava o rol da cultura lúdica de infância de tempos passados na Ilha de Santa Catarina, embora a sua narrativa não deixe claro se faziam referência ao boi de mamão ou à farra do boi:

[Dona Bela:] E o outro. **Tinha uns rapazes que pegavam um pedaço de pau e faziam o boi, fazia como o boi e saíam correndo!** [Seu Virgilino:] É, é... [...] [Dona Bela:] Botava um pau assim na gente e o outro vinha prá laçar. [Seu Virgilino:] Isso aí a gente usava muito porque não tinha muita coisa, né? Na verdade a gente... (Dona Bela e Seu Virgilino – Barra da Lagoa – em 07/09/2009 - grifo nosso).

Tanto o testemunho do fragmento de reminiscência da prática da farra do boi durante as aulas de Educação Física quanto os depoimentos de Seu José, Seu Genésio, Seu Valdemar, Dona Bela e Seu Virgilino dão conta de que a brincadeira do boi de mamão e também a farra do boi constituíram, em épocas distantes e em gerações diferentes, e ainda hoje constituem manifestações da cultura popular da Ilha de Santa Catarina.

Considero interessante destacar o fato de não haver registros da manifestação da farra do boi na obra de Cascaes, ao menos nos documentos visuais pesquisados (nas esculturas de argila e nos desenhos), embora existam registros de brincadeiras de crianças que imitavam o mundo de trabalho adulto, que envolviam animais, e o registro, em escultura, da brincadeira do boi de mamão. Uma explicação para este fato pode estar, segundo Flores (1998), nas disputas, comuns

em todas as épocas, em torno da seleção das manifestações culturais que deveriam continuar compondo a identidade cultural local.

Na literatura acadêmica consultada, que se debruçou sobre a obra de Cascaes, não há registros da prática da farra do boi, exceto uma referência, de forma indireta, do trato que os descendentes dos colonos açorianos davam aos animais por ocasião da semana santa, feita pelo próprio autor no livro “O fantástico na Ilha de Santa Catarina” (1989a) e aqui transcrita:

Sempre foi crença do povo hospitaleiro desta Ilha de Santa Catarina dos famosos bois de mamão que, na Sexta-Feira-Santa, não se deve tomar instrumentos de trabalho para usá-los, seja qual finalidade for. É também costume tradicional deste povo, descendente de colonos açorianos, que, na Sexta-Feira-Santa, a partir de zero hora, devem banhar-se nas ondas do mar, levando consigo animais domésticos, para purificarem-se e protegerem-se de todos os males do corpo físico e espiritual (CASCAES, 1989a, P. 63).

Numa entrevista sobre o assunto, Gelci José Coelho<sup>58</sup> ressalta que as marcas da religiosidade popular entre os descendentes da cultura de origem luso-açoriana, na Ilha de Santa Catarina, fazem parte de um

[...] calendário marcante da religiosidade católica e dos santos padroeiros, misturados com as crenças dos santos de fé. A Quaresma, principalmente, é toda cheia de mistérios. Há uma suspensão muito grande, muito jejum, muita reza, à noite não se sai de casa, porque os elementares estão soltos e é muito perigoso, porque Cristo se isola para confabular com o pai, então o povo acha que Cristo não está dando atenção para ninguém, [...] Pior ainda é a Semana Santa, que Cristo está morto e o diabo está solto, então eles fazem ritual que acontecia só na madrugada da

---

<sup>58</sup> O Peninha, como é conhecido o historiador e museólogo Gelci José Coelho, foi o último colaborador e um obstinado divulgador da obra de Franklin Cascaes. Conviveu com o artista-folclorista por 10 anos, vindo a se tornar seu admirador, incentivador e amigo. Ver a entrevista que Peninha concedeu à Karina Janz Woitowicz: “*Uma prosa com Peninha, no centenário do mestre Franklin Cascaes*”, publicado na Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 1, nº. 11, 2008.

Sexta-Feira-Santa, que era o desafio ao diabo, representado pelo touro. O touro já foi em antigas civilizações transformado em um deus animal. Há muitas crenças pagãs que consideram o touro um elemento sagrado. Então eles aproveitam isso, já que é um culto pagão, e essa é a imagem do diabo, e eles fazem o boi na vara, que eles não tocam o animal, que era considerado impuro. Então eles irritavam o touro, soltavam e atraíam até o mar. Quando ele metia o pé na água salgada, se purificava e acabava aí. Mas isso era um grande sacrifício; quem fazia isso eram pessoas que estavam pagando promessas, porque na Sexta-Feira-Santa não se faz nada: não se fala, não se come, nada se faz. Eles faziam isto para proteger Cristo, que iria ressuscitar, acreditando que se o diabo estava solto, poderia atrapalhar. Chamavam o diabo para si, para deixar Cristo em paz no seu processo de ressurreição. Isso era depois conhecido, porque se perdeu essa informação, como Farra do Boi, que é um absurdo que acontece até hoje na ilha (WOITWICZ, 2008, p. 4-5).

É possível que Cascaes tenha comentado sobre sua interpretação da prática da farra do boi nas conversas que mantinha com Peninha. Também é possível que tenha registrado algo a respeito em seus cadernos de anotações de campo, mas infelizmente, tais diários não integraram a base de dados da presente investigação. O fato é que, pelas ideias expostas anteriormente, tanto de Cascaes quanto de Peninha, notei que a prática da farra do boi surgiu, ao longo do tempo, como consequência da perda e mudança do significado original de uma tradição religiosa popular no período da Quaresma, em que havia um ritual de purificação de corpos e espíritos que incluía também os animais. Portanto, bem diferente do sentido polêmico que passou a ter a farra do boi na contemporaneidade, inclusive, colocando-a na ilegalidade, conquista do movimento "antifarrista".

Por sua vez, Flores (1998, p. 135), ao abordar a questão da seleção das tradições no processo de disputa da hegemonia cultural que teve lugar no círculo político-cultural da cidade, em 1948, por ocasião das comemorações do bicentenário da colonização açoriana, fala da tradição como "[...] uma versão do passado que se deve ligar ao presente e ratificá-lo. O que ela oferece, na prática, é um senso de continuidade."



A pertinência desta consideração está nos critérios que orientaram aquele círculo para determinar a escolha de umas e a exclusão de outras tradições que representam a influência açoriana na cultura local. A autora cita como exemplo o estudo de Osvaldo Rodrigues Cabral, “Nossa Senhora do Desterro”, publicado em 1979, em dois volumes, com mais de 500 páginas cada um, o qual descreve inúmeras festas, diversões, a música, a poesia e o teatro que tinham lugar na vida cultural da cidade no século XIX e na primeira metade do século XX. Em relação à farra do boi, a autora menciona que Cabral, numa pequena passagem, traz a seguinte descrição:

Além do Carnaval, nos subúrbios da Capital, como nos seus distritos, o povo se diverte ainda com o Boi-na-Vara. Uma sobrevivência das touradas à corda, ou do boi solto, que se fazem lá nos Açores. Lá um verdadeiro exército de agilidade e uma prova de coragem; aqui, deturpados, um misto de perversidade e de covardia. Lá o boi sai pelas ruas e é o “salve-se quem puder”, a correria, os escorregões, os tombos, a galhofa, ou então, a tourada feita com o touro preso a uma corda, que lhe tolhe a extensão das investidas – tourada sem agulhões, sem lanças, sem morte do animal. Apenas uma brincadeira, um tanto viril, mas inofensiva. Aqui, é o boi amarrado, ou conservado numa limitada mangueira, sujeito a pedradas, a pancadas, a toda sorte de perversidade, por dias a fio, até cair extenuado. Quebram-lhe a cola, cortam-lhe a língua, pisam-no, cegam-no – e o prazer do populacho imbecil é ver o animal sofrer. Ainda hoje se pratica tal coisa – e há gente da cidade que se abala para ir apreciar semelhante espetáculo de sadismo da matutada. E, por incrível que pareça, pratica-se tal mostra de brutalidade e de selvageria, rotulada de folguedo folclórico, na Semana Santa, justamente na quinta-feira de Endoença e na sexta-feira Maior. Apenas hoje, um caso de polícia (CABRAL apud FLORES, 1998, p. 139).

Para Flores (1998), Cabral subestima a memória social, segundo certa conveniência, visando demarcar qual o legado de tradições que

poderia perdurar na história da cultura açoriana na Ilha de Santa Catarina, manifestando, no mais das vezes, uma representação dos ilhéus, descendentes de açorianos, com características de um povo por natureza amável, hospitaleiro e civilizado, mas também manifestando, em ocasiões mais pontuais, como a prática da farra do boi, outra representação da mesma população com traços latentes de barbárie e deturpadora de tradições.

Cascudo (1972), em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, diz que o boi-na-vara constitui uma particularidade dos municípios da orla litorânea do Estado de Santa Catarina, comum na época da Semana Santa. E para confirmar, cita a descrição feita por Apolinário Porto Alegre que, em 1896, assistiu à realização deste ritual do boi-na-vara, na Ilha de Santa Catarina, na localidade de Saco dos Limões:

Imaginem um cumprido varejão, forte e grosso, mas flexível, tendo seis ou sete metros de lonjura e talvez enterrado quase um metro pela extremidade mais cheia e robusta, para ficar firme no solo. Da outra extremidade pende um laço bem atado que vem prender-se nas guampas dum boi escolhido, como capaz de luta. No meio do varejão há uma figura de homem em tamanho natural, feita de panos e trapos. Quando o cornífero preso estica o laço tentando despender-se, a vara curva-se e o boneco como que fica suspenso e ameaçador sobre sua cabeça. O boi que o vê arremete contra ele, e a vara volta à posição vertical, levando consigo o boneco. Aquele recua de novo, este torna ainda à segunda posição. E repetem-se assim as mesmas cenas, enfurecendo por fim a alimária, a ponto de às vezes rebentar as prisões, atirar-se em todas as direções, investindo contra o povo que cai até dentro d'água (PORTO ALEGRE apud CASCUDO, 1972, p. 169-170).

Estas reflexões ajudam a compreender o fato de Cascaes, ao menos nos conjuntos de imagens em argila e nos desenhos que abordam a cultura lúdica da Ilha, não ter realizado registros dessa prática tradicional entre os moradores de origem açoriana da Ilha de Santa Catarina. E neste sentido, Cascaes se aproxima da posição de Cabral ao ser tomado de um esquecimento, com razões na sua contrariedade, sobre a prática da farra do boi, a ponto de não documentá-la, embora tenha

registrado outras manifestações pagãs e profanas da cultura popular da Ilha.

O fato é que as manifestações do boi que encanta – o boi de mamão, e do boi que desencanta – o boi da farra, estão no imaginário cultural da infância dos velhos entrevistados. Portanto, estas manifestações permanecem vivas no tempo presente, ainda que apresentem um declínio crescente em virtude da descontinuidade de sua prática, pelas novas gerações descendentes de açorianos, e da interação e do conflito com as manifestações culturais trazidas pelos novos moradores da Ilha de Santa Catarina que, nos últimos tempos, foi tomada, de forma rápida e desordenada, por um crescimento populacional e um modelo de desenvolvimento urbano promotores de grandes mudanças na identidade sócio-cultural local.

Continuando com as lembranças de velhos moradores, referentes ao reconhecimento dos registros de brinquedos e brincadeiras na obra de Franklin Cascaes, a narrativa de Seu Bento, um velho nativo da Ilha de Santa Catarina que passou a infância na localidade de Cacupé, expressa seu reconhecimento dos registros de Cascaes. Aliás, trata-se de um ex-aluno do professor<sup>59</sup> Franklin Cascaes na antiga Escola Industrial, onde frequentou o curso de gráfico. Seu Bento contou que, com idade de 11 para 12 anos, foi estudar nesta escola profissional na Cidade, como os antigos moradores do interior da Ilha denominam o centro (histórico, administrativo e comercial) de Florianópolis, passando a residir num internato de rapazes mantido pela mesma escola.

---

<sup>59</sup> “*Rompendo silêncios: a trajetória do professor Franklin Cascaes na Escola Industrial de Florianópolis (1941-1970)*”, dissertação de mestrado de Denise Araujo Meira, apresentada no Programa de Pós-graduação em Educação da UDESC (2009), traz uma análise da prática docente de Franklin Cascaes como professor de desenho na Escola Industrial de Florianópolis (depois Escola Técnica Federal de Santa Catarina, hoje Instituto Federal de Santa Catarina), no período entre 1941 a 1970. A pesquisadora, quando ainda estudante de História, menciona ter conhecido Cascaes, já aposentado, mas desenvolvendo seu trabalho de memória da Ilha no Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral da UFSC, onde já o admirava pelas pesquisas que realizava com base em relatos orais de nativos da Ilha de Santa Catarina. Mais tarde, em 1988, quando passou a integrar o quadro de professores da Escola Técnica Federal de Santa Catarina, na mesma instituição onde Cascaes havia lecionado por quase 30 anos, a pesquisadora retomou seu interesse por Franklin Cascaes, agora curiosa em investigar a sua trajetória desconhecida como professor de desenho na Escola Industrial de Florianópolis, pois Cascaes se tornou muito mais conhecido como artista e folclorista, “[...] sensível ao ‘desmonte da cidade’, (ele) buscou nos relatos dos moradores nativos da Ilha de Santa Catarina – os seus narradores benjaminianos – uma estratégia para registrar ‘um tempo que estava terminando’. Franklin Cascaes, como diria Marshal Berman, faz parte de um grupo de pessoas que experimenta a modernidade como uma ameaça a toda a história e tradição.” (MEIRA, 2009, p. 12-13).

Ao comentar que havia sido aluno de Cascaes, o ancião frisou que se tratava de um professor de desenho muito rigoroso com relação ao conteúdo que lecionava. Disse ainda que, de vez em quando, Cascaes mostrava suas esculturas feitas em argila para os alunos e narrava histórias relacionadas a elas. Por ocasião da entrevista, ao visualizar fotografias com os registros de brinquedos e brincadeiras, na forma de estatuetas em argila e de desenhos em grafite, o velho narrador pareceu não reconhecer alguns, mas ao mesmo tempo, identificou vários deles como de autoria de Cascaes, com destaque para a brincadeira de cavalo:

Ah! A brincadeira de cavalo. **Alguns faziam de folha de coqueiro e a gente fazia também com cana do reino.** [...] É uma cana que dá na beira do rio, a gente cortava com uma faca e fazia a orelha, a cabeça do cavalo. Eram os nossos cavalos. E fazia até corrida de cavalo, riscava de um lado e de outro e via quem chegava mais perto. Cada um montava seu cavalinho e saía correndo. (Seu Bento – Cacupé - em 04/07/2009 - grifo nosso).

Seu Bento não apenas demonstrou seu conhecimento relativo ao registro de Cascaes, mas também acrescentou outra maneira de confeccionar o cavalinho, com a cana do reino, na verdade, uma elaboração mais representativa do animal cavalo do que a simples representação com a folha de coqueiro. Entretanto, as folhas do coqueiro dispensam o trabalho de confecção e estão disponíveis e acessíveis às crianças, pois de tempos em tempos caem da copa da árvore e, ao olhar e na imaginação das crianças, se transformam em seus cavalinhos, como é possível observar na imagem da Figura 20 mais adiante. Com relação a este tipo de brinquedo, Manson (2002, p. 20) volta-se à Antiguidade, à época dos gregos e romanos, para dizer que naquelas civilizações as crianças, para brincar de pequenos guerreiros, “[...] fabricavam cavalos com um simples pau.” A brincadeira do cavalinho tinha também aí referência no mundo adulto, pois o cavalo era o animal que conduzia os guerreiros gregos e romanos nas batalhas.

Figura 20 – Cavalinho da folha de coqueiro.



Fonte: Coleção “Profª. Elizabeth Pavan Cascaes” - Museu da UFSC (s/d).

Parece importante citar aqui Amado (2007), que faz referência à presença deste brinquedo simples no quadro “Jogos Infantis”, pintado por Pieter Bruegel e apresentado na Figura 21 a seguir. Nesse quadro, o artista flamenco também registra esta brincadeira dentre tantas outras que retratou da cultura lúdica infantil da Renascença.

Figura 21 – Os jogos infantis de Pieter Bruegel.



Fonte: [www.rupert.id.au/TJ521/bruegel\\_la.jpg](http://www.rupert.id.au/TJ521/bruegel_la.jpg) (1560).

Com efeito, o quadro “Jogos Infantis” mostra uma grande variedade de brincadeiras e brinquedos nas ruas de uma cidade da

Europa renascentista. O menino brincando com o *cavalinho de madeira* está localizado bem ao meio da parte inferior da pintura, à esquerda dos dois figurantes que brincam com o *aro* e imediatamente atrás dos três que brincam de *maria-cadeira*.

Pieter Bruegel nasceu por volta de 1527, próximo de Antuérpia, atualmente Bélgica, região dos Países Baixos, na Europa. O artista recebeu grande influência dos pintores renascentistas italianos Michelangelo e Rafael. Os temas de suas telas enalteciam as paisagens e o cotidiano simples dos camponeses, o trabalho nas colheitas e as festas, diferentemente da maioria dos pintores de seu período, que se dedicavam a retratar a vida dos nobres. A tela “Jogos Infantis” foi pintada em 1560, em óleo sobre painel de madeira, e pertence ao acervo do Museu de História da Arte de Viena. Especialistas em arte atribuem ao conteúdo dessa tela de Bruegel uma crítica, por meio de brincadeiras de crianças, que o artista fez aos governantes da cidade e da igreja de sua época, mostrando que estes agiam como crianças e não levavam seus trabalhos a sério.

Outros velhos narradores também reconheceram o registro da brincadeira de cavalinho e, assim como o narrador que passou a infância em Cacupé, eles também rememoraram a brincadeira de cavalinho feita com a cana do reino, em vez da folha de coqueiro, como está representada na Figura 22.

Figura 22 – Cavalinho de cana do reino.



Fonte: Coleção “Prof<sup>ª</sup>. Elizabeth Pavan Cascaes” - Museu da UFSC (s/d).

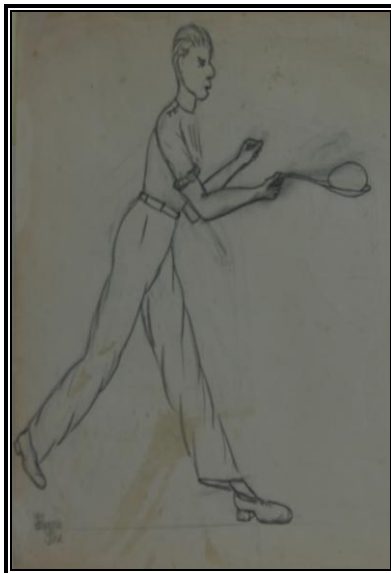
Um destes narradores, Seu Noquinha, velho entrevistado na localidade do Campeche, assim se manifestou quando indagado por seu filho, Seu Lico, que servia de mediador da entrevista, se ainda recordava do brinquedo cavalinho:

[...] [Seu Lico:] **Cavalinho? Não brincava de cavalinho? Cavalinho de bambú?** [Seu Noquinha:] **É, é, era um pedaço de pau, era também, botava aqui no meio das pernas aí andava pelos cambau aí, e outra, brincava as vez com um pedaço de pau na mão quando a gente ia levar os boi.** [...] [Seu Lico:] Como se fosse um cavaleiro de boi de mamão, só que não de pano, de madeira... [Seu Noquinha:] **É...** [risos] **No meio das pernas...** (Seu Noquinha e Seu Lico – Campeche - em 26/09/2009 - grifo nosso).

Já Dona Das Graças reconheceu os registros de Cascaes que trazem as brincadeiras da corrida do saco e da corrida do ovo na colher, brincadeiras estas que podem ser vistas na Figura 23 mais à frente. Inclusive, disse-me que conheceu Cascaes e que costumava encontrá-lo no Cemitério do Itacorubi visitando o túmulo de sua esposa. Ela contou que costumava brincar com os colegas, no seu tempo de escola, bem como com seus alunos, quando lecionava no Grupo Escolar Olívio Amorim, que funcionava ao lado da antiga igreja do bairro Trindade. Ela assim se referiu a estas brincadeiras:

[...] O ovo na colher isso também a gente brincava, no Colégio! [...] **É!...** Tanta coisa que a gente já esqueceu, né? [...] **Corrida do saco também, isso eu brinquei, muitas vezes lá no Colégio a gente brincava de corrida de saco, é!** ...Huhum. (Dona Das Graças – Centro, próximo ao antigo Campo do Manejo - em 10/09/2009 – grifo nosso).

Figura 23 – Corrida do saco e corrida do ovo na colher.



Fonte: Coleção “Profª. Elizabeth Pavan Cascaes” - Museu da UFSC (s/d).



Creio ser oportuno destacar que, na lembrança de Dona Das Graças, as duas brincadeiras compunham o universo de brincadeiras que costumam figurar no contexto escolar, em eventos como, por exemplo, gincanas comemorativas ao dia das crianças, não fazendo parte das aulas de Educação Física propriamente. Entretanto, outras brincadeiras com características comuns, como a corrida dos pés amarrados e a corrida da linha e da agulha, que se podem ver nas Figuras 24 e 25, registradas por Cascaes nos seus desenhos sobre as festas juninas, não foram reconhecidas, tanto pelos açorianos daqui quanto pelos açorianos de “Além-Mar”.

Figura 24 – Corrida dos pés amarrados.



Fonte: Coleção “Profª. Elizabeth Pavan Cascaes” - Museu da UFSC (s/d).

Alguns deles justificaram tal desconhecimento ora dizendo que estas brincadeiras eram mais comuns numa localidade da Ilha do que em outra, pois naquela época viviam mais isolados e circunscritos à dinâmica sócio-econômica de sua freguesia, ora argumentando que poderiam ser brincadeiras mais antigas, do tempo de infância de seus pais ou avós.

Figura 25 – Corrida da linha e da agulha.



Fonte: Coleção “Profª. Elizabeth Pavan Cascaes” - Museu da UFSC (s/d).

Em seus depoimentos, Seu Joaquim e sua filha Linaura, bem como Seu Virgilino, também reconheceram a brincadeira da corrida do saco, inclusive, Seu Joaquim lembrou da técnica que costumava utilizar para se sair bem na corrida:

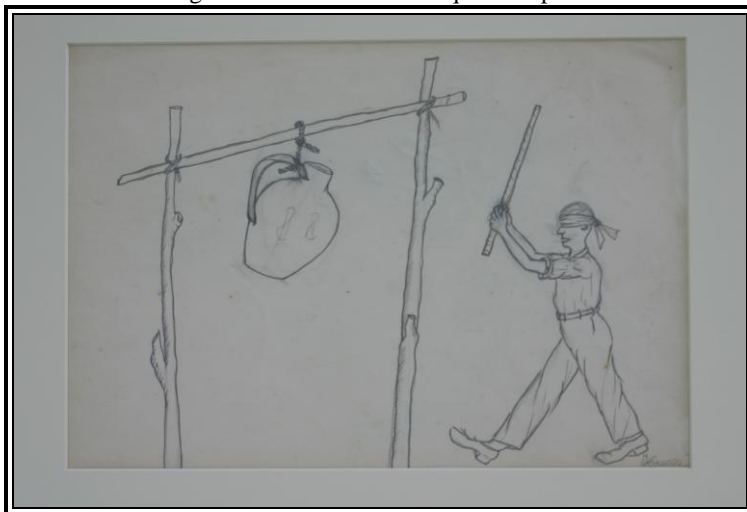
Eu..., brinquei foi da corrida do saco. [...] A Vera Cruz aqui..., **a corrida do saco se você estica não ganha, tem que deixar frouxo.** [...] [diz algo como prender] o saco pra correr. [Linaura:] Ah, segredo óh! [Seu Joaquim:] Se você prender o saco aqui não dá de correr. [...] [risos] [...] Tem que embrulhar com uma mão só assim..., mas às vezes era obrigado a sair com as duas mãos, né? E isso aí, o que é isso aí? (Seu Joaquim e a filha Linaura – Campeche - em 07/09/2009 - grifo nosso).

“[...] É... aqui na Barra a gente fazia também.” (Seu Virgilino – Barra da Lagoa - em 07/09/2009).

No entanto, nem Seu Joaquim nem Seu Virgilino lembraram da época do ano e do lugar costumeiro de ocorrência da brincadeira.

Seu Antônio, por sua vez, reconheceu o registro da brincadeira de quebrar o pote, que aparece na Figura 26.

Figura 26 – Brincadeira de quebra o pote.



Fonte: Coleção “Profª. Elizabeth Pavan Cascaes” - Museu da UFSC (s/d).

Aliás, ele contou ainda ter conhecido Seu Francolino, como era tratado carinhosamente Franklin Cascaes em muitas localidades interioranas da Ilha. Disse que o professor costumava visitar a freguesia do Pântano do Sul, especialmente no início do inverno, quando os moradores se juntavam em torno da pesca da tainha, e que o viu várias vezes envolvido com os pescadores nos preparativos e após os arrastões de rede que ocorriam na praia. Sobre a brincadeira de quebrar o pote, foi assim que o velho nativo se manifestou:

[...] Do pote, então amarrava um pano, um pano na, na vista e dava duas rodadas com ele... [...] Bala! [...] Bala. [...] Bala botava, então dava duas rodadas pru camarada ao redor, agora soltava prá ver se ele ia lá acertar no pote. [...] Não acertava! Ele caía, ele passava direto... (Seu Antônio – Pântano do Sul - em 16/10/2009).

Em seus estudos, Cascudo (1972) refere-se à brincadeira como “Quebra-Pote” e menciona ser um brinquedo muito comum nas festas religiosas. O pesquisador descreve a brincadeira a partir do relato do professor Francisco Pereira da Silva, de Caçapava, cidade do interior de São Paulo:

Ergue-se a num canto do terreiro uma armação de madeira em forma de forca ou a o jeito de traves de campo de futebol. Nessa armação pendura-se um pote de barro cheio de balas, bombons e guloseimas apreciadas pelas crianças. Assim, fica o pote exposto a excitar a criançada, que ansiosa espera do festeiro a ordem para início do brinquedo. Armado de um pau, de olhos vendados, um menino de cada vez tenta acertar uma cacetada no pote, o qual, quebrado, atrai a meninada, que em tumulto precipita-se sobre o conteúdo, que se espalha no chão. Pode haver prêmio ao quebrador e, por vezes colocam água no pote e o imprevisto e a decepção, quando o quebram, provocam risos e assuadas na assistência (CASCUDO, 1972, p. 729-730).

Finalmente, Piacentini (2010), em seu estudo denominado “Brincadeiras infantis na Ilha de Santa Catarina”, apresenta uma classificação das brincadeiras registradas pelo artista-folclorista Franklin Cascaes reunindo-as em três grupos distintos, que são as brincadeiras antigas, as colocadas pelos adultos às crianças e aquelas confeccionadas pelas próprias crianças. Em outras palavras:

- *brincando de lembrar* reúne as brincadeiras antigas e são aquelas que se apresentam às crianças como heranças das gerações anteriores: roda pião, bolinhas de gude, pandorga, perna de pau, roda de aro, carrinhos de madeira, batizado de boneca, ciranda de roda, dentre outras;

- *brincando de trabalhar* reúne brincadeiras que têm origem no mundo de trabalho típico do interior da Ilha de Santa Catarina de outrora: menino brincando de fabricar farinha de mandioca, menina raspando mandioca, meninos brincando de engenho de açúcar, imitando boi no engenho de farinha, menino gajeiro no carro de boi, menino ajudando na pesca, malhando o Judas, menino ajudando na confecção de corda de cipó, menina rendeira preparando o enxoval, menina levando peixe para escamar, menino engraxate e vendedor de jornal;

- e *brincando de inventar* reúne as brincadeiras construídas pelas crianças: cavalinho de palha de palmeira, cavalinho de bambu e carrinho de madeira com roda de carretel de linha.

Trata-se, no entendimento de Piacentini (2010), de um rico acervo da memória da cultura lúdica de infância de um tempo passado na Ilha de Santa Catarina, a qual

[...] tem a particularidade de envolver brincadeiras tipicamente locais que configuram cenários em que a criança percorre labirintos que marcam uma história de brincadeiras rurais e, ao mesmo tempo, garantem a sua inserção como cidadã do mundo, ao dispor de representações de uma cultura universal expressa nas imagens das brincadeiras antigas (PIACENTINI, 2010, p. 16).

Para a autora citada, os registros da cultura lúdica de infância da Ilha de Santa Catarina contêm, simultaneamente, as dimensões do particular e universal, e remetem às crianças brincando as mesmas brincadeiras, em contextos e épocas diferentes, como é possível perceber, por exemplo, na narrativa de um velho açoriano de “Além-Mar”, ao lembrar a brincadeira de carniça ou de pular a cela, como também é conhecida, que aparece, inclusive, registrada na pintura de Pieter Bruegel:

Ah! Tinha também o **salta**. Era três ou quatro rapazes que ficavam de... E saltavam... [...] Era de joelhos. Dois ficavam abaixados e os outros dois pulavam por cima e para frente. (Seu Valdir – Ribeira Grande/Açores - em 09/12/2009 – grifo nosso).

O reconhecimento, pelos velhos entrevistados, das brincadeiras e dos brinquedos registrados por Cascaes através das esculturas de argila foi quase unânime. A apresentação, aos entrevistados, do conjunto de fotografias destas esculturas que representam a dança do boi de mamão, os cavalinhos de folha de coqueiro e de cana do reino, menino soltando pandorga, menino jogando o pião, os meninos jogando bolinha de gude, dentre outras brincadeiras, implicou em respostas rápidas de reconhecimento, seguidas de narrativas que ilustravam o envolvimento dos entrevistados com a cultura lúdica de tempos passados da Ilha de Santa Catarina, eternizada nas esculturas de Cascaes.

De outro modo, quando viram as fotografias dos brinquedos e das brincadeiras registrados por Cascaes através de desenhos, os entrevistados demonstraram mais desconhecimento do que em relação às fotos das esculturas, exceção feita a algumas brincadeiras mais conhecidas, como a corrida do saco, a corrida do ovo na colher, a brincadeira de quebrar o pote e do pau de sebo.

De qualquer maneira, me foi possível constatar e confirmar uma grande convergência entre os registros efetuados por Cascaes e a rememoração dos velhos moradores em relação aos brinquedos e às brincadeiras próprias da cultura lúdica de um tempo passado da Ilha de Santa Catarina. Posso concluir, então, dizendo que os brinquedos e as brincadeiras registradas por Cascaes em esculturas de argila e gesso (a dança do boi de mamão, pião, pandorga, bolinha de gude, carretão e outras) foram mais reconhecidos pelos entrevistados; em contrapartida, as brincadeiras registradas pelo artista-folclorista na forma de desenhos não foram reconhecidas, com exceção das brincadeiras de corrida do saco e corrida do ovo na colher.

Destaco ainda que tanto os velhos açorianos “daqui” quanto os de “Além-Mar” demonstraram admiração e saudosismo ao olharem as fotografias com os registros dos brinquedos e das brincadeiras feitos por Cascaes. Saudosismo porque puderam rememorar suas infâncias e admiração porque Cascaes, através da sua arte, soube tão bem eternizar, para as gerações futuras, a cultura infantil das gerações passadas na Ilha de Santa Catarina.

### **3.2. A rememoração de outros brinquedos e outras brincadeiras do tempo de infância de velhos moradores**

*Então, nós cantava: [cantarola]  
que linda boneca na roda entrou  
deixai ela entrar porque nada roubou.  
Que nada roubou, meu Deus, meu irmão,  
deixai ela entrar... Ah! Me esqueci!  
(Dona Lucimar)*

Os velhos entrevistados também rememoraram muitos outros tipos de brinquedos e de brincadeiras de suas infâncias, como as cantigas de roda, relembradas por Dona Lucimar, embora Cascaes tenha destacado, em seus registros, brincadeiras de ciranda de roda. Segundo Piacentini (2010), *a ciranda-cirandinha, a roda cutia, o gato e o rato, o chicote queimado* e outras cirandas de roda ainda são encontradas entre as brincadeiras de meninos e meninas em muitos lugares do Brasil. Apesar de originárias de países como Portugal, Espanha e França, onde se constituíam mais como bailados de adultos, aqui, no Brasil, as cirandas de roda incorporaram “[...] um jeito brasileiro de cantar, dançar, criar gestos, jogar versos, fazer graças.” (PIACENTINI, 2010, p. 52). A autora destaca que entre os moradores da Ilha de Santa Catarina,

especialmente entre os mais jovens de tempos passados, era comum se reunirem para brincar uma ciranda conhecida por *ratoeira*:

Após o trabalho, eles costumavam se reunir nos engenhos de farinha e brincavam a noite inteira. Antigamente, os homens também participavam da ratoeira, mas, com o tempo, ela foi virando uma brincadeira só de mulheres. A pessoa que estivesse no centro da roda tinha que cantar um verso improvisado, inventado na hora. Podia ser verso de amor, de saudade, de amizade, tirando sarro ou até provocando algum dos participantes. Depois de “dar o seu recado”, saía da roda e chamava outro para ocupar o seu lugar. Muitos desses versos cantados na ratoeira iniciaram um namoro e terminaram em casamento (PIACENTINI, 2010, p. 52).

Já Soares (2002, p. 98), estudioso do folclore catarinense, define a *ratoeira* como uma dança de ciranda-cirandinha, “[...] em que a menina mostra sua alegria e simpatia ao seu bem-amado ou vice-versa. Os pares formam um grande círculo com movimentos, ora para a esquerda, ora para a direita, e um casal fica dentro do referido círculo para recitar um verso.” Ao ser entrevistado, Seu Bento referiu-se à *ratoeira* como uma brincadeira mais ligada às meninas, mas frisou que havia a participação dos meninos, que formavam pares com as meninas para dançarem esta ciranda de roda, como ressaltou o folclorista citado anteriormente. Seu Bento lembrou a brincadeira dizendo:

[...] Elas brincavam de corda, de ratoeira e os rapazes de outra coisa, né? [...] **É, ratoeira.** [...] **Elas faziam uma roda, né? E as meninas cantavam ali, né?** E pulavam de corda. (Seu Bento – Cacupé - em 04/07/2009 – grifo nosso).

Também Seu José e Dona Lindalva rememoraram a *ratoeira* enaltecendo-a como uma dança em roda com coreografia e canto, como pode ser constatado na fala seguinte:

[Dona Lindalva:] É... algumas coisas... **alguma coreografia** eu canto... [breve riso] [Seu José:] Essa canta, canta sim, ainda sabe... [Dona Lindalva:] Mas... [...] [Seu José:] Uma roda.

[Dona Lindalva:] **Aí a gente fazia aquela roda...**  
 [...] Grande, **aí a gente cantava um versinho**, aí depois saía daquela roda, botava outra dentro daquela roda e era assim por diante, né? (Seu José e Dona Lindalva – Lagoa da Conceição - em 22/10/2009 - grifos nossos).

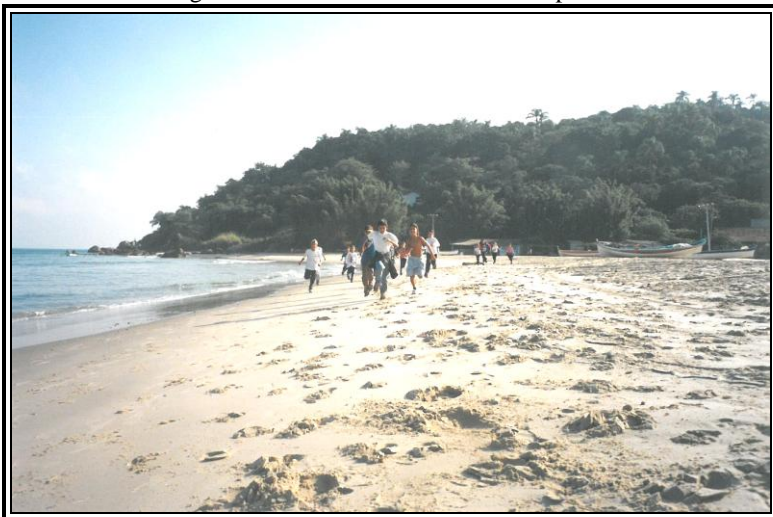
Dona Lucimar rememorou várias brincadeiras de seu tempo de criança, entre elas, a corrida que denominou como carreira, uma brincadeira de roda, a pata cega e a brincadeira João do cabo. Em relação à brincadeira de carreira, apesar dos seus 87 anos, Dona Lucimar conseguiu voltar ao tempo de sua meninice e se imaginar correndo com as amigas na Praia da Lagoinha. Ela assim se manifestou:

**E nós brincava ali o dia todo. No outro dia, eu sempre ganhava a carreira.** [...] A carreira! [...] Porque a minha irmã era por um lado e a Maroca e eu era pelo outro lado. Então ali nós brincava. **No outro dia nós tava com as pernas podre de tanto pular pedra.** (Dona Lucimar – Ponta das Canas - 06/08/2009 - grifos nossos).

Esta brincadeira também fez recordar as aulas de Educação Física, ministradas na escola municipal da mesma localidade em que viveu Dona Lucimar, durante as quais se levava as crianças para brincar de corrida na areia da praia e de pular das pedras na Praia da Lagoinha. As brincadeiras de corrida e de salto, antigas e universais, atravessam gerações de crianças e trazem a combinação entre movimento e natureza. Nas Figuras 27 e 28 as brincadeiras citadas encontram-se registradas em forma de fotografia.

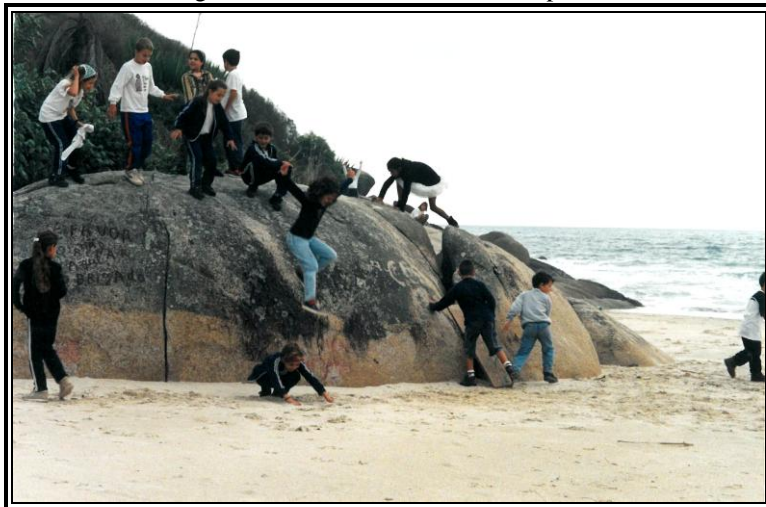


Figura 27 – Brincadeira de corrida na praia.



Fonte: Acervo próprio (2000).

Figura 28 – Brincadeira de saltos na praia.



Fonte: Acervo próprio (2000).

Na ocasião específica desta situação de aula de Educação Física eu tinha um objetivo orientado para a perspectiva colocada por Kunz (2001, p. 22-23) em relação ao tema movimento e natureza, qual seja: o

de promover situações de experiências de movimentos junto à natureza em que as crianças pudessem aprender a “[...] interpretar e entender o diálogo que a nossa natureza corporal estabelece com o mundo, onde nós nos incluímos como seres sociais, culturais, espirituais e da natureza [...]”.

Tal aspecto está muito bem ilustrado nas palavras de Dona Lucimar, em sua narrativa anteriormente apresentada. Ela contou que corria lado a lado com sua irmã e a amiga Maroca, e que as três experimentavam-se, desafiando suas habilidades ao saltarem das pedras nessa brincadeira circunscrita num tempo próprio de criança, de total intensidade: “*E nós brincava ali o dia todo.*”

Outro velho depoente, Seu Virgilino, também recordou a brincadeira de corrida, denominada por ele de carreira, mas destacando já uma dimensão competitiva, diferente da experiência de corrida trazida por Dona Lucimar, mais próxima do contexto existencial local, em que correr na praia consistia numa brincadeira que se justificava por si mesma. Ele lembrou:

E tinha também, **a gente fazia os 200 metros prá ver quem puxava mais.** [...] Carreira! Nós tinha um rapaz aí que Deus o livre, acho que se ele fosse dessa época agora era um... era um avião! Ele tinha o nome de tico-tico [risos] (Seu Virgilino – Barra da Lagoa - em 07/09/2009 - grifo nosso).

A dimensão trazida por Seu Virgilino denota, talvez, uma influência de elementos característicos do esporte de competição, no caso, o atletismo, como rememorou Seu Manuel, embora os dois tivessem vivido suas infâncias em locais bem distintos da Ilha. O primeiro viveu na localidade pesqueira da Barra da Lagoa, portanto, mais interiorana e isolada, enquanto o segundo morou na região do centro histórico-urbano da Ilha, na cidade, de acordo com os moradores mais velhos e desse modo, esteve mais exposto às novidades dos tempos modernos, como a cultura esportiva. Conforme expressou Seu Manuel,

[...] depois tivemos uma época de competições esportivas, montamos uma pequena cancha de saltos, de corridas e tal, coisas assim que a gente já tava até encaminhando mais para a forma mais, quer dizer, assim, mais para formas institucionalizadas de diversão, ou de aplicação,

vamos dizer da força da juventude, salto em altura, salto em distância, salto com vara, corrida [...]. (Seu Manuel – Centro, na Rua Major Costa - em 25/09/2008).

É possível que Seu Virgilino fosse mais influenciado por elementos rurais tradicionais do que os urbanos modernos, que já tomavam o contexto de vida de Seu Manuel, portanto, estaria mais propício a uma transposição que as crianças realizavam de outro tipo de corrida muito comum em épocas passadas nas localidades interioranas da Ilha de Santa Catarina: as corridas de cavalos, como aparecem referenciadas na descrição de Várzea (1985, p. 110): “Desde tempos primitivos que as chamadas “carreiras de cavalos” são um dos divertimentos de domingo para os habitantes dos sítios, tanto da Ilha como do continente.”

Dona Lucimar relembrou igualmente da brincadeira de pata-cega. Segundo Cascudo (1972), que a denomina também como cabra-cega, trata-se de um jogo infantil muito comum em Portugal e na Espanha, de onde teria vindo para o Brasil. Transcrevo aqui a explicação da anciã:

[...] Pata-cega? Era uma..., a gente amarrava um pano nos olhos e dava uma varinha para a pessoa, que era a pata-cega. Se ela pegasse, ela dava com aquela vara... [...] Então, nós dizia assim [cantarola:] *pata- cega, pata-cega, pata-cega*. Aí ela corria prá dar em nós. Tinha alguma que ela pegava. Quando ela pegava, ela batia em nós. (Dona Lucimar – Ponta das Canas - 06/08/2009).

Seu Zequinha participou inúmeras vezes da brincadeira de pata-cega e tanto na sua narrativa quanto na de Dona Lucimar há sinais de tratar-se de uma brincadeira que cativava as crianças daquela época. De fato, a brincadeira é interessante porque, ao limitar a visão do pegador, colocando uma venda em seus olhos, cria-se uma movimentação muito dinâmica das crianças, ora caracterizada pelas investidas do pegador na direção dos brincantes, que aguça sua audição visando tocar alguém com a varinha, ora pelo ir e vir dos brincantes, que se arriscam com aproximações silenciosas na direção do pegador, para assustá-lo com gritos, mas imediatamente se distanciam para não serem tocados, como conta Seu Zequinha:

**É, fechar os olhos com o pano, tinha uma também de botar o pano nos olhos a gente chamava de a pata-cega. [...] Brinquei muito!** [...] É, de mais crianças. [...] É de mais crianças, bem crianças mesmo. A gente amarrava um pano e dizia: - olha a pata-cega, olha a pata-cega! [...] Ah, a gente começava a brincar assim, um chamava de pata cega, um aí era três, quatro, aquele pano nos olhos e pata, aí um dizia: - a pata-cega está aqui! Aí procurava e não achava a pata-cega. Era assim... [...] Aí quando pegava era aquele rolo todo da pata-cega. [risos]. (Seu Zequinha – Ribeirão da Ilha - 10/10/2009 - grifo nosso).

Segundo Friedmann (1995), a brincadeira de cabra-cega ou pata-cega, como foi denominada pelos velhos moradores, constitui um jogo popular que remonta à época da Roma Imperial, havendo inclusive registros de sua existência na Idade Média e no período do Renascimento.

Dona Lucimar ainda relembrou uma brincadeira, desconhecida ou não tão comum no tempo presente, a qual chamou de *João do Cabo*, explicando como ocorria:

[...] **João do cabo era um cordão de guria, uma na mão da outra...** [...] Um na mão, era de mão, né? **Mas era corrida, não era prá rodar, não.** [...] Óh: - Seu João do Cabo! - Quanto peixe matou sua rede? - Vinte e um queimado! - Então passa por aqui que é mais louvado! Aí a outra passava. Aí, óh: - Seu João do Cabo! - Quanto peixe matou sua rede? - Vinte e um queimado! - Então passa por aqui que é mais louvado! Aí quando todos tinham passado, aí esticavam e caíam tudo no chão. (Dona Lucimar – Ponta das Canas - 06/08/2009 - grifos nosso).

A brincadeira do *João do Cabo* traz à lembrança outras brincadeiras semelhantes quanto à dinâmica de realização. A brincadeira conhecida por *corrente* é uma delas, sendo que sua dinâmica consiste no seguinte: os pegadores, de mãos dadas, correm atrás dos demais, como se fosse um “cerco” a um cardume de peixes, e aqueles que forem pegos passam a compor a rede.

Já na brincadeira lembrada por Dona Lucimar não há como compreender a dinâmica em sua completude, mas há elementos que indicam tratar-se de uma brincadeira de perseguição e com referência numa atividade de trabalho do mundo adulto. Aliás, *rede-peixe* também é uma brincadeira conhecida das gerações atuais de crianças nas localidades interioranas da Ilha, nas quais lecionei Educação Física nas escolas municipais. É notório o entusiasmo das crianças quando da realização desta brincadeira, dando ideia de que há algo de representação que elas experimentam, relacionado à simbologia que a atividade da pesca tem nestas localidades, além dos elementos próprios da dinâmica de uma típica brincadeira de fuga e perseguição. Casco (2008, p. 73) denomina esta brincadeira de “corrente infinita” e descreve sua dinâmica explicando que se trata de um tipo de “[...] pega-pega na qual o primeiro pegador, ao pegar o segundo, dá a mão e, conforme os outros jogadores são pegos, formam uma corrente de mãos dadas. Somente os jogadores das pontas da corrente pegam, e ‘corrente quebrada não pega’ [...]”. Na fotografia da Figura 29 está registrada esta brincadeira que foi realizada durante uma aula de Educação Física ministrada por mim no interior da Ilha

Figura 29 – Brincadeira de corrente ou “rede-peixe”.



Fonte: Acervo próprio (2002).

Dona Maroca, acompanhada das filhas Sebastiana e Luisinha em sua narrativa, lembrou da brincadeira de *bate-barra*, que é semelhante ao *esconde-esconde*:

**Bate barra** é o seguinte: todo mundo corre, as meninas tudo corriam e ficava..., e dizia: a barra é aqui, numa parede qualquer e quem batesse primeiro ali, e chegasse, bate barra. Então aquela... [...] Tava salvo. Quem não batesse, os outros iam com coisa, mas batiam de brincadeira, né? (Dona Maroca – Centro, na Prainha - 01/09/2009).

Ela e as filhas rememoram brincadeiras de roda com suas cantigas, também conhecidas por rondas ou rodas infantis e que se caracterizam pelos cantos e coreografias. Dona Maroca chegou a recitar versos da roda infantil *Terezinha de Jesus*:

[...] Tinham, não, não, não. De corda não! As que tinham cantiga era roda! [...] É... Terezinha de Jesus! [...] [recita:] *Teresinha de Jesus, deu a queda foi no chão, acudiu três cavalheiros, todos os três chapéu na mão. O primeiro foi seu pai, o segundo seu irmão, o terceiro foi aquele que a Teresa deu a mão.* [...] De mão assim rodando, de volta daquela que estava no meio né, que era a Terezinha no caso. Aí tinha também às vezes dos meninos tocando violão. [recita:] *Às vezes Seu Chiquinho cantando seu vilão, tocando seu violão. Vem de lá seu delegado e bota o Chiquinho na prisão. O Chiquinho foi embora todo renegado que parece um velho que caiu no melado.* [...] (Dona Maroca – Centro, na Prainha - 01/09/2009).

Segundo Cascudo (1972, p. 785), as “[...] rodas infantis guardam em geral a forma lusitana, com que chegaram aqui, embora variadas e deformadas. [...] Numerosas são as nossas cantigas de roda, várias delas dançadas, em passos mínimos.” Para o autor, muitas destas rodas não resistiram ao passar do tempo e caíram no esquecimento, entretanto, ainda é possível ver, na atualidade, em rodas de crianças, cada vez mais raras, algumas destas brincadeiras com resultantes do modo de cantar e brincar que perduraram no tempo.

Outro pesquisador deste assunto foi Fernandes (2004, p. 237) que, em seu estudo pioneiro intitulado “As trocinhas do Bom Retiro”, realizado nos anos 1940, na cidade de São Paulo, também abordou as rodas infantis caracterizando-as como “[...] folguedos prediletos das crianças, de primeira infância, em particular, e das meninas, em geral. Seu mecanismo é muito simples e conhecido. Consiste de um círculo formado pelas crianças que, de mãos dadas, fazem voltas, cantando ou não.” E dentre tantas que catalogou, destacou como roda infantil mais popular a “ciranda, cirandinha”, em que as crianças se reúnem numa roda a girar e cantar num só tempo.

A brincadeira rememorada por Dona Maroca, *Terezinha de Jesus*, assim como tantas outras rodas infantis (*a canoa virou, atirei o pau no gato, onde está a margarida, caranguejo, fui à Espanha, nesta rua, pai Francisco, o cravo brigou com a rosa*), era muito comum nas rodas de brincadeiras de crianças nos tempos de infância de outrora.

Em aulas de Educação Física, ministradas por mim às crianças de turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, nas escolas municipais das localidades interioranas da Ilha, já mencionadas, pude realizar experiências com estas brincadeiras que compõem o legado da cultura lúdica de gerações passadas de crianças.

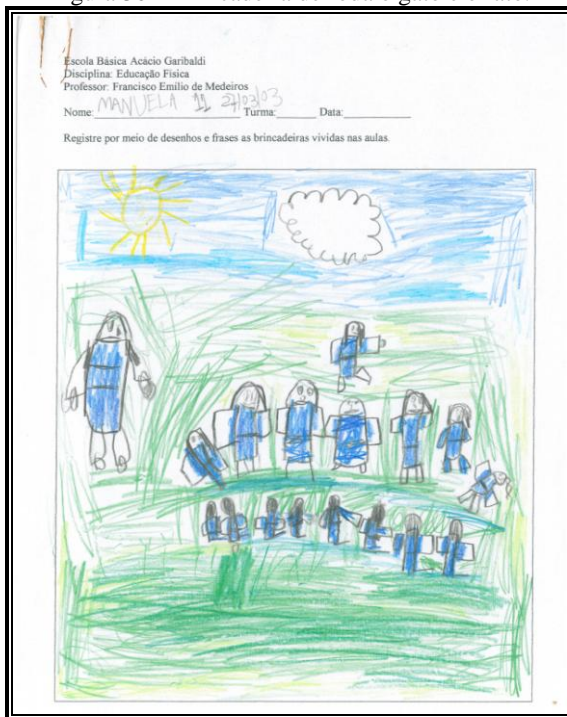
Dentre as diversas brincadeiras, destaco a roda infantil conhecida como *o gato e rato*, que se desenvolve da seguinte maneira: primeiramente, forma-se uma roda de crianças com as mãos dadas; em seguida, combina-se com o grupo a escolha de duas crianças, uma para ser o gato e outra para o papel do rato. Então, o gato se coloca numa posição exterior, distante da roda, enquanto o rato se coloca no interior da roda. No momento seguinte, as crianças que compõem a roda se aproximam do rato que, em voz baixa, combina uma hora qualquer (de 1 a 10, preferencialmente) em que estará em casa. Com a roda refeita, o gato se aproxima e pergunta: - O rato está em casa? No que todos respondem em coro: - Não! Nisso, a roda começa a girar e o gato continua a perguntar: - Então, a que horas ele chega? Todos respondem em coro: - Não sei! A roda continua a girar e o gato pergunta: - É 1 hora? E todos respondem: - Não! E assim transcorre a brincadeira, até que o gato diz qual foi a hora combinada. Então, quando isso ocorre, o gato inicia a perseguição ao rato, que conta com ajuda da roda para não ser pego pelo gato. Quando o rato é pego pelo gato, o grupo escolhe outras duas crianças da roda para assumirem os papéis do gato e do rato.

Nas muitas e repetidas vezes em que aconteceu esta roda infantil, nas aulas de Educação Física que ministrei, pude notar a alegria experimentada pelas crianças com a maneira mais conhecida de se

brincar, anteriormente colocada, mas também quando repeti a brincadeira, experimentando algumas variações como, por exemplo: com um rato e dois gatos, dois ratos e um gato, dois ratos e dois gatos, enfim, realizando a mesma brincadeira com mudanças e novos desafios, como se brincando com o desconhecido a partir do conhecido.

O registro da Figura 30, a seguir, na forma de desenho realizado por uma menina de sete anos, dá uma ideia das vivências de intensidade experimentadas por todas as crianças. Como bem dizia Benjamin (2002, p. 102), a “[...] essência do brincar não é um ‘fazer como se’, mas um ‘fazer sempre de novo’, transformação da experiência mais comovente em hábito.” Este “fazer sempre de novo” no brincar constitui, para a criança, sua presença suprema no mundo, pois o brincar é a atividade mais importante do ser criança e quando pode brincar plenamente, repetindo incansavelmente a brincadeira, ela se realiza como ser humano.

Figura 30 – Brincadeira de roda o gato e o rato.



Fonte: Acervo próprio (2003).



Seu Antônio, por sua vez, rememorou a brincadeira de escorregar sobre a casca da folha do coqueiro, da “cascuda”, como era conhecida antigamente, com um formato que lembra uma canoa:

[...] mas era, então, nós brincava muito e aqui óh, naquele caminho do cemitério, ali! [...] Ali era uma ladeira, uma ladeira como era, mas não era calçado, só de barro. [...] Então a gente ia pru morro, **chegava lá no brejo, pegava não sei se... uma calha, do coqueiro? É!** [...] Então nós botava lá em cima do cemitério e vinha corrido caminho de baixo até aqui a praia. [...] Até na praia. Ah, se ralava se todo! [...] Isso aqui, isso aqui e joelho ficava esfolado! [...] Um de cada vez! [...] **Mas era cinco, seis rapaz quando pegava lá de cima... [risos] Tudo junto! Daí era aquela farra, né? E quando batia num, virava tudo...** (Seu Antônio – Pântano do Sul - em 16/10/2009 - grifos nossos).

Esta brincadeira mobilizava um grupo de crianças que utilizavam um brinquedo feito por elas mesmas a partir de restos deixados pela natureza, como a casca do coqueiro, que servia de prancha para escorregarem numa rampa gramada e inclinada da encosta do morro, que descia até a areia da praia. Era a possibilidade da simplicidade do brinquedo e da brincadeira à disposição das crianças e próximo de suas casas.

Outra brincadeira rememorada por Seu Virgilino e Dona Bela foi a *da corrida de bandeira*, como é possível constatar na sequência:

[Seu Virgilino:] **Uma coisa que nós tinha aqui também, como... era a corrida na praia, de bandeira.** [...] É! [Dona Bela:] Brincava de bandeira, né? [...] [Seu Virgilino:] Era... **então se formava duas equipes, você chegava entregava a bandeira outro já vinha...** [Dona Bela:] É que **nem assim a corrida do passa bastão que um vai correndo e outro pega, pronto agora! Nós fazia assim também!** [Seu Virgilino:] Formava-se duas equipes, entendeu? De um lado tinha cinco e do outro tinha cinco, entendeu? Então era posicionado o... distante você a bandeira e o outro já saía e aquela... [Dona Bela:] Aquele que

chegasse primeiro... [Seu Virgolino:] Na praia, tinha que ser feito na praia! [Dona Bela:] Na praia. (Seu Virgolino e Dona Bela – 07/09/2009 – Barra da Lagoa - grifos nossos).

No período em que lecionei Educação Física na escola municipal da localidade de Seu Virgolino e de Dona Bela, as crianças apreciavam e se entregavam à brincadeira de bandeira-salva, pique-bandeira, caça-bandeira ou corrida de bandeira, como foi chamada na narrativa dos velhos moradores. Casco (2008) categoriza tal brincadeira como um jogo de equipe e destaca as inúmeras possibilidades que podem ser colocadas aos participantes para se combinar e experimentar estratégias, tanto para uma equipe conquistar a bandeira contrária quanto para impedir que a outra equipe conquiste a bandeira, bem como para salvar os jogadores que forem pegos nos campos opostos nas tentativas de pegar a bandeira. O registro fotográfico da Figura 31 e o desenho explicativo da Figura 32 a seguir fornecem uma boa ideia da riqueza de experimentações que brincadeiras desta natureza possibilitam aos grupos de crianças.

Figura 31 – Brincadeira de bandeira salva.



Fonte: Acervo próprio (2003).

Figura 32 – Desenho explicativo da bandeira salva.

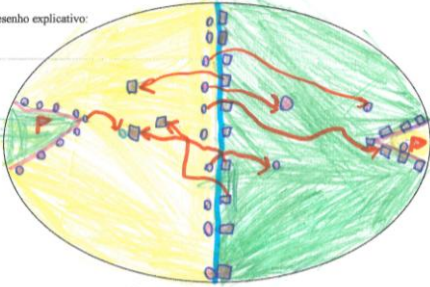
Escola Básica Acácio Garibaldi  
 Disciplina: Educação Física  
 Professor: Francisco Emílio de Medeiros

Nome: THAYSSA NOBRE Turma: 2A Data: 09/09/03

REGISTRO DE SISTEMATIZAÇÃO DE JOGOS

1) Nome da brincadeira: SALVA BANDEIRA

2) Desenho explicativo:



3) Como se brinca: de brincar assim: PRIMEIRO A GENTE  
DIVIDE OS GRUPOS. DEPOIS DE FAZER O CAMPO COMEÇAMOS  
A JOGAR. CADA TIME TEM QUE PEGAR A BANDEIRA. O PRIMEIRO  
TIME QUE PEGAR A BANDEIRA FAZ UM PONTO.

PLANEJAMENTO ANUAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
 Ano letivo 2004

Fonte: Acervo próprio (2003).

Da geração de crianças da época de Seu Virgílio e de Dona Bela à geração de crianças do tempo atual, quando vistas imersas nesta brincadeira, um fato (algumas dimensões parecem) me pareceu perdurar ao perpassar por esse tempo linear que separa as duas gerações: o entusiasmo de brincar em grupo e ao ar livre, em lugar aberto, amplo e sem muros, como duas dimensões desencadeadoras para uma experiência de movimentação mais livre por parte das crianças. Kunz (2000) atribui à ideia do “se-movimentar”, já destacada no capítulo introdutório, uma possibilidade de diálogo com o mundo. Portanto, essas duas narrativas da brincadeira de corrida da bandeira ou bandeira salva, guardadas as especificações próprias de seus contextos geracionais, constituem situações de um brincar carregado do sentido de experiência lúdica como algo repleto de intensidade e totalidade, quer

dizer, de um sentido que enaltece o brincar pelo brincar como uma dimensão imprescindível ao ser humano.

No entanto, a geração dos velhos moradores, no seu tempo de infância, tinha uma imensidão de espaço no entorno de suas casas para brincar a “rédeas soltas”, enquanto as gerações contemporâneas de crianças se vêem cada vez mais sitiadas em espaços restritos para brincar, em função da crescente urbanização da Ilha, cada vez mais diminuída em seus espaços-livres em consequência dos empreendimentos imobiliários, tanto verticais quanto horizontais, a redesenharem a paisagem.

Uma narrativa contundente sobre brinquedos e brincadeiras do tempo de infância dos entrevistados foi a de Dona Das Graças, moradora da região do centro histórico da cidade, professora aposentada que durante a entrevista parecia não ter se esquecido de um elemento típico do fazer docente, que é a preparação didática do conteúdo a ser lecionado, pois no dia anterior ao combinado para a entrevista, havia se encontrado com uma amiga para, juntas, rememorarem brinquedos e brincadeiras do tempo de suas infâncias. Esta preparação prévia fez Dona das Graças discorrer longamente sobre o assunto durante boa parte do tempo inicial da entrevista, seguindo um rascunho repleto de anotações sobre brinquedos e brincadeiras antigas, que havia elaborado durante a conversa com a amiga. Apresento, aqui, sua longa explanação:

[Dona Das Graças remexendo nos papéis de anotação das brincadeiras] Tá assim tudo, oh! Não sei se vale a pena, vocês vejam, né? Se depois não acharem de bom... eu marquei aqui assim óh: **cinco marias**, não sei se vocês lembram o que é cinco marias? Tu lembras Pacinha? [...] Cinco marias é aquela... a gente fazia uns saquinho bem pequeninhos, com areia assim, né? E brincava... Ah é! Isso mesmo! [pesquisador mostra o brinquedo tirado da *sacola de palha*] A gente brincava assim de pegar uma por uma, depois duas juntas, depois três juntas, né? É... Isso mesmo! Então já sabe o que é cinco marias, né? [...] Ah! Já trouxesse, tá! [...] **Peteca**, a gente brincava muito, né? [...] Daquele **bate manteiga**, aí ficava um num lado e no outro também, daí ia lá batia na mão e corria prá prender, né? Isso eu também brinquei... Agora tem um que eu me lembro mais não sei o nome, ele era um bastão,

assim com uma... um fio, né? E tinha assim um carretel, a gente jogava prá cima e aquele carretel tinha que segurar no... [...] Hein? [...] É, é uma coisa... **diabolô** é... Não havia meio de eu me lembrar desse nome. Diabolô, né? [...] Ah! Eu perguntei até prá Dona Ivone e não tinha jeito, porque a gente brincava muito! A gente jogava prá cima, né? Ele tinha que vir cair no fio, chama também, né? E, e **esconde-esconde**, a gente escondia muito, **prá rapazes era o pião, o iôio, brincavam muito de iôio, né? Que mais?... E os rapazes brincavam muito naqueles carrinhos de rolimã, encima assim...** Tá gravando tudo aí! [risos] [...] **Bambolê que hoje ainda brinca, né? Pião, de boneca, a gente brincava muito de boneca, né? Aí fazia cozinhadinho, aqueles piqueniquezinhos, né? Convidava as amiguinhas, né? Aí fazia um...** [risos] e fazia aquele pano, as bruxinhas, né? A gente tinha umas bruxinhas e a gente ia no Mercado, tinha muito... locinha de barro, sabe aquelas locinhas de barro? **Então, a gente comprava, a gente fazia o cozinhadinho, né? Tinha o bule, tinha a panelinha de barro, né? Isso era uma festa prá, né? Batizava a boneca, né? Então, vamos fazer o batizado! Convidava todas as amiguinhas e fazia aquelas comidinhas em loucinhas de barro** [risos]... Pois é! Isso é que eu me lembro! (Dona Das Graças – Centro, próximo ao antigo Campo do Manejo - em 10/09/2009 - grifos nossos).

A narrativa de Dona das Graças aponta uma diferenciação entre meninos e meninas em relação a alguns brinquedos e brincadeiras. Seu Manuel, em sua narrativa, também expôs esta diferenciação, porém, posicionando-se de modo bem mais categórico ao dizer que havia objetivos claros nos brinquedos e nas brincadeiras direcionados às crianças para se obter e distinguir comportamentos próprios de meninos e próprios de meninas. É ele quem afirma:

[...] **certos brinquedos eram direcionados** e se eram pedagógicos, instrutivos, vamos dizer, para indução de comportamentos, **tinha uns que eram para rapazes, outros que eram prá meninas,**

**elas não faziam certas brincadeiras, assim como os rapazes também não se metiam com certas brincadeiras, imagina o que se falaria se um menino fosse brincar de boneca, por exemplo, ou cozinhar, isso era coisa das meninas.** Então, ele tinha que partir prá um jogo qualquer, ou de calha, ou de bolinha de vidro, ou o pião, que são formas mais agressivas, vamos dizer, de mais destreza, de mais coragem, essas coisas todas aqui que são no fundo o processo educativo. (Seu Manuel – Centro, na Rua Major Costa - em 25/09/2008 – grifos nossos).

Os brinquedos e as brincadeiras também apareceram, nos depoimentos, permeados de significações relativas à questão de gênero. Havia aqueles brinquedos próprios e indicados para ser-menino e aqueles para ser-menina. Entretanto, houve, nas narrativas, passagens em que se falou de brincadeiras que ocorriam com a participação conjunta de meninas e meninos, como a brincadeira de *esconde-esconde*, que geralmente acontecia na calada da noite para ampliar os locais de esconderijo e dificultar a tarefa do pegador. Também houve passagens, nas narrativas, que mostraram que as meninas encontravam espaços de resistência às imposições de diferenciação colocadas para brinquedos e brincadeiras entre meninos e meninas. Os exemplos de Dona Maroca e de Dona Carlota, aqui transcritos, são categóricos em relação a isto:

Sabe o que eu jogava muito, muito... **Era de rapaz, mas eu adorava! [...] Bolinha de gude!** [risos] então a gente brincava muito [...] A gente brincava muito e pá! [...] Ah, eu jogava as veras. [...] Eu não devolvia, não! Elas diziam prá mim: - vamos brincar? De brincadeira não! Quer jogar as veras nós vamos jogar. Aí a gente jogava, mas eu ganhava muito. **Minha mãe dizia: - a machona já tá lá, a machona já tá lá. Ela não gostava, mas eu jogava.** (Dona Maroca – Centro, na Prainha - em 01/09/2009 – grifos nossos).

Ali, na casa do pai dele, né? Devia ser um campinho assim, né? [...] **Os rapazes diziam: - vamos apostar uma corrida? Eu digo: - vamos! Era uns rapaz tudo grandão, aqueles rapaz...**

[...] Era, que nem carreira de cavalo de corrida assim, né? [...] **Se ajuntavam tudo e dizia assim: - tchau! Quando eles viam eu sumia na frente!** [risos] [...] Então! Era umas brincadeiras mais sadia, né? Hoje eu vejo a gurizada aí, tudo muito... (Dona Carlota – Vargem Grande - em 16/10/2009 – grifos nossos).

Assim sendo, apesar de Seu Manuel ter frisado a diferenciação dos brinquedos e das brincadeiras para meninos e meninas como indutores de valores morais e de comportamentos desejados para as crianças de sua geração, percebi que também havia a tolerância e a resistência a esses padrões estabelecidos para o contexto sócio-cultural da época.

No entendimento de Brougère (2004, p. 290) as culturas lúdicas possuem sexo e são demarcadoras de diferenças<sup>60</sup> entre meninos e meninas. Para o autor, a “[...] diferença sexual é desenvolvida especialmente, mas não exclusivamente, nas brincadeiras em que é grande a iniciativa da criança. Ela é um traço da construção da brincadeira pela criança”. O autor acrescenta ainda que, embora a diferença esteja marcada no fato de existirem brinquedos próprios e específicos tanto para as meninas quanto para os meninos, isto, por si só, não significa que eles não possam brincar juntos, pois existem também muitos brinquedos e brincadeiras que ajudam a promover este brincar junto.

Ainda com relação ao fato do brinquedo constituir fator de diferença nas experiências lúdicas entre meninos e meninas, Brougère (2004, p. 293) recorre aos estudos iconográficos de Michel Manson

---

<sup>60</sup> A relação entre gênero e cultura lúdica foi destacada por alguns dos entrevistados, embora não tenha se configurado numa unidade temática (categoria de análise) tão recorrente no conjunto das entrevistas como as unidades que foram destacadas no presente relatório de pesquisa. Há vários artigos e pesquisas mais específicos a respeito da temática gênero e cultura lúdica, dentre os quais sugerem-se alguns para consulta: “*O gênero do brinquedo!*”, de Cristina Callai de Souza, publicado em Contexto e Educação, Unijuf-RS, Ano 19, nº 71/72, jan./dez. 2004, p. 81-91; “*Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca*”, de Tizuko Morchida Kishimoto e Andréia Tieme Ono, publicado em Pro-Posições, Campinas-SP, v.19, nº3 (57), set./dez. 2008, p. 209-223; “*Significados de gênero nos brinquedos e brincadeiras infantis: uma proposta de intervenção nas séries iniciais do ensino fundamental*”, de Edna de Oliveira Teles, publicado nos Anais Eletrônicos de Fazendo Gênero 9 – Diásporas, diversidade, deslocamentos – 23 a 26 de agosto de 2010 (Acesso eletrônico: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/site/anaiscomplementares#E>). Consultar também os livros derivados de pesquisas mais específicas no campo da Educação Física: “*Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem comportada*”, de Alex Fraga (2000) e “*Co-Educação Física e esportes: quando a diferença é mito*”, de Maria do Carmo Saraiva (2005).

sobre a história dos brinquedos para dizer que no século XIX a “[...] divisão sexual entre meninas e meninos aí aparece muito forte, talvez mais forte do que nos dias de hoje, sem dúvida com menos propostas em termos de brinquedos mistos.” E salienta ainda que as “[...] experiências lúdicas não remete unicamente ao gênero, masculino ou feminino. Idade, classe social, meio cultural e recursos econômicos intervêm nas possibilidades e formas de brincadeira.” (BROUGÈRE, 2004, p. 302).

Tais considerações de Brougère (2004) ajudam a compreender tanto as atitudes desafiadoras e de resistência ao mundo de brincadeiras dos meninos, empreendidas nas narrativas anteriores, de Dona Maroca e de Dona Carlota, quanto as justificativas dadas por Seu Manuel para a diferenciação que havia, em sua época de infância, entre os brinquedos e brincadeiras próprios para meninos e outros próprios para meninas. O mesmo autor aponta para a importância de se considerar este aspecto do gênero em relação aos brinquedos e às brincadeiras como um determinante que marca as culturas lúdicas infantis, assim como alerta que, para além deste aspecto de transmissão de conteúdos culturais, inscritos nos brinquedos e nas brincadeiras, está também uma ideia segundo a qual a “[...] criança aparece como um co-construtor da sua cultura num contexto social em que suas ações não podem ser isoladas de um sistema de interação com os pais ou com os iguais [...]” (BROUGÈRE, 2004, p. 305), do qual ela participa ativamente.

Dona Das Graças rememorou detalhes da maneira de brincar de *senhora condessa*, chegando a ponto de cantarolar os versos que integram a dinâmica desta brincadeira de roda, como se visualiza a seguir:

[...] eu botei aqui umas brincadeiras, um exemplo, da senhora condessa, não sei se já te falaram sobre isso? [...] Bom, eu escrevi assim, mas não sei se dá prá entender, né? A gente fazia uma fila com as crianças, né? A primeira da fila fazia assim como se fosse uma quadrilha, tudo com a mão uma segurando na mão da outra assim, né? Assim e passava uma de baixo da outra, fazia uma fila quando chegava o da última fila a gente prendia aqui, né? E ele deitava no braço da gente e a gente perguntava: - queres ir para o céu ou queres ir para o inferno? Se ele dissesse que queria ir pro céu ele não podia rir e se ele risse, ele ia pro inferno, então aí a gente separava [risos do pesquisador]... Quem vai pro céu e quem vai pro

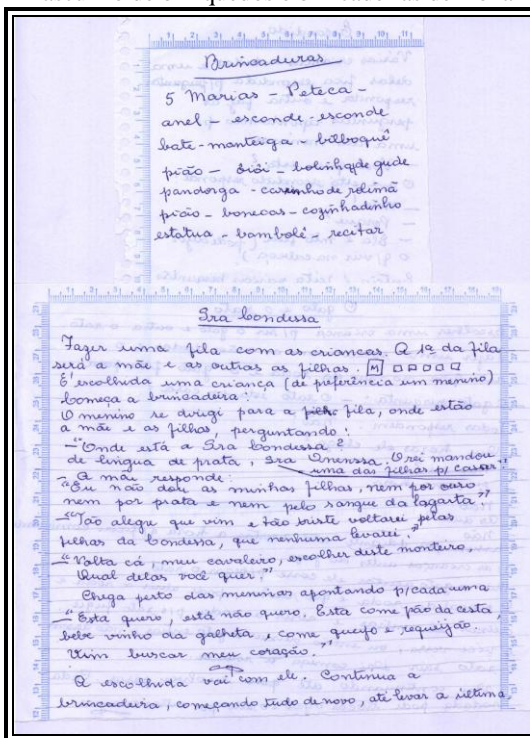


inferno até acabar a fila inteirinha, não é? Então eu escrevi isso aqui, mas eu tô conversando... [...] Aqui, aqui espera aí, então a gente cantava assim depois, né? Ah esse é da condessa, da condessa também era assim: **fazia-se uma fila com as crianças, a primeira da fila seria a mãe e as outras as filhas então fazia assim, né? A mãe e as filhas, né? [...] Então é escolhido uma criança de preferência um menino que começava a brincar**, a brincadeira, aí o menino se dirigia para a fila onde estão, onde estava as mães com as filhas, né? E perguntava assim cantando: [cantarolando] *onde está a senhora condessa de língua de prata, de língua de prata, senhora condessa* [cantarolando], aí a gente respondia, a mãe respondia para a filha, né? A mãe, as crianças e perguntava, né? Ia à frente da condessa e perguntava, aí a mãe respondia [cantarolando]: *eu não dou as minhas filhas nem pro ouro nem por prata eu não dou...* deixa eu ver que as vezes eu até me esqueço onde é que tá... [continua cantarolando] *...onde está a senhora condessa de língua de prata...* [explica a rima] senhora condessa é prá rimar, né? [continua cantarolando] *O rei mandou buscar uma das filhas para casar*, e a mãe respondia: [prossegue cantarolando] *eu não dou as minhas filhas nem por ouro nem por prata nem, nem por... não dou as minhas filhas nem por ouro nem por prata nem pelo sangue da barata ...* Tão alegre, aí o rapaz respondia: [cantarola] *tão alegre que eu vim, tão triste que voltarei pelas filhas da condessa que nenhuma levarei*, daí respondia, né? [cantarola] *Volta cá meu cavaleiro escolher este modê qual delas você quer?* Aí ele ia, ele ia e dizia assim pras moças, pras meninas: [cantarola] *esta quero, esta não quero, esta come pão da cesta bebe vinho da galheta come queijo requeijão*, aí parava na frente de uma e dizia assim: [cantarola bem rápido] *esta eu quero vim buscar meu coração*, aí a mãe deixava ela ir, e assim a escolhida ia com ele e todo mundo continuava a brincadeira até que levasse todos os filhas da condessa, essa é uma, né? (Dona Das Graças – Centro, próximo ao

antigo Campo do Manejo - em 10/09/2009 - grifo nosso).

Além disso, ela apresentou um rascunho, que consta da Figura 33, com a descrição desta brincadeira:

Figura 33 – Rascunho de brinquedos e brincadeiras de Dona Das Graças.



Fonte: Cedido por Dona Das Graças (2009).

Continuando sua narrativa, Dona Das Graças lembrou outra roda infantil, denominada *onde está a margarida*, comum no seu tempo de criança e de professora primária no Grupo Escolar Olívio Amorim, onde ainda pôde brincar muitas vezes com seus alunos, como ela própria conta:

Ah, também da margarida, não sei se hoje ainda brincam? É uma moça, a margarida, aí a gente segura na saia da margarida, as meninas, né? E

**vem um menino e ele pergunta, né? deixa eu ver:** [cantarola] *onde está a margarida olé, olé, ola, onde esta a margarida olé, olé, olá...* Ai tás gravando isso aí é? Essa minha música? [risos] [...] Ahn... deixa eu ver? [consulta suas anotações e continua cantarolando] *Onde está a margarida olé, olé, olá...* As outras respondem, né? [cantarolando] *Ela está em seu castelo olé, olé, ola, queria vê-la olé,olé ,ola...* Mas a música eu já não sei mais fazer como é que era..., depois, mas aí a gente responde: [cantarolando] *mas o muro é muito alto olé, olé, olá...* Né?Esse olé, olá repetia duas vezes, né? [continua a cantarolar] *Mas, mas tirando uma pedra olé, olé, olá, uma pedra não se tira olé, olé, olá, mas tirando duas pedras...* E assim por diante, né? Até que acertava a pedra que tirava, daí eles iam lá e tiravam aquela menina que saía, e todos até que todas saíssem, aí era uma festa, aí... [cantarola] *eu vi margarida...*, eles, eles cantavam, né? E a margarida ia com ele, então são... Brincadeira da margarida também. Ai meu Deus! Mas eu já tô falando tanta bobagem! (Dona das Graças – Centro, próximo ao antigo Campo do Manejo - em 10/09/2009 - grifo nosso).

De outro modo, as narrativas de Dona Das Graças sobre as brincadeiras de roda, *senhora condessa, onde está a margarida e Terezinha de Jesus*, lembradas, anteriormente, já não apresentavam territórios tão distintos e separados de brincadeiras para meninos e meninas, e embora as rodas infantis fossem as preferidas das meninas, como assinalou Fernandes (2004), os meninos também participavam. Sobre este aspecto, dos meninos participarem de rodas infantis, Seu Manuel lembrou que

[...] normalmente o menino não entrava em brincadeira de roda, cantiga de roda, ficava mais de fora olhando, era mais um exercício da menina, das meninas, de quase todas elas, era o exercício do namoro, do namoro, pru noivado, de família, de mãe, então tem todas essas coisas, [cantarola] *ciranda cirandinha vamos todos cirandar... O anel que tu me desses era vidro e se quebrou e o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou...*

(Seu Manuel – Centro, na Rua Major Costa - em 25/09/2008).

Contudo, esta posição mais categórica de Seu Manuel não encontrou correspondência nos demais depoimentos, apesar destes terem apontado a existência de diferenciação de brinquedos e brincadeiras entre meninos e meninas. A posição de Seu Manuel se explica, em parte, por ter ele formação acadêmico-profissional no campo das Ciências Humanas, portanto, o exercício de escavação do passado do seu tempo de criança carrega e sofre influência dos elementos teóricos e de valores do presente e daqueles que estão arraigados em seu processo de formação.

A rememoração de outros brinquedos e outras brincadeiras do tempo de infância dos velhos moradores, não registrados na obra de Cascaes, trouxe como contribuição as brincadeiras de roda, ou cantigas de roda, ou rondas infantis, tão presente na cultura lúdica de infância dos tempos passados. Também foi possível perceber ou perceberi que estas brincadeiras de roda foram difundidas na cultura escolar e, com menos intensidade, no presente, ainda alcançam ressonância no meio escolar.

### **3.3. A experiência de construção dos brinquedos e das brincadeiras na memória de velhos a partir dos registros iconográficos de Franklin Cascaes**

*Então eu dizia prá eles:  
- vocês trazem o papel, os vizinhos, né?  
Que eu entro com a cola e as varetas.  
(Seu Bento)*

Uma característica predominante na infância dos velhos narradores diz respeito ao processo de construção de brinquedos e brincadeiras, experiência esta que perpassou todas as narrativas do conjunto dos entrevistados. Eles e elas, no tempo de sua infância, constituíam-se nos artífices de seus próprios brinquedos, aliás, o ritual de confecção destes integrava o tempo da brincadeira, desde a busca do material, que era geralmente encontrado no meio natural, junto das moradias, ou dos restos aproveitados do mundo de trabalho dos adultos, até a produção artesanal do brinquedo. O narrador que passou a infância na localidade de Cacupé expõe, a seguir, o processo de confecção de dois brinquedos que são a pandorga e a peteca:

Isso... Eu sabia fazer pandorga naquele tempo. Na casa da minha avó lá eu fazia. Então eu dizia prá eles: - **vocês trazem o papel, os vizinhos, né? Que eu entro com a cola e as varetas.** [...] A gente pegava pena de galinha e fazia uma peteca, enchia de mato. **Os brinquedos a gente fazia, geralmente a gente fazia.** (Seu Bento – Cacupé - 04/07/2009 - grifos nossos).

Este depoimento foi dado pelo velho nativo após ter visto e reconhecido a imagem fotográfica da brincadeira de pandorga registrada por Cascaes, conforme aparece na Figura 34 a seguir, e também de ter pegado a peteca para examinar na ocasião da entrevista.

Figura 34 – Menino soltando pandorga.



Fonte: Coleção “Elizabeth Pavan Cascaes” - Museu da UFSC (s/d).

Julgo interessante observar que tanto a frase “- *vocês trazem o papel, os vizinhos né, que eu entro com a cola e as varetas*”- quanto a que segue “-*Os brinquedos a gente fazia, geralmente a gente fazia*”- são demonstrativas de um processo de construção do brinquedo realizado em grupo e sinalizadoras também de um modo de vida comunitário e co-participativo entre as crianças, comum à época de infância dos

narradores. Elas denotam ainda a ideia de que a capacidade e a habilidade de produção dos próprios brinquedos estavam vinculadas ao fato de que a vida das crianças transcorria próxima do mundo de trabalho dos pais, situado no entorno da moradia: no cultivo da terra, na lida com a criação dos animais, no trabalho do engenho de farinha, nas atividades derivadas da pesca, junto aos ranchos dos barcos e das canoas. Enfim, os meninos e as meninas daquele tempo eram co-partícipes destas atividades laborais de subsistência, portanto, muito próximas dos conhecimentos e das técnicas empregadas pelos adultos nessas atividades.

As crianças eram produtoras de uma cultura lúdica ao mesmo tempo em que eram reprodutoras da cultura lúdica de gerações passadas, pois a brincadeira da pandorga e a da peteca, por exemplo, constituem brinquedos de várias gerações anteriores da cultura lúdica local, como também de gerações passadas de crianças da cultura lúdica universal. Quer dizer, tanto um brinquedo quanto o outro compuseram e perpassaram a cultura lúdica universal de inúmeras gerações remotas de crianças.

Perrotti (1990), ao tratar a criança como produtora de cultura, lembra que a organização da sociedade capitalista considera que tanto as crianças quanto os velhos representam um estorvo para o sistema produtivo, pois ambos são improdutivos. Diferentemente do adulto, que é privilegiado nesta ordem sócio-econômica por ser mais produtivo que a criança e o velho. Perrotti (1990, p. 18) afirma que “[...] é a categoria produtor que define os indivíduos em nossa sociedade. Isso significa dizer que são as leis da mercadoria que tentam fixar nosso valor e papel enquanto seres humanos.” Para o autor, tal modelo de organização social tem situado a criança numa condição de passividade frente à cultura. Ele argumenta que tal perspectiva tem implicado em se pensar a criança apenas como receptora de cultura, ou nem isso, em vez de se conceber a criança como fazedora de cultura, ou ainda melhor, no seu entender, em vez de se ver a criança, simultaneamente, como recebedora e produtora de cultura.

O mesmo Perrotti (1990) fundamenta esta ideia de se conceber as crianças como receptoras e produtoras de cultura no estudo pioneiro realizado por Florestan Fernandes, nos anos 1940, cujo título é: *“Folclore e mudança social na cidade de São Paulo”*. De acordo com o primeiro autor, foi nas observações cuidadosas dos grupos de crianças que se juntavam para brincar, denominados de “trocinhas”, que “[...] Florestan Fernandes deixou claro que a criança participa ativamente da

cultura, criando-se e criando-a com significados particulares, com feições da cultura vivida pelo adulto.” (PERROTTI, 1990, p. 22).

Portanto, as crianças, no tempo de infância de Seu Bento e dos outros velhos moradores entrevistados em “Açores Aqui” e em “Açores Além-Mar”, ao confeccionarem muitos de seus brinquedos, produziam e reproduziam cultura. Um exemplo marcante, relativo a este aspecto da confecção do brinquedo, foi dado durante as entrevistas, por Seu Valdir, um açoriano de “Além-Mar” que ainda hoje costuma construir um brinquedo chamado de “cri-cri” e presentear os miúdos que se detêm à porta de seu porão de atividades quando vão à escola que fica ao final de sua rua ou quando dela retornam. O “cri-cri” é um brinquedo musical<sup>61</sup> feito com cana do reino ou bambu e que emite um som que se assemelha ao som produzido pelos grilos. Para Seu Valdir, poder construir brinquedos antigos do seu tempo de infância, na sua velhice, representa uma forma de se re-encontrar com o passado e, ao mesmo tempo, de dizer dele aos miúdos por intermédio de um brinquedo, haja vista que os brinquedos e as brincadeiras costumam encantar os miúdos, como os açorianos e portugueses costumam chamar as crianças.

Curioso também é adentrar, mesmo que brevemente, na origem da pandorga e da peteca para mostrar a dificuldade em se localizar historicamente a origem de um brinquedo. Kishimoto (2000), quando aborda o elemento indígena nos jogos tradicionais, diz que a peteca é vista por muitos como uma herança dos índios na cultura lúdica do povo brasileiro. Segundo a autora, a peteca, confeccionada, primeiramente, “[...] em palha de milho ou areia, serragem e penas de galinha, hoje aparece padronizada com rodela de borracha sobrepostas e quatro penas brancas de peru.” (KISHIMOTO, 2000, p. 71). Entretanto, a pesquisadora ressalta que também há estudos atribuindo a origem da peteca a “[...] um jogo que se lança de um para outro com uma bola munida de penachos ou plumas, que se pratica na China, Japão, Coreia, há mais de 2000 anos.” (KISHIMOTO, 2000, p. 71).

Ribeiro e Sanhonete (1990), por sua vez, trazem a ideia de que pandorga, papagaio, pipa ou arraia são denominações de um brinquedo de muitos milênios, cuja origem remete para a China antiga. Estes autores recorrem a historiadores e folcloristas para dizer que um general chinês, por volta de 196 a.C, utilizava pipas para mandar notícias para uma aldeia cercada. Nas aldeias, as pipas também tinham a finalidade de

---

<sup>61</sup> Este brinquedo consta do levantamento realizado por João Amado no livro “*Jogos e brinquedos tradicionais*” (1992), e foi usado nas entrevistas com os velhos açorianos de “Além-Mar”.

levar às divindades mensagens de agradecimentos pelas boas colheitas. Acrescentam ainda que o Ocidente somente veio a conhecer a pipa no século XIV, quando os primeiros exploradores e mercadores europeus retornaram de suas viagens ao Oriente com o citado brinquedo.

Outro velho narrador contou que, quando tinha um ano de idade, seus pais foram morar no Morro do 25, uma localidade próxima à região central da cidade, situada entre a Rua São Vicente de Paula e a igreja da Pedra Grande. Ali passou sua infância até a idade de dez anos. Continuando a descrever o lugar, disse que houve muitas mudanças e hoje, está tudo ocupado com casas, prédios de apartamentos e favelas. E o mar, agora, encontra-se afastado da encosta do morro, com a construção da Avenida Beira Mar Norte. Em contraste, disse ele, na sua época de criança, existiam, no mesmo lugar, poucas casas com grandes quintais que propiciavam muito espaço para as brincadeiras. Continuando sua descrição, o ancião disse que havia, na parte alta do Morro do 25, uma grande área plana e descampada onde a gurizada se reunia para brincar de futebol e de bola de meia. Ele falou que também brincavam muito de pandorga, mas era pandorga ou barrelote, pois não havia ainda esta pipa com que se brinca hoje em dia. Lembrou que não existia esta coisa de colocar cerol<sup>62</sup> na linha para cortar as outras pipas voando no céu. Disse ainda que, quando brincavam, ele tinha prazer em ver a beleza daqueles barrelotes todos empinados no céu azul, cada um mais bonito que o outro. Eram as próprias crianças que faziam as pandorgas e os barrelotes em casa. Ele e seus irmãos, por exemplo, saíam atrás do bambu para fazer as varetas; depois cortavam o papel no formato da pandorga que é mais retangular, e também cortavam o papel na forma de barrelote, que é mais parecido com um losango. Enfim, esta narrativa confirma a constatação feita anteriormente, segundo a qual predominava, no tempo de infância dos velhos entrevistados, um processo de produção coletiva dos brinquedos.

Este mesmo narrador, ao rememorar o processo de confecção do brinquedo denominado pião, demonstrou possuir um conhecimento específico do material utilizado na construção do pião. Mas ele também contou que costumavam procurar o serviço de um profissional especializado, um marceneiro ou serralheiro, para confeccionar o brinquedo de acordo com uma maneira bem própria, a fim de que ele

---

<sup>62</sup> Segundo o Dicionário Aurélio (Holanda Ferreira, 1988), *cerol* significa uma mistura de cola de madeira e de vidro moído que as crianças passam na linha das pipas para cortar as de outrem. Há uma campanha nacional contra a sua utilização, pois costuma causar muitos acidentes, implicando em lesões corporais e, muitas vezes, levando a morte.



rodasse durante o jogo. Na Figura 35 a seguir pode-se ver um menino enrolando a corda em torno do pião antes de jogá-lo ao chão para rodopiar:

Figura 35 – Menino jogando pião.



Fonte: Coleção “Elizabeth Pavan Cascaes” - Museu da UFSC (s/d).

Completando estas reflexões sobre a confecção do pião, transcrevo, aqui, a fala do narrador:

O pião a gente fazia no Abrigo de Menores. [...] É..., **nós pedia ao marceneiro** lá. E pagava prá ele 200 réis para ele fazer. **E nós levava a madeira. Dura! Um laranjeira ou um cerne**, que não crava, entende? Porque se o pião for feito de, vamos dizer, pinho, ele recebe uma rajada em cima e..., pimba! [...] Ah é, ele ia com velocidade. **Nós botava o ferrão com um pedaço de aço. Lá eles faziam também porque tinha ferraria (serralheria).** Então, nós ia no pé. Lá perto onde eu disse que nós ia buscar carne. **Então ele fazia**

**prá nós uma trempe boa para ele começar rodando sempre assim de lado. Prá não ficar dormindo.** (Seu Valdemar – Centro, no Morro do 25 - 03/08/2009 - grifos nossos).

Esta narrativa faz emergir as ideias da criação artesanal e da experiência, que parece estarem acopladas ao brinquedo tradicional. Ela também traz o simbolismo que tem o brinquedo do pião. Com Amado (2007), pode-se, primeiramente, verificar a origem histórica do pião. Segundo este pesquisador português, o pião, como um dos mais encantadores jogos da infância, já era encontrado nas primitivas culturas africanas, sendo produzido com conchas vazias de caracol. O estudioso prossegue, dizendo que também na China foi encontrado um brinquedo semelhante, bem como entre os índios da Amazônia, porém os piões dos indígenas eram confeccionados a partir de sementes de plantas. O autor ainda acrescenta que o pião já era conhecido entre os antigos egípcios e gregos e, na época do Império Romano, o jogo era conhecido por “turbo”, sendo muito popular. Conforme o autor, na Idade Média e no Renascimento o jogo do pião não desapareceu e foi registrado em vários manuscritos deste período, inclusive, no registro mais célebre, que retrata a cultura lúdica dessa época: o quadro pintado por Pieter Brueghel, em 1560, “*Jogos Infantis*”, reproduzido parcialmente no item anterior deste capítulo.

Quanto ao simbolismo do brinquedo, Amado (2007) diz que há registros antigos relativos aos poderes mágicos atribuídos ao jogo do pião. Tanto o som do seu rodopio quanto o próprio movimento em torno dele mesmo exerciam um grande fascínio sobre as crianças.

Outro casal de velhos entrevistados, moradores da Barra da Lagoa, descreveu a localidade dizendo que era muito diferente do que é na atualidade, pois estava muito isolada das demais freguesias. Eles contaram que no tempo de suas infâncias, poucas famílias residiam na localidade, e todos se conheciam e se respeitavam. Viviam na lida diária da pesca, da lavoura da mandioca, principalmente, que era transformada, no engenho, em farinha e biju. Enfatizaram, de maneira saudosa, que haviam conhecido a Barra da Lagoa ainda muito virgem, com pouco moradores, mas com muito verde, com muito passarinho. E terminaram dizendo que hoje está tudo muito mudado. Parecia sentirem uma doce saudade de um lugar de outrora, mais conhecido, porque todos se conheciam e viviam em harmonia com a natureza, como parte dela. Relembrou que as crianças, no tempo de suas infâncias, eram criadas para ajudar na lida da vida da época: nas tarefas da casa, no trabalho na

roça, na criação dos animais, na pesca, na farinhada, enfim, as crianças brincavam, mas também ajudavam no trabalho dos adultos.

Quando folhearam o álbum com as fotografias das esculturas representando os brinquedos e viram os desenhos das brincadeiras registradas por Franklin Cascaes, mostrados pelo pesquisador, os dois velhinhos apressaram-se a dizer que chegaram a conhecer o Seu Cascaes, pois ele costumava ir com frequência à Barra da Lagoa. Seu Virgilino acrescentou que Cascaes passava horas conversando com seu pai no rancho das canoas. O casal contou que, naquele tempo, ainda não havia ligação da Barra da Lagoa com outras freguesias, por estradas, apenas caminhos para carros de boi, carroças a cavalo e caminho de barco pelas águas da Lagoa Grande. Dessa forma, Seu Cascaes costumava vir de bote, da freguesia da Lagoa da Conceição até a Barra da Lagoa, para ouvir as histórias antigas do lugar que Seu Joaquim, o pai do entrevistado, apreciava narrar.

Falando sobre os brinquedos e as brincadeiras no tempo de suas infâncias, lembraram que a confecção destes dava-se a partir dos materiais existentes em abundância no meio natural, isto é, os brinquedos eram feitos com materiais do próprio lugar, como se constata na fala de Dona Bela:

**Sabe como é que a gente fazia? Tinha aquela mamoeira, não tem a mamoeira? Daquela bem grande... [...] Então a gente pegava três, ou quatro folhas de mamoneira daquela, dobrava ela... E fazia uma boneca...** E dobrava ela assim e tinha que [...] e a gente dobrava ela e botava uma folha por fora, botava, fazia uma bonequinha, depois amarrava ela primeiro, ela ficava com a boquinha direitinho [...] então a gente pegava aquela mamoeira bem pequenininha que tinha bico e botava na boca da boneca e era o bico... [risos]. A nossa boneca era a mamoeira, isso lá... uma ou outra que tinha uma boneca de pano, mas a nossa brincadeira mesmo de criança era brincadeira de... [...] É, perto da casa era... Era assim que a gente fazia, pegava concha na praia era a louça... [...] Isso é! Bastante conchinha na praia... Eu... Fazia casinha, juntava pedaço de pau e fazia casinha, fazia quarto, fazia cozinha também, tinha tudo e cada um brincava na sua casinha... Naquela época as nossas praias aqui

dava muita concha... Muita concha! (Dona Bela – Barra da Lagoa - 07/09/2009 – grifos nossos).

A experiência de construção dos próprios brinquedos era uma marca característica das crianças do tempo de infância dos entrevistados. Esta experiência era coletiva, pois as crianças costumavam brincar em grupos e tinha uma forte relação com o meio, com o local onde ocorriam as brincadeiras, pois além de constituir o espaço do brincar também fornecia muitos e variados tipos de materiais como, por exemplo, folhas secas, sementes de frutos caídas ao chão, conchas, pedaços de pau e outros mais. Enfim, as crianças tinham um universo de possibilidades para produzirem seus brinquedos, sua cultura lúdica.

### **3.4. Lugares de infância na memória de velhos e os registros iconográficos de Franklin Cascaes**

*E nesse pasto a gente brincava muito.*  
(Dona Maroca)  
*Então era tudo na rua.*  
(Seu Valdemar)  
*A gente brincava junto,*  
*a gente ia nesse morro aí, correr cascudo [...]*  
(Seu Virgílio)

A imagem como um disparador de memória permite rememorar o passado de uma forma muito singular, segundo Simson (1998). Nesta perspectiva, as fotografias apresentadas aos velhos ilhéus de “Açores Aqui” e de “Açores Além-Mar” ajudaram no processo de fazer emergir lembranças do tempo passado que descreviam as características das localidades interioranas ou das freguesias, a dinâmica da vida simples e comunitária, enfim, as fotografias constituíram poderoso meio para deflagrar os depoimentos dos velhos ilhéus.

A entrevistada da localidade conhecida por Prainha, região integrada ao centro histórico e administrativo da Ilha da Santa Catarina, disparou sua narrativa dizendo que havia nascido no ano da Revolução<sup>63</sup> de 1930. Ela passou a descrever detalhadamente os fatos que tiveram

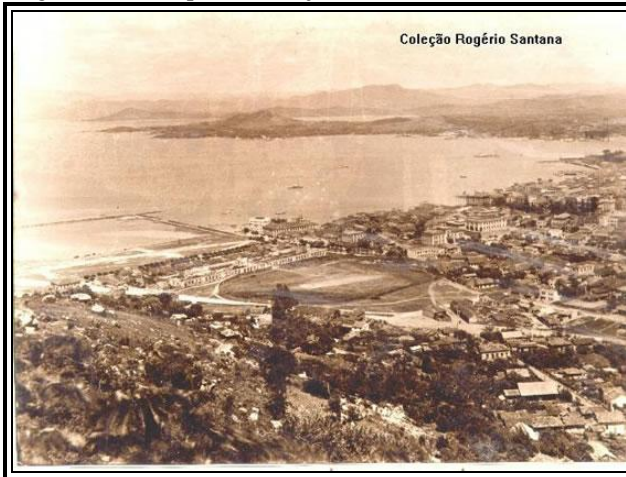
<sup>63</sup> Sobre a passagem dos revolucionários de 1930 por Florianópolis ver tese de doutorado de Karla Leonora Dahse Nunes, “*Santa Catarina no caminho da revolução de trinta: memórias de combates (1929-1931)*”, apresentada em 2009 no Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, especialmente, o ponto 5.5 do capítulo V, “*Lembranças da revolução de trinta em Santa Catarina – alguns lampejos*”.

lugar nessa época. Contou que seu pai trabalhava como carpinteiro no Hospital de Caridade e que, por isso, residiam numa das casas da rua que dava acesso ao hospital, atual Rua Menino Deus. Como esta rua estava muito próxima ao Campo do Manejo, área de intensa movimentação das tropas militares envolvidas no evento político-militar, seus pais decidiram se afastar, por um tempo, dessa área do Centro da Cidade, mudando-se para uma casa na localidade do Saco dos Limões, próxima à vila operária, para se distanciarem dos perigos decorrentes da Revolução.

A entrevistada contou que vigorava, à época, o toque de recolher, e que na noite em que sua mãe estava pronta para lhe dar à luz, seus dois irmãos mais velhos saíram após o toque de recolher para avisar e buscar a parteira numa localidade próxima, conhecida por José Mendes. Nisso, soldados a cavalo pararam seus irmãos e um dos soldados intimidou-os, ameaçando jogar o cavalo sobre eles, enquanto o outro indagou o que faziam na rua após o toque de recolher. Somente após seus irmãos responderem que estavam se dirigindo à casa de uma parteira para que ela fosse realizar o nascimento de sua irmã é que os soldados se sensibilizaram e permitiram que eles prosseguissem o caminho. A anciã continuou, contando que, assim que passaram os perigos da Revolução, seus pais voltaram a residir na casa anterior.

Em seguida, ela rememorou o lugar onde passou sua infância. Descreveu a rua em frente à sua casa como sendo mais um caminho de areia, pois o mar chegava bem próximo e formava ali uma prainha, daí decorrendo a denominação de Prainha para a localidade. A esta prainha, chegavam muitas canoas, vindas de Massiambú e de outras localidades da região continental próxima à Ilha de Santa Catarina, trazendo peixe fresco, lenha, verduras e frutas para negociar com os cidadãos. Era uma rua muito tranqüila, com pouquíssimo movimento de carros, restrito às ambulâncias que subiam e desciam do Hospital de Caridade e à passagem de algumas carroças puxadas por cavalo, estas muito mais comuns do que os carros em sua época de criança. Em direção ao centro da cidade havia o Campo do Manejo, onde se localizava o quartel dos soldados, uma grande área que às vezes servia para os circos se instalarem. Esta área pode ser vista na foto da Figura 36 que apresento a seguir:

Figura 36 – Campo do Manejo – Área da baía sul no Centro



Fonte: Acervo Fotos Antigas da Ilha – UFSC (1940).

Era tudo muito tranquilo, tão tranquilo que nas noites de verão, por causa do calor, se dormia de janelas abertas. Dona Maroca ainda fez questão de frisar que brincou muito, quando criança, que costumava brincar com os irmãos e vizinhos, que durante os dias de semana as brincadeiras ocorriam no quintal da sua casa e que nos fins de semana sua mãe permitia que brincassem na rua em frente. Brincou de pega-pega e de esconde-esconde com barra, e esta brincadeira costumava acontecer na caída da noite, pouco antes de sua mãe chamar para se recolherem ao interior de sua casa. Sua narrativa é transcrita na sequência:

[...] As brincadeiras? [...] Não, **de frente a minha casa, tinha um pasto, um campo grande**, dava-se o nome de pasto, um campo bem grandão. **E nesse pasto a gente brincava muito.** Eu brincava muito, nós, né? Meus colegas, que eram cinco meninas, os dois meus sobrinhos [...] **uma base de umas dez crianças. Então nós brincava muito de pegar, bate barra... Tinha também de pular de corda, de uma corda, de duas cordas.** (Dona Maroca – Centro, na Prainha - 01/09/2009 - grifos nossos).

Ainda em sua narrativa, a depoente, num tom quase confidencial, por ser uma brincadeira pertencente mais ao universo dos meninos, contou que gostava muito de brincar de bolinhas de vidro. Enfatizou que adorava jogar bolinhas e costumava se gabar diante dos outros por ter um saco grande cheio de bolinhas que ganhava na brincadeira, jogada “às veras”. Acrescentou que sua mãe costumava dizer: “- *Lá vai a machorra jogar bolinha!*”, um comentário que indica uma clara distinção de gênero nas brincadeiras, assim como um preconceito, freqüente naquele período, voltado aos sujeitos que cruzavam essa linha tênue. Dona Maroca também deu explicações sobre a maneira como acontecia o jogo: primeiro se fazia uma boca no chão com o calcanhar, depois os jogadores tomavam uma distância dessa boca e, em seguida, cada um lançava a sua bolinha tentando acertar a boca; o passo seguinte era dado por quem houvesse acertado na boca, isto é, esse jogador podia dar “toches”<sup>64</sup> para acertar as bolinhas dos demais jogadores. Como ela era muito boa no “toche”, acabava por acertar as outras bolinhas e, assim, enchia o seu saco de bolinhas, deixando os meninos sem bolinhas.

A brincadeira de bolinha de gude aparece igualmente nos registros de Franklin Cascaes, na forma de esculturas em argila e gesso. É possível observar, na Figura 37, que Cascaes, ao eternizar essa brincadeira através de sua arte, conseguiu captar a técnica do “toche”, representada no menino agachado:

---

<sup>64</sup> “*Toche*” é uma técnica para movimentar a bolinha de vidro. Coloca-se a bolinha na palma da mão, depois se apóia a bolinha entre a base dos dedos médio e indicador fechando-os sobre a bolinha. Em seguida, posiciona-se o dedo polegar por trás da bolinha mirando na direção de outra bolinha para então empurrar a bolinha com um pouco de força. A Figura 33 dá uma ideia desta técnica.

Figura 37 – Meninos brincando de bolinha de gude.



Fonte: Coleção “Elizabeth Pavan Cascaes” - Museu da UFSC (s/d).

Então, como ela mesma ressaltou, a memória do local de infância da entrevistada da Prainha é, por excelência, o campo grande em frente de sua casa: - *“E nesse pasto a gente brincava muito.”* Tratava-se de uma área livre, aberta e grande, portanto, adequada ao mundo de brincadeiras das crianças da sua geração. A ideia forte nestes fragmentos de memória de infância parece ser a de salvaguardar grandes espaços, livres, abertos e próximos às casas das crianças, para elas poderem brincar muito, em grupo, preferencialmente, com os jogos da cultura lúdica tradicional, como, por exemplo, o pega-pega, o pular corda e a bolinha de vidro.

Também fica evidente a ideia de se poder escavar, de se voltar ao passado estando no presente e, simultaneamente, perspectivar o futuro. Este retorno possibilitou que os velhos se reconciliassem com o passado à medida que realizavam sua rememoração e, ao experimentarem este processo de disparada da memória, deixaram pistas, rastros dessas experiências para o presente e o futuro. Ou, como indica Agamben (2005, p.111) em seus estudos, “[...] toda cultura é, primeiramente, uma certa experiência do tempo, e uma nova cultura não é possível sem uma transformação desta experiência.” Neste sentido, da narrativa da entrevistada é possível extrair e pensar uma perspectiva: que a cidade



enveredou pelos caminhos do progresso, da modernização e urbanização, sem considerar a necessidade de salvaguardar espaços extensos, livres e abertos, onde as futuras gerações de crianças possam vir a realizar suas brincadeiras

Outra entrevistada, moradora desde criança do centro da cidade, mencionou a Rua dos Canudinhos como o local de sua infância, sendo esta rua localizada aos fundos das instalações do atual Instituto Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina. Entretanto, como seu avô morava num sítio na Trindade, região situada atrás do Morro da Cruz, ela recordou que costumava ir com frequência a esse local para brincar com suas primas. A anciã contou que não precisava trabalhar quando criança, então, depois da escola e das tarefas, costumava se reunir com outras meninas para *brincar de casinha*, com louçinhas feitas de barro (argila), bem como de *batizado das bonecas*<sup>65</sup>. Lembrou das brincadeiras da época como, por exemplo, o *boi de mamão*, uma brincadeira em que os guris costumavam organizar, construir o boi, o cavalinho, a bernúncia, a maricota e depois saíam a fazer apresentações pelas ruas e nas casas próximas ao local de sua infância. Segundo ela, havia ainda a época das *pandorgas*, mas eram os meninos que faziam e soltavam as pandorgas. Lembrou também que, na semana santa, mais especificamente no sábado de aleluia, as crianças se reuniam para fazer a *brincadeira da malhação do Judas*, representada na Figura 38 que segue:

---

<sup>65</sup> Piacentini (2010) realiza uma bela descrição da brincadeira do batizado de boneca, também registrada na forma de esculturas em argila por Franklin Cascaes.

Figura 38 – Brincadeira da malhação do Judas.



Fonte: Acervo de Fotos Antigas da Ilha – UFSC (1960).

Piacentini (2010) é outra autora que descreve essa brincadeira, dizendo que

[...] o povo aproveita para fazer bonecos de pessoas que, de uma forma ou de outra, acabaram prejudicando muita gente. Os políticos são os personagens preferidos para esses bonecos. Quando chega o Sábado de Aleluia, os bonecos são pendurados nos postes ou nas árvores, são julgados, condenados e malhados por todo mundo (PIACENTINI, 2010, p. 65).

Voltando a falar do sítio de seu avô, na Trindade, a narradora comentou que ele era proprietário de uma vasta área de terras nesta localidade e que o deslocamento, desde sua casa, no centro da cidade, até o sítio, lhe parecia, na época de criança, muito demorado, pois só havia uma pequena estrada de terra, cheia de curvas, que atravessava os morros. Toda aquela região era considerada rural, uma vez que lá existiam sítios, plantações de café, laranja, mandioca, hortaliças e muitas pastagens com criação de vacas de leite. Trata-se de uma

descrição da Trindade muito próxima daquela realizada por Virgílio Várzea, em 1900, quando o lugar ainda era chamado de Trás do Morro, como se verifica no próximo texto:

A freguesia de Trás do Morro, já conhecida pela célebre romaria da Trindade, está situada entre o monte do Pau da Bandeira e os do Córrego Grande, Rio Tavares e Lagoa, que formam entre si uma superfície ondulada de 30 a 40 quilômetros quadrados, em sua maior parte, como vimos, cultivada de cereais, cafeeiros, cana, pastagens e vinhas, para as quais terreno e clima se prestam admiravelmente, como aliás toda a Ilha. [...] Em trás do Morro abundam as hortaliças e as pastagens criadoras, estas cobertas de nédias vacas crioulas. E seus habitantes fornecem de legumes e leite a capital, fazendo este comércio rapazinhos de 12 a 15 anos (VÁRZEA, 1985, p. 110).

A narradora também contou que casou e criou seus filhos residindo na Rua Jerônimo Coelho, próximo da Rua Vidal Ramos, no centro da cidade. Ela explicou que, depois da sua casa, em direção à região norte do centro da idade, havia um matagal e algumas chácaras com residências de pessoas ilustres. Naquela época, só existia a Rua Esteves Júnior, que fazia a ligação do Centro com a Praia de Fora, atual Avenida Beira Mar Norte. Lembrou que seus filhos ainda usaram muito os brinquedos do seu tempo de infância, embora passassem a ter acesso também aos brinquedos modernos, que já podiam ser comprados no comércio. Mas segundo a narradora, havia um brinquedo antigo com que seus filhos e outros guris da rua adoravam brincar: o carrinho de rolimã<sup>66</sup>. Eles costumavam fazer corridas com esses carrinhos na ladeira da Rua Vidal Ramos, ainda uma estrada de terra naquela época, como se pode notar na Figura 39 a seguir:

---

<sup>66</sup> O carrinho de rolimã é um brinquedo artesanal feito de madeira, que consiste numa tábua montada sobre rolimãs. Este brinquedo, muito comum na época de infância da geração dos filhos de Dona Das Graças, se assemelha ao registrado numa escultura de Franklin Cascaes, “O menino brincando de carretão” (Figura 38). A diferença está nas rodas, pois no primeiro as rodas são feitas de rolimã (rolamento; um artefato circular composto de pequenos cilindros de aço dispostos em anéis do mesmo material que facilitam a rotação) e no segundo as rodas são de madeira.

Figura 39 – Menino brincando de carretão.



Fonte – Coleção “Elizabeth Pavan Cascaes” - Museu da UFSC (s/d).

Segundo esta senhora, os carrinhos rolavam com bastante velocidade até a parte baixa da rua e, apesar de não haver muitos automóveis na cidade, eles brincavam mais aos finais de semana, quando havia ainda menos automóveis que circulavam por essa área. Aquela era uma época mais tranqüila para se criar os filhos, disse a narradora. E acrescentou que, tanto na sua época de infância quanto na de seus filhos, todos os vizinhos se conheciam e se respeitavam uns aos outros, diferente do que acontece hoje em dia. Ela continuou, dizendo que a Cidade cresceu muito e em muito pouco tempo, sendo um crescimento e um progresso que trouxeram muitas coisas boas, mas também muitas coisas ruins como, por exemplo, a falta de tranqüilidade, a insegurança e o individualismo. Esta tranqüilidade de um modo de vida mais comunitário e sem pressa de outrora, comum no local de infância dos filhos da depoente, pode ser percebida na narrativa que segue:

[...] É, é... então era assim: quando chegava no Natal, **nós combinava entre si**, a Ana Rita que era a esposa do Jaime Linhares, né? E o Carneiro que morava do lado também, e a minha casa era a mais distante que **a minha dava pr u mato, tudo**

**mato**, então tudo era mato e na frente daquele prédio redondo também **era mato e naquela esquina ali tinha um muro que era de uma casa que foi demolida e ali eles faziam um campinho pra jogar futebol, e o pessoal passava e ficava debruçado ali no muro vendo eles jogarem futebol, eles brincavam muito ali, muito! Era deserto aquilo ali, né?** [...] É, é... [...] Eu conhecia muito a Praia de Fora que a gente chamava essa praia do meio aqui, né? Praia do Müller aqui, meu Deus isso era um deserto, a gente tinha até medo de vim aqui. [...] Era tudo lá... eu quase nem vinha pra esse lado, mas depois, o meu marido então se ele tivesse vivo hoje, ele não sabia mais onde ele estava, porque Florianópolis mudou muito! Ele morreu em 72 (1972), não tinha a Beira-Mar. [...] Mas os meus filhos brincavam muito ali, de futebol de tudo, sabe? (Dona Das Graças – Centro, próximo ao antigo Campo do Manejo - 10/09/2009 - grifos nossos).

É bastante nítido, no testemunho anterior, este tempo sem pressa ou tempo da lentidão, como preferia denominar Walter Benjamin, em oposição ao tempo cada vez mais acelerado do progresso na sociedade moderna. Existia, naquela época, um modo de vida que permitia a combinação, entre vizinhos, - “*nós combinava entre si*”-, de festas e encontros, marcando uma sociabilidade que era característica das comunidades de outrora. E parece impossível se imaginar, hoje, que o local de infância dos filhos da entrevistada, atualmente um espaço ocupadíssimo e movimentado do miolo urbano da Cidade, foi, até há pouco tempo, um lugar cheio de mato, onde havia um campinho de futebol em que as crianças podiam passar horas a brincar, sem pressa, em tranqüilidade, e ainda ser observadas pelos poucos transeuntes que se debruçavam sobre o muro para vê-las brincar, como enfatizou a narradora. Por serem crianças, podiam passar por cima ou manterem-se afastadas das determinações e exigências próprias do mundo adulto, pois ainda estavam isentas das obrigações inerentes a este mundo e, desse modo, se entregavam a uma espécie de tempo primeiro comum na experiência dos jogos e das brincadeiras. Como frisa Oliveira (1986, p. 25), o brincar representa para “[...] a criança um meio privilegiado de inserção na realidade. Expressa um modo através do qual a criança reflete, ordena, desordena, destrói e reconstrói o mundo à sua maneira.”

Mais dois velhos narradores, um que passou a infância na localidade de Cacupé e outro que viveu na freguesia do Pântano do Sul, disseram que a praia era o local em que costumavam brincar na infância. Era o lugar ideal para *jogar bola, soltar pandorga, brincar de “carreira”* (corrida). Cabe destacar aqui que as localidades interioranas da Ilha fundadas próximas ao mar tinham, e muitas ainda têm a praia como o local dos preparativos e das chegadas dos homens que se lançavam e continuam a se lançar ao mar para pescar. Portanto, as crianças destas localidades tinham na praia o lugar para observar o trabalho dos adultos e, algumas vezes, até para participar de uma puxada de rede, ou de um “lanço”, atividade muito comum no início do tempo de inverno e que envolve muita gente a puxar a rede do mar para a areia da praia. Mas a praia também era, por excelência, o local de brincar da infância destas localidades pesqueiras da Ilha, conforme os testemunhos dos anciãos:

[...] Chegava em casa da minha avó, tinha uns quatro ou cinco garotos vizinhos. Eu tinha uma bola de borracha e... - Vamos jogar uma bola?... **Aí a gente ia jogar bola na praia. Tinha um pastinho na praia.** Depois acabou tudo... a maré tomou conta... (Seu Bento –Cacupé - 04/07/2009 - grifos nossos).  
 [...] **Ah, na praia, na praia!** [...] É, é... [...] É, oh, eles brincam... (Dona Cota – Pântano do Sul - 16/10/2009 - grifo nosso).

Um velho narrador, Seu Valdemar, que viveu seu tempo de criança no Morro do 25<sup>67</sup>, próximo ao centro da cidade, tinha nas áreas desabitadas próximas de sua casa o local privilegiado do brincar na infância:

[...] Porque tinha o Clube 25 que era clube de negros, só dançava negros. E o Concórdia, onde **nós vadiava muito de bandeira salvar**, hoje não

---

<sup>67</sup> Ver o artigo “*Memória Subterrânea: Construção das Representações de Identidade do Negro em Florianópolis*” (1995), de Maria das Graças Maria. Neste estudo, a autora aborda “[...] fragmentos da vida dos habitantes Morro do 25, no Bairro Agrônômica, Florianópolis - Santa Catarina, usando como fonte principal a memória de antigos moradores. [...]”. (Procura perceber quais foram as práticas utilizadas pelos negros no seu cotidiano que possibilitaram a sua sobrevivência naquele universo cultural, e uma configuração específica para as suas experiências.” (MARIA, 1995, p. 59).

existe mais. Era o Concórdia, o recreativo, que hoje não existe mais. **Então era tudo na rua. Tinha no topo do morro, uma área mais ou menos grande que a turma** [...] É, claro! (Seu Valdemar – Centro, Morro do 25 - 03/08/2009 - grifos nossos).

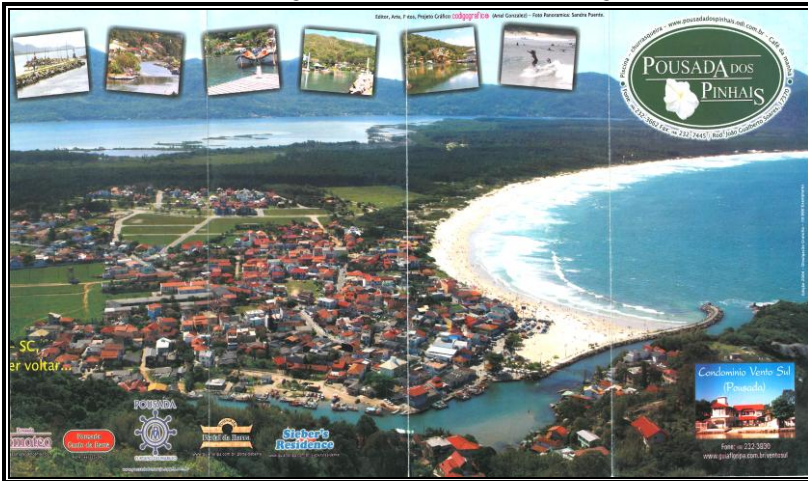
Seu Virgilino também enfatiza estas áreas desabitadas junto das poucas casas como o local predominante para brincar no seu tempo de criança e descreve uma brincadeira de escorregar nos pastos de terrenos de morro, conhecida por eles como o “cascudo”:

[...] Sim! Eu fui criado ali, lá no morro e tinha cinco famílias, ou seis, e tinha aquela criação, nós era como irmão, a gente brincava junto, entendeu? **A gente brincava junto, a gente ia nesse morro aí, correr cascudo**, brincar de cavalo... [...] É de cascudo! [...] É! Como se fosse uma prancha [...] Cascudo é... cascuda do côco... Que cai aquela casca... (Seu Virgilino – Barra da Lagoa - 07/09/2009 - grifos nossos).

A Ilha de Santa Catarina, como local de brincar no tempo de infância dos velhos entrevistados, era um lugar de muitos e variados espaços livres.

A Figura 40, a seguir, fornece uma boa ideia das dimensões territoriais e características geográficas de uma tradicional localidade pesqueira da Ilha de Santa Catarina, a Barra da Lagoa. Nela, é possível visualizar ainda a existência de muitos espaços-livres para brincar.

Figura 40 – Praia da Barra da Lagoa.



Fonte: Acervo próprio (2003).

Vista assim, do alto e de longe, esta fotografia recente possibilita visualizar as áreas de ocupação humana da localidade próxima ao mar e também permite, a partir da descrição de Seu Virgilino, se ter uma ideia do tamanho do crescimento destas áreas ao longo dos últimos 60 anos:

**Vivíamos aqui nesse lugar isolado das outras Freguesias. No meu tempo de criança moravam poucas famílias e todos se conheciam e se respeitavam muito.** Viviam da lida da pesca, da lavoura da mandioca, principalmente, que era transformada em farinha, beju e cuscus. Também plantavam roça de milho e feijão. (Seu Virgilino – Barra da Lagoa - em 07/09/2009 – grifo nosso).

Mais uma vez ouvi ou escutei a descrição da ocupação do espaço, em tempos passados, em uma localidade vizinha, o Campeche<sup>68</sup>, lembrada pelo grupo que se reuniu em torno de Seu Noquinho, por ocasião da entrevista. Numa conversa a respeito dos moradores de antigamente, no Campeche, Seu Noquinho mais o filho, Seu Lico, sua

<sup>68</sup> Tanto a descrição da ocupação humana no Campeche quanto a da ocupação da Barra da Lagoa se aproximam da imagem da paisagem da Lagoa da Conceição mostrada na Figura 16 – Vista da lagoa da conceição (Capítulo 2). Aliás, a Lagoa da Conceição fica situada exatamente entre a Barra da Lagoa e o Campeche, na região mais leste da Ilha.



nora, Dona Efigênia e Tião, sobrinho neto de Seu Noquinha e mediador da entrevista, num misto de estranhamento e admiração, trocaram opiniões sobre a baixíssima ocupação humana na localidade em tempos idos:

[Seu Lico:] Ôh Efigênia, lembra da época do Campeche daqui que a gente vinha, aquela vez que a gente era... [Dona Efigênia:] Nem se compara! [Tião:] **Daqui prá lá só tinha a casa daquela amiga do Seu Noquinha, aquela senhora que ficava ali perto dos eucaliptos, daqui pru Morro das Pedras, lembra?** [Dona Efigênia:] Cassimira. [Tião:] Dona Cassimira, né? [Seu Lico:] Faleceu agora na quarta-feira, com 91 anos. [Mediador:] É mesmo? [Seu Noquinha:] Minha prima, morreu agora, com 91 anos, minha prima... [Tião:] A casinha dela, depois só tinha a casa do Seu Deca lá embaixo... [Dona Efigênia:] Isso! [Tião:] Depois a casa da Lala e da coisa, não é? [Dona Efigênia:] Isso! [Tião:] Aí depois já saía aqui prá onde mora a Délzinha... [Dona Efigênia:] Ah, já pegasse a Lala, né? Ali na casa do Seu Zeca. [Tião:] Isso, a Dona Lala e Seu Zeca eu peguei. (Seu Noquinha, Seu Lico, Dona Efigênia e Tião – Campeche - em 26/09/2009 – grifo nosso).

Os testemunhos destas pessoas confirmam que as localidades interioranas da Ilha de Santa Catarina eram pouco povoadas antigamente, fato que contribuiu para que todos se conhecessem entre si. É possível perceber também, nestes depoimentos, a ideia de que havia muito espaço-livre, ou quando muito, ocupado por lavouras de subsistência e pequena criação de gado. Portanto, as crianças, no tempo de infância dos entrevistados, tinham à disposição muito espaço-livre para suas brincadeiras.

Perrotti (1990, p. 24) considera que o “[...] espaço-livre é condição indispensável para a constituição da cultura infantil [...]”. O autor argumenta que em países como o Brasil a expansão do capitalismo pautou-se por um modelo econômico concentrador de renda, com implicações que culminaram por gerar condições difíceis para as crianças. Explica o autor que este modelo conduziu significativo contingente da população brasileira a um crescente processo de empobrecimento que foi mais contundente nas populações rurais.

Continua sua argumentação, dizendo que uma das conseqüências desastrosas disso foi o fenômeno do êxodo rural, em que as populações, para escapar da miséria no campo, se dirigiram às cidades em busca de dias melhores e terminaram por engrossar a massa populacional urbana. Para Perrotti (1990), este processo de

[...] expansão capitalista não privilegiou somente a cidade, mas, sobretudo, as cidades que se achavam no centro-sul do país. Assim, é nessas que a pressão sobre o espaço se fez sentir com maior intensidade, já que elas atraíram não só a população rural como também pessoas de cidades que se encontravam fora do privilegiado eixo irradiador do desenvolvimento. Assim, a mercantilização do espaço alcança nessas cidades níveis extraordinários. Cada palmo de terra passa a valer ouro, cada porção é avidamente disputada (PERROTTI, 1990, p. 24-25).

No entendimento do mesmo autor, tal fenômeno também trouxe implicações para a cultura lúdica de infância. São suas palavras: “O mundo da criança sofreria, em decorrência, conseqüências fatais. Aquilo que lhe era vital foi sendo, pouco a pouco, tomado: o quintal, a rua, o jardim, a praça, a várzea, o espaço-livre (PERROTTI, 1990, p. 25)”. Aliás, Perrotti lembra que Florestan Fernandes já havia observado, em seu estudo, que o processo crescente de urbanização, na São Paulo dos anos 1940, tinha implicações danosas para a desintegração dos grupos infantis.

A Ilha de Santa Catarina, ou Florianópolis, como uma cidade e uma das capitais da região centro-sul do país, também sofreu e sofre as influências e conseqüências deste fenômeno apontado por Perrotti. Os espaços da Ilha supervalorizaram-se vertiginosamente devido à especulação imobiliária e, nos últimos 50 anos, a população cresceu espantosamente, ocupando grandes dimensões territoriais, de modo que seus espaços-livres foram se tornando cada vez mais reduzidos pela pressão deste modelo de urbanização. Nesta rede de relações, as crianças se tornam cada dia mais reféns de lugares fechados, mudando radicalmente a cultura lúdica da infância atual.

Além desta constatação, a Figura 39, última a ser apresentada neste capítulo, remete, simultaneamente, a várias situações, pessoas e épocas que somente uma imagem como esta pode fazer lembrar. Esta figura faz voltar ao passado, ao tempo de infância de Seu Virgílio e

Dona Bela, rememorado nas *brincadeiras de carreira* (corrida) na areia da praia, na brincadeira de casinha em que as loucinhas eram feitas a partir das conchas encontradas na areia da praia e em tantas outras brincadeiras de suas infâncias e das infâncias das gerações passadas de crianças que viveram nesse lugar. Também pode conduzir, por exemplo, a um passado muito próximo do presente, a um passado em que lectionei Educação Física na escola municipal dessa localidade. Certo dia, um menino trouxe um folder publicitário turístico contendo exatamente a imagem da Figura 40 e mostrou, na imagem, “as marcas”<sup>69</sup> deixadas no chão da área onde se costumava brincar durante as aulas de Educação Física - uma área de muito espaço-livre.

---

<sup>69</sup> Na Figura 31 que mostra a brincadeira de *bandeira-salva*, é possível ver melhor estas marcas da brincadeira de uma geração de crianças.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegado o momento final dessa pesquisa, é hora de retornar às questões investigativas e aos objetivos daí derivados, visando, de forma provisória, apresentar respostas e anunciar caminhos, “resultados” e achados encontrados durante todo o processo teórico-metodológico da investigação.

Inicialmente, relembro que a questão investigativa foi esboçada e ficou circunscrita nos seguintes termos: *quais as dimensões lúdicas da experiência de infância que podem ser evocadas na memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de velhos açorianos de “Além-Mar”, tendo por referência os brinquedos e as brincadeiras registrados por Franklin Cascaes?* Desta pergunta de partida derivaram os objetivos, que foram assim delimitados: caracterizar as dimensões lúdicas da experiência de infância escavadas na memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e dos Açores, a partir dos registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin Cascaes; e perceber se os sujeitos investigados conheciam ou compartilhavam da cultura lúdica registrada por Franklin Cascaes, bem como conhecer ainda outros brinquedos e outras brincadeiras presentes na memória dos velhos entrevistados além daqueles assinalados por este estudioso da cultura açoriana da Ilha de Santa Catarina.

Julgo oportuno ainda ressaltar, alguns aspectos do processo reflexivo-criativo para chegar a esta configuração de pesquisa. Não foi tarefa fácil encontrar, elaborar e delimitar um problema de pesquisa que inter-relacionasse as três temáticas de interesse – Infância, Educação Física e a Obra de Franklin Cascaes -, mas busquei conduzir da melhor maneira este exercício, tanto em relação à demarcação feita, sintetizada na questão investigativa e nos objetivos traçados, quanto em relação ao caminho teórico-metodológico percorrido. A saída encontrada, ou o “insight” resposta para o problema veio com a ideia de tomar os brinquedos e as brincadeiras tradicionais na memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina como um parâmetro, um eixo comum, que transpassasse as três temáticas.

A combinação das entrevistas com os velhos, com base em elementos teóricos da história oral e da memória, contribuiu para uma significativa e substanciosa “colheita” de dados empíricos, traduzidos num material de documentação que chegou perto de 250 laudas de transcrições. Também não constituiu tarefa simples a codificação (pré-análise) de todo esse material empírico nas unidades temáticas (categorias) de análise mais recorrentes em relação à questão de

pesquisa e aos objetivos propostos. Entretanto, somente mediante a conclusão desta etapa foi possível aglutinar e identificar as unidades temáticas empíricas mais recorrentes e associá-las às unidades temáticas teóricas (a priori) para compor os capítulos que buscaram responder ao problema investigado.

**A brincadeira com referência no mundo adulto** traduz-se num dos principais achados da pesquisa, que adquiriu as seguintes características e dimensões no campo investigado: uma, que diz respeito à re-criação ou à transformação imaginária do brinquedo, realizada pela criança, em relação ao mundo real adulto do qual o brinquedo se origina e que lhe impõe determinações contínuas; outra, relacionada à brincadeira como uma preparação para a vida adulta; e também a ideia de cultura lúdica caracterizada, num só tempo, como lugar de imaginação e de elaboração de brinquedos e brincadeiras.

A primeira característica, *a re-criação ou transformação imaginária do brinquedo, realizada pela criança*, destaca a capacidade imaginativa e criativa daquelas crianças, como demonstrado nas narrativas dos entrevistados. Seu Antônio foi contundente ao enfatizar que no passado as crianças brincavam com o que tinham ao seu redor. Ora, diante da fartura de brinquedos à disposição das crianças, na época atual, pareceu pertinente ao velho ilhéu ressaltar e valorizar as alternativas das crianças do seu tempo de infância, que tinham na imaginação uma saída para efetivar seus brinquedos e suas brincadeiras. Tudo no entorno das crianças daquele tempo estava sujeito à intervenção e ao poder da imaginação infantil, como sustenta o seguinte pensamento de Benjamin (2002, p. 93): “A criança quer puxar alguma coisa e torna-se cavalo, quer brincar com areia e torna-se padeiro, quer esconder-se e torna-se bandido ou guarda.”

Este poder da imaginação infantil pode estar se perdendo nas gerações da atualidade, pois elas parecem estar mais sujeitas à influência ideológica dos padrões culturais estabelecidos pelo consumo de brinquedos produzidos pela indústria cultural do que as crianças de gerações passadas. As gerações atuais de crianças são concebidas pela indústria cultural como consumidores de brinquedos, além de se buscar transformá-las em “[...] sujeitos passivos da ação.” (OLIVEIRA, 1986, p. 91).

A segunda característica da dimensão do primeiro destaque, *a vinculação da brincadeira como uma preparação para a vida adulta ou a brincadeira espelhada no mundo adulto*, foi outra perspectiva colocada para o brinquedo com referência no mundo adulto. No depoimento de Dona Idalina e ainda em outros depoimentos, foi

recorrente esta ideia de que a infância era um tempo de ser criança, mas também um tempo de aprender o que os adultos faziam. A brincadeira de casinha e de bonecas é um bom exemplo desta dimensão lúdica da experiência de infância na memória dos velhos entrevistados.

A terceira característica da dimensão do primeiro achado, *a ideia de cultura lúdica como uma preparação para a vida adulta*, foi recorrente em muitos depoimentos, mas na narrativa de Seu Manuel é que apareceu uma vinculação da brincadeira de seu tempo de infância a uma dimensão preparatória à vida adulta, como que indutora de valores morais e de comportamentos. Seu Manuel evidenciou que o brinquedo e a brincadeira tinham a função específica de educar as crianças para serem futuros adultos, portanto, a cultura lúdica, neste caso, tinha uma função utilitarista, ou seja, consistia num meio para se atingir fins educativos.

Por fim, *a ideia de cultura lúdica contida na brincadeira com referência no mundo adulto* ainda foi caracterizada, num só tempo, como lugar de imaginação e de elaboração de brinquedos. Seu Deni reafirmou estas duas dimensões do brincar quando enalteceu o ambiente da carpintaria de seu pai como um lugar especial e marcante para as suas experiências na infância. A importância do ambiente e de pessoas que criam um “espírito vivo” capaz de propiciar o aparecimento de dimensões humanas, como a imaginação, indispensáveis ao processo criativo, constituiu uma dimensão lúdica da experiência de infância entre os depoentes.

Esta questão, circunscrita na ideia da **brincadeira com referência no mundo adulto**, pode ser representada numa expressão proferida por Seu Virgilino: “*E brincava mesmo na areia da praia fazendo mesmo como se fosse pescador [...]*”.

**A infância entre o brincar, a escola e o trabalho** constituiu outro elemento de destaque da investigação. Esta cisão temporal foi recorrente nos depoimentos e pareceu apontar para uma importância maior do mundo do trabalho no tempo de infância dos velhos entrevistados.

A ideia de infância circunscrita entre o tempo de estudo na escola, o tempo do trabalho, como uma obrigação para as crianças, e o tempo de brincar diminuído, restrito a “um bocadinho” ou até mesmo inexistente, para algumas crianças, naquele tempo passado de infância, em parte, tinha sua razão de ser justificada nas condições da realidade e nas necessidades sócio-econômicas de algumas destas famílias, embora Cascaes (1989b) e Flores (1995) tenham registrado uma prevalência de um tempo vivido com dimensões de inteireza, porque os moradores nas

localidades interioranas da Ilha conviviam num modo de vida em muito regulado pelos ciclos da natureza e das tradições, portanto, mais próximos das características do tempo kairós, da junção dos vários tempos num só. Naquela época, entre 1930 e 1950, as crianças participavam do cotidiano das famílias e, desde cedo, eram iniciadas nas atividades de subsistência do grupo, seja ajudando nas tarefas de manutenção da casa, seja no trabalho da lavoura, na criação dos animais ou em outros trabalhos domésticos.

Enfim, a dimensão lúdica da experiência de infância circunscrita entre o tempo de estudo na escola, o trabalho doméstico e uma horinha para brincar, apesar de se apresentar nas narrativas dos velhos ilhéus como uma cisão temporal, de certo modo, também assinala a ideia de uma infância integrada num tempo cíclico e vinculada ao modo de vida típico daquela época, quando as crianças brincavam inseridas num tempo tomado pelas dimensões de unidade, intensidade e simultaneidade.

**A ideia de infância como um tempo feliz e próximo da natureza** traduziu-se em mais um achado. Mas por qual razão grande parte do conjunto dos velhos narradores manifestou uma ideia de infância caracterizada como um tempo feliz e próximo da natureza?

Uma resposta possível encontrada para a questão diz respeito ao fato das localidades interioranas da Ilha de Santa Catarina, entre 1930 e 1950, permanecerem ainda distantes do centro histórico e político-administrativo da Ilha. Tal distanciamento promovia certo isolamento e um modo próprio de vida dessas freguesias. Cascaes (1989b), em suas pesquisas, percebeu esta situação de distanciamento e isolamento e também registrou as facetas de um modo de vida que parecia estar condenado ao desmonte e esquecimento pelas ações dos interesses de modernização e urbanização que começavam a ser projetados e executados na região central da cidade pela elite política dirigente da época. O artista-folclorista dizia que, naqueles tempos, havia muitas árvores entre as casas, não existindo praticamente qualquer tipo de cerca, tudo era aberto. As crianças tinham uma imensidão de área de pastos para correr e brincar. Elas também se esbaldavam em carreiras e brincadeiras pelas praias. A fotografia panorâmica, que foi apresentada na Figura 16 (Capítulo 2) da região da Lagoa da Conceição, vista do alto Morro da Lagoa, fornece uma ideia da vastidão de espaço “livre” predominante à época, por volta dos anos 1950, nas várias freguesias da Ilha.

O depoimento de Dona Lucimar expôs esta proximidade de uma infância colada à natureza, fato recorrente nas narrativas da maioria dos



entrevistados quando situam suas vidas de crianças em harmonia com a natureza, junto das plantações de subsistência próximas às moradias, principalmente cafezais, denotando que a liberdade para brincar junto da natureza era um elemento importante na formação humana na época de infância dos velhos entrevistados. Dona Cota também testemunhou esta cumplicidade com a natureza ao fazer referência às brincadeiras embaixo dos “cafezeiros”, plantações comuns nas freguesias da Ilha naquela época. A anciã evidenciou esta integração com os elementos da natureza à sua volta quando narrou que ela e seus parceiros de brincadeira, debaixo do “cafezeiro”, experimentavam um sentimento de pertença à natureza.

Em resumo, a ideia de *infância como tempo feliz e próximo da natureza* encerra uma dimensão de infância vivida pelos velhos ilhéus açorianos “daqui” e de “Além-Mar”. Nas narrativas do tempo passado de criança destes velhos, a infância era um tempo de brincar na rua, de brincar em grupo, de casinha e de fazer comidinha, de organizar dois times e brincar de bola, de brincar embaixo do cafezal, enfim, de brincar com possibilidade de interação com a natureza porque eram parte dela e porque viveram este tempo de infância numa época em que o modo de vida na Ilha (a pesca, agricultura e tradições) também se orientava pelos ciclos da natureza, regidos pelas mudanças das estações do ano.

**A transmissão intergeracional dos brinquedos e das brincadeiras** foi mais uma dimensão da experiência lúdica de infância encontrada no campo investigado, pois aponta para as possibilidades de inter-relação entre velhice e infância via memória do brincar. Esta possibilidade foi indicada por Bosi (1994), que reafirma que o testemunho de um velho constitui uma experiência em profundidade, marcada por sentimentos de nostalgia e alegria, e inclusive de indignação com a perda de paisagens tidas como referências e de saudade dos entes queridos. Também recorri a esta autora, no início da pesquisa, para fazer a seguinte indagação: “[...] onde estão as brincadeiras, os jogos, os cantos e danças de outrora? Nas lembranças de velhos aparecem e nos surpreendem pela sua riqueza.” (BOSI, 1994, p. 82).

Para a autora citada, os velhos entregam-se com plenitude aos seus tempos de criança, revelando detalhes valiosos de uma época passada. Esta função social de rememoração, típica dos velhos, está diretamente ligada à transmissão intergeracional, incluída aí também a transmissão da experiência da cultura lúdica. Neste sentido, provocar o trabalho de memória nos velhos constitui condição necessária para a transmissão intergeracional, especialmente em contextos em que os

velhos são colocados à margem dos processos societários contemporâneos.

No campo pesquisado, o depoimento de Seu Bento é ilustrativo desta dimensão lúdica da experiência de infância, pois ele assinalou a diferença e a mudança na transmissão intergeracional da cultura lúdica quando destacou que a geração imediatamente descendente da sua ainda podia brincar com muitos elementos da cultura lúdica da sua geração. Em outras palavras, tanto a geração do Seu Bento como a geração dos seus filhos foi ainda capaz de confeccionar os próprios brinquedos e brincadeiras. Da mesma forma Dona Maroca enalteceu esta aproximação existente entre a geração de seu pai e a sua, quanto aos cuidados relativos à transmissão da cultura lúdica. Seu pai costumava confeccionar e ensinava a fazer brinquedos, como a perna de pau, o carrinho de mão e o cavalinho de bambu. Enfim, foi recorrente, em grande parte das narrativas, o fato das brincadeiras e dos brinquedos do tempo de infância dos entrevistados terem alcançado, com maior ressonância, o tempo de infância dos filhos, e tenderem ao desaparecimento no tempo de infância dos netos, que ainda brincam com brinquedos e brincadeiras de antigamente, mas são muito mais atraídos pelo mundo dos brinquedos tecnológicos, hoje disseminados pela indústria cultural, a preços acessíveis, entre as camadas populares.

A percepção sobre as mudanças ocorridas entre a cultura lúdica das gerações passadas e a das gerações atuais, nos depoimentos dos velhos, pode ser explicada quando Qvortrup (2010) exemplifica sua concepção de infância como uma categoria geracional a partir das alterações que os desenvolvimentos demográficos provocam nas relações intergeracionais, com significativos impactos sobre as crianças.

Os velhos ilhéus, tanto os da Ilha de Santa Catarina quanto os dos Açores, quando perguntados se lembravam de momentos de transmissão de brinquedos e brincadeiras, da própria confecção aos modos de brincar, tanto em relação às gerações passadas, ascendentes, de seus pais e avós, quanto em relação às gerações descendentes, de seus filhos e netos, expuseram ideias comuns que podem ser assim resumidas: até a sua geração, havia uma tradição de transmissão da cultura lúdica popular, chegando à geração dos filhos com menos intensidade. Já a geração dos filhos sofreu as primeiras influências de uma emergente indústria cultural dos brinquedos e esta, por sua vez, passou a atuar de forma praticamente hegemônica na geração dos netos e dos demais descendentes. Portanto, esta última geração praticamente desconhece ou está sendo deserdada de uma cultura lúdica de brinquedos e brincadeiras populares comuns às gerações passadas.

Os estudos de Bosi (1994) e Qvortrup (2010) ajudam a pensar sobre esse desafio. Com Bosi, a partir da contribuição dos velhos como guardiões da riqueza do passado, há uma possibilidade de reencontro da criança contemporânea com uma cultura lúdica viva na memória dos velhos, em particular, nas lembranças realizadas pelos velhos ilhéus. Com Qvortrup, a partir de seu otimismo sobre um futuro em que prevê as crianças em vantagem de conhecimento tecnológico em relação aos velhos, mas em contrapartida, também prevê que os velhos, no futuro, serão mais numerosos, portanto, detentores de mais poder político. Este fato sinaliza para a possibilidade de considerar estes aspectos nos processos formativos voltados para as crianças, de modo a promover encontros construtivos entre velhos e crianças, tendo a cultura lúdica de infância como pauta destes encontros.

**O local de uma infância remota com imensidão de espaço para brincar** constituiu outra dimensão lúdica da experiência de infância que emergiu nas narrativas do tempo de infância dos velhos ilhéus, guardiões de uma memória remota de cultura lúdica da Ilha de Santa Catarina. Efetivamente, vários entrevistados contaram que as crianças daquela época brincavam a “rédeas soltas” pelas ruas das freguesias em que viviam e pelos grandes quintais das suas casas, pois ainda havia, por todo o território da Ilha de Santa Catarina, especialmente nas localidades interioranas, uma relação mais harmoniosa com a natureza.

Outrora, naquele espaço e tempo das infâncias dos velhos ilhéus, entre 1930 e 1950, havia um mundo de coisas para inventar brinquedos e brincadeiras, espaço aberto em meio à natureza, com segurança para explorar no ato de brincar, como sugerido no depoimento de Seu Bento ao evidenciar o fato de que no seu tempo de infância se criava as crianças a “rédeas soltas”.

Havia, de fato, muitos espaços disponíveis nas várias localidades onde residiam, nas freguesias e no entorno cultivado das moradias, e assim, as crianças podiam brincar à vontade, tendo uma imensidão de espaço à disposição. Isto propiciava uma experiência de infância repleta de brinquedos e brincadeiras em meio à natureza, que se tornava, então, elemento constitutivo da cultura lúdica, pelas possibilidades estáticas e também pela riqueza de materiais para a construção de brinquedos. As possibilidades eram variadas, seja oferecendo-se às crianças na forma de sombra para o sol, um pasto grande pelo qual as crianças podiam correr e rolar, uma extensão de areia de praia para também correr e cair sem se machucar. Esta abundância de paisagens naturais à disposição das

crianças era um fator determinante na infância dos velhos entrevistados e que contrasta com o cotidiano da infância atual.

Criar as crianças a “rédeas soltas” pode traduzir também um sentido de liberdade segundo o qual as crianças cresciam e se desenvolviam junto das outras crianças do grupo familiar e de grupos vizinhos, em contato direto com a natureza, com os animais domésticos, portanto, colocadas diante de muitas situações em que necessitavam realizar escolhas, tomar decisões, muitas vezes sozinhas ou então no interior das dinâmicas de convivência dos grupos que integravam. As crianças também tinham que superar desafios e problemas de diversas ordens. Enfim, a ideia de liberdade, colocada pela imensidão de espaço para brincar, parece implicar numa aprendizagem da cultura lúdica que tinha lugar no interior desses grupos de crianças.

Brincar a “rédeas soltas” ainda estava relacionado ao fato das crianças viverem em freguesias onde prevaleciam interações sociais caracterizadas pelos cuidados recíprocos. Um modo de vida marcado por princípios de coletividade e solidariedade, típico destas comunidades interioranas da Ilha e ainda forte à época de infância dos moradores entrevistados, como testemunharam em suas narrativas. Este sentido, de uma criação da infância em irmandade, conduz a um tempo em que as crianças podiam brincar juntas na vizinhança das moradias e nos arredores da freguesia. Tal condição permitia muitas trocas entre crianças maiores e menores, facilitando uma experiência única com as paisagens locais, naturais e construídas daquela época.

Entretanto, como sustenta Lohn (2007), este local de grandes espaços livres passaria a sofrer as conseqüências do processo de transformação de Florianópolis, desencadeado nas décadas subseqüentes ao período de infância dos entrevistados, o qual buscou colocar a cidade num alinhamento com os parâmetros exigidos pela tendência crescente de modernização e urbanização, conseqüência de uma lógica de desenvolvimento para o país e reflexo de um modelo que se pretende global, suplantando os traços antigos que caracterizavam a cidade.

Com relação a este processo de transformação da cidade, que Cascaes (1989b) via como um desmonte da cultura açoriana na Ilha de Santa Catarina, ao longo dos últimos tempos, há dois aspectos pertinentes ao tema investigado: um esvaziamento gradativo da identidade açoriana, com o conseqüente desaparecimento e esquecimento de brinquedos e brincadeiras pertencentes a essa identidade; e a crescente diminuição de espaços abertos de uso relativamente livres por todo o território da Ilha, os chamados terrenos baldios, que costumavam ser utilizados pelas crianças para as suas

brincadeiras. Hoje, tais espaços estão quase todos dominados pela fúria da especulação imobiliária, que promoveu um tipo de mercantilização do solo urbano. Assim, percebe-se que onde havia, outrora, espaços e equipamentos naturais (várzeas, terrenos baldios e outros) ou equipamentos públicos para as crianças e jovens (praças, parques), existem, hoje, *shoppings centers* construídos sobre mananciais ecológicos (manguezais), condomínios fechados e residências de luxo para as elites (NASCIMENTO, 2009).

A escavação da memória dos velhos ilhéus, ao revelar um local de infância com uma imensidão de espaço para brincar a “rédeas soltas” sinaliza com um alerta para o tempo presente e futuro: em que espaços brincam as crianças do presente nas várias localidades da Ilha? E que espaços serão preservados, na Ilha, para as futuras gerações de crianças poderem brincar? Estas questões exigem reflexões urgentes no tempo presente, pois a marcha sem freio da urbanização da Ilha parece ter como objetivo apenas a especulação imobiliária e os interesses político-partidários vinculados à elite da cidade.

Seu Valdemar demonstrou sua admiração e também indignação pela mudança rápida do local de sua infância, o Morro do 25, e de toda Ilha de Santa Catarina: “[...] *É, claro! Se por caso eu caísse desmaiado muitos anos e acordasse eu desmaiaria de novo com o progresso que houve ali. [...] A Ilha está completamente modificada! Sem dúvida nenhuma, pru tempo da televisão, pru tempo do computador.*” (Seu Valdemar – Centro, no Morro do 25 - em 03/08/2009).

**O reconhecimento dos registros de brinquedos e brincadeiras de Franklin Cascaes na rememoração dos velhos moradores** entrevistados foi quase unânime com relação às brincadeiras e aos brinquedos registrados através das esculturas de argila. Quando mostrei aos entrevistados o conjunto de fotografias destas esculturas representando a dança do boi de mamão, os cavalinhos de folha de coqueiro e de cana do reino, menino soltando pandorga, menino jogando o pião, meninos jogando bolinha de gude, dentre outras, obtive respostas rápidas de reconhecimento, seguidas de narrativas que ilustravam o envolvimento do entrevistado com a cultura lúdica de tempos de outrora da Ilha de Santa Catarina, eternizadas nas esculturas de Cascaes. Entretanto, as fotografias de brinquedos e brincadeiras registradas por Cascaes através de desenhos, ao serem mostradas aos entrevistados, não despertaram nestes muitas lembranças, com exceção das fotos dos desenhos de algumas brincadeiras mais conhecidas, como a corrida do saco, a corrida do ovo na colher, a brincadeira de quebrar o pote e o pau de sebo.

De todo modo, foi possível constatar e confirmar uma grande convergência entre os registros efetuados por Cascaes e a rememoração dos velhos moradores em relação aos brinquedos e às brincadeiras próprias da cultura lúdica de um tempo passado da Ilha de Santa Catarina. Destaco ainda que tanto os velhos açorianos “daqui” quanto os de “Além-Mar” apreciaram com admiração e saudosismo as fotografias com os registros dos brinquedos e brincadeiras feitos por Cascaes. Com saudosismo porque puderam rememorar suas infâncias, e com admiração porque Cascaes, por meio de sua arte, soube eternizar para as gerações futuras a cultura infantil das gerações passadas.

**A rememoração de outros brinquedos e outras brincadeiras do tempo de infância dos velhos moradores**, como as cantigas de roda, mereceu igualmente destaque na pesquisa, apesar de Cascaes ter mencionado em seus registros brincadeiras de ciranda de roda, especialmente a da ratoeira, conforme indica o estudo de Piacentini (2010). Os entrevistados também rememoraram a *ratoeira* como uma brincadeira de roda com coreografia, canto e dominada pelas ações das meninas, embora os meninos formassem pares com elas.

Por conseguinte, a rememoração de outros brinquedos e outras brincadeiras do tempo de infância dos velhos moradores não registrados na obra de Cascaes trouxe como contribuição as brincadeiras de roda, ou cantigas de roda, ou rondas infantis, tão presentes na cultura lúdica de infância dos tempos passados. Especialmente na narrativa da ex-professora Dona Das Graças, percebi que estas brincadeiras de roda foram difundidas na cultura escolar e, com menos intensidade, ainda alcançam ressonância no meio escolar no tempo presente.

**A experiência de construção dos brinquedos e das brincadeiras na memória de velhos e os registros iconográficos de Franklin Cascaes**, foi confirmado em todas as narrativas do conjunto de entrevistados. Eles e elas, no tempo de suas infâncias, constituíam-se nos artífices de seus próprios brinquedos, aliás, o ritual de confecção dos brinquedos integrava o tempo da brincadeira, desde a busca pelo material, que era geralmente encontrado no meio natural, ou de restos aproveitados do mundo de trabalho dos adultos, até a produção artesanal do brinquedo.

Penso ser conveniente destacar ainda que este processo de construção do brinquedo realizado em grupo sinalizava também para um modo de vida comunitário e co-participativo entre as crianças, comum à época de infância dos narradores. Outra dimensão ainda presente nessa experiência diz respeito à capacidade e habilidade para a produção dos próprios brinquedos, que estava ligada ao fato de que a vida das crianças

transcorria bem próxima ao mundo de trabalho dos pais, o qual se situava no entorno da moradia: no cultivo da terra, na lida com a criação dos animais, no trabalho do engenho de farinha, nas atividades derivadas da pesca junto aos ranchos dos barcos e das canoas. Enfim, as crianças eram co-partícipes destas atividades laborais de subsistência, portanto, estavam muito próximas dos conhecimentos e das técnicas empregadas pelos adultos nestas atividades.

Dessa forma, entendo que as crianças, no tempo de infância de Seu Bento e dos outros velhos moradores entrevistados em “Açores Aqui” e em “Açores Além-Mar”, ao produzirem muitos de seus brinquedos, também produziam e reproduziam cultura. Um exemplo marcante da confecção de brinquedo foi dado por Seu Valdir, um açoriano de “Além-Mar”. O ancião costuma construir um brinquedo chamado de “cri-cri” para presentear as crianças que passam pela porta de seu porão de atividades quando vão ou voltam da escola, que fica ao final de sua rua. O “cri-cri” é um brinquedo musical feito com cana do reino ou bambu e que emite um som que se assemelha ao som produzido pelos grilos. Para Seu Valdir, poder construir brinquedos antigos do seu tempo de infância representa uma forma de se re-encontrar com o passado e, ao mesmo tempo, por meio de um brinquedo, de dizer deste passado às crianças, pois os brinquedos e as brincadeiras costumam encantá-las. Este exemplo se aproxima da ideia benjaminiana de rememoração: “[...] uma ocasião de revigorar o tempo presente, em constante tensão com um passado em aberto.” (CABRAL, 2009, p. 247).

Há ainda um último aspecto desta dimensão lúdica da experiência de construção dos próprios brinquedos, marcada pelas seguintes características: esta experiência era coletiva, ou seja, as crianças costumavam brincar em grupos, e tinha uma forte relação com o meio, o local onde ocorriam as brincadeiras, pois este também fornecia muitos e variados tipos de materiais. Enfim, as crianças tinham um universo de possibilidades para produzirem seus brinquedos, sua cultura lúdica.

**Os lugares de infância na memória de velhos e os registros iconográficos de Franklin Cascaes** também proporcionou alguns achados em relação às características dos locais que as crianças de antigamente tinham para brincar.

A memória do local, predominante nos depoimentos, foi a de uma área livre, aberta e grande, portanto, adequada ao mundo de brincadeiras das crianças da geração dos entrevistados, onde podiam brincar muito, em grupo e com brinquedos e brincadeiras da cultura lúdica tradicional, como o pega-pega, o pular corda, a bolinha de vidro e outros.

Esta escavação do passado possibilitou que os velhos ilhéus açorianos, “daqui” e de “Além-Mar”, experimentassem um momento de reconciliação com o passado. Assim, à medida que realizavam memórias de infância e, simultaneamente, deixavam pistas, rastros destas experiências passadas para o presente e futuro. Nesse sentido, como resultado das reminiscências dos entrevistados, foi possível pensar a respeito do presente da cidade e, ao mesmo tempo, ter uma pista para o seu futuro diante da seguinte constatação: a cidade enveredou pelos caminhos do progresso, da modernização e urbanização, sem considerar a necessidade de salvaguardar espaços públicos, extensos, livres e abertos para as futuras gerações poderem brincar.

Sustento esta posição com base nas argumentações apresentadas por Perrotti (1990, p. 24), que considera que o “[...] espaço-livre é condição indispensável para a constituição da cultura infantil [...]”. Entretanto, para o autor, as circunstâncias da expansão do capitalismo, no Brasil, pautaram-se num modelo de concentração da renda que acabou por gerar um processo crescente de empobrecimento da população, especialmente da rural que, para fugir da miséria, foi se juntar às populações das cidades, principalmente das capitais das regiões sudeste e sul do país.

No entendimento de Perrotti (1990), este fenômeno também trouxe implicações para a cultura lúdica de infância. Segundo o mesmo autor, o mundo da criança “[...] sofreria, em decorrência, conseqüências fatais. Aquilo que lhe era vital foi sendo, pouco a pouco, tomado: o quintal, a rua, o jardim, a praça, a várzea, o espaço-livre”. (PERROTTI, 1990, p. 25). Aliás, Perrotti lembra que Florestan Fernandes já observara, em seu estudo, que o processo crescente de urbanização, na São Paulo dos anos 1940, tivera implicações danosas para a desintegração dos grupos infantis.

Florianópolis, como uma cidade e uma das capitais da região centro-sul do país, também sofreu e sofre as influências e conseqüências desse fenômeno apontado por Perrotti. Os espaços da Ilha supervalorizaram-se devido à especulação imobiliária e nos últimos 50 anos a população cresceu espantosamente, ocupando grandes dimensões territoriais da Ilha, sendo que seus espaços-livres foram se tornando cada vez mais reduzidos pela pressão deste modelo de urbanização. Nesta rede de relações, as crianças tornam-se cada dia mais reféns de lugares fechados, mudando significativamente o ambiente, a cultura material e imaterial da infância atual.



Cabe mencionar também as incompletudes e o caráter provisório das soluções encontradas para o problema da pesquisa em foco, ainda que estas soluções tenham conseguido materializar algumas das dimensões lúdicas da experiência de infância contida na memória dos velhos ilhéus entrevistados, como visto anteriormente.

Uma destas incompletudes diz respeito à tensão entre tradição e modernidade, que transpassa toda investigação. Inclusive, na fase de definição e composição dos capítulos, cheguei a pensar em desenvolver um capítulo específico para realizar reflexões sobre tradição e modernidade e suas relações com a cultura lúdica na infância, a partir da perspectiva dos velhos. Com este intuito, ensaiei algumas ideias a respeito, levantando os seguintes questionamentos: como pensar e expor reflexões em relação à tradição e a modernidade no contexto da cultura lúdica? E como pensar a tradição e a modernidade nas suas relações com a cultura lúdica na infância e na velhice? A ideia, aqui, é apresentar algumas pistas que ajudem a compreender a cultura lúdica nas relações entre tradição e modernidade e entre infância e velhice, tendo em vista que há, nos depoimentos dos velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e dos Açores, muitos elementos impregnados de tradição e modernidade e que são atravessados ora por certo saudosismo da tradição, ora por uma angústia com relação à modernidade. Este fenômeno pode ser um pouco melhor compreendido no depoimento a seguir, em que Seu Virgilino expõe a ideia de uma vida comunitária de antigamente em contraposição com a vida individualista no tempo atual:

**Mas tinha essa coisa de as pessoas se... contar história na casa um do outro, a família se juntar mais, era melhor do que agora! [...] Hoje tá todo mundo se desligando**, entendeu? E tem outra coisa, um lugar como a Barra aqui, eu embarco no ônibus aqui e não conheço ninguém! [...] Tu acredita nisso? [...] Diversas vezes eu venho notando isso a gente embarca, não tem? O ônibus lotado e eu não conheço ninguém, lá... depois embarca dois ou três nativos daqui. Até a própria criação de agora das pessoas, de 14, 18, 20 anos que tão estudando, é filho de quem? É filho de quem? **A coisa mudou!** (Seu Virgilino – Barra da Lagoa - 07/09/2009 - grifos nossos).

Nota-se, no depoimento de Seu Virgilino, uma exaltação da vida vivida em comunidade, em que todos se conheciam, mantendo relações

de trabalho e familiares muito próximas, encontravam-se para contar histórias, isto é, exercitavam a tradição da transmissão oral de fatos e histórias vividas e contadas por gerações anteriores. Observei também um estranhamento, um desconforto com esta mudança de costumes e modo de vida colocada pela modernidade, no caso, aqui, com o aumento exponencial da população do lugar do entrevistado, com a chegada de vários tipos de migrantes de longínquos universos culturais, com a urbanização crescente a inchar o espaço, dentre outras características da modernidade que fazem desaparecer os elementos da tradição. Há que registrar ainda que o depoimento desse entrevistado apresenta-se carregado de uma das características mais elementares emergida com a força da razão nos primórdios da época moderna, negada pela crescente funcionalização desta mesma sociedade moderna, ou seja, “[...] o insinuar do espanto face ao que é como é.” (ARENDDT, 2009, p. 68).

A entrada no debate sobre tradição e modernidade também poderia ajudar a compreender porque, geralmente, algumas tentativas de re-vivência de brincadeiras e brinquedos tradicionais populares terminam por tratá-los apenas como uma coisa do passado, como algo destituído de força de tensão frente à hegemonia dos brinquedos produzidos pela indústria cultural, em vez de observá-los como um elemento de memória e tensão frente aos imperativos da ordem político-social dominante, esta cada vez mais com características de uma modernidade líquida, conforme denuncia Baumam (2001).

Novas indagações, derivadas da investigação, podem ainda ser pensadas. Neste momento, uma poderia ser formulada nos seguintes termos: *que possibilidades de contribuição a partir das dimensões lúdicas da experiência de infância escavadas aqui na memória dos velhos entrevistados poderiam se traduzir em elementos para se pensar a intervenção pedagógica com crianças na contemporaneidade?* Uma primeira consideração seria a de que a possibilidade de encontro entre velhos e crianças, por si só, já seria interessante, pois, como vivem nas pontas da vida e fora dos esquemas de obrigações e responsabilidades produtivas da sociedade, estes indivíduos estão mais desarmados e disponíveis para se encontrar e para realizar trocas, especialmente na dimensão lúdica da experiência da vida.

Uma dificuldade e também um desafio colocado às possibilidades de contribuição das dimensões encontradas se traduzirem em elementos para se pensar na intervenção pedagógica com crianças no tempo

presente, diz respeito ao cuidado de se contextualizar<sup>70</sup> a cultura lúdica de gerações passadas para as atuais gerações de crianças sem perder aquilo que os brinquedos e brincadeiras antigas trazem de grande preciosidade: ser elo com outro tempo. Pois algumas abordagens correntes no meio educacional tendem a se apropriar e utilizar esse tema como meio para atingir finalidades pedagógicas pouco relacionadas à natureza e complexidade dos brinquedos e das brincadeiras tradicionais. Em contraposição a isso, os brinquedos e brincadeiras tradicionais também carregam uma marca de contraponto à lógica dominante na indústria cultural dos brinquedos, que concebe a criança como uma consumidora passiva e conformada com a realidade. Aliás, alguns autores, dentre eles Souza e Silva; Garcia; Ferrari (1989, p. 125) também alertam sobre o fato das brincadeiras tradicionais conterem “[...] elementos da tradição e que podem ser ressignificados no presente e dar inteligibilidade e sentido à história de cada um, bem como à história do coletivo.” Além disso, outro desafio imperioso a ser considerado quando se pensa a cultura lúdica para a intervenção pedagógica com crianças está em outro sinal deixado por Benjamin (2002, p. 87): “Mas há algo que não pode ser esquecido: jamais são os adultos que executam a correção mais eficaz dos brinquedos – sejam eles pedagogos, fabricantes ou literatos –, mas as crianças mesmas, no próprio ato de brincar.”

Kramer (2009), com referência no pensamento de Benjamin, ajuda a pensar este desafio, apontando algumas pistas. Assim, no seu entendimento,

[...] pensar a educação com Benjamin é pensar o mundo e os acontecimentos ao contrário, compreender a história e a educação a contrapelo, ou seja, na direção contrária a esperada. É manter-se crítico, entendendo que a história passada poderia ter sido diferente e o futuro pode ser diverso do que o presente sugere ou do que se deduz. Pensar a educação e a prática educativa à luz dos ensaios e fragmentos de Benjamin exige

---

<sup>70</sup> Como tentativas de se pensar os brinquedos e as brincadeiras tradicionais em contextos de intervenção pedagógica com crianças, ver os seguintes artigos: num plano mais específico, como uma tentativa que procurou abordar as brincadeiras açorianas com referência nos registros de Cascaes, tem-se a experiência desenvolvida por Peters, Vaz e Losso (2002), “*Identidade cultural e infância em uma experiência curricular integrada a partir do resgate das brincadeiras açorianas*”; e num plano mais geral, destaca-se o artigo de Faria Júnior (1996), “*A reinserção dos jogos populares nos programas escolares*”, que aborda as dificuldades dessa reinserção no contexto escolar.

indagar sobre o tempo em que vivemos e sobre o papel da escola; exige reverter a posição da escola que, com frequência, quer transmitir o passado para preparar um suposto futuro, mas deixa o presente intocado, sem mudança, muitas vezes sem sentido (KRAMER, 2009, p. 299).

Estas pistas de Kramer são instigantes e provocadoras para se pensar intervenções pedagógicas (políticas) para as crianças no tempo presente, contudo, a autora também deixa um importante alerta: “Se cada época não somente sonha a seguinte, mas ao sonhá-la, força-a a despertar, me pego pensando, não poucas vezes, se nossa época (e geração) se demitiu desta função política e educativa.” (KRAMER, 2009, p. 302).

Outra indagação, igualmente derivada da investigação, pode ser colocada da seguinte maneira: face à crescente urbanização das cidades, quais as perspectivas da cultura lúdica de infância, expressa nos brinquedos e nas brincadeiras tradicionais? O campo investigado deixou algumas pistas para se pensar um roteiro de buscas para respostas à indagação e que se aproximam de estudos que abordam o tema cidade e infância, como o de Debortoli; Martins; Martins (2008, p. 42-43), para quem a

[...] relação entre cidade e infância não pode ser compreendida tão-somente pelas formas em que se apresentam. É preciso ir além e alcançar o seu movimento na reprodução social. Isso porque as (im)possibilidades de experiências de infância no urbano contemporâneo vão ganhando contornos e visibilidades que se revelam, cada vez mais, pela privatização, pelo isolamento, por uma vida cotidiana cada vez mais programada e mediada pela cultura do consumo (DEBORTOLI; MARTINS; MARTINS, 2008, p. 42).

Num suspiro final, para fechar, por ora, estas conclusões da pesquisa, retorno agora às imagens das Figuras 1 e 34, que retratam uma das situações fundadoras e um dos registros feitos por Cascaes, para dizer que elas se aproximam da ideia de “imagens dialéticas”, pois são capazes de fazerem “[...] o presente, em correspondência com o passado, aparecer como o passado de seu próprio futuro, anulando, na atualidade, a marcha monótona da história.” (CASTRO, 2009, p. 213-214).

Figura 1 – Crianças soltando pandorga.



Figura 34 – Menino soltando pandorga.



Estas imagens constituem uma síntese da inter-relação, buscada e tensionada na investigação, entre Infância e Educação Física, mediada pelos registros de brinquedos e brincadeiras contidos na obra de

Franklin Cascaes e pelos depoimentos da memória lúdica de infância de velhos moradores de Açores “Aqui” e de Açores “Além-Mar”.

Face ao exposto, esta pesquisa chega, provisoriamente, ao seu final, trazendo o enorme desafio de poder, com seus achados, realizar incursões pedagógicas intergeracionais nos âmbitos formais (escola), informais (grupos espontâneos) e não-formais (grupos e movimentos sociais organizados). Esta tese traz em seu bojo desafios ontológicos, epistemológicos e político-pedagógicos, no sentido de tencionar a produção cultural das crianças e velhos. Aos velhos cabe a tarefa emancipatória de se apropriar das lembranças vivas presentes nos baús da memória. Às crianças cabe a possibilidade de, a partir da sua inserção crítica e criativa na vida cotidiana - juntamente com os velhos e adultos (educadores) - criar história e cultura. A ambos cabe a tarefa de se apropriar das chaves para a interpretação e transformação de práticas sociais lúdicas, práticas estas situadas nas possíveis mediações entre tradição e modernidade.

Os achados aqui apresentados constituem bons indicativos de perspectivas para a cultura lúdica de infância, pautada nos brinquedos e brincadeiras tradicionais, para se pensar e organizar intervenções pedagógicas intergeracionais em ambientes formais e não formais de educação, onde infância e velhice, crianças e velhos possam se encontrar mediados por adultos.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. A sociologia da infância no Brasil: uma área em construção. **Educação**, Santa Maria, v. 35, nº 1, p. 39-52, jan./abr. 2010.
- AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Ouvi contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALMEIDA, Danielle B L. de. Sobre brinquedos e infância: aspectos da experiência e da cultura do brincar. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 27, n. 95, p. 541-551, mai./ago. 2006.
- ALMEIDA, Ana Nunes de. **Para uma sociologia da infância**: jogos de olhares, pistas para a investigação. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.
- AMADO, João; HASSE, Manuela. **Jogos tradicionais infantis**. Lisboa (PT): Instituto de Apoio à Criança, 1992.
- AMADO, João. **Universo dos brinquedos populares**. 2 ed. Coimbra (PT): Editora Quarteto, 2007.
- ANDERY, Maria A. et al. **Para compreender a ciência**: uma perspectiva histórica. 15 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- ARAÚJO, Hermetes de. **A invenção do litoral**: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na primeira república. 1989. 216 f. Dissertação (Mestrado) – PUC, Programa de Pós-graduação em História, São Paulo, 1989.
- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- ARIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BATISTELA, Kellyn. **Alegorias da modernidade na Florianópolis de 1960 e 1970**. 2007. 261 f. Dissertação (Mestrado) - UFSC, Programa de Pós-Graduação em Literatura. Florianópolis, 2007.
- \_\_\_\_\_. Da palavra ao texto: a experiência do narrador Cascaes. **O Catarina** (especial), Florianópolis, n. 68, p. 8-9, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BECK, Annamaria. Lavradores e pescadores: um estudo sobre trabalho familiar e trabalho acessório. Trabalho apresentado para concurso de

professor titular no Centro de Ciências Humanas – UFSC, Florianópolis, 1979.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política.** 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **Obras escolhidas II. Rua de mão única.** 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, 3ª reimpressão, 2000.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.

BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade.** São Paulo: Movimento, 1991.

BODGAN, R. C.; BIKLEN, S. K.. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas (SP), n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr., 2002.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê, 2003.

BOTO, Carlota. A invenção do Emílio como conjectura: opção metodológica da escrita de Rousseau. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n.1, p. 207-225, jan./abr., 2010.

BRACHT, Walter. **Educação física e aprendizagem social.** 2 ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 17 abr. 2011.

BRASIL. Prefeitura Municipal de Florianópolis – PMF. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br>>. Acesso em: 25 set. 2008.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedos e companhia.** São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. **Brinquedo e cultura.** 7 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CABRAL, Márcia. Infância: apontamentos sobre experiência e formação. In: SOUZA, Solange Jobim e; KRAMER, Sonia. (Orgs.). **Política, cidade, educação: itinerários de Walter Benjamin.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2009.

CAMPOS, Nazareno José de. **Terras comunais na Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis: Editora da UFSC: Fundação Catarinense de Cultura, 1991.



- CASCAES, Franklin. **O Fantástico na Ilha de Santa Catarina**. 3 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989a.
- \_\_\_\_\_. **Franklin Cascaes: vida e arte, e colonização açoriana**. 2 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989b.
- CASCO, Patrícia. **Tradição e criação de jogos: reflexões e propostas para uma cultura lúdico-corporal**. São Paulo: Peirópolis, 2008.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3 ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1972.
- CASTRO, Cláudia Maria de. A arte de caças borboletas. In: SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sonia. (Orgs.). **Política, cidade, educação: itinerários de Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2009.
- CECCA/FNMA. Uma cidade numa Ilha: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 1996.
- CERIZARA, Ana Beatriz. **Rousseau: a educação na infância**. São Paulo: Scipione, 1990.
- CORSARO, William. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto (PT), FPCE/UP/PT. 2002, n. 17, p. 113-134, 2002.
- DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira, MARTINS, Maria de Fátima Almeida; MARTINS, Sérgio (Orgs.). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- d’EÇA, Othon Gama. **Homens e algas**. Florianópolis: Insular, 2003.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e produção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- DESLANDES, S. F.. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de S.. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2004b.
- FANTIN, Mônica. **No mundo da brincadeira: jogo, brinquedo e cultura na educação infantil**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de. A reinserção dos jogos populares nos programas escolares. **Motrivivência**, Ano VIII, n. 9, p. 44-65, dez. 1996.
- FERNANDES, Florestan. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FERREIRA, Francisco A. C.. Natureza e projeto urbano na Ilha de Santa Catarina. In: PIMENTA, Margareth de Castro Afeche (Org.). **Florianópolis: do outro lado do espelho**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9 ed., Rio de Janeiro: LTC, 2007.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. Teatros da vida, cenários da história, a farra do boi e outras festas na Ilha de Santa Catarina: leitura e interpretação. 1991. 341f. Tese (Doutorado) – PUC, Programa de Pós-Graduação em História. São Paulo, 1991.

\_\_\_\_\_. Entre a casa e a rua... memória feminina das festas açorianas no sul do Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 4, p.117-142, 1995.

\_\_\_\_\_. **A Farra do boi**: palavras, sentidos, ficções. 2 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.

\_\_\_\_\_. **Povoadores da fronteira**: os casais açorianos rumo ao Sul do Brasil. Florianópolis: Editora da UFSC, 2000.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, identidade e bom-mocismo**: cotidiano de uma adolescência bem comportada. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FRANKLIN CASCAES. Produção de Edina de Marco; José Rafael Mamigonian; Norberto Verani Depizzolatti. Florianópolis: Fullscreen, 2008. 1 filme (30 min). DVD, son., color.

FRIEDMANN, Adriana. **A arte de brincar**. São Paulo: Scritta, 1995.

GAGNEBIN, Jean Marie. Walter Benjamin: memória, história e narrativa. **Mente, cérebro e filosofia**, São Paulo: Duetto editorial, 2008. n. 7, p. 58-67, 2008.

GAITÁN, Lourdes. **Sociología de la infância**: nuevas perspectivas. Madri-Espanha: Editorial Síntesis, 2006.

GARCÍA, Guadalupe Valencia. **Entre cronos y kairós**: las formas del tiempo sociohistórico. México: Anthropos editorial; UNAM – Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte da pesquisa**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONÇALVES, Reonaldo Manoel. **Educação popular e boi-de-mamão**: diálogos brincantes. 2006. 194 f. Tese (Doutorado) – UFSC, Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, 2006.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (Org.). **Infância e velhice**: pesquisa de ideias. Campinas: Editora Alínea, 2003.

HAGUETTE, Maria Teresa. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. **Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física**. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2003.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; ONO, Andréia Tieme. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. **Pro-Posições**, Campinas-SP, v.19, n. 3, p. 209-223, set./dez. 2008.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos e brincadeiras infantis: o jogo, a criança e a educação**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Brinquedo e brincadeira: usos e significações dentro de contextos culturais. In: SANTOS, Marli Pires dos (Org.). **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

KOHAN, Walter. **Infância, estrangeiridade e ignorância**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KRAMER, Sonia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sonia. (Orgs.). **Infância, educação e direitos humanos**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. Crianças e adultos em diferentes contextos: desafios de um percurso de pesquisa sobre infância, cultura e formação. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. (Orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. Educação a contrapelo. 2009. In: SOUZA, Solange Jobim e; KRAMER, Sonia. (Orgs.). **Política, cidade, educação: itinerários de Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2009.

KRÜGER, Aline. entre lendas e bruxas, as malhas do folclore catarinense. **O Catarina** (especial), Florianópolis, n. 68, p. 6-7, 2008.

KUNZ, Elenor. O esporte como fator determinante da educação física. **Contexto & Educação**, n. 15, jul./set. 1989.

\_\_\_\_\_. **Educação Física: ensino e mudanças**. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 1991.

\_\_\_\_\_. **Educação Física escolar: uma concepção educacional crítico-emancipatória e didática comunicativa**. Florianópolis: CDS/UFSC, 1992 (Projeto de curso de especialização).

\_\_\_\_\_. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 1994.

\_\_\_\_\_. **Didática da educação física**. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2001

\_\_\_\_\_. Kinein: o movimento humano como tema. **Kinein**, Florianópolis, vol. 1, n. 1, set./dez. 2000. Disponível em: <<http://www.kinein.ufsc.br>> Acesso em: 17 mar. 2007.

LACERDA, Eugênio Pascele. **O atlântico açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade**. 2003. 290 f. Tese (Doutorado) – UFSC, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 2003.

LAGO, Mara Coelho Souza de. **Memória de uma comunidade que se transforma: de localidade agrícola-pesqueira a balneário**. 1983. 144 f. Dissertação (Mestrado) – UFSC, Centro de Ciências Humanas. Florianópolis, 1983.

\_\_\_\_\_. **Modos de vida e identidade: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996.

LAVILLE, Christian; DIONE, Jeane. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

LAVINA, Rodrigo. **Indígenas de Santa Catarina: história de povos invisíveis**. In: BRANCHER, Ana (Org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

LOHN, Reinaldo L.. **Limites da utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950)**. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 297-322, 2007.

LUPI, João Eduardo Pinto Basto; LUPI, Suzana Maria; LOSEKANN, Maria Sandra. **São João do Rio Vermelho: memória dos Açores em Santa Catarina**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1989.

MAKOWIECKY, Sandra. **Ilha de Santa Catarina, séculos XVIII e XIX – Artistas viajantes e o estranhamento da paisagem**. **19 & 20**, Rio de Janeiro, v. V, n. 4, out./dez., 2010.

MANSON, Michel. **História do brinquedo e dos jogos: brincar através dos tempos**. Lisboa (PT): Teorema, 2002.

MARIA, Maria das Graças. **Memória subterrânea: construção das representações de identidade do negro em Florianópolis**. **Esboços**, Florianópolis, v.2, n.2, p. 58-69, 1995.

MEAD, Margaret. **O conflito de gerações**. Lisboa (PT): Dom Quixote, 1969.

MEDEIROS, Francisco Emílio de. **Educação física: algumas falas de uma formação profissional e outras falas de uma realidade de professor**. 1993. 68f. Monografia (Especialização) – UFSC, Centro de Desportos. Florianópolis, 1993.

\_\_\_\_\_. **Concepções de corpo em livros de educação física:** uma leitura em obras de autores brasileiros publicadas nos anos de 80 e 90. 1999. 119 f. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP, Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Campinas, 1999.

\_\_\_\_\_. O futebol de seis “quadrados” nas aulas de educação física: uma experiência de ensino com princípios didáticos da abordagem crítico-emancipatória. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, vol. 28, n. 2, p. 191-209, jan. 2007.

MEIRA, Ana Marta. Benjamin, os brinquedos e a infância contemporânea. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, vol. 15, nº 2, p. 74-87, jul./dez. 2003.

MEIRA, Denise Araujo. **Rompendo silêncios:** a trajetória do professor Franklin Cascaes na Escola Industrial de Florianópolis (1941-1970). 2009. 125 f. Dissertação (Mestrado), UDESC – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em Educação, Florianópolis, 2009.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica:** conceitos, métodos e práticas. São Paulo: Loyola, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004a.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2004b.

\_\_\_\_\_. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MORTARI, Cláudia e CARDOSO, Paulino de Jesus. Territórios negros em Florianópolis no século XX. In: BRANCHER, Ana (Org.). **História de Santa Catarina:** estudos contemporâneos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

MÜLLER, Fernanda. Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 27, n. 95, p. 553-573, maio/ago. 2006.

MÜLLER, Fernanda; REDIN, Marita M.. Sobre as crianças, a infância e as práticas escolares. In: REDIN, Euclides; MÜLLER, Fernanda; REDIN, Marita M.. (Orgs.). **Infâncias, cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

NASCIMENTO, Laurien Cristhine Ziem. **Espaços e equipamentos urbanos para o lazer da juventude na cidade de Florianópolis-SC**. 2009. 163 f. Dissertação (Mestrado) – UFSC, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2009.

NUNES, Karla Leonora Dahse. **Santa Catarina no caminho da revolução de trinta: memórias de combates (1929-1931)**. 2009. 380 f.

Tese (Doutorado) – UFSC, Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 2009.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Brinquedo e indústria cultural**. Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. **Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana**. São Paulo: Editora HUCITEC/FAPESP, 1999.

PAIVA, Wilson A. de. A formação do homem no *Emílio* de Rousseau. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.33, n.2, p. 323-333, maio/ago., 2007.

PALHARES, Taísa. Benjamin: experiência e vivência. **Mente, cérebro e filosofia**, São Paulo: Duetto editorial, n. 7, p. 76-82, 2008.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. **O lugar do tempo: experiência e tradição em Walter Benjamin**. 2006. 117 f. Dissertação (Mestrado) – UFRGS, Programa de Pós-graduação em Filosofia, Porto Alegre, 2006.

PEREIRA, Nereu do Vale. **Desenvolvimento e modernização: um estudo de modernização em Florianópolis**. Florianópolis: Lunardelli, 1974.

\_\_\_\_\_. **O boi de mamão: folguedo folclórico da Ilha de Santa Catarina – introdução ao seu estudo**. Florianópolis: Associação Ecomuseu do Ribeirão da Ilha, 2010.

PERREIRA OLIVEIRA, Henrique Luiz. Imagens do tempo. In: BRANCHER, Ana (Org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

PERROTTI, Edmir. A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAN, Regina. (Org.). **A produção cultural para a criança**. 4 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

PIACENTINI, Tema Anita. **O Morro da Caixa D'Água: o significado político-pedagógico dos movimentos de educação popular na periferia de Florianópolis**, Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991.

PIACENTINI, Telma Anita. **Brincadeiras infantis na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes. 2010.

PIAZZA, Walter F. **A epopéia Açórico-Madeirense (1748 – 1756)**. Florianópolis: Editora da UFSC: Lunardelli, 1992.

PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. (Org.). **Florianópolis do outro lado do espelho**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

PINTO, Manuel. A infância como construção social. In: SARMENTO, Manuel J. & PINTO, Manuel. **As crianças, contextos e identidades**. Braga (PT): CEC/UMINHO, 1997.

- PORTELI, A. Forma e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 7-24, fev. 1997.
- QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 36, n. 2, p.631-643, maio/ago. 2010.
- RAIZER, Dione. **Boi-de-mamão**: uma brincadeira de rua no chão da educação infantil: diálogos com a cultura popular. 2008. 176 f. Dissertação (Mestrado) – UFSC, Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, 2008.
- RIBEIRO, Paula Simon; SANCHOTENE, Rogério Fossari. **Brincadeiras infantis**: origem, desenvolvimento, sugestões práticas. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 1990.
- ROURE, Glacy. Queiroz de. Infância, experiência, linguagem e brinquedo. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 33. 2010, Caxambu. **Anais da 33ª Reunião Anual da ANPED**. Caxambu: Educação no Brasil: o balanço de uma década, 2010.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. Notas sobre a presença indígena na Ilha de Santa Catarina. In: PEREIRA, Nereu do Vale (Org.). **A Ilha de Santa Catarina**: espaço, tempo e gente. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, vol. 1, 2002.
- SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação física e esportes**: quando a diferença é mito. 2 ed. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2005.
- SARMENTO, Manuel Jacinto & PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: SARMENTO, Manuel J. & PINTO, Manuel. **As crianças, contextos e identidades**. Braga (PT): CEC/UMINHO, 1997.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e auteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.
- \_\_\_\_\_. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. (Orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SCHEIBE, Luiz Fernando. Aspectos geológico e geomorfológicos. In: PEREIRA, Nereu do Vale (Org.). **A Ilha de Santa Catarina**: espaço, tempo e gente. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, vol. 1, 2002.

- SEO CHICO, UM RETRATO. Produção de José Rafael Mammigonian. Florianópolis: Atalaia Filmes, 1998. 1 filme (95 min), DVD, son., color.
- SILVA, Mauricio Roberto da. Recortando e colando as imagens da vida cotidiana do trabalho e da cultura lúdica das meninas-mulheres e das mulheres-meninas da Zona da Mata Canavieira Pernambucana. **Cadernos Cedex**, Campinas, ano XXII, nº 56, p. 23-52, abr. 2002.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne, (Org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SOARES, Carmem Lucia, et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- SOARES, Doralécio. **Folclore catarinense**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.
- SOUZA, Evandro André de. **Franklin Cascaes: Uma Cultura em Transe**. Florianópolis: Insular, 2002.
- SOUZA, Cristina Callai de. O gênero do brinquedo. **Contexto e Educação**, Ijuí, Ano 19, n. 71/72, p. 81-89, jan./dez. 2004.
- SOUZA e SILVA, Maria Alice Setúbal; GARCIA, Maria Alice Lima; FERRARI, Sônia Campaner Miguel. **Memórias e brincadeiras na cidade São Paulo nas primeiras décadas do século XX**. São Paulo: Cortez: CENEPEC, 1989.
- TELES, Edna de Oliveira. Significados de gênero nos brinquedos e brincadeiras infantis: uma proposta de intervenção nas séries iniciais do ensino fundamental. In: **Anais Eletrônicos de Fazendo Gênero 9 – Diásporas, diversidade, deslocamentos** – 23 a 26/08/2010. Disponível em: <<http://ww.fazendogenero.ufsc.br/9/site/anaiscomplementares#E>>. Acesso em: 30 abr. 2011.
- VÁRZEA, Virgílio. **Santa Catarina: a Ilha**. Florianópolis: Lunardelli, 1985.
- VAZ, Alexandre Fernandez; PETERS, Leila; LOSSO, Cristina Doneda. Identidade cultural e infância em uma experiência curricular integrada a partir do resgate das brincadeiras açorianas. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, vol. 13, n. 1, p. 71-77, 2002.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- WOITWICZ, Karina Janz. Uma prosa com Peninha, no centenário do mestre Franklin Cascaes. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, vol. 1, n. 11, 2008.



## **ANEXOS**



## ANEXO A

### O ROTEIRO DE ENTREVISTA

a) Conversa inicial: um bate papo com a intenção de “quebrar o gelo” entre o entrevistador e o/a entrevistado/a. Trata-se de criar um clima de empatia dialógica, de combinar com ele o melhor local da gravação, o tempo de duração e de introduzir o tema e o objetivo da entrevista. Cuidar para não falar “demais”, não indicar, na apresentação, as respostas que o entrevistador espera dos sujeitos. Num formulário próprio registrar dados objetivos do/a entrevistado/a: nome completo, local/data de nascimento, lugar onde passou a infância, profissão ao longo da vida e outros dados pertinentes.

b) A entrevista: iniciar a entrevista solicitando a autorização do/a entrevistado/a para usar o seu depoimento para os fins da pesquisa. Solicitar a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Depois, iniciar a entrevista formulando as questões derivadas da questão investigativa da pesquisa: **que dimensões lúdicas da experiência de infância podem ser evocadas na memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina, tendo por referência os registros de brincadeiras e brinquedos contidos na obra de Franklin Cascaes?**

#### QUESTÕES DERIVADAS DA QUESTÃO INVESTIGATIVA DA PESQUISA

##### Bloco 1 de questões: TEMPO E LUGAR DA INFÂNCIA

Seu ... ou Dona ...,

- (1.1) Que recordações o/a senhor/a tem do seu tempo de infância?
- (1.2) Em que lugar da Ilha passou a sua infância?
- (1.3) Como era a vida nesse lugar da Ilha onde passou a sua infância?
- (1.4) Como era a vida na Ilha de Santa Catarina no seu tempo de criança?

##### Bloco 2 de questões: COMO, ONDE E COM QUEM BRINCAVA?

Seu ... ou Dona ...,

- (2.1) Na sua época de infância as crianças brincavam?
- (2.2) Conte um pouco como era brincar quando o/a senhor/a era criança.
- (2.3) Como eram as brincadeiras nesse tempo?
- (2.4) Onde brincava? Dentro de casa, no quintal, na rua?
- (2.5) Naquele tempo havia lugares especiais só para as crianças brincarem?

(2.6) No seu tempo de infância as crianças brincavam durante o dia todo ou havia um tempo, uma hora do dia para as crianças brincarem?

(2.7) Havia brincadeiras só para se brincar durante o dia, outras só para se brincar a noite e outras só para se brincar no sábado e no domingo?

(2.8) Brincava sozinho (a), com seus irmãos, com seus primos (as), com seus vizinhos (as)?

(2.9) Havia brincadeiras e brinquedos só para meninos e brincadeiras e brinquedos só para meninas?

Bloco 3 de questões: TIPOS DE BRINCADEIRAS E DE BRINQUEDOS (Espalhar os brinquedos da sacola de palha à vista e às mãos do/a entrevistado/a)

Seu ... ou Dona ...,

(3.1) Que tipos de brincadeiras e brinquedos havia no seu tempo de infância?

(3.2) As brincadeiras eram de acordo com as épocas do ano?

(3.3) Havia brincadeiras próprias para as ocasiões de festas?

(3.4) Poderia, agora, lembrar e listar as brincadeiras daquela época da sua infância? (3.5) Poderia contar como se brinca em cada uma dessas brincadeiras?

(3.6) Conheceu e brincou com essas brincadeiras registradas em desenhos por Franklin Cascaes? (Mostrar as fotografias com os desenhos).

(3.7) Conheceu e brincou com esses brinquedos registrados em esculturas por Franklin Cascaes? (Mostrar as fotografias com as esculturas).

(3.8) Que lembranças trazem essas fotografias e esses brinquedos (da sacola de palha)?

(3.9) O que achou da ideia de Franklin Cascaes de registrar, na forma de desenhos e esculturas, as brincadeiras e os brinquedos de tempos passados da Ilha de Santa Catarina?

(3.10) Ouvia falar ou conheceu Franklin Cascaes?

Bloco 4 de questões: SIGNIFICADOS DO BRINCAR PARA O/A ENTREVISTADO/A

Seu ... ou Dona ..., agora poderia nos contar um pouco das suas brincadeiras e brinquedos preferidos?

(4.1) Qual era a sua brincadeira preferida?

(4.2) E qual era o brinquedo favorito?

(4.3) Guarda algum brinquedo do seu tempo de infância?

(4.4) Gostava de brincar? Por quê?

- (4.5) Lembra o que costumava sentir quando estava brincando?
- (4.6) E depois, quando virou adulto, continuou brincando com essas brincadeiras e esses brinquedos do seu tempo de infância?
- (4.7) Ainda hoje, na sua velhice, costuma brincar com as brincadeiras e os brinquedos do seu tempo de infância?
- (4.8) Ensinou para os seus filhos e netos as suas brincadeiras e os seus brinquedos do seu tempo de infância?
- (4.9) O/A senhor/a costumava construir os seus brinquedos?
- (4.10) Que materiais se costumavam usar para construir esses brinquedos?
- (4.11) O/A senhor/a ganhava brinquedos dos seus pais?
- (4.12) As brincadeiras do seu tempo tinham alguma relação com o trabalho dos adultos?
- (4.13) As brincadeiras das crianças imitavam a vida dos adultos?

Bloco 5 de questões: ESPAÇO PARA ACRÉSCIMOS DO/A ENTREVISTADO/A

Seu ... ou Dona ..., desejar falar mais alguma coisa? Contar mais algum fato do seu tempo de criança?

c) Final da entrevista: momento de agradecer a entrevista e combinar um retorno, uma segunda entrevista, com a finalidade de mostrar e ler texto (a entrevista transcrita), tirar algumas dúvidas, aprofundar algumas questões, bem como apresentar novas questões ao/a entrevistado/a.





---

## ANEXO B - DOUTORADO

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Temos o prazer de convidá-lo a participar da pesquisa, “**A dimensão lúdica da experiência de infância: entre o legado de Franklin Cascaes e a memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina**”, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ana Márcia Silva, e, cuja finalidade é descobrir e compreender o que permanece de experiência lúdica de infância na memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina. A importância da pesquisa está em dar voz a esse tipo de morador da Ilha de Santa Catarina, testemunhas vivas e guardiões de lembranças de certa época do passado da Ilha. Esta pesquisa pode ajudar a repensar as políticas públicas voltadas à educação das crianças, na medida em que a memória da experiência lúdica da infância destes velhos moradores ilhéus pode trazer à tona elementos lúdicos marcantes nas vidas das crianças de ontem que hoje são desconhecidos porque, talvez, se perderam na passagem entre as gerações do passado e do presente. Para isso, serão realizadas entrevistas com o objetivo de colher e registrar esta memória. Caso o/a senhor/a aceite participar, garantimos que a sua identidade será mantida sob sigilo, que o seu depoimento será confidencial e apenas utilizado para tornar a pesquisa pública na forma de relatório de pesquisa, em artigos de revistas científicas, em apresentação em eventos acadêmico-científicos, ou publicação na forma de livro. Também fica assegurado o respeito e atendimento à sua vontade de a qualquer momento poder retirar o seu consentimento de participação na pesquisa.

---

Francisco Emílio de Medeiros  
Pesquisador principal – Doutorando

---

Profa. Dr<sup>ª</sup>. Ana Márcia Silva  
Pesquisadora responsável - Orientadora

Eu, \_\_\_\_\_, fui esclarecido/a dos objetivos e da importância da pesquisa, “**A dimensão lúdica da experiência de infância: entre o legado de Franklin Cascaes e a memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina**” e concordo que meu depoimento seja utilizado, exclusivamente, para as finalidades acima colocadas.  
Florianópolis, \_\_\_ / \_\_\_ /2009.

Assinatura: \_\_\_\_\_





## ANEXO C – PARECER



Campus de Gualtar  
4710-057 Braga

Universidade do Minho  
Instituto de Educação

### PARECER

O mestre **Francisco Emílio de Medeiros**, que apresenta a sua tese de Doutoramento em Educação Física, intitulada *"AS DIMENSÕES LÚDICAS DA EXPERIÊNCIA DE INFÂNCIA: Entre os registos de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin Cascaes e a memória de infância de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de velhos açorianos de "Além Mar"*, na Universidade Federal de Santa Catarina, realizou, em 2009/2010 um estágio de doutoramento na Universidade do Minho, no ramo de Estudos da Criança e na área científica de Sociologia da Infância, em que revelou as suas qualidades de investigador inteligente, dedicado, rigoroso e empenhado.

A tese que agora apresenta reflecte essas qualidades. Centrando-se na memória dos brinquedos e das brincadeiras de idosos da ilha de Santa Catarina, no Brasil, e de duas ilhas do arquipélago dos Açores, em Portugal, confrontando essas memórias com a obra plástica e etnográfica de Franklin Cascaes sobre infância e cultura popular, o autor elabora uma tese muito original e interessante, cruzando diferentes domínios do saber e contribuindo, desse modo, em simultâneo, para o desenvolvimento dos estudos histórico-memorialísticos, sócio-antropológicos, artísticos, educacionais e de estudos da criança (childhood studies).

A partir de um referencial benjaminiano, o autor elabora uma matriz teórica muito pertinente, que faz acompanhar de uma orientação metodológica apropriada e criativa, associando as entrevistas de pendor biográfico a métodos visuais.

Por todas as razões apresentadas, sou de parecer que a tese que agora é submetida a provas públicas é inteiramente meritória e, na qualidade de director do programa de doutoramento em Estudos da Criança, da Universidade do Minho, e de orientador do estágio de doutoramento no exterior realizado pelo doutorando, congratulo-me, mediante a qualidade da tese apresentada, pela participação, ainda que secundária, que o nosso programa pôde ter na formação do Mestre Francisco Medeiros.

Braga, 26 de Agosto de 2011

Manuel Jacinto Sarmento  
(Professor Associado com Agregação  
Director do Programa de Doutoramento em Estudos da Criança)



## ANEXO D

Campo 1: campo exploratório – problema de pesquisa e entrevista exploratória (Unidades Temáticas – categorias)

<p>Extraídas do problema de Pesquisa (categorias teóricas – a priori)</p>	<p>Memória</p>	<p>Experiência</p>	<p>Infância - velhice</p>	<p>Cultura lúdica</p>	<p>A obra de Franklin Cascaes</p>	<p>Tradição e modernidade</p>
<p>Extraídas da entrevista exploratória com Seu Manuel</p>	<p>Imagem e memória</p>	<p>Descrição do modo de brincar</p>	<p>Diferentes concepções de criança Folguedo infantil como indutor de valores morais e de comportamentos Descrição do local da infância</p>	<p>O processo de construção dos brinquedos Diferenciação dos brinquedos e das brincadeiras para meninos e meninas Cantigas de roda A relação entre as brincadeiras e o exercício físico Influência de jornais e revistas e a época das competições esportivas</p>	<p>Conjunto de brinquedos e brincadeiras institucionalizadas na comunidade</p>	<p>Boi de mamão: brincadeira de criança nas férias escolares de verão</p>



## ANEXO E

Campo 2: campo Ilha de Santa Catarina – “Açores Aqui” (Unidades Temáticas - categorias)

<p><b>Seu Bento</b></p>	<p>Brincadeira e ajuda no trabalho do adulto. Confeção de brinquedos que imitam o mundo adulto. Confeção de brinquedo que imitava as atividades do mundo adulto</p>	<p>O material extraído no meio natural. A emoção proporcionada pelo brinquedo. Confeção própria do brinquedo com elementos do meio natural e restos de materiais do mundo adulto. Brinquedo do meio natural e vinculado ao mundo do adulto.</p>	<p>As brincadeiras de épocas do ano. Brincadeiras com as épocas das estações do ano.</p>	<p>A relação dos brinquedos com a geração dos filhos. A relação dos brinquedos com a geração dos filhos. Os brinquedos e as brincadeiras tradicionais populares na passagem das gerações. Os brinquedos de sua época na geração dos netos. Os brinquedos e as brincadeiras tradicionais populares tradicionais na passagem das gerações.</p>	<p>Descrição da brincadeira de FATACA. Descrição da confecção de brinquedo artesanal e modo de brincar.</p>	<p>Reconhecimento das brincadeiras típicas das festas juninas registradas por Franklin Cascaes .</p>	<p>Brincadeiras de meninas (pular corda, ratoeira...).</p>	<p>Confeção coletiva do brinquedo. Brincadeira como momento de convivência entre as crianças. A importância do brincar junto à natureza. Brincar a “redes soltas” e livre para inventar. A brincadeira coletiva num espaço livre próximo às casas.</p>	<p>Trabalho e brincadeira.</p>	<p>As noites eram um tempo de vida da família em casa.</p>
-------------------------	---	---	--	--	---	--	--	--	--------------------------------	--

<p><b>Seu Valdemar</b></p>	<p>Brinquedos que imitavam o mundo adulto.</p>	<p>Brinquedo tradicional popular. Confeção de brinquedos com elementos do meio natural. Confeção própria do brinquedo. Confeção do brinquedo o tradicional com elementos do meio natural.</p>	<p>Brincadeira de época: semana santa.</p>	<p>Transmissão das brincadeiras tradicionais populares à geração dos filhos.</p>	<p>Brincadeira de boi. Jogo de futebol de boião. Citação de várias brincadeiras comuns no tempo de infância. Descrições e modo de jogar da brincadeira de bola de mão.</p>	<p>Não conheceu Franklin Cascaes, mas conheceu seus trabalhos de exposição.</p>	<p>A relação do espaço (chácaras com frutas) e a abundância de brincadeiras.</p>	<p>Trabalho e brincadeira</p>	<p>Importância e enaltecimento da “fartura” de áreas livres para brincar próximo às casas. Admiração pela mudança rápida do lugar e da Ilha.</p>
----------------------------	--	---	--	--	--	---	--	-------------------------------	--

<p><b>Dona Lucimar</b></p>	<p>O trabalho do adulto na brincadeira de criança. Confeção de brinquedos com restos de materiais deixados pelos adultos.</p>	<p>O boi de mamão era uma brincadeira tradicional da época de carnaval. Brincadeira s de época: boi de pano (boi de mamão).</p>	<p>Diferença entre brinquedos da sua geração e da geração dos filhos. Os brinquedos são diferentes na geração dos netos;</p>	<p>Descrição da brincadeira de passa o anel. Descrição da brincadeira João do Cabo. Descrição da brincadeira da pata cega e do rato e o gato. Descrição da confeção do boi de pano (boi de mamão). Brincar de corrida (carreira) até cansar. Memória da cantiga do boi de mamão. Confeção artesanal da berrunça (figura que compõe o boi de mamão). Pão se chamava corrupio. Brincadeira de roda cantada.</p>	<p>Reconheceu os brinquedos registrados por Franklin Cascaes Mediadora confirma passagem de Franklin Cascaes pelo lugar.</p>	<p>A escola como lugar também de brincadeiras, mas com as meninas separadas dos meninos. Brincadeiras de meninas e meninas de meninas.</p>	<p>Havia muito espaço para brincar junto à Natureza. Alegria de brincar junto à natureza. Brincar junto à natureza. Infância vivida junto à natureza.</p>	<p>A infância tinha tempo para brincar e tempo para trabalhar. O tempo da criança como um tempo de brincar. O tempo de brincar vinha após o tempo do trabalho. Entrevistada lembra do pesquisador como professor da escola do lugar. Escola só até o primário.</p>	<p>Descrição da produção artesanal do café.</p>
----------------------------	---	---	--	---	--	--	---	--	---

<p><b>Dona Maroca e as filhas Sebastiana e Luisinha</b></p>	<p>Brincadeira que imitava o mundo do adulto.</p>	<p>Descrição de brincadeira de época: festa junina. Brincadeiras de época: malhação do Judas. Brincadeira de época: fannasma (época de carnaval). Brincadeira de época: boi de mamão e terno de reis (entre o natal e o carnaval). Brincadeira de época: brincadeiras das festas juninas. Confeção do Judas e ritual da brincadeira.</p>	<p>A geração anterior (pai da entrevistada) transmitia muita cultura lúdica, via carpintaria, para a geração dos filhos. Brinquedo que chegou até a geração dos netos: pião. Transmissão geracional de brincadeiras.</p>	<p>Descrição da brincadeira de barra. Descrição da brincadeira de barquinha e da aliança. Descrição do modo de brincar de bolinha de gude. Brinquedo preferido: bolinha de gude. Brincadeira de escondegal no pasto com a "corriola" do coqueiro. Descrição da brincadeira de casinha e comidinha. Descrição das brincadeiras de pata-cega e de passa o anel. As brincadeiras de roda tinham cantigas.</p>	<p>Reconhece as brincadeiras das festas juninas registradas por Franklin Cascaes. Reconhece os brinquedos registrados por Franklin Cascaes. Reconhece os brinquedos registrados por Franklin Cascaes. Reconheceu as brincadeiras da Sacola de Palha.</p>	<p>Experiência de resistência ao estereótipo de brincadeira de menino. Brinque dos de meninas e brinque dos de meninos.</p>	<p>Espaço grande, próximo à casa, para brincar em grupo, para brincar de pega-pega, bate-barras, pular.</p>	<p>Dormir entre 20 e 21 horas.</p>
---	---	--	--	--	--	---	---	------------------------------------



<p><b>Seu Virgílio e a mulher Dona Bela</b></p>	<p>Brinquedos que imitavam o mundo do adulto.</p>	<p>Confeção de brinquedo com elementos do meio natural: o cavaleiro de bambu. Confeção de brinquedo com elementos naturais: bonecas com folhas de mamoeiro, loucinhas com conchas e casinhas com restos de paus.</p>	<p>Modo de vida regido pelas épocas do ano. Brincadeiras de épocas do ano. Descrição da brincadeira da malhação do Judas. Ciclo de festas e ciclo de vida na Ilha.</p>	<p>Transmissão de brincadeiras tradicionais para a outra geração: a farrã do boi no passado e hoje.</p>	<p>Carreira (corrida) na praia. Descrição da corrida de bandeira na praia. Descrição da brincadeira de pata cega. Brincar de correr de cascuado no pasto inclinado. Lembra da brincadeira do pião: um brinquedo tradicional popular. Brincadeira de bot com pedaço de pau.</p>	<p>Reconhecem algumas brincadeiras registradas por Franklin Cascaes, mas não reconhecem outras. Reconhece os brinquedos e brincadeiras registrados por Franklin Cascaes. Não reconhece o brinquedo “manoeel bobo” no seu tempo de infância, mas a peteca sim. Reconhece o brinquedo bolinha de vidro como presente em seu tempo de criança. Conheceu Franklin Cascaes. Seu pai foi um informante de Franklin Cascaes. Reconhecem os registros de Franklin Cascaes sobre o modo de vida dos ilhéus de origem açoriana.</p>	<p>Brincadeiras para meninos e brincadeiras para meninas.</p>	<p>Brincar em grupo junto à natureza</p>	<p>O trabalho de rendeira. Ainda tem os bilros. Infância com tempo para estudar, trabalhar e brincar.</p>	<p>Vida comunitária versus vida individualizada no tempo atual. Descrição da vida com dificuldades, com pouca oportunidade para as novas gerações. Migração temporária dos jovens para Santos (SP) e Rio Grande (RS). Lugar tranquilo e vida comunitária. Agricultura de subsistência. Tradição e identidade do lugar. A vida era mais comunitária e solidária.</p>
---	---	--	--	---	--	---	---	--	---	---

<p><b>Seu Joaquim e a filha Linaura</b></p>	<p>Brinquedo imitando o mundo adulto. Brincadeiras que imitam o mundo do adulto.</p>	<p>Confecção própria de brinquedo com elementos do meio natural. Filha descreve a confecção da peteca. Bonequinha de pano feita de ticum, uma espécie de linha extraída do meio natural da ilha. Confecção de brinquedos com elementos do meio natural. Brinquedos construídos com elementos do meio natural.</p>	<p>Época do boi de mamão: no verão, próximo do carnaval Brincadeira de eira de época: no tempo de mascarar do carnaval Brincadeira de Bonequinha de ticum, uma espécie de linha extraída do meio natural da ilha. Confecção de brinquedos com elementos do meio natural. Brinquedos construídos com elementos do meio natural.</p>	<p>Brincadeira de mascarado chegou à geração das filhas. Filha reconhece os brinquedos da sacola de palha. Mudança dos versos do boi de mamão na passagem das gerações. Entrevistado não se lembra da peteca e filha diz que era diferente.</p>	<p>Brincar no (como integrante) boi de mamão. Brincadeira da CORRIDA DO SACO. História lúdica de medo de mascarado. Brincadeira que despertava desafio: o carretão. Rememora o ritual de apresentação do boi de mamão. Descrição do brinquedo PIORRA. Brincadeira de boi de mamão. Descrição da brincadeira da ratoeira. Brincadeira do PAU DE SEBO.</p>	<p>Reconhece os brinquedos da sacola de palha. Não reconhece o brinquedo “Manoel bobo”. Não reconhece o brinquedo bilboquê no tempo de sua infância. Reconhece outro brinquedo da sacola de palha. Reconhece poucos dos desenhos de brincadeiras de festas juninas registrados por Franklin Cascaes.</p>	<p>Na brincadeira de esconde-esconde brincavam meninas e meninos juntos.</p>	<p>Modo de vida muito integrado à natureza.</p>	<p>Vida de criança entre o tempo da escola e o trabalho familiar. Brincar durante uma horinha e no fim de semana. Vida de criança entre a escola, o trabalho em casa e brincar depois disso.</p>
---	--	---	--	---	--	--	--	---	--

<p><b>Dona Das Graças e a sobrinha-neta Pachinha</b></p>		<p>Lembrança da festa da Trindade e do tempo de professora do Grupo do Amorim na Trindade. Brincadeira de meninos: malhação do Judas . Brincadeira de época: malhação do Judas.</p>	<p>As brincadeiras tradicionais não chegam à geração dos netos. A geração dos filhos com uma dimensão lúdica da experiência de infância próxima da experiência da entrevistada. Exercício de memória da cultura lúdica de jogos e brincadeiras. Passarás, passarás: indaga se sobrinha neta (mediadora) conhece. Transmissão geracional de jogos .</p>	<p>Apresentação e descrição de um rol de brincadeiras do tempo de infância da entrevistada: cinco marias, peteca, bate-manteiga, diaboló, esconde-esconde, pião, iôô, carrinhos de rolimã, bambolê, boneca, bruxinhas de pano, casinha, loucinha de barro, batizado da boneca, estátua e recitar versos. Descrição de uma brincadeira de perguntas. Descrição da brincadeira do rato e o gato: uma brincadeira que atravessa gerações. Descrição da brincadeira da margarida. Descrição da brincadeira senhora condessa. Brincadeiras de escola.</p>	<p>Reconhece alguns registros de brincadeiras feitos por Franklin Cascaes. Não reconhece tanto as brincadeiras comuns de festas juninas registradas nos desenhos de Franklin Cascaes. Conheceu Franklin Cascaes.</p>	<p>Brincadeira de meninos e meninas: boi de mamão.</p>	<p>Tempo para brincar e tempo para trabalhar.</p>	<p>Mudança do espaço do centro histórico da cidade. A mudança da cidade assusta a entrevistada. Hoje a vida é mais individualizada .</p>
--	--	---	--	--	--	--	---	--

<p>Seu Noquinho, o filho Seu Lito e a nora Dona Efigênia</p>	<p>Brincadeiras que imitam o mundo adulto. Tempo de infância mais próximo do trabalho.</p>			<p>O bilboquê é um brinquedo da geração dos filhos</p>	<p>Descrição da brincadeira do cavaleiro de bambu. Descrição, confecção do brinquedo boneca de pano.</p>	<p>Reconhece o pião da sacola de palha.</p>			<p>Trabalho e brincadeira. Brincadeira e trabalho. Brincadeira e trabalho. Brincar era depois da escola e do trabalho.</p>	<p>Descrição do lugar, era pouco habitado antigamente. Mudança do lugar hoje. A casa como memória da herança açoriana na Ilha.</p>
--	--	--	--	--	--	---	--	--	--	--

<b>Seu Zequinha</b>	<p>Confeção de bolinha de barro para a funda.</p> <p>Confeção de brinquedo com elemento do meio natural.</p> <p>Confeção própria do brinquedo com elementos do meio natural.</p> <p>Confeção de brinquedo com elementos do meio natural.</p> <p>Confeção de brinquedo com elementos do meio natural.</p> <p>Confeção de brinquedo com elementos do meio natural.</p> <p>Confeção de brinquedo com elementos do meio natural.</p> <p>Confeção de brinquedo com elementos do meio natural.</p>	<p>Brincadeiras de épocas do ano.</p> <p>Brincadeiras de épocas do ano.</p> <p>Brincadeiras de épocas do ano.</p>	<p>Brinquedos entre as gerações de filhos e netos.</p> <p>Transmissão intergeracional das brincadeiras.</p> <p>Costumes de antigamente se perdem na geração seguinte.</p> <p>A transmissão intergeracional</p>	<p>Descrição da confecção de brincadeira</p> <p>Descrição do brinquedo cata vento.</p> <p>Descrição da brincadeira de Judas.</p> <p>Descrição da brincadeira de pião.</p> <p>Descrição de brincadeira</p>	<p>Reconhece brincadeiras dos registros de Cascaes.</p> <p>Reconhece brincadeiras do registro de Cascaes.</p> <p>Reconhece brincadeira de escultura de Cascaes.</p> <p>Não se lembra de Cascaes.</p> <p>Reconhece a importância dos registros de Cascaes.</p> <p>Não reconhece brincadeiras do registro de Cascaes.</p> <p>Reconhece os brinquedos da sacola de palha.</p>	<p>Brincava com os irmãos: boneca de pano.</p>	<p>Brincar na areia da praia. Criança participa do trabalho nas roças.</p>	<p>A vida no seu tempo e a vida agora.</p> <p>Descrição do lugar.</p> <p>Admiração com a mudança do lugar.</p> <p>Lugar sendo ocupado por pessoas de fora.</p> <p>Produção de subsistência.</p> <p>O sabor da comida na panela de barro.</p> <p>A tradição de renda de bilro.</p>	<p>Preferência por bolinha e pião.</p> <p>Lembrança das bolinhas de gude.</p> <p>Brincou com bilboquê, ioiô e pião.</p> <p>Teve um boneco trapezista.</p>
---------------------	--	---	--	---	--	--	--	---	---

<p><b>Dona Cota</b></p>	<p>Brincadeiras imitando o mundo adulto.</p>				<p>Reconhece os registros de brinquedos de Cascas. Reconhece a importância dos registros de Cascas. Conheceu Cascas. Reconhece brinquedos da sacola de palha: boneca de pano. Não reconhece brinquedo da sacola de palha. Reconhece registros de brinquedos de Cascas. Reconhece os registros de brincadeiras de Cascas.</p>	<p>Brincadeiras de meninas e meninos. Brincadeira de rapaz.</p>	<p>Brincar junto à natureza. A praia como lugar de brincadeira.</p>	<p>Trabalho e brincadeira. Brincadeira e trabalho. Não foi à escola, porque tinha que trabalhar. O tempo de infância era um tempo de miséria.</p>	<p>O trabalho no centro da vida. O trabalho no centro da vida. Marcas do trabalho com peixe. A vida difícil no interior da Ilha.</p>
-------------------------	--	--	--	--	--	---	---	---	--

<p><b>Seu Antônio e a mulher Dona Dinoca</b></p>	<p>Brincadeiras do tempo de infância que imitavam o mundo adulto.</p>	<p>Construção do próprio brinquedo, Confecção do próprio brinquedo com elementos do meio natural. Confecção do próprio brinquedo (PETECA).</p>	<p>Brincadeira de épocas do ano. Brincadeiras de épocas do ano. Descrição de brincadeira de Judas. Descrição da brincadeira do termo de reis. Descrição da brincadeira do pau de sebo. Descrição da brincadeira de boi de mamão.</p>	<p>Transmissão inter geracional. Algumas brincadeiras tradicionais ainda chegam às gerações das crianças de hoje. Brinquedos antigos que são atrativos para as crianças de hoje. No seu tempo de criança havia a obediência, hoje há muita liberdade. O tempo passado era um tempo de mais respeito. Descrição das brincadeiras da geração dos filhos e dos netos.</p>	<p>Descrição da brincadeira de polícia. Descrição da brincadeira de quebrar o pote. Descrição da brincadeira de escorregar na folha do coqueiro. Descrição da brincadeira de bolinha de gude. Descrição da brincadeira de casamento de boneca. Descrição da brincadeira de bolinha de vidro. Descrição da brincadeira a de boi de mamão.</p>	<p>Conheceu Franklin Cascaes. Conheceu Franklin Cascaes. Não reconhece brincadeiras dos registros de Cascaes. Não reconhece o brinquedo de carretão. Reconhece registros de brinquedos de Cascaes. A pandorga não era uma brincadeira do seu tempo de criança. Reconhece os brinquedos da sacola de palha.</p>	<p>Brincadeiras comuns a meninos e meninas.</p>	<p>Escola e futebol. Estudou até o 4º ano. As crianças já participava m no trabalho dos adultos (pesca).</p>	<p>Modo de vida em função da pesca. Produção da subsistência: o café. Mudança do lugar puxada pelo crescimento da cidade, do turismo. Como se lembra do Miramar.</p>
--	---	--	--	--	--	--	---	--	--

<p><b>Seu Jose e a mulher Dona Lindalva</b></p>		<p>Confecção própria do brinquedo: cavalo de cama do reino. Confecção própria do brinquedo: bolinha de barro. Confecção própria do brinquedo: peteca.</p>	<p>Brincadeiras de épocas do ano. Brincadeiras de épocas do ano.</p>	<p>Resistência da cultura açoriana e transmissão inter geracional. O tempo entre as gerações: a perda da cordialidade e de valores. Educação, aprender e medo.</p>	<p>Descrição da brincadeira: o careião. Descrição da brincadeira: cavallinho de cana do reino. Descrição da brincadeira: ratoeira. Descrição da brincadeira: brincar no mar. Descrição da brincadeira: boi de campo e cavallinho de pau. Descrição da brincadeira: pão. Descrição da brincadeira: bolinha de vidro.</p>	<p>Reconhece os registros de brinquedos de Cascades. Reconhece os registros de brinquedos de Cascades. Reconhece os registros de brinquedos de Cascades. Não reconhece os registros de brinquedos de Cascades.</p>			<p>O tempo de infância era um tempo de trabalho. Trabalho e brincadeira. Trabalho e brincadeira. Trabalho antes da brincadeira. O tempo de criança era mais tempo para trabalho para brincar.</p>	<p>Tempo de antigamente como tempo de fatura. Produção de subsistência extraída da pesca. Produção de subsistência</p>
---	--	---	--	--	---	--	--	--	---	--



<p><b>Seu Amaro e a filha Dona Isabel</b></p>		<p>Confeção da boneca de pano.</p>	<p>Brincadeira a de épocas do ano.</p>	<p>A pandorga na geração dos netos e das filhas. Referencia a preservação o da brincadeira a de boi de mamão.</p>	<p>Descrição da brincadeira: vara escondida (esconde-esconde). Descrição da brincadeira: ratoeira. Descrição de brincadeira: batizado da boneca. Descrição de brincadeira: pau de sebo.</p>	<p>Reconhece registros de brinquedos feitos por FC. Reconhece registros de brinquedos feitos por FC. Não reconhece registros de brinquedos feitos por FC. Reconhece registros de brincadeiras feitos por FC, mas na escola. Não reconhece a peteca como brinquedo do seu tempo de criança.</p>	<p>Bolinha de vidro também era brinquedo de menina.</p>		<p>Trabalho e brincadeira. Trabalho e brincadeira.</p>	
---	--	------------------------------------	--	---	---	--	---	--	--	--

<p><b>Seu Genésio e a mulher Dona Carlota</b></p>	<p>Confeção própria do brinquedo com elementos da natureza.</p>		<p>Descrição de brincadeira: esconder o bolo.          Descrição de brincadeira: corrida (carreira).          Descrição de brincadeira: tento (tenta).          Descrição de brincadeira: camatão.          Descrição de brincadeira: de lagar o boi.          Descrição da brincadeira de bola (futebol).</p>	<p>Reconhece o pião.          Não reconhece a peteca e o trapezista no seu tempo de infância.</p>	<p>Meninas brincavam junto com os meninos.</p>		<p>Trabalho e brincadeira.          Vida no tempo de criança ligada ao trabalho.</p>	
---	---	--	--	---	--	--	--	--

<b>Síntese provisória das unidades temáticas (categorias)</b>	Confeção de brinquedos e brincadeira s que imitavam o mundo adulto	Confeção própria dos brinquedos com elementos do mundo natural	As brincadeiras das épocas do ano	Transmissão intergeraciona l dos brinquedos e das brincadeiras tradicionais	Descrição de brincadeiras tradicionais populares	Reconhecimento (geral) dos registos de brinquedos e brincadeiras feitos por Franklin Cascaes	Brincadeiras para meninas e brincadeiras para meninos	Brincar a “rédeas soltas” junto à natureza	Infância com tempo para estudar, trabalhar e brincar	Vida comunitária (tradição) versus vida individualiza da (mudanças rápidas da modernidade)
---	--	--	-----------------------------------	---	--	--	---	--	--	--



## ANEXO F

### Campo 3: campo “Açores Além Mar” (Unidades Temáticas – categorias )

<p><b>Seu Valdir</b></p>	<p>Confeção de brinquedos com elementos do meio natural. O cri-cri é um brinquedo que imita o som de um animal. Mostra um brinquedo antigo que produziu: cri-cri. Faz brinquedos tradicionais para dar às crianças.</p>	<p>Brincadeira sem brinquedo. A brincadeira de corrida do saco ainda se brinca hoje. Brincadeira de saltar sobre a fogueira. Não conheceu a bolinha de vidro na sua infância (berlindre?).</p>	<p>Fotografias dos registros de Franklin Cascaes. Reconhece alguns brinquedos dos registros de Franklin Cascaes.</p>	<p>Vida de criança entre a escola, o trabalho e o brincar coletivo.</p>	<p>O jarro da brincadeira de quebra o pote era o jarro para beber água fresca no trabalho no campo. Segregação entre pescadores e lavradores. Antigamente a vida era ritualizada. O tempo passado como tempo de fatura. Ciclo da vida antigamente e ciclo da vida atualmente. Antigamente a vida era comunitária. Objetos antigos como memória de um tempo passado.</p>
--------------------------	---	--	--	---	---

<p><b>Seu Deni</b></p>	<p>Brinquedos inventados.          Construção do brinquedo.          Descrição da construção do brinquedo.          Espírito inventivo no tempo de infância.          Infância como tempo de brincadeira e confecção (criação) de brinquedos.          Confecção de brinquedos na carpintaria do pai.          Carretão parecido com o carro de Lemos.          Museu Carlos Machado, de Ponta Delgada, em São Miguel: Exposição permanente de brinquedos antigos.</p>	<p>Brinquedo que transcende gerações: pião.</p>	<p>Brincar entre as pedras e o mar.          Jogo da curvoleta.          Descrição da brincadeira a de pião.</p>		<p>Infância feliz.          Antigamente se inventava o brinquedo, hoje já está pronto.          Porque é diferente o brincar de hoje e o brincar de antigamente;          Aprender brincando (construir, inventar).</p>		
------------------------	--	---	--	--	---	--	--

<p><b>Dona Inácia</b></p>	<p>Brincar na terra do quintal grande: de cultivar, de semear.</p>	<p>Habilidade e talento na infância.</p>	<p>Os filhos, na cidade, tiveram outro nível de vida, diferente de antigamente. Marido trazia brinquedos de Lisboa. A geração dos filhos já teve acesso aos brinquedos industrializados.</p>	<p>Narrativa descritiva da brincadeira roda com lencinho. Brincadeira de pular corda e cabo de força. Jogo das pedrinhas. Brincadeira de andas (perna de pau). Jogo da cabra cega. Outras brincadeiras: escondidas, apalhadas, rodas. Os filhos saltavam sobre a fogueira. Brinquedo de aitar bolinhas soprando um camudo, antes feito de canas verdes, depois com caneta esfereográfica. Narrativa descritiva da brincadeira de casinha e de comidinha parecida com a narrativa de E4. Brinquedo da funda. Narrativa descritiva do jogo das pedrinhas. Brincar de casinha, de comidinha.</p>	<p>Reconhece os brinquedos registrados por Franklin Cascaes.</p>	<p>Brincadeiras de meninas: bonecas. Confeção da boneca de trapos. Brinquedos de rapazes e meninas.</p>	<p>Infância era um tempo feliz. Entrevistada manteve brinquedo feito pelo Seu Manoel. Ideia de infância pura de antigamente. O tempo passado como tempo feliz. O valor da infância era brincar, não era consumir. Brincar em casa, no quintal.</p>	<p>A educação na época de Salazar. A memória do sabor da comida feita em casa. A vida no campo (vida rural) era feliz e isolada, diferente do tempo de agora que é o tempo do consumo. Descrição da vida rural. O sabor da comida artesanal. Vida rural. Memória de uma época em que se produzia o que se comia. Efeitos da 2ª Guerra em Açores. Coragem dos açorianos no mar (oceano). A ilha Terceira é mais festiva.</p>
---------------------------	--	--	--	---	--	---	--	---

<p><b>Dona Idalina</b></p>	<p>Brincar com referência nas atividades do mundo adulto (brincar e participar no trabalho da casa). Mostra vídeo com depoiment o de velhos da Ilha de SC.</p>	<p>Infância com poucos brinquedos. Confeção própria dos brinquedos</p>	<p>A brincadeira e os ciclos da vida: tempo do entrudo. Ciclo das touradas de rua.</p>	<p>O filho também brincou: carrinho de boi de madeira. Brincadeiras entre as gerações. Brinquedo passado entre as gerações .</p>	<p>Brincar em grupo. Narrativa descritiva do jogo das cinco pedrinhas.</p>	<p>Reconhece e brincava com alguns dos brinquedos registrados por Franklin Cascaes.</p>	<p>Havia um elemento de coragem nos brinquedos dos meninos. Brinquedos para meninos e para meninas. Entretinim ento com trabalho de croché.</p>	<p>Tempo de infância na Graciosa. Infância próxima dos ciclos da natureza.</p>	<p>Estudou até a 4ª classe. A brincadeira era depois do tempo da escola. Não havia brincadeira na escola. Escola também era lugar de brincar.</p>	<p>O pai era lavrador. Trabalhou no hospital de Angra do Heroísmo (Ilha Terceira) até os 70 anos e nasceu na Ilha da Graciosa.</p>
----------------------------	--	--	--	--	--	---	---	--	---	--



<p><b>Síntese provisória das unidades temáticas (categorias)</b></p>	<p>Brincar imitando o mundo adulto. Brincar com referências no mundo adulto.</p>	<p>Confeção própria dos brinquedos com elementos do meio natural.</p>	<p>Brincadeiras de épocas do ano.</p>	<p>Transmissão intergeracional das brincadeiras.</p>	<p>Descrição de brincadeiras tradicionais populares.</p>	<p>Reconhecimento de alguns registros feitos por Franklin Cascaes.</p>	<p>Brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas.</p>	<p>Infância como um tempo feliz e próximo da natureza. Brincar e inventar. Espaço para brincar.</p>	<p>Infância com tempo de estudar, trabalhar e brincar.</p>	<p>A vida antigamente era rural, ritualizada e artesanal. Açorianos: corajosos e festivos.</p>
--	--	---	---------------------------------------	--	--	--	---	---	--	--

